

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa

**Gramaticalização e semanticização das preposições A e PARA
no Português Brasileiro (séculos XIX e XX)**

Verena Kewitz

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Ataliba T. de Castilho

São Paulo

2007

*à memória de meu avô prussiano Fritz Johann Kewitz
ao meu querido pai Walter Henrique Kewitz
à querida Maria da Penha Vendrame Separavic
ao meu querido professor, orientador e amigo
Ataliba T. de Castilho*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à CAPES pela bolsa de doutoramento concedida em 2005 e pela bolsa de doutorado-sanduíche na Alemanha, junto à Universität zu Köln, em 2004.

Agradeço ao meu querido professor, orientador e amigo Ataliba T. de Castilho, que desde 1995 vem me proporcionando muito aprendizado e, acima de tudo, motivação pela ciência e pela lingüística direto na veia ! Com sua aposentadoria, deixará muita saudade entre os alunos de graduação, pós-graduação, mestrandos e doutorandos. Mais agora, sô, nós é Caipira na alma, na língua e inté na tar de ciência!

Às professoras Maria Luiza Braga, da UFRJ, e Marilza de Oliveira, da USP, pelas valiosas contribuições e críticas ao meu trabalho quando do exame de Qualificação. Marilza foi de grande importância também na fase inicial do doutorado.

Aos professores Daniel Jacob e Uli Reich, da Universität zu Köln, pela co-orientação durante meu doutorado-sanduíche na Alemanha. Sem dúvida alguma, a Romanística Alemã tem muito a nos ensinar. Agradeço também aos professores Valeriano Bellosta von Colbe, Sebastião, Ina Kuhl, aos colegas Marco García, Inka, e tantos outros, pelo acolhimento e amizade. Não posso deixar de mencionar meus sinceros agradecimentos a todos os professores que me receberam calorosamente em suas respectivas universidades para conhecer um pouco mais sobre o Português Brasileiro: Prof. Johannes Kabatek (Universität Tübingen), Prof. Ebehard Gärtner (Universität Leipzig), Profs. Wulf Oesterreicher e Roland Schmidt-Riese (Universität München) e Profa. Konstanze Jungbluth, pelo convite para participar do Seminário de Tradições Discursivas, em Freudenstadt, lá pelos bosques da Floresta Negra. A todos e suas respectivas equipes, Danke Schön!

Aos Profs. Rodolfo Ilari, Ataliba e Marcelo Módolo e aos colegas Solange e José Simões pelas discussões durante nossos encontros sobre Semântica Cognitiva na Unicamp entre julho e dezembro de 2006, regadas a muita diversão, seriedade e até bolo! Contava nos dedos os dias que faltavam para nos reunirmos de novo, ainda que as leituras talmyanas fossem de tirar o fôlego e o sono.

Ao meu querido amigo e colega de doutorado José Simões, pelo tanto que me ajudou com a tese das mais diversas formas, e nas horas mais difíceis sempre tinha uma palavra de carinho para me confortar. Trabalhar com o Zé tem sido um grande privilégio. Muito "dange schön"! Ainda bem que nossa amizade ultrapassa os portões da academia...

Ao grande amigo Celso Kobashi, confidente, taurino, muitíssimo bem-humorado, prestativo, também colega de doutorado, de trabalhos de pós, de correções do Enem e de tantos outros carnavais. Nossa amizade não tem preço!

Aos amigos Lílian Abram dos Santos e Igor, Dayane Pal, Alessandra Fieri Silva, Alessandra Vertamatti, Alessandra Castilho, Adriana Antonioli, Bia Ambrósio, Andréa Mendes-Bischoff, Andreia Y. Mattos, Deize Pereira, Fernanda Consoni, Antônio Souza, Stephanie Niehoff, Fábio Sisters, Roberto e Luciane, Anthony Girdlestone, pela amizade, compreensão, carinho e apoio que nunca faltaram. A todos, meu muito obrigada.

Não posso esquecer de agradecer aos "*muy Illmos. Collegas membros do famoso Grupo dos Duvidosos, que com vossa sabedoria e audácia muy grandemente me honraron-me durante huns boms seis mezes, no anno de dous mil e cinco, nesta Capital, occasian esta de discussoens linguisticas em torno de vossas respectivas obras academmicas de gram vallon, os collegas Estribeiro-Mór (Celso), Pega-Copos-Mór (Dayane), Escudeira-Mór (Deize), Bôba-Mór (Alessandra Castilho) e Semicupio-Mór (Zé), venho aa vossos pees agradecer-lhes esta muy honrosa oportunidade de comvosco poder dividir de vosso conhecimento e elocubraçan. Deos guarde a todos muy bons annos, sou de V.Exças, sua obidiente e muy humilde serva, Pateta-Mór*". Os nomes-de-guerra se devem ao *Diabo Coxo*:

ATENÇÃO

Dom José Rapado Peixoto Botelho Carlos Leopoldo Bibiano Xavier Raphael de Paula Gonzaga, ramo esparso de afidalgado tronco, nobre de foral e conhecido solar, sangue azul e pestanas côr de azeitona, fidalgo cavalheiro com exercicio, estribeiro-mór, semicupio-mór, escudeiro-mór, pega-copos-mór, pateta-mór, paspalhão-mór, bôbo-mór, e asnisimo ainda maior, por Sua Magestade, o Rei festeiro de Nossa Senhora do Rosario dos homens-pretos, que Deus guarde por muitos annos etc. etc.

Faço saber a todos os patriotas valentes que quizerem viver socegradamente em suas casas, sem guerra, nem receio de perigo, em quanto eu muito tranquillo na minha fico, passando vida folgada e milagrosa, comendo, bebendo e fumando com meu dinheiro, - do que não devo satisfação á estúpida canalha -, que pagarei. a cada um que quizer tomar armas como vo- luntario da.... pança, e sem o saber porque,. ir para o campo da batalha degolar moriçocas, a quantia de 1;000\$000 em moeda corrente, no dia que pessoalmente apresentar-me a sua certidão de obito, com attestado do respectivo Cappellão, no qual se declare, que morreu no campo da honra depois de ter estendido inani- mados sette paraguayos e meio.

Assim mais pagarei 100:000\$000 a quem trazer-me as orelhas do exm. presidente Lo- pes embutidas em um diamante de fôrma es- pherica que peze pelo menos 50 oitavas, e que seja de primeira agua, sem jassa ou qualquer defeito.

E para que chegue ao conhecimento de to- dos faço esta declaração que será impressa e distribuida pelos bravos sustentadores da mãe pança.

V. S. S. Ex.¹

¹ Edição de 15 de outubro de 1865 do Diabo-Coxo. In: *Diabo-Coxo: São Paulo, 1864-1865* / redigido por Luís Gama; ilustrado por Angelo Agostini. - ed. fac-similar. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

Assim escrevíamos nossos relatórios e "actas" das discussões e emails semanalmente trocados. Havia também a versão popular, afinar, (cer)veja bem, era nós na fita, mano! Nós capota mais num bréca! Esses encontros eram antecidos dos almoços com as estrelas no restaurante do primo rico, onde a salada era de Tum (em vez de *atum*), aquela que você bota no prato e faz "tum!".

E fechando com chave de ouro, agradeço ao meu querido pai Walter Henrique Kewitz e à minha segunda mãe Maria da Penha Separavic, pelo apoio, incentivo, carinho, amizade e cumplicidade constantes esses anos todos. Minha eterna fonte de inspiração, força e amor à vida.

RESUMO

Esta tese teve por objetivo analisar dois processos envolvendo as preposições **a** e **para** no Português Brasileiro: gramaticalização e semanticização. A pesquisa baseou-se na proposta de Castilho (2006), que entende a língua como um sistema complexo, dividido em quatro subsistemas: Gramática, Semântica, Discurso e Léxico, sem que haja hierarquia ou determinações entre eles.

A análise levou em conta fatores sintáticos e semânticos, como a posição que **a** e **para** ocupam na sentença, especialmente em relação ao verbo, a categoria sintática e semântica do complemento da preposição e o tipo de verbo a que se relacionam. Além disso, considerou-se o tipo de documento em que essas preposições aparecem, tendo em vista os trabalhos de Simões & Kewitz (2005, 2006). A análise semântica das preposições **a** e **para**, apresentada no capítulo 4, levou em conta categorias cognitivas como emolduramento da cena e seus participantes (Figura/Ponto de Referência), a partir de grupos de verbos. Foram analisadas também algumas locuções prepositivas no âmbito da sintaxe e da semântica.

Os dados foram coletados de *corpora* dos séculos XIX e XX e analisados qualitativa e quantitativamente. A pesquisa confirmou fatos observados por alguns estudiosos sobre a mudança **a** > **para**, mas destacou também nichos em que a preposição **a** ainda resiste.

ABSTRACT

This thesis aims at analysing two processes of linguistic change involving prepositions **a** and **para** in Brazilian Portuguese, namely grammaticalization and semanticization. The research is based on Castilho's proposal (2006), which perceives language as a complex system, divided into four subsystems: Grammar, Semantics, Discourse and Lexicon. The author assumes that there is no determination and hierarchy among them and all features of each happen simultaneously in the mind, and so is my position here.

The analysis takes into account some syntactic and semantic features, such as the position of the prepositions in the sentence relative to the verb, the category of their complements and the type of verb to which they are associated. Moreover, the text type was also considered as a relevant issue, based on Simões & Kewitz works (2005, 2006). The semantic analysis of prepositions **a** and **para**, presented in chapter 4, takes into account some cognitive categories, such as the event frame and its participants (Figure/Ground), based on some verb groups. Some complex prepositions were also examined syntactically and semantically.

Based on data from Brazilian documents of the 19th and 20th centuries, this research confirms the results found in the relevant literature relative to linguistic change: **a** > **para**. Nevertheless, I have pointed out that the preposition **a** still resists under certain conditions.

SUMÁRIO

	pág.
Sumário	7
Índice de Quadros, Tabelas e Gráficos	9
Introdução	11
Capítulo 1 - Revisão da literatura	21
1.1 Revisão da literatura sobre preposições	21
1.1.1 As preposições a e para nas gramáticas históricas	21
1.1.2 As preposições a e para na Gramática de Usos (Neves 2000)	22
1.1.3 As preposições a e para nas gramáticas normativas	26
1.1.4 Estudos lingüísticos sobre as preposições	30
1.2 Revisão da literatura sobre funções sintáticas	34
1.2.1 Gramáticas normativas	34
1.2.2 Gramáticas descritivas	36
1.2.3 Estudos lingüísticos sobre as funções sintáticas	42
1.3 Revisão da literatura sobre funções semânticas	49
1.3.1 Caso morfológico x caso semântico	49
1.3.2 Papéis Temáticos	52
1.3.3 Funções semânticas na perspectiva funcionalista	58
Capítulo 2 - A preposição sob o ponto de vista cognitivo	66
2.1 Definição de preposição	66
2.2 Primeira abordagem da Gramaticalização	70
2.2.1 Definições de Gramaticalização	70
2.2.2 Mecanismos de Gramaticalização	71
2.2.3 Princípios de Gramaticalização	72
2.3 A descentralização da Gramaticalização	73
2.3.1 Princípios sociocognitivos	75
2.3.2 Processos e produtos	76
2.4 Lingüística Cognitiva	80
2.4.1 Teoria do Caso / Gramática de Construções	81
2.4.2 Teoria dos Protótipos	82
2.4.3 Teoria da Metáfora	83

2.4.4 Teoria dos Espaços Mentais	85
2.4.5 Gramática Cognitiva	85
2.4.6 Semântica Cognitiva	86
2.4.6.1 Figura e Ponto de Referência	87
2.4.6.2 Selecionando a Figura e o Ponto de Referência	89
2.4.6.3 Esquematização da representação do espaço	92
2.4.6.4 Atenção	96
2.5 Considerações finais	100
Capítulo 3 – Gramaticalização das preposições <i>a</i> e <i>para</i> no PB	102
3.1 Morfo-fonologização das preposições <i>a</i> e <i>para</i> no PB	102
3.2 Gramaticalização das preposições <i>a</i> e <i>para</i> no PB	111
3.2.1 Funções sintáticas	111
3.2.1.1 As preposições <i>a</i> e <i>para</i> e a tipologia textual	123
3.2.2 Categoria do complemento da preposição	128
3.2.3 Posição do SP na sentença	129
3.2.4 Tipo de verbo	136
3.2.5 As preposições <i>a</i> e <i>para</i> nas locuções prepositivas	144
3.3 Considerações finais	153
Capítulo 4 – Semanticização das preposições <i>a</i> e <i>para</i> no PB	155
4.1 Verbos de movimento	156
4.2 Verbos de transferência	167
4.3 Verbos de comunicação	173
4.3.1 Verbos de percepção auditiva	173
4.3.2 Verbos de percepção visual	177
4.4 Verbos de criação / produção	178
4.5 Verbos de complemento final	182
4.6 Verbos com valor de aproximação/união/semelhança	183
4.7 Outros verbos	186
4.8 Semanticização de <i>a</i> e <i>para</i> em locuções	189
4.9 Considerações finais	196
Conclusão	200
Referências Bibliográficas	203

ÍNDICE DE QUADROS, TABELAS E GRÁFICOS

Introdução	pág.
Quadro 1: <i>Categorias comunicativo-pragmáticas da escrita</i>	16
Tabela 1: <i>Distribuição das preposições a e para por tipo de documento em cada século</i>	19
Capítulo 1	
Quadro 1: <i>Preposição a: complemento verbal (Neves 2000)</i>	23
Quadro 2: <i>Preposição para: complemento verbal (Neves 2000)</i>	24
Quadro 3: <i>Preposição a: adjunto adverbial (Neves 2000)</i>	25
Quadro 4: <i>Preposição para: adjunto adverbial (Neves 2000)</i>	26
Quadro 5: <i>Classificação e definição das funções sintáticas OI, OBL e ADJ</i>	35
Quadro 6: <i>Estruturas transitivas (Berlinck 1996)</i>	44
Quadro 7: <i>Estruturas intransitivas (Berlinck 1996)</i>	46
Quadro 8: <i>Papéis Temáticos segundo alguns autores</i>	53
Quadro 9: <i>Generalização e metáfora do protótipo de OI, adaptado de Silva (1999)</i>	59
Quadro 10: <i>Correlação entre metonímia, generalização e metáfora na extensão semântica do OI (Silva 1999)</i>	60
Capítulo 2	
Quadro 1: <i>Preposições mais e menos gramaticalizadas (Ilari et al. 2006)</i>	68
Quadro 2: <i>Preposições simples e complexas separadas pelos eixos espaciais: adaptado de Castilho (2006)</i>	69
Quadro 3: <i>Princípios sociocognitivos de Lexicalização</i>	77
Quadro 4: <i>Princípios sociocognitivos de Semanticização</i>	78
Quadro 5: <i>Princípios sociocognitivos de Discursivização</i>	79
Quadro 6: <i>Princípios sociocognitivos de Gramaticalização</i>	79
Capítulo 3	
Quadro 1: <i>amalgama das preposições a e para no PB</i>	104
Quadro 2: <i>distribuição das preps. a e para em locuções prepositivas separadas pelos eixos espaciais: dados dos séculos XIX e XX</i>	146
Tabela 1: <i>Distribuição das preps. a e para quanto à categoria semântica de seu complemento nos séculos XIX e XX</i>	119
Tabela 2: <i>Distribuição das preps. a e para quanto à categoria semântica de seu complemento X tipo de documento no século XIX</i>	124
Tabela 3: <i>Distribuição das preps. a e para quanto à categoria semântica de seu complemento X tipo de documento no século XX</i>	125
Tabela 4: <i>Distribuição das preps. a e para quanto à categoria de seu complemento nos séculos XIX e XX</i>	128
Tabela 5: <i>Distribuição das preps. a e para quanto à posição na sentença nos séculos XIX e XX</i>	133
Tabela 6: <i>Distribuição das preps. a e para quanto às posições 1,2 e 6 em cada tipo de documento do século XIX</i>	134
Tabela 7: <i>Distribuição das preps. a e para quanto às posições 1,2 e 6 em cada tipo de documento do século XX</i>	134
Gráfico 1: <i>Distribuição da preposição a em relação às categorias de PESSOA, DESTINO e CONTENDO NOÇÕES ABSTRATAS nos séculos XIX e XX</i>	121
Gráfico 2: <i>Distribuição da preposição para em relação às categorias de PESSOA, DESTINO e CONTENDO NOÇÕES ABSTRATAS nos séculos XIX e XX</i>	121

Gráfico 3: Distribuição das preps. a e para (separadamente) na estrutura S V (O) X SP por tipo de documento no século XX.	135
Gráfico 4: Distribuição das preps. a e para (juntas) na estrutura S V (O) X SP por tipo de documento no século XX.	135
Gráfico 5: Distribuição da preposição a em relação aos tipos de verbos nos séculos XIX e XX	142
Gráfico 6: Distribuição da preposição para em relação aos tipos de verbos nos séculos XIX e XX	142
Capítulo 4	
Gráfico 1: Distribuição do percentual das preposições a e para por tipo de verbo no século XIX	197
Gráfico 2: Distribuição do percentual das preposições a e para por tipo de verbo no século XX	198

INTRODUÇÃO

Os estudos diacrônicos no Brasil tiveram um grande impulso no âmbito da Teoria Lingüística, principalmente a partir da década de 80. Destacam-se os trabalhos de Tarallo (1985, 1989, 1990), Roberts & Kato (1993), Galves (1987), Castilho (1998), entre tantos outros. Desses trabalhos surgiram teses e trabalhos científicos sob diversas perspectivas teóricas, especialmente as Teorias Gerativa, Variacionista e Funcionalista.

Em 1995, iniciou-se o Projeto Para a História do Português de São Paulo, que logo assumiu uma dimensão nacional, tendo sido criadas equipes regionais em vários Estados. O Projeto Para a História do Português Brasileiro (doravante, PHPB) corresponde, segundo Castilho (1998 org.: 07 e 63), a um "*NURC diacrônico*" e tem como objetivo "*investigar a contraparte diacrônica das inúmeras análises sincrônicas já publicadas*" pelos Projetos NURC e Gramática do Português Falado.

O PHPB conta com três linhas básicas de pesquisa: (a) mudança lingüística, (b) história social da linguagem e (c) diacronia do discurso. Desde seu início, é de grande preocupação dos pesquisadores a coleta e edição de documentos para a formação de um *corpus* do Português Brasileiro. No entanto, essas não têm sido uma tarefa fácil, por conta do que se encontra disponível nos arquivos históricos e também pela dificuldade em estabelecer critérios de seleção de textos mais apropriados aos estudos de mudança lingüística. Para mais detalhes a esse respeito, veja adiante a seção a respeito da coleta de dados e dos *corpora* para a presente pesquisa.

Até o momento, foram realizados seis seminários do projeto em que os pesquisadores discutem resultados e traçam metas, seguindo uma agenda previamente estabelecida para cada linha de pesquisa. Foram publicados vários resultados desses encontros: Castilho (Org., 1998, Org. 2003c), Mattos e Silva (Org., 2001), Alkmim (Org., 2002), Duarte & Callou (Orgs., 2002), Ramos & Alckmin (Org., em preparação) e Lobo et alii (Orgs., 2006).

Além de pesquisadores brasileiros, o PHPB conta também com a colaboração e participação de pesquisadores alemães de diversas universidades, com apoio da CAPES-DAAD. A união entre a Lingüística Brasileira e a Romanística Alemã representa um avanço nas pesquisas lingüísticas, sobretudo por proporcionar intercâmbio entre pesquisadores dos dois lados e introduzir discussões de caráter teórico-metodológico com interesses comuns.

Esta tese insere-se no programa de estudos do PHPB. Em Castilho et alii (2002), apresentou-se um estudo inicial sobre a gramaticalização de algumas preposições: *ante*, *até*, *com*, *entre*, *de* e *para*, cujos primeiros resultados foram disponibilizados em www.fflch.usp.br/dlcv/lport. O estudo dos processos de gramaticalização e semanticização das preposições **a** e **para**, de que trata esta pesquisa, pretende ser uma contribuição para as pesquisas sobre a história do Português Brasileiro.

Inicialmente, o objetivo da pesquisa centrava-se no estudos das preposições **a** e **para** enquanto variáveis sintáticas e semânticas, tendo em vista os trabalhos de Berlinck (1997, 2000), Oliveira (2002), entre outros, que apontavam progressivo aumento de uso de **para** em detrimento do uso de **a**, do século XIX ao XX. No entanto, a coleta e análise iniciais de dados revelaram a importância de incluir os contextos em que esses itens não estão em variação.

Uma das grandes preocupações ao longo de toda a pesquisa diz respeito às funções sintáticas que **a** e **para** desempenham. Com base em Castilho et alii (2002), procurei classificá-las quanto às funções de objeto indireto, complemento oblíquo e adjunto adverbial. Notei que essas três funções apresentavam propriedades em comum, levando-se em conta as caracterizações estabelecidas na literatura. A análise dos dados, a leitura criteriosa da literatura e a abordagem teórica adotada levaram-me a optar por outra alternativa de classificação dessas preposições, que apresento no capítulo 3.

Outra preocupação da pesquisa refere-se às funções semânticas. Grande parte da literatura a esse respeito está em torno da Teoria dos Papéis Temáticos, que em geral apresenta uma listagem limitada de papéis e leva em conta apenas os argumentos.

A base teórica desta pesquisa são sobretudo a Linguística Cognitiva e a proposta de Castilho (2006), que aborda a língua como um sistema complexo, cujos processos atuam simultaneamente, dinamicamente e multilinearmente. A Linguística Cognitiva atem-se à "*descrição funcional de um mundo em movimento, mais particularmente, o dinamismo mental na descrição do pensamento*": Castilho (2001: 65).

Dentre os processos de criação e mudança linguística - gramaticalização, semanticização, lexicalização e discursivização, selecionei os dois primeiros, que estão divididos em dois capítulos. Essa separação é uma questão metodológica para que se possa verificar que propriedades de um determinado item atuam em cada subsistema, evitando com isso estabelecer hierarquias entre eles.

São o objeto de estudo desta pesquisa os sintagmas preposicionados introduzidos pelas preposições **a** e **para** subcategorizadas por verbos e seguidas de nome. Por conta da grande produtividade dessas preposições, não foram coletados e analisados os dados em que elas são subcategorizadas por nomes (*comida para todos*) e adjetivos (*útil à humanidade*), quando são seguidas de verbos (*calou-se ao saber da tragédia, escrevo para contar sobre as minhas férias*), quando formam conjunção (*a menos que, para que*) e em perífrases (*começar a fazer, estar para começar*).

As hipóteses que orientaram o desenvolvimento desta pesquisa foram:

- (a) as preposições **a** e **para** são variantes sintáticas e semânticas em alguns contextos; em outros, elas não variam;
- (b) a preposição **para** é, em geral, o item inovador, levando em conta sobretudo os dados de língua falada;
- (c) não há um limite claro entre as funções sintáticas de objeto indireto, complemento oblíquo e adjunto adverbial por compartilharem propriedades. Os testes para identificá-las não dão conta de todos os dados;
- (d) a seleção de uma ou outra preposição pode ter motivação sintática, fonológica, semântica, discursiva, dentre outras. A determinação de uma única motivação não pode ser definida, uma vez que as propriedades de cada subsistema ocorrem simultaneamente;
- (e) as preposições em geral são itens dotados de sentido específico (cf. Ilari et alii 2006, Castilho 2005, 2006, entre outros). **A** e **para**, especificamente, carregam, desde sua origem, o valor de "direção/ponto final de um percurso" (*ad*), ou ainda de "aproximação", no caso da preposição **a**;
- (f) os sintagmas preposicionados introduzidos por **a** e **para** não apresentam necessariamente uma única função semântica, isto é, um SP pode acumular várias funções dependendo do contexto ou cena em que está envolvido (cf. Silva 1999).

Da coleta dos dados

Uma pergunta que "persegue" os pesquisadores do PHPB refere-se ao tipo de texto ideal para o estudo de mudança lingüística. Haverá, de fato, um tipo ideal ? O que cada texto nos revela em relação aos usos lingüísticos ?

Infelizmente ainda não temos a resposta, nem os tipos ideais de texto. Usando uma metáfora do Prof. Ataliba, "*estamos navegando e construindo o barco ao mesmo tempo*". Os pesquisadores que se ocupam com a História do Português Brasileiro, deparam-se com questões extra-lingüísticas, como o contexto social em que o documento foi escrito/falado, a origem do escritor/falante, seu grau de letramento ou escolaridade, dentre tantos outros fatores. Especificamente em relação aos textos escritos do século XIX para trás, analisar a língua através deles significa uma tentativa de aproximação da realidade (cf. Simões & Kewitz 2005).

A tarefa de seleção e edição de documentos tem seguido uma agenda e já conta com diversos tipos de documentos dos séculos XVIII e XIX. As equipes têm se esforçado para editar os documentos selecionados seguindo as normas de transcrição propostas no II Seminário do PHPB (Mattos e Silva 2001), ou seja, de forma conservadora, interferindo minimamente na edição e ainda atentando para fenômenos da escrita e do suporte, como inserções e correções do autor, partes deterioradas etc. Esse tipo de edição tem sempre como leitor o lingüista.

Os *corpora* dos séculos XIX e XX selecionados para a coleta de dados desta pesquisa são os seguintes:

I) Século XIX

As equipes do PHPB já vêm trabalhando com alguns documentos compartilhados e editados: anúncios de jornais e cartas de leitores e redatores de jornais. Cada equipe tem a tarefa de dar continuidade à coleta e edição de documentos disponíveis sobretudo em arquivos históricos. Recentemente, a equipe paulista do PHPB, editou cartas dos séculos XVIII e XIX (Simões & Kewitz 2006), sob cuidadosos critérios de seleção: Simões & Kewitz (2005).

(a) *Anúncios de Jornais*

O primeiro tipo de documento escolhido para uma coleta nacional foram os anúncios de jornais brasileiros do século XIX. Nessa época, não havia jornalistas e muito menos publicitários. O sujeito da vendinha chegava diante do tipógrafo e ditava seu anúncio. Em geral, o que se encontra nesse tipo de documento é a divulgação da venda de produtos, oferta dos mais variados serviços, procura e venda de escravos, entre outros: Guedes & Berlinck (2000).

(b) *Cartas de leitores e redatores de jornais*

Como segundo tópico da agenda de *corpora* do PHPB, foram selecionadas e editadas cartas de leitores e redatores de jornais brasileiros do século XIX, reunidas em Barbosa & Lopes (Orgs, no prelo). Naquela época, as cartas não sofriam cortes e revisões por parte dos editores como acontece hoje em jornais e revistas. Elas eram publicadas na íntegra e revelam um universo bastante interessante de assuntos e de dados lingüísticos. Em sua maioria, é possível detectar usos mais "afrouxados" da língua, além de dados preciosos para a História Social do cotidiano da época.

(c) *Correspondência Passiva de Washington Luiz*

Dando continuidade à seleção e edição de documentos, Simões & Kewitz (2005) atentam para o levantamento de critérios não apenas gramaticais, mas também de caráter de história social, espaços comunicativos onde foram produzidos os textos e fatores discursivos como a finalidade comunicativa que fez gerar o documento. Esses critérios podem ser observados segundo as seguintes categorias:

CATEGORIAS COMUNICATIVO-PRAGMÁTICAS DA ESCRITA	
(i) Grau de publicidade	particular
	semi-particular
	pública
(ii) Grau de simetria entre os escritores	ascendente
	horizontal
	descendente
(iii) Fixidez temática	sem fixidez
	núcleo temático fixo
	tema altamente fixo
(iv) Dimensões da ação comunicativa	comandar, ordenar, forçar
	acusar, repreender, recriminar
	atacar, desafiar
	requerer, pedir, implorar, solicitar
	narrar, informar, relatar, reportar
	obedecer, confirmar, aceitar, concordar, ceder
	protestar, refutar, negar, objetar, repudiar, recusar, opor-se
	aceitar, concordar, admitir, reconhecer
agradecer	
(v) Grau de planejamento do texto (registro / níveis de fala)	livre (popular-comum)
	semi-controlado (comum)
	altamente controlado (formal)

Quadro 1: Categorias adaptadas de Henne & Rehbock (1982) e Allwood (1976): Simões & Kewitz (2005)

O estabelecimento dessas categorias resultaram de um amplo estudo baseado nas chamadas Tradições Discursivas, especialidade da Romanística Alemã, sobretudo da escola da Universidade de Tübingen. Para mais detalhes a esse respeito, v. Simões (2007), Simões & Kewitz (2005). Algumas dessas categorias poderão ser verificados na análise dos dados apresentada nos capítulos 3 e 4.

Seguindo esses critérios, Simões & Kewitz (2006) editaram três conjuntos de cartas dos séculos XVIII e XIX: *Cartas de Aldeamentos de Índios (XVIII e XIX)*, *Cartas Paulistas da Biblioteca Nacional do RJ (XIX)* e *Correspondência Passiva de Washington Luiz*. Para a presente pesquisa, seleccionei as cartas do terceiro conjunto, que descrevo brevemente a seguir.

O conjunto *Correspondência Passiva de Washington Luiz* é composto de 79 cartas escritas em fins do século XIX por parentes e amigos de Washington Luiz, abrangendo o período em que este era estudante de Direito em São Paulo até quando advogava no interior paulista. As cartas estão divididas entre remetentes paulistas e remetentes fluminenses. Os paulistas faziam parte da família de sua esposa, Sophia, provenientes de famílias tradicionais de produtores de café, e os fluminenses são os irmãos mais novos e amigos, em sua maioria

provenientes de Macaé. São cartas com os mais diversos assuntos, com maior ou menor grau de planejamento de escrita e grau de simetria horizontal entre destinatário e remetente².

II) Século XX

Os *corpora* selecionados para o século XX dividem-se entre a primeira e a segunda metade. Na primeira metade, os textos distribuem-se em *Almanaques*, *Correspondência Passiva* de Washington Luiz e *Cartas de Mário de Andrade*. Da segunda metade, temos a *Correspondência Passiva Particular*, alguns inquéritos do NURC e inquéritos de *Português Popular*, estes dois últimos são textos de língua falada.

(a) *Almanaques*

Publicados no jornal "Folha da Noite" em São Paulo a partir dos anos 20, os *Almanaques* foram escritos e ilustrados pelo cartunista Benedito Bastos Barreto, conhecido como Belmonte, nascido em São Paulo (1896-1947). Na pele do personagem *Juca Pato*, Belmonte fazia críticas e sátiras à classe média paulistana, atacava a arrogância e a corrupção dos ricos e apresentava-se como defensor dos fracos.

Esses textos estão disponíveis na página da *Folha de S.Paulo*³ na internet (www.folhaonline.com.br). Dentre eles, foram escolhidos os seguintes: "Juca Pato e o futurismo de Marinetti" (1926), "S.Paulo flagellada: após a crise de energia, a falta de água" (1925), "Buracolandia" (1926), "São Paulo" (1940), "A linguagem das atas" (1944) e "Igualdade dos sexos" (1935).

(b) *Correspondência Passiva de Washington Luiz*

Este conjunto de cartas, ainda inéditas e parcialmente transcritas (Kewitz 2002), divide-se entre cartas de familiares, alguns dos quais são remetentes das cartas do XIX, e cartas de não-familiares. As cartas destes últimos remetentes revelam grau de simetria ascendente, isto é, de um inferior a um superior (W. Luiz).

² O grau de simetria muda à medida que Washington Luiz vai ascendendo politicamente. Isso é verificado sobretudo nas cartas de não-familiares no século XX.

³ Não tive acesso aos originais, mas consta no site da *Folha de S.Paulo* o seguinte aviso: "Neste texto foi mantida a grafia original".

(c) *Cartas de Mário de Andrade*

Grande parte das cartas escritas por Mário de Andrade encontram-se publicadas em diversos livros. Destes, coletei dados de cartas trocadas com Fernando Sabido, Rubens Moraes e *Cartas a Alceu, Meyer e outros* (v. Bibliografia).

(d) *Correspondência Passiva Particular*

Estas cartas foram recebidas por mim entre os anos de 1987 e 1997 e escritas por diversas pessoas. Selecionei quatro remetentes: um de São Paulo, um do Rio de Janeiro, um de Alagoas e um de Piedade (interior de SP). Essas cartas apresentam núcleo temático fixo, uma vez que a troca de cartas surgiu a partir do anúncio de um fã-clube de um grupo musical inglês publicado em 1987, numa revista especializada em música na década de 80. Ressalta-se que os remetentes trocavam cartas entre si, escreviam textos para o fanzine⁴ que circulava entre os membros do fã-clube, mas nenhum se conhecia pessoalmente. À medida que as cartas iam sendo trocadas, observa-se maior relaxamento da escrita, e o grau de conhecimento entre os escritores aumenta. As cartas são inéditas, e foram lidas 104 páginas no total.

(e) *NURC*

As entrevistas fazem parte do Projeto de Norma Urbana Culta (NURC), e foram selecionados inquéritos DID (Diálogos entre Informante e Documentador) e D2 (Diálogos entre Dois Informantes), reunidos em Castilho & Preti (1987), Callou & Lopes (1993), Mota & Rollemberg (1994) e Hilgert (org., 1997).

(f) *Português Popular*

São inquéritos orais que fazem parte do Projeto do Português Popular falado em comunidades na cidade de São Paulo, coordenado pela Profa Ângela C. Rodrigues (FFLCH/USP). Segundo Rodrigues (1987), a variedade popular é aquela falada por pessoas não-escolarizadas ou de baixo nível de escolarização (até a 4.^a série primária), e que não têm a modalidade escrita como modelo de realização oral. A maioria dos informantes é composta de

⁴ Revista, geralmente de produção caseira, escrita por e para membros de um fã-clube (grupo de admiradores de artistas, times de esportes etc.).

migrantes nordestinos vindos a São Paulo nas décadas de 60 e 70. Foram selecionadas 5 entrevistas, realizadas entre 1998 e 2002, cujos informantes são provenientes da Paraíba, Bahia, Piauí e interior do Estado de São Paulo.

Os dados foram quantificados (sobretudo para o capítulo 3) e submetidos ao pacote de programas estatísticos VARBRUL, ainda que a metodologia desta pesquisa seja sociolinguística. A distribuição das preposições **a** e **para** por tipo de texto pode ser observada na tabela 1 abaixo:

Tabela 1: distribuição das preposições **a** e **para** por tipo de documento em cada século.

SÉCULO	DOCUMENTO	a		para		total
		N.	%	N.	%	N.
XIX	Anúncios de Jornais	99	70	42	30	141
	Cartas de Leitores de Jornais	141	82	32	18	172
	Cartas de Redatores de Jornais	59	78	17	22	76
	Correspondência Passiva de Washington Luiz	28	47	31	53	59
total						449
	Almanaques	25	66	13	34	38
XX	Correspondência Passiva de Washington Luiz	22	48	24	52	46
	Cartas de Mário de Andrade	41	53	36	47	77
	Correspondência Passiva Particular	41	44	52	56	93
	NURC	38	37	65	63	103
	Português Popular	7	6	110	94	117
total						474
total geral						923

Vê-se, pela tabela, que a distribuição dos dados não está equilibrada de documento para documento e de século para século. Isso se explica pela irregularidade na distribuição de caracteres por página desses documentos. Alguns contêm muitas páginas, outros menos, por isso optou-se por coletar os dados das primeiras 5 páginas, em média, de cada texto, com exceção da Correspondência Passiva de Washington Luiz, Cartas de Mário de Andrade, Correspondência Passiva Particular e inquéritos do Português Popular, em que a coleta foi exaustiva. Como alguns desses documentos são inéditos, não há um padrão de tamanho de

página e número de caracteres por página. Mesmo os documentos publicados diferem quanto a essas características. Além disso, a distribuição de documentos por localidade também é irregular. De qualquer forma, acredito que a quantidade de páginas não altere tanto os resultados percentuais.

Os exemplos apresentados nesta tese seguem um padrão de codificação, a saber:

Exemplo: [19 2 SP CP WL]

século	metade	origem do documento / falante / remetente	documento	especificação do documento
19 ou 20	1ª ou 2ª metade do século	sigla dos Estados ou ? quando a origem é desconhecida	A = Anúncio CJ = Carta de jornal CP = Carta Pessoal ALM = Almanaque CPP = Corresp. Passiva Particular NURC = culto POP = popular	L = Leitor R = Redator WL = Washington Luiz MA = Mário de Andrade DID/D2 = tipo de inquérito

A tese está dividida da seguinte forma: no capítulo 1, apresento a revisão da literatura em torno das preposições (sobretudo a e para), das funções sintáticas e das funções semânticas. No capítulo 2, apresento uma definição de preposição sob o ponto de vista cognitivo, a proposta de Castilho (2006), em que se baseia esta tese, e faço uma breve apresentação do conjunto de teorias que compõem a Linguística Cognitiva. No capítulo 3, analiso o processo de gramaticalização das preposições **a** e **para**, e por fim, no capítulo 4, com base na Semântica Cognitiva, examino as propriedades semânticas dessas preposições.

CAPÍTULO 1 – REVISÃO DA LITERATURA

A bibliografia sobre as preposições é bastante extensa e não caberá, nesta pesquisa, apresentar todos os estudos já realizados. Para compreender melhor o estatuto sintático-semântico das preposições, especialmente de **a** e **para**, será necessário rever, além da literatura sobre o tema, também estudos sobre as funções sintáticas (objeto indireto, complemento oblíquo e adjunto adverbial) e funções semânticas.

Na primeira seção deste capítulo (1.1), apresento os estudos sobre as preposições. Na segunda seção (1.2), examino a sintaxe das preposições, e a última seção (1.3) leva em conta as funções semânticas, sobretudo do que se entende por papéis temáticos.

1.1 Revisão da literatura sobre as preposições

Nesta seção, exponho o que se encontra sobre as preposições portuguesas em algumas gramáticas históricas, normativas e descritivas. Em seguida, destaco alguns estudos lingüísticos em torno das preposições no português, parte deles tratam de algumas preposições, outros de todas.

1.1.1 As preposições **a** e **para** nas Gramáticas Históricas

Nas gramáticas históricas do português, encontram-se basicamente listas das preposições, sua origem e seus sentidos. Alguns gramáticos apresentam um quadro separando as preposições entre as simples (*a, com, em* etc.), as compostas (*para, des, deante* etc.) e as locuções prepositivas (*a cabo de, em cima de* etc.) (Huber 1933[1986]); outros separam entre as que substituíram os casos latinos (*por, de, a* etc.) e as que não (*ante, desde, entre* etc.), além das locuções (Dias 1970). Pouco se encontra, nessas gramáticas, a respeito da definição de preposição, ou mesmo de sua estrutura e funções sintáticas.

Particularmente sobre a origem da preposição **a**, em todas as gramáticas encontra-se que **a** provém da preposição latina *ad*, que indicava "direção" ou "aproximação", com a idéia de movimento, ou ainda "junto de", "ao pé de", sem a idéia de movimento: Poggio (1999). No latim vulgar, *ad* era empregada com valor de "lugar onde" para expressar o

"ponto de chegada do movimento": Said Ali (1964, apud Poggio 1999: 380). Maurer Jr. (1959: 206-8) aponta que a preposição *ad* era empregada, no latim vulgar, ao lado de *in*, primeiro com sentido de "proximidade", depois com sentido de "localização". Além desses sentidos, documenta-se também seu uso em complementos de direção, instrumento, fim e tempo, neste indicando tempo aproximado no latim literário e tempo determinado no latim vulgar.

Há duas versões para a origem da preposição **para**: alguns autores afirmam ter se formado pela combinação de *per+ad*, através da variante antiga *pera*, outros defendem a combinação *pro+ad*, por conta da variante antiga *pora* (*por + a*): Poggio (op. cit, p. 495-6). Seja qual for a origem precisa, ambas as formas *per* e *pro* apresentam, de modo geral, a noção de "percurso". No entanto, nenhum autor agrega esse sentido à preposição **para**, além da noção de "direção". Maurer Jr. (1959: 211) observa que para a expressão de complemento de fim, empregava-se, na România, ora a preposição *pro* ou *per* ("por", "a favor de"), ora *ad* reforçada por *pro* ou *per*, donde em português *per + ad > pera/para*, como em "trabalhamos para a vitória". No entanto, não se sabe exatamente se é nesse contexto que surge **para**, nem mesmo quando essa forma é precisamente atestada⁵.

O sentido de "direção"⁶ de **a** e **para** se mantém no português arcaico, como documenta Mattos e Silva (1989), que afirma o seguinte: "*a intenção de marcar o ponto de chegada e não apenas a direção, mais própria de a, parece estar presente quando se seleciona pera e não a*" (p. 628).

1.1.2 As preposições **a** e **para** na Gramática de Usos (Neves 2000)

Neves (2000) elenca os usos das preposições **a** e **para** separados pelas seguintes funções sintáticas: (i) complemento do verbo, do substantivo, do adjetivo e do advérbio; (ii) objeto direto preposicionado (no caso de **a**); (iii) adjuntos adnominal e adverbial; (iv) predicativo; (v) locuções prepositivas; (vi) perífrases verbais e (vii) expressões fixas. A autora subclassifica essas funções por relações semânticas e por verbos [\pm dinâmicos]. Limito-me aqui a expor os complementos verbais e os adjuntos adverbiais, a partir dos quadros⁷ a seguir:

⁵ Exemplos de **para** + nome, com valor de ponto de chegada (espacial ou humano) podem ser encontrados nas *Inquirições* (século XIII).

⁶ A autora também se apropria dos termos de Pottier: espaço, tempo e sentidos nocionais.

⁷ Para simplificar a classificação de Neves, apresento à esquerda do quadro as funções semânticas estabelecidas entre o verbo e o SP, e à direita, os exemplos com os subtipos de funções semânticas. Os exemplos dos quadros

Quadro 1: Preposição **a**: complemento verbal: Neves (2000)

Subdivisões	exemplos + subtipos
<i>meta</i> = o complemento de refere a um ponto de chegada ou a um ponto final de referência	(1) A mocinha se agarra à mulher (aproximação, contato) (2) Alguns seringueiros ... adicionavam impurezas ao produto (adição, agregação) (3) A parte dianteira do foguete se acoplou à sua base... (associação, ligação) (4) Pretendemos... adaptar as pesquisas às realidades nacionais (adaptação, adequação, ajuste) (5) Sim, compara o Nordeste à Terra Santa (comparação) (6) Saímos para ir ao cinema (movimento em direção a um lugar)
O complemento refere-se a um ponto de <i>origem</i>	(7) Não se pode fugir à realidade (distanciamento) (8) O voto parlamentar não foge à regra, embora seu patamar seja mais elevado (distanciamento)
O complemento refere-se a um <i>objeto não afetado</i> da ação verbal	(9) Aludia o autor de "O Selvagem" a um livro raro de 1550 (referência) (10) As crianças assistiam emudecidas àquele grande acontecimento (presenciação) (11) Creio que corresponderei à sua expectativa (correspondência) (12) A esse movimento de independência..., seguiu-se o da libertação intrínseca... (seqüenciação) (13) Mas mesmo assim, doente e raivoso, não obedecia a ninguém (obediência)
O complemento refere-se ao <i>destinatário</i> ou <i>receptor</i> da ação verbal	(14) Apareceu Bentinho para falar ao irmão (elocução) (15) Escrevi à tia Alice carta que releio comovido (comunicação, relato) (16) Por isso desafia os deuses e provoca o povo, para que peça ao rei a sua demissão (solicitação, requerimento) (17) Eu garanto a você que Tomas não quis ofendê-la (promessa, garantia) (18) Ide, ensinai a todos os povos (instrução) (19) Mal indagou isto a si mesma... (indagação)
O complemento refere-se ao <i>beneficiário</i>	(20) Deu ao genro um engenho com setenta escravos (doação, oferecimento, homenagem) (21) O Plano Nacional de Habitação... favoreceu...à população (benefício) (22) Chegou-se a atribuir poderes curativos à urina do novilho (atribuição) (23) Tens a alma grande e indiferente como convém a uma rainha.(conveniência) (24) Algumas [armas] pertencem a coleções particulares (pertença, posse)
O complemento refere-se ao <i>experimentador</i> de um estado ou processo	(25) Mas parece que o noivado não agrada à rainha (com verbos que indicam satisfação, agrado)
O complemento é o <i>causativo</i>	(26) Isto não se deve ao acaso
O complemento é o <i>fim, destino, utilização</i>	(27) O cientista aplicou suas descobertas às usinas hidrelétricas (destinação, aplicação) (28) Nuvens claras ajudavam a acentuar a alvura lá em baixo (favorecimento) (29) A corregedoria da PM convocou anteontem o major...a dar explicações sobre seu depoimento (chamada)
O complemento é <i>afetado</i> pela ação verbal	(30) Ribeiro conseguiu ainda impor o seu ritmo aos demais (a transformação se dá no complemento)
O complemento é <i>efetuado</i>	(31) Na primeira estudaremos as doutrinas que dão origem ao comunismo (indica criação)
O complemento é <i>locativo</i>	(32) Suplicou-me fizesse um pouco de sala a sua experiência, e conduzindo-me a um canto, perguntou... (mudança de lugar com direção) (33) Noé está à mesa

são todos de Neves e estão entre as páginas 603 e 613 (prep. **a**) e 691 e 696 (prep. **para**). Ressalta-se que a autora elenca mais subtipos, mas aqui coloco apenas alguns, a título de ilustração.

Quadro 2: Preposição **para**: complemento verbal: Neves (2000)

subdivisões	exemplos + subtipos
O complemento refere-se a um ponto de chegada, destino, final	(1) ...enquanto ele caminha para a porta (movimento em direção a) (2) Fomos nós que trouxemos a indústria para esta terra! (movimento em direção a) (3) Camila se inclinou para o meu lado (inclinação) (4) ... no patriótico objetivo de orientá-la para a realização dos..destinos... (orientação) (5) A metade do corpo ficou para fora da porta (permanência) (6) Foram para a janela que dava para o beco (sentido) (7) Funcionava num sobrado com amplas janelas abrindo-se para a Praça da República (faceamento)
O complemento refere-se ao receptor	(8) Ele disse isso para a senhora? (elocução) (9) A carabina que seu filho vendeu para o meu (transação) (10) Enviou carta para seu amigo de Paracatu (envio, entrega)
O complemento refere-se ao beneficiário	(11) Tudo aconselha agora para que Posto Novo fique para ti (12) Orçamento Federal está consignando 20% para a educação (13) Tinha também aquele tipo "Sherlock" (...) mas eu achei que para você ornava mais este
O complemento introduz um ponto de referência no futuro	(14) Fica para outra vez (15) Então essa parte fica para ser decidida na presença do doutor!
O complemento introduz a finalidade	(16) Uso seu jornal para denunciar em carta este crime... (utilização) (17) Todos...estão convocados para a obra comum (convocação, aliciamento) (18) Adauto foi indicado para governador do Estado do Ceará (indicação, designação) (19) Essas atrizes contribuíram para o apogeu do cinema italiano (contribuição) (20) O irmão mais moço convidou-o para uma festinha (convite, convocação)

Os quadros acima permitem ter uma visão clara de que o grande número de categorias parece se basear mais no sentido do verbo do que na preposição em si. Ou ainda, pode-se pensar na composicionalidade estabelecida entre o verbo, a preposição e o item regido por ela. Como bem sintetiza Castilho (2005: 91-92), "*Neves não deixa claro se essa extraordinária multiplicação de categorias semânticas se deve ao item lexical que seleciona a preposição (...) ou se se deve à composicionalidade, caso em que os sentidos provavelmente rarefeitos das preposições se combinariam com aqueles das palavras à sua volta*". No entanto, em alguns casos, a categoria baseia-se apenas no sentido do verbo, como em (5), com a preposição **para**: a idéia de *permanência* se dá pelo verbo *ficar*, e o que **para** denota parece ser mais a idéia de *localização* ou *direção*. E ainda, é possível verificar esse sentido básico de **para** em praticamente todos os exemplos listados.

Não apenas o número de categorias parece ser problemático, mas também a classificação de alguns exemplos como estando dentro do sistema de transitividade, especificamente como complementos do verbo. Por exemplo, a sentença (13) com a

preposição **para** poderia ser classificada como adjunto adverbial, pois o verbo *ornar* não parece exigir um complemento preposicionado.

Nota-se também que várias categorias se imbricam, como mostra o exemplo (32) com a preposição **a**, em que "conduzir (algo) a um canto" também se encaixaria na categoria *meta*, visto que envolve movimento em direção a um ponto de chegada.

Quadro 3: Preposição **a**: adjunto adverbial: Neves (2000)

relações semânticas	Exemplos
Tempo	(1) A lua nasce à meia-noite (ponto no tempo) (2) Aos domingos a mãe cozinhava (tempo freqüentativo ou habitual)
Lugar	(3) A bela senhora Leandra (...) ajoelhou-se ao pé do moribundo (4) Era da cabeça aos pés, da mesma grossura
Exposição	(5) Latas vazias de gasolina reluziam ao sol
Instrumento	(6) Arnaldo se pôs a desenhar a graveto um busto de mulher
Modo	(7) Meninos de rua desapareciam a rodo, sem idéia do que seria um pai (8) Pouco a pouco, consegui acalmar papai
Causa	(9) Ao amanhecer o dia, a Vila acordou ao estridor das cornetas tocando alvorada
Conformidade	(10) Abandonou a roupa de brim e se vestiu à moderna
Assunto ou referência	(11) Ouvi o que os próprios mestres do marxismo ensinam a esse respeito
Limite superior	(12) A porcentagem variam de 10 a 50%
Restrição ou limitação	(13) Ficou a pão e água
Preço	(14) em agosto, a cebola pode chegar a trinta cruzeiros o quilo
Fim	(15) Logo depois de me entender com o Candinho corri a ajudar os colegas
Termo de movimento (ou termo de extensão no tempo)	(16) A gente vai de Belém a Altamira pelo rio, um rio grande chamado Xingu (17) E de junho a outubro o pasto descansa
Condição	(18) Lá encontrarás a alemãzinha... A não ser lá, só no tênis

Quadro 4: Preposição **para**: adjunto adverbial: Neves (2000)

relações semânticas	Exemplos
de especificação	(1) Com a Parati, a participação das pequenas subiu para sessenta por cento
de circunstanciação	(2) Peguei um coche para a velha estrada do Val-de-Caes (direção) (3) Eu dirigi para a rua Asdrubal Nascimento (direção) (4) Para o segundo semestre, dois novos toca-discos laser deverão chegar às lojas (tempo) (5) A possibilidade de parar o tempo, retendo para sempre uma imagem que jamais se repetirá? (duração) (6) Para mim isso não é doença (opinião, julgamento) (7) Para uma humanidade apaixonada, os frutos da máquina eram sempre bem-vindos (delimitação ou circunscrição) (8) Uniu-se, através de todas as suas forças, para impedir que a decisão soberana fosse desrespeitada (finalidade) (9) Uma história, para ser bem entendida, deve pontualizar com clareza os seus começos (condição) (10) E o que fez o biônico senador de tão grave e importante para merecer um cargo de ministro (conseqüência) (11) Havia um resto de farinha pelo chão e mais para um canto o mestre reparou num pedaço de jornal (lugar, com idéia acessória de afastamento, segregação) (12) A armação da fogueira varia de lugar para lugar (=entre lugares; relação simétrica)

Não muito diferente da classificação estabelecida para os complementos verbais, esta para os adjuntos adverbiais também parece se basear na composicionalidade. Não quero dizer, com isso, que não seja válida, mas está longe de ser definitiva. Veja-se, por exemplo, a sentença (16) com a preposição **a**: a relação semântica é a de "termo do movimento", que não parece muito diferente daquela descrita para os complementos verbais (vide exemplo 6 do quadro 1), principalmente se se leva em conta que ambas se apresentam com o verbo *ir*.

1.1.3 As preposições **a** e **para** nas Gramáticas Normativas

De maneira geral, todos os gramáticos definem a preposição como sendo uma palavra invariável que liga um termo ou complemento a outra palavra, os quais denominam-se, respectivamente, conseqüente e antecedente. Alguns afirmam que as preposições não têm sentido algum, mas ao listarem seus usos, vê-se logo a contradição, pois baseiam-se nos sentidos, ainda que estes se estabeleçam a partir das relações com o verbo ou outras classes. No entanto, a maioria dos gramáticos se limita a definir a preposição e apresentar uma lista de preposições simples e locuções prepositivas (cf. Bechara 1988, Luft 2001).

Por serem normativas, essas gramáticas buscam sempre prescrever o uso desta ou daquela forma mais “adequada”. Exemplo disso é a ênfase que se dá ao uso da preposição **a**, especialmente quando se leva em conta a possibilidade de uso de **para** ou outras preposições (*em*, por exemplo), ou ainda a ausência de preposição com alguns verbos (*assistir*, por exemplo).

Outro ponto a ser destacado é a tentativa constante de diferenciação entre **a** e **para**. Alguns gramáticos afirmam que a primeira indica transitoriedade de movimento, e a segunda expressa permanência ou destino, como nos exemplos a seguir (cf. Almeida 1952):

Vamos à Argentina = vamos a passeio, ir e voltar

Vamos para a Argentina = vamos fixar residência na Argentina ou nosso destino é a Argentina

Se essa diferença é relevante na trajetória histórica dessas preposições, ainda está por ser detalhadamente descrita. Mas o fato de tal diferença ser irrelevante no português brasileiro falado atual coloca em questão a validade dessa afirmação. Além disso, como os próprios gramáticos reconhecem, **a** e **para** têm uso idêntico com verbos do tipo *dar*, *dizer* etc. (cf. Cunha 1982, Almeida 1952, entre outros), ou seja, essa diferença só se dê talvez com verbo *ir* (visto ser o único exemplificado nas gramáticas).

Quanto ao uso, vê-se, em algumas das gramáticas, longas listas para a maioria das preposições. Só para ilustrar, Rocha Lima (1976) elenca oito diferentes usos da preposição **a**, sendo um deles ainda subdividido em mais dezesseis usos baseados em traços semânticos como tempo, modo, quantidade, instrumento, fim etc. A listagem da preposição **para** não é muito diferente, apenas apresenta menos itens.

Cunha e Cintra (1985: 546-59), ao contrário, procuram sintetizar os valores de **a** e **para** da seguinte forma:

Preposição a:

- (i) *movimento* em direção a um limite no espaço, no tempo ou nocionalmente⁸
(ex.: *daqui ao cinema / daqui a uma semana / vai de mal a pior*)
- (ii) *situação* = coincidência, concomitância (também no espaço, no tempo ou nocionalmente); ex.: *cumprir à risca / estar ao pé da serra / ao entardecer / gastar à toa*

Preposição para:

- (i) *movimento* = tendência para um limite, finalidade, direção, perspectiva; implica maior destaque do ponto de partida com predominância da idéia de direção sobre a do término do movimento no espaço, no tempo ou nocionalmente (ex.: *ir para SP / mudar-se para o Rio / fazer X para amanhã / trazer um assunto para conversa / fazer algo para melhorar*)

Esses autores observam que o objeto indireto é geralmente introduzido por **a** ou **para** e que corresponde a um "um movimento em direção a", coincidindo com "a base significativa dessas preposições" (op. cit., p. 546). Ainda que seja uma classificação sintética, são os únicos gramáticos contemporâneos que fazem referência ao sentido de base dessas preposições.

Cunha & Cintra parecem ter acolhido as idéias de Barboza (1830), que defende o seguinte: "*o primeiro destino das preposições foi indicar as relações entre os objectos sensíveis por ordem ao lugar, que occupão em hum espaço, ou ao movimento, que no mesmo fazem*" (p. 317).

Esse autor apresenta duas classes de preposições, a saber:

"PRIMEIRA CLASSE. PREPOSIÇÕES DE ESTADO E EXISTÊNCIA. As preposições desta classe exprimem as relações dos objectos por ordem ao lugar onde existem; ou absolutamente, ou tambem em respeito a outros objectos, que no mesmo se achão. Porque a idéa do lugar onde é geral e indeterminada, e por isso susceptivel de varias determinações particulares, quaes são as differentes Situações de hum objecto a respeito de outro no mesmo lugar, e os Acompanhamentos, que com elle concorrem, ou deixão de concorrer. As situações podem-se considerar relativamente ou ás superficies horizontaes, ou ás perpendiculares. Tudo são modificações do lugar onde, que as preposições desta classe exprimem(...)" (p. 323).

⁸ O termo *nocional* é atribuído a Pottier, que criou essa categoria para os termos que não se referem a "situação" e "movimento", ou seja, aos sentidos derivados ou menos prototípicos.

Nessa classe, encontram-se as preposições em - relativa ao lugar *onde* em geral; sobre, sob e entre - relativas à situação horizontal; ante, após e contra - relativas à situação perpendicular; com e sem - relativas aos acompanhamentos.

"SEGUNDA CLASSE. PREPOSIÇÕES DE ACÇÃO E MOVIMENTO. Toda a acção é um movimento ou real, ou virtual, e todo o movimento tem hum principio d'onde parte, h um meio por onde passa, e hum fim aonde, ou para onde se dirige. Estas são as relações geraes das preposições activas, cujo primeiro destino, tendo sido o de indicar o logar donde começa qualquer movimento, o espaço por onde passa, e o termo aonde se encaminha; daqui, por analogia do espaço local com o espaço do tempo, passarão a significar as mesmas relações por ordem ao tempo, em que huma couza começa, pelo qual continúa, e aonde termina"(p.328).

Situam-se, nessa classe, as seguintes preposições: de, desde e por, pertencentes ao lugar *de onde*; per, pertencente ao lugar *por onde*; a, até e para, pertencentes ao lugar *para onde*.

Barboza segue a mesma linha de Almeida (1952), citado anteriormente, ao afirmar que a preposição **a** significa um lugar para onde se dirige qualquer movimento sem a intenção de nele permanecer, ao contrário de **para**, que expressa essa idéia. Além da idéia de espaço, a preposição **a**, por analogia, também expressa tempo, segundo o autor, além de outras acepções, como Objeto (*amo a Deus*), Atribuição (*tenho amor a Deus*), Direção (*pôr os olhos a todas as partes*), Contigüidade (*correr ao longo do rio, estar à direita, chegar ao pôr do sol*), Tendência e Proporção (*ajustei a tanto*), Conformidade (*viver à moda, andar a pé, obrar às claras, a dizer a verdade*), entre outras.

Além do sentido de direção do movimento e permanência, a preposição **para** apresenta também Tendência e Inclinação (*os corpos tendem para o centro, há oito para nove anos, estou para partir*) e Comparação (*Para principiante, não o fez mal*)⁹.

Vê-se que os sentidos derivados atribuídos a essas preposições não diferem muitos daqueles apresentados pelos gramáticos contemporâneos, nem mesmo de gramáticas descritivas, como veremos a seguir.

⁹ Todos os exemplos são adaptados de Barboza (op. cit., pp. 331-333).

1.1.4 Estudos lingüísticos sobre as preposições

A literatura em torno das preposições - tanto do português, quanto de outras línguas - é bastante vasta¹⁰. Diferentemente das gramáticas, os estudos lingüísticos sobre as preposições procuram sempre contextualizá-las sintática ou semanticamente sob o ponto de vista histórico ou dos usos da língua contemporânea. Embora o foco sejam as preposições, não deixam de lado, em sua maioria, a função sintática que elas desempenham, especialmente Objeto Indireto, Complemento Oblíquo e Adjunto Adverbial.

Berg (1998) argumenta que a preposição não atribui papel temático, isto é, não é predicadora, por não selecionar tematicamente seu complemento, ao contrário do verbo, por exemplo. Além disso, ressalta que a preposição não acrescenta traços ao sintagma nominal complemento, restando a ela a função de realçar o traço semântico desse sintagma, ou ainda a de tornar o caso do sintagma nominal mais visível. Essa é a visão de grande parte dos estudos de perspectiva gerativista.

Figueiredo Silva (ms.) sugere que a preposição **a** marca o caso dativo no português, com valor de Alvo, enquanto **para** marca o caso oblíquo com papel temático Benefactivo. A autora se baseia na classificação de Guerón (1985, apud F.Silva), que propõe a divisão de papéis temáticos entre primários e secundários. O papel Alvo (dativo) seria primário, e o Benefactivo (oblíquo) o secundário, pois é gerado fora do sintagma verbal. Com isso, entendo que para a autora os papéis Alvo e Benefactivo são diferentes entre si, ou seja, não há traços em comum entre eles. Além disso, numa sentença como "O João deu o livro à Maria", o termo *Maria* não poderia ser interpretado como beneficiário da ação de *dar*. No item 1.3 adiante discuto mais detalhadamente essas questões.

Seguindo a hipótese de Figueiredo Silva, Oliveira (2004)¹¹ sugere que a extensão do uso da preposição **para** com valor META/ALVO em complementos dativos "*tenha ocorrido a partir da noção de finalidade, em posição de adjunto*" (p. 293) e acrescenta que "*a gramaticalização de **para** deve ter ocorrido a partir de deverbais*", como no exemplo abaixo:

*...hoje que por Deliberação de SMI foi dada [a praça] **para** o Estabellcimento da
Academia do Curso Jurídico (Carta de Jornal, SP, 1828 - ex. de Oliveira)*

¹⁰ Não cabe aqui apresentar todos os estudos sobre essa classe. Examinarei aqueles de maior relevância para esta pesquisa, sobretudo os que tratam do português.

¹¹ Além das preposições, Oliveira analisa a recategorização do clítico *lhe*, de que não trato aqui.

A autora propõe a seguinte escala de mudança da preposição **para** (op.cit, p.294):

para + S → para + deverbais → para + N [-animado] → para + N [+animado]

Sua hipótese é a de que a preposição **para** "em complementos verbais surgiu em uma estrutura externa ao sintagma verbal (cf. Figueiredo Silva) mas a partir de construções com valor final" (op. cit, p.294). Resumindo, a autora quer, com isso, dizer que a preposição **para** passou por um processo de recategorização: de adjunto adverbial (com valor final) para argumento do verbo (meta, benefactivo etc.). Esses resultados foram encontrados também em Oliveira (2002), em que a autora inicialmente supunha a expansão de **para** como introdutora de argumento a partir de construções com verbo de movimento.

Nesse estudo de 2002, Oliveira se baseia na variação entre **a**, **para**, **em** e \emptyset nas funções de adjunto e argumento, tomando como ponto de partida a atribuição de Caso e Papel Temático, dentro da abordagem gerativista. A autora divide os verbos da seguinte forma: (i) verbos de movimento, dos quais há dois subgrupos (os que admitem variação entre **a**, **para** e **em** e os que variam com **a** e **em**); (ii) verbos de movimento causado e de movimento voluntário¹², com os quais **a**, **para** e **em** variam nos complementos de traço [+lugar], e **a** é categórica em complementos de traço [+pessoa]; (iii) verbos dativos, divididos em monoargumentais (do tipo *agradar*, *aspirar*, *satisfazer* etc.) e biargumentais¹³ (*dar*, *entregar* etc.); (iv) verbos causativos / perceptivos (ex.: *Por preços que a todos faz admirar*) e (v) OD preposicionado (ex.: *Procure-se ao ilustríssimo sr. tenente...*).

Os resultados observados pela autora sugerem dois tipos de mudança: (a) substituição lexical (**a** > **em** / **a** > **para** nas funções de adjunto e de argumento interno) e (b) apagamento da preposição **a** com verbos dativos (mono e biargumentais), causativos, perceptivos e com objeto direto preposicionado.

Semelhantes resultados são encontrados em Berlinck (2000), que trata da variação entre as preposições **a**, **para** e **em** na função de complemento verbal (complementos oblíquos de valor locativo-direcional e objetos indiretos) com papel semântico de META, em dados do século XIX.

Os fatores que ela seleciona são: (i) natureza semântica do predador; (ii) animacidade do N; (iii) caráter [\pm concreto] do movimento; e (iv) noção de permanência [\pm

¹² A autora se baseia na classificação de Coelho (2002).

¹³ Oliveira (2002) não leva em conta o argumento externo na classificação desses verbos.

longa]. Os resultados quantitativos obtidos revelam que as três preposições em questão variam quando o movimento é [+concreto] e que há uma tendência ao uso de **a** com nomes de traço [+humano] e de **para** e **em** com nomes de traço [-animado].

Os estudos de Gomes (1998, 2003) apresentam uma análise do processo sintático das preposições **a** e **para** como introdutoras de SPs com verbos cuja estrutura argumental prevê dois argumentos internos. Além de **a** e **para**, a categoria \emptyset também é levada em conta. Ela constata o seguinte:

- (i) os resultados dos dados da Amostra Censo (dialeto carioca) indicam mudança em progresso no uso da preposição que introduz SP: **a** é substituída por **para**, e ocorre especialização de **a** na indicação de relações semânticas abstratas;
- (ii) a ordem dos complementos e a variação entre elas parecem ser processos independentes. As três variantes (*a / para / \emptyset*) ocorrem nas duas posições possíveis quando OD é realizado, a saber V+SN+SP e V+SP+SN (Gomes 2003); além disso, a adjacência de OI em relação ao verbo é observada em função dos fatores realização nula de OD, natureza morfológica de OD e OI, tamanho de OD e OI, animacidade de OI e motivação funcional (função icônica): Gomes (1998: 68). A autora constata que a preposição **a** tende a ser mantida quando não adjacente ao verbo, ao passo que **para** apresenta-se de forma neutra quanto à posição;
- (iii) a partir do estudo de Scher (1997, apud Gomes 2003: 86), a autora verifica em seus dados a resistência da preposição **a** independentemente da seqüência de vogais formada pelo verbo + prep + artigo masc. (Ex.: Ele entregou *a/para/ \emptyset o pai a carta*). Segundo Scher, ocorreria reestruturação silábica em que, com a ausência da preposição, a seqüência vogal-vogal seria convertida em uma só sílaba: *entregô o pai* > **entregô pai*, podendo o SN ser interpretado como OD ou Suj. Gomes ressalta que fatores de natureza fonológica não seriam a *causa* da mudança e sim uma *conseqüência*;
- (iv) a mudança *a* > *para* / *a* > \emptyset está relacionada à alternância das estratégias de expressão de dativo, e esta relacionada à reorganização do paradigma pronominal no PB;

- (v) os verdadeiros dativos (com verbos plenos com ou sem transferência material) ocorrem mais com a preposição **para**, a qual é também favorecida com nomes de traço [+humano]; em construções com verbos leves (*dar*), a variante favorecida é **a**, por estabelecer relações semânticas mais abstratas (ex.: *dar apoio a alguém / algo*).

Baseado em dados do Português Brasileiro do século XIX, o estudo de Coelho (2002) descreve os usos da preposição **para**. O autor parte dos possíveis participantes da cena representada pelas estruturas em que essa preposição ocorre e fornece a seguinte classificação (op. cit, p. 44):

(i) Complemento Oblíquo e Adjunto Adverbial de Lugar, Tempo e Finalidade:

apresentam (a) papéis temáticos ligados ao espaço - tempo (ALATIVO e DIRETIVO); a preposição ocorre com pronome locativo ou temporal; responde às questões *para onde?* e *para quando?*; e (b) papéis temáticos ligados a finalidade, utilidade, cargo (PROPOSITIVO); o SP é comutável por *para+isso*; responde à pergunta *para que?*

(ii) Objeto Indireto e Adjunto Adverbial Beneficiário: apresentam papéis temáticos do dativo (DESTINATÁRIO e BENEFICIÁRIO); o SP é cliticizável (*lhe, me* etc.) ou comutável por *para+pronome tônico*.

Nota-se que essa classificação baseia-se em propriedades sintáticas e semânticas da combinação V + **para**. Além disso, Coelho não separa argumento de adjunto, visto que um SP na função de adjunto adverbial final pode ser substituído pela expressão *para+isso*, critério geralmente adotado para a identificação dos argumentos oblíquos do verbo, como veremos mais adiante.

Os esquemas sintáticos e temáticos das estruturas com **para** propostos por Coelho dividem-se em: (a) verbos de movimento propriamente dito (*partir, ir, entrar, viajar, correr* etc.); (b) verbos de movimento causado (*remeter, dirigir, conduzir, levar, transferir* etc.) e (c) verbos de movimento voluntário (*dirigir-se, mudar-se, retirar-se* etc.). Limito-me a apresentar aqui a classificação estabelecida pelo autor, sem discutir detalhadamente as descrições de cada tipo de verbo e possíveis projeções metafóricas.

O estudo de Coelho está insere-se numa nova linha de pesquisa¹⁴ que envolve categorias cognitivas na análise de itens como as preposições. Há um amplo estudo nessa perspectiva em Castilho et al. (2002), em que algumas preposições (*ante, após, até, para, de, entre e com*) são abordadas com base na proposta multissistêmica de mudança lingüística (Castilho 2003b, 2004a, 2006). Neste quadro teórico inclui-se o estudo de Ilari et alii (2006), também sobre as preposições no Português Brasileiro. Apresento esses trabalhos mais detalhadamente no capítulo 2.

1.2 Estudos sobre Funções Sintáticas / Dativo no Português

Na seção anterior, examinei, além das gramáticas, alguns estudos lingüísticos sobre as preposições **a** e **para** no português. Em sua maioria, levou-se em conta o ambiente sintático em que elas ocorrem e/ou variam: objeto indireto, complemento oblíquo e adjunto adverbial. Nesta seção, examino trabalhos estudos a respeito das funções sintáticas em gramáticas e em estudos lingüísticos. A separação entre a seção anterior e esta é meramente uma questão metodológica: no item 1.1, o enfoque são as preposições; neste item, o objeto de estudo são as funções sintáticas, podendo ser realizadas pelas preposições ou outros elementos (pronomes, por exemplo).

1.2.1 Gramáticas Normativas

Nota-se, em geral, que não há um consenso entre os autores para a definição e classificação das funções sintáticas, com exceção do sujeito e do objeto direto¹⁵.

No que diz respeito às funções de objeto indireto (OI), complemento oblíquo (OBL) e adjunto adverbial (ADJ), alguns autores reconhecem a diferença do estatuto sintático dessas funções. O quadro a seguir resume como alguns gramáticos definem e classificam tais funções:

¹⁴ Embora a Lingüística Cognitiva já venha sendo desenvolvida há algumas décadas, sua aplicação no português é recente.

¹⁵ Não vou lidar com as definições de sujeito e objeto direto nesta pesquisa.

Quadro 5: classificação e definição das funções sintáticas OI, OBL e ADJ

	OBJETO INDIRETO	COMPLEMENTO OBLÍQUO	ADJUNTO (ADVERBIAL)
Rocha Lima (1976)	complemento que representa a pessoa ou coisa a que se destina a ação, ou em cujo proveito ou prejuízo ela se realiza. (p. 240) <u>Características:</u> a) encabeçado pela prep. a (às vezes para); b) corresponde, na 3a. p., a <i>lhel/lhes</i> ; c) não admite apassivação <u>Usos:</u> complemento de verbos acompanhados de OD, representando o elemento onde termina a ação (bitransitivos): <i>dar, oferecer, entregar, dedicar, dizer, contar, dever</i> etc. = verbos "dandi", "dicendi", "rogandi".	Subdivido em (i) Complemento relativo: não é substituível pelo pronome <i>lhe</i> , mas sim por <i>a ele/ela</i> , denota o ser sobre o qual recai a ação - assim como o OD. Ex.: <i>assistir, anuir</i> ; e (ii) Complemento circunstancial: de natureza adverbial, ex: <i>ir a Roma, morar em SP, estar à janela.</i>	Termo acessório, de natureza accidental, modifica o verbo, exprimindo as particularidades do evento expresso por ele. Pode ser expresso por um advérbio (<i>diariamente</i>) ou por uma expressão adverbial (<i>de madrugada, na próxima semana</i>)
Cunha & Cintra (2001)	Complemento de um verbo transitivo indireto, pode ser representado por uma preposição + substantivo, pronome, numeral, palavra ou expressão substantivada ou oração substantiva.		Termo acessório que denota alguma circunstância do fato expresso pelo verbo, ou intensifica o sentido deste, de um adjetivo, ou de um advérbio. Classificação: causa, companhia, dúvida, fim, instrumento, intensidade, lugar onde, lugar aonde, lugar para onde, lugar donde, matéria, meio, modo, negação e tempo.
Bechara (1988)	Complemento que pode exprimir (i) a pessoa ou coisa que recebe a ação verbal; (ii) pessoa ou coisa em cujo proveito ou prejuízo se pratica a ação (Ex: <i>Trabalha para o bem geral da família</i>); (iii) pessoa ou coisa que procura captar simpatia ou benevolência de outrem (dativo ético); (iv) pessoa possuidora; (v) a pessoa a quem pertence uma opinião.		Expressão que denota uma circunstância adverbial em referência ao verbo, adjetivo ou outro advérbio.
Kury (1987)	Complemento que pode exprimir (i) o ser para o qual se dirige a ação de um verbo trans. direto; (ii) nos verbos bitransitivos, o ser a quem se destina o OD; (iii) o ser em benefício ou prejuízo de quem se realiza a ação; (iv) o ser em que se manifesta a ação (ex: <i>aconteceu a Fulano uma desgraça</i>); (v) o ser a que se faz referência especial o conjunto v. de ligação + predicativo, v. trans. direto + obj, ou v. intrans. (ex: <i>Tudo lhe era estranho</i>); (vi) o possuidor de algo; (vii) como expletivo (OI de interesse).	Complemento adverbial: termo de valor circunstancial que completa a predicação de um verbo transitivo adverbial (ex.: <i>onde estavas? / Venho de casa / Fique aí / Vou lá agora.</i>	Termo acessório, de valor adverbial, que acrescenta circunstâncias a verbos, ou intensifica a idéia expressa por um verbo, adjetivo ou advérbio. A listagem que o autor fornece para os tipos de adjuntos adverbiais é bastante extensa, o que não convém colocar aqui. Mas assemelha-se à de Cunha & Cintra.

Luft (2004 [1996])	Termo que completa um verbo transitivo (indireto) indiretamente, i.e., com auxílio de preposição. Nos verbos transitivos diretos e indiretos, é o termo que exprime o destinatário do objeto: <i>Dei-lhe o livro</i> . Nos transitivos indiretos, é sistematicamente substituível por <i>lhe</i> (regência a), num grupo; noutro grupo, regido de várias preposições, é o objeto da ação - como o objeto direto.	Os verbos transitivos cujo complemento indireto é locativo, segundo o autor, devem ser considerados transitivos indiretos, por serem seguidos de um complemento adverbial de lugar . Ex.: <i>chegar, morar, ir</i> .	<i>Adjunto</i> : não rigorosamente necessário para a compreensão do enunciado, determina, qualifica e modifica outros termos. <i>Adjunto adverbial</i> : termo que modifica verbos, adjetivos ou advérbios, e às vezes um enunciado.
--------------------	--	---	---

Os pontos em comum entre as definições dadas pelas Gramáticas Normativas são:

(a) OI é o termo obrigatório que completa o verbo por meio de uma preposição, (b) é substituível por *lhe*, (c) em geral, refere-se à pessoa a que se destina a ação, (d) dentre os que levam em conta um complemento oblíquo (com outro rótulo), este é substituível por *prep. + ele* e (e) adjuntos adverbiais são termos acessórios que modificam um verbo, adjetivo ou advérbio. Os autores que não reconhecem complementos oblíquos colocam-nos no rol dos adjuntos adverbiais, assumindo que verbos como *morar, vir, ir* etc. são intransitivos.

1.2.2 Gramáticas Descritivas

Dentre as gramáticas descritivas, merecem destaque o trabalho de Mira Mateus et al. (2003), Bechara (2001) e Perini (1989).

Mira Mateus et al. (2003) definem os argumentos como os termos associados a uma palavra predicativa, como verbo, nome, adjetivo, preposição etc. Dessa forma, se pensarmos numa palavra como *gravação*, pensamos em *o que foi gravado? quem gravou?* etc., ou na preposição *para*, pensamos em *para onde? para quem? para quando?* As autoras distinguem os verdadeiros argumentos dos argumentos por defeito e argumentos sombra: os verdadeiros estão sintaticamente realizados na sentença, ao passo que os demais não são obrigatoriamente realizados. Exemplos¹⁶:

¹⁶ Os exemplos são de Mira Mateus et al. (2003: 184-185).

Os atletas comeram bife grelhado ontem à noite. [verdadeiros argumentos]

O Paulo gravou o ficheiro num CD. [argumento por defeito]

Chovia uma chuva muidinha. [argumento sombra]

Já os adjuntos são definidos como elementos que participam da interpretação situacional, como expressões de tempo (*ontem à noite*) e de localização espacial (*encontrei o Paulo no museu*).

Em relação ao objeto indireto e o complemento oblíquo, as autoras os definem da seguinte forma:

Objeto Indireto

- objeto de relação gramatical central;
- tipicamente argumento interno de verbos de dois ou três lugares com o papel semântico de Alvo ou Fonte;
- tipicamente um argumento de traço [+animado];
- ocorre OI com traço [-animado] com predicadores de dois lugares (*obedecer, sobreviver* etc.) e com *dar* e *fazer* como verbos suporte (*Maria deu uma pintura às paredes*), podendo a preposição *a* variar com *em* (nesse caso, é um objeto oblíquo);
- quando o OI é um pronome pessoal, apresenta a forma dativa da flexão causal (João deu-lhe o livro);
- quanto à posição em relação ao verbo, o OI pode vir imediatamente à direita do objeto direto, adjacente ao verbo (se for um clítico) ou imediatamente à direita do verbo, se o objeto direto for um SN pesado ou uma frase;
- pode-se utilizar dois testes para identificar o OI: (i) substituir o OI pelo pronome dativo (*lhe, me* etc.) e (ii) formular uma pergunta do tipo "A quem?" ou "A que?".

Complemento Oblíquo

- objeto de uma relação gramatical não central;
- podem ser obrigatórios, como em "João pôs o livro *na estante*", "O cobrador foi *all*", "O Pedro viajou *do México para Lisbod*", ou opcionais (adjuntos), como em "Há falta de leite *por causa da seca*", "Tenho de sair já *para não perder o avião*".
- os testes para distinguir o oblíquo complemento do oblíquo adjunto são:
 - (i) os oblíquos complementos não podem ocorrer numa pergunta como "***O que é que Fulano fez na estante?**", sendo a resposta mínima não redundante o sintagma verbal com seus complementos.
 - (ii) os oblíquos adjuntos podem ocorrer numa pergunta do tipo "O que é que Fulano fez para Maria?", sendo a resposta mínima não redundante o sintagma verbal e seus complementos: "Pintou esse quadro".

Semelhantemente à descrição de Mira Mateus et al., Bechara (2001) divide os termos da sentença em termos nucleares e marginais, termos argumentais e não-argumentais, e assim por diante. Além disso, reconhece o complemento oblíquo como sendo aquele que pode ser substituído por *prep+pronome* ou, no caso dos locativos, por um pronome circunstancial equivalente (*lá, aqui* etc.), complemento que ele chama de *relativo*. Com esse tipo de complemento, o autor admite a possibilidade de variação da preposição que o introduz, ou ainda a possibilidade de ocorrer sem preposição, como nos exemplos abaixo, respectivamente:

Ela se parece ao pai ~ Ela se parece com o pai.

Atender ao telefone ~ Atender [Ø] o telefone.

Em relação ao objeto indireto, Bechara o define da seguinte forma: "*denota geralmente relação a um ser animado, introduzido pela preposição a e que se refere à pessoa destinada ou beneficiada pela experiência comunicada no primeiro momento da intenção comunicativa do predicado complexo (verbo+complemento)*" (op.cit, p. 421). As características desse complemento arroladas pelo autor são bastante semelhantes às apresentadas por Mira Mateus et al., diferindo apenas do fato de admitir o uso da

livremente OD, como *comer*. A partir da questão "*que funções sintáticas são relevantes para o estabelecimento das transitividades?*", o autor afirma que "*são aquelas que são exigidas ou então recusadas por algum verbo*". Segundo ele, a função livremente aceita pelo verbo "*não é relevante para estabelecer a transitividade*" por não caracterizar o verbo com que ocorre. Com isso, as funções relevantes para o autor são a de OD, adjunto circunstancial (em que se incluem OI e OBL), complemento do predicado e predicativo.

As observações de Perini são bastante pertinentes quando se questiona a organização dos constituintes da sentença de forma geral. Manuais de sintaxe, especialmente aqueles baseados na "norma", procuram a todo momento estipular categorias e classificações bem delimitadas, como se os itens lexicais pertencessem a classes discretas, invariáveis e estáticas. Um verbo transitivo, por exemplo, classificado como tal, aparecerá sempre com um OD. Um adjunto adverbial será sempre "eliminável" da sentença, e assim por diante.

Bechara (2001: 415) demonstra que um verbo pode ser usado de forma transitiva ou intransitiva. Isso é possível quando "*a extensão significativa do verbo aponta para um termo geral (arquilexema) que englobe a natureza de todos os signos léxicos que geralmente apareceriam à direita do verbo*", como nos exemplos abaixo:

Eles bebem pouco (algo líquido, como *água, café* etc.)

O aluno não escreveu (um texto, como *carta, bilhete, redação* etc.)

Por outro lado, outros verbos não admitem essa construção pelo fato de o complemento não ser preenchido por um termo mais abrangente:

* Ele ofereceu _

* Nós reparamos _

Outros verbos ainda, quando usados intransitivamente remetem a um outro valor semântico:

Ele não vê = ele não enxerga, é cego

Ainda não lê = é analfabeto

O autor conclui que "a oposição entre transitivo e intransitivo não é absoluta". É fácil verificar essa afirmação nos casos em que há ou não OD na sentença, como os exemplos de Bechara. Mas o que dizer da possibilidade de expressar ou não um OI ? Exemplos como *Fiz um bolo para a sobremesa* ou *O prédio foi construído para o estabelecimento de uma escola* seriam tradicionalmente classificados como adjuntos adverbiais de finalidade. No entanto, são proporcionais à expressão *para+isso*, o que levaria a classificá-los como complementos oblíquos. Por outro lado, os verbos *fazer e construir* não parecem exigir outro argumento além do OD. E o que dizer de uma sentença como *Fiz um bolo para meu pai*, em que *para meu pai* poderia ser pronominalizado: *Fiz-lhe um bolo* ?

O critério de pronominalização deve-se a Alarcos Llorach (1970, apud Castilho 1998: 94), o qual propõe considerar o pronome como classe primitiva (e não o nome), por não ter um sentido autônomo, como os nomes. Castilho (op.cit, p. 95) observa que "*esse novo estatuto atribuído ao pronome permite investigar a estrutura argumental do verbo de modo mais seguro, visto que não serão acarretadas para o interior da análise todas as complicações inerentes aos sentidos dos substantivos e às restrições seletivas que se estabelecem entre eles e o verbo*". Com isso, Castilho sugere que numa relação argumental o termo subcategorizado pelo verbo é proporcional a um pronome, seguindo o esquema:

ele = sujeito

o = objeto direto

lhe = objeto indireto

prep + ele / isso / lá = complemento oblíquo

Esses esquemas "matemáticos" parecem, à primeira vista, resolver a problemática da identificação das funções sintáticas, ou, ao menos, se aplicam a algumas funções (OD e sujeito especialmente), ou ainda, a exemplos mais prototípicos. No entanto, ainda que seja um critério pertinente, não deve ser considerado o único. Um sintagma preposicionado (SP) com o verbo *pertencer*, por exemplo, é geralmente classificado como OI (*O livro pertence a João - O livro lhe pertence*). Mas se o SP tiver o traço [-animado], como em *O livro pertence à biblioteca*, levanta-se a questão: o SP pode ser substituído por *lhe*?

A essa pergunta parece haver uma resposta em Paredes (1976), que coloca o seguinte: "(...) há casos que parecem bastante duvidosos do ponto de vista intuitivo. Veja-se, por exemplo, o verbo *doar* no seguinte contexto:

- *O que você já doou à Biblioteca da Universidade?*

- *Eu já lhe doei várias coleções antigas.*

Para falantes do dialeto carioca essa frase não parece muito natural no registro informal. É, no entanto, aceitável" (p. 81).

Arrisco afirmar que não apenas no dialeto carioca, mas no português brasileiro como um todo essa sentença não é muito natural. O falante tem recorrido a outras estratégias para expressar posse e beneficiário. No caso de *pertencer*, poderíamos pensar em "O livro é da biblioteca", por exemplo. No caso de *doar*, o falante poderia recorrer à preposição **para** + *pronome*: "Doei para ela várias coleções antigas", ou ainda o apagamento do OI: "Doei _ várias coleções antigas".

Há de se lembrar também da mudança de referência de *lhe* no Português Brasileiro atual. Esse pronome pode se referir à segunda pessoa você, como no contexto a seguir:

- Posso usar seu livro?

- Eu já *lhe* disse que sim!

Ainda, o pronome *lhe* pode substituir o objeto direto, como em "eu *lhe* vi ontem" (em vez de "eu a/o vi ontem").

1.2.3 Estudos lingüísticos sobre funções sintáticas

Grande parte dos ensaios lingüísticos tem rotulado o objeto indireto como Dativo, talvez por incluir neste casos que tradicionalmente não seriam tratados como objeto indireto, como em *João abriu a porta aos amigos*.

Berlinck (1996), em seu estudo descritivo de estruturas dativas no português, considera o termo "objeto indireto" inapropriado por implicar uma relação sintática e semanticamente menos direta entre o verbo e esse tipo de complemento, especialmente se se leva em conta que a marca formal dessa relação - a preposição - também pode ser usada com o OD (preposicionado). Ela adota o termo "dativo" por conta dos diferentes valores semânticos e pelos traços morfossintáticos (possibilidade ou não de pronominalização - *lhe*; argumento x adjunto).

As estruturas por ela estudadas são sintagmas preposicionados com **a**, **para** e **em** que correspondem ao clítico dativo *to*. Além do critério de pronominalização, Berlinck menciona a impossibilidade de o dativo ser o sujeito da passiva, ao contrário do que ocorre em inglês, por exemplo (*Jane told the story to Tom > Tom was told the story*)¹⁸.

Berlinck divide os contextos de ocorrência do dativo em (I) estruturas transitivas e (II) estruturas intransitivas. Porém, deve-se entender que se trata de estruturas que apresentam ou não apresentam um OD, respectivamente. Nos quadros abaixo, sintetizo esses dois tipos e seus subtipos¹⁹:

¹⁸ O teste de passivização só se aplica em verbos que exigem OD.

¹⁹ Todos os exemplos e a descrição são de Berlinck (1996).

(I) estruturas transitivas ($N_0 + V + N_1 + prep N_2$)

Quadro 6: estruturas transitivas na classificação de Berlinck (1996)

subtipo	verbo prototípico	outros verbos	exemplos	descrição
transfe- rência material	dar	transferir atribuir devolver fornecer pedir arrancar tirar	(1) <i>Não entregaram a mercadoria ao comprador.</i> (2) <i>Felipe pediu um chocolate para o avô.</i> (3) <i>Pedro tirou-lhe os livros.</i>	N_0 causa N_1 ser possuído por N_2 , (exemplo 1). A transferência pode ter uma interpretação reversa, quando N_1 é tirado de N_2 (exemplos 2 e 3)
transfe- rência verbal / perceptu- al	dizer	aconselhar anunciar contar ensinar falar perguntar sugerir	(4) <i>Pedro disse para seus colegas que o diretor estava doente.</i> (5) <i>Ela me ensinou a técnica de leitura.</i>	N_0 faz N_2 possuir um certo conhecimento, idéia, percepção (N_1); a transferência verbal e perceptual é resultado de um ato de comunicação; por conta do sentido dos verbos desse subgrupo, N_0 é sempre [+an].
movimento físico	levar	atirar conduzir dirigir encaminhar trazer pôr	(6) <i>No aniversário do amigo levou-lhe um livro.</i> (7) <i>Elas me trazem esse material todo para ser discutido em aula.</i>	Representa uma extensão da idéia de transferência por complementá-la com a noção de movimento físico em direção a um alvo; se N_2 é [-an], o alvo é locativo e não aceita <i>lhe</i> ; se N_2 é [+an], o alvo tem uma conotação benefactiva, além do sentido locativo, e aceita <i>lhe</i> .
movimento abstrato	submeter	acrescentar adaptar dedicar destinar atribuir juntar incorporar subordinar	(8) <i>Os trabalhos lhe foram submetidos ontem.</i> (9) <i>A reputação dos astros foi prejudicada pelo amor que os nazis lhes dedicaram.</i>	Não há transferência, mas uma aproximação abstrata entre uma entidade e um estado, idéia, sentimento ou outra entidade. O sentido dos verbos deste grupo implica no estabelecimento de uma hierarquia ou estado de subordinação entre as entidades envolvidas
dativus commodi / incommodi			(10) <i>Ele abre a porta aos convidados.</i> (11) <i>Ele abre a porta para os convidados.</i> (12) <i>O rapaz lhe pôs o livro na estante.</i>	Ocorre com qualquer verbo transitivo, e o complemento dativo tem uma clara interpretação benefactiva. Quando realizado por <i>lhe</i> , somente o contexto permite a escolha entre uma interpretação do complemento beneficiário <i>mais envolvido</i> ou <i>passivo</i> . Quando realizado por um SP, a prep. a geralmente expressa um beneficiário passivo, ao passo que para permite ambas interpretações.
dativo de posse			(13) <i>Eu queimei-lhe os cabelos.</i> (14) <i>Maria limpou-me o casaco.</i> (15) <i>Eu descasquei-lhe a laranja.</i>	Expressa um sentido geral de posse, derivada da relação entre N_2 e N_1 ; este pode ser entendido como incluso no domínio do referente de N_2 . Esse tipo de construção possessiva difere das demais no fato de a inclusão estar estruturalmente fora do nível do SN.

Algumas observações a respeito das estruturas transitivas do quadro acima:

- a) No subtipo *transferência material*, a autora elenca o verbo *pedir*. No entanto, esse verbo diz respeito a um ato verbal, e a transferência material é uma possível consequência (ou acarretamento) desse ato verbal.
- b) Se Berlinck pretende descrever estruturas em que **a**, **para** e **em** são equivalentes ao clítico *lhe*, não é o caso da interpretação reversa da *transferência material*, pois a preposição com valor de origem no PB no exemplo (3) seria *de*, também com os outros verbos elencados - *roubar*, *arrancar* etc. No PE, a preposição com sentido de origem é **a**.
- c) O N₀ de uma transferência verbal pode ter o traço [-animado] num contexto abstratizado, como *perguntei ao computador o que fazer*, ainda que *computador* seja conceitualizado como uma entidade [+animada].
- d) No movimento abstrato, a autora afirma não haver transferência. Mas é possível conceitualizar um ato abstrato em termos de uma transferência material, como ocorre com a transferência verbal. Não transferimos algo concreto, mas uma idéia ou informação.
- e) Qual seria diferença entre os exemplos (12) e (14)/(15) ? Se substituirmos as sentenças (14) e (15) por um pronome possessivo e por um SP teríamos, respectivamente:

(14) Ela limpou-*me* o casaco.

(14a) Ela limpou *meu* casaco.

(14b) Ela limpou o casaco *para mim*.

(15) Descasquei-*lhe* a laranja.

(15a) Descasquei a laranja *dela*.

(15b) Descasquei a laranja *para ela*.

O clítico *lhe* permite a interpretação de posse (14a) e (15a) e a de beneficiário (14b) e (15b), de modo que não trata apenas de um dativo de posse.

- f) Nota-se também que há sobreposição de sentido na definição dos subtipos. Por exemplo, os verbos que expressam transferência material envolvem movimento físico, ou seja, o deslocamento de uma determinada entidade de um ponto a outro, ainda que este sentido não seja focalizado ou mais saliente em sentenças com os verbos *dar*, *fornecer* etc.

(II) estruturas intransitivas²⁰ (N₁ + V + prep N₂)

Quadro 7: estruturas intransitivas na classificação de Berlinck (1996)

subtipo	verbo prototípico	outros verbos	exemplos	descrição
dativo de interesse	obedecer	acudir assistir aderir faltar renunciar resistir servir	(16) <i>Aos 18 anos, os jovens começam a servir ao Exército.</i> (17) <i>João sempre obedeceu às regras do trânsito.</i>	N ₁ é ativa e voluntariamente envolvido na associação (ou o reverso) com certos verbos, os quais geralmente requerem um dativo com a prep. a , ou ainda com a categoria vazia; N ₂ é sempre cliticizável quando com o traço [+animado].
		concernir equivaler pertencer sobrar	(18) <i>O edifício pertence a um milionário do petróleo.</i> (19) <i>O assunto lhe concernia muito particularmente.</i> (20) <i>O preço deste anel equivale a dois anos do meu trabalho.</i>	Com verbos deste grupo não há envolvimento voluntário de N ₁ , mas ele participa de uma associação estática ou de uma correspondência com N ₂ ; com SP, a prep. a é obrigatória.
		acontecer bastar constar convir faltar parecer ser	(21) <i>Quem é que se importa com o que lhe aconteceu?</i> (21a) <i>Quem é que se importa com o que aconteceu?</i>	Há verbos com os quais N ₂ só terá uma leitura referencial quando realizado lexicalmente, como no exemplo (21). A ausência de um referente lexical leva a uma interpretação genérica como "qualquer um" ou "todos", como demonstra o exemplo (21a).
movimento	chegar	escapar entrar fugir ir vir	(22) <i>Veio-lhe uma necessidade enorme de sair.</i> (23) <i>Alguns erros de ortografia me escaparam.</i>	Os verbos deste grupo subcategorizam um argumento locativo ou direcional. Quando N ₂ tem traço [+animado], além da interpretação locativa, apresenta a marca [+afetado]. A expressão desse tipo de dativo se dá preferencialmente pelo clítico.
movimento psicológico	agradar	importar interessar satisfazer repugnar	(24) <i>A inteligência do rapaz agradou a todos.</i> (25) <i>A eles não importa como você utiliza o seu tempo de trabalho.</i> (26) <i>Nem lhe interessa saber por quanto tempo.</i>	Incluem-se os chamados verbos psicológicos, os quais selecionam um N ₂ de traço [+an], por ser o "receptor" do processo psicológico; N ₁ representa a fonte ou causa desse processo. As características deste grupo são: N ₁ [+/- an] + V _{3p.} + a + N ₂ [+an], N ₁ podendo ser expresso por uma subordinada (<i>que, como</i> etc.) e N ₂ é sempre cliticizável.

²⁰ Dessas estruturas, excluo o "dativo de posse", por não se tratar de construções com as preposições **a** e **para**, mas apenas com clíticos.

Observações sobre as estruturas intransitivas:

- a) Entendo que essas estruturas referem-se às que não apresentam OD. Além disso, a autora mistura verbos que exigem OI (*assistir, servir, pertencer* etc.) com aqueles que são tradicionalmente chamados de intransitivos (*acontecer, parecer* etc.) no subtipo *dativo de interesse*.
- b) A presença do dativo de interesse com verbos intransitivos nos leva a entendê-lo como o foco da sentença, ou seja, como a entidade afetada pela ação verbal: *o que aconteceu com Fulano*, em vez de simplesmente *o que aconteceu*.
- c) No subtipo movimento, fica claro que o ponto de partido do estudo de Berlinck é o clítico, e não o SP como ela inicialmente propõe. Mas é possível expressar o dativo por um SP:

(22) Veio-*lhe* uma necessidade enorme de sair.

(22a) Veio *nele* uma necessidade enorme de sair.

(22b) ? Veio *a/para ele* uma necessidade enorme de sair.

(23) Alguns erros de ortografia *me* escaparam.

(23a) Alguns erros de ortografia escaparam *a mim*.

(23b) ? Alguns erros de ortografia escaparam *de mim*.

Há ainda a possibilidade de o dativo não ser expresso nessas sentenças, recaindo no mesmo caso do dativo de interesse.

- d) No subtipo movimento psicológico, a autora não leva em conta a possibilidade de ocorrência da preposição **para** em (25) e (26), apenas da possibilidade da categoria vazia em (24). Além disso, N₂ pode apresentar o traço [-animado], como em *Isso não interessa às/para as nossas necessidades*. Surgem aqui duas questões: um SP de traço [-animado] com os verbos em questão não seria considerado um dativo ou objeto indireto? Pode ser pronominalizado por *lhe*?

Berlinck ainda apresenta uma descrição para construções passivas com *se* (*Ensinou-se-lhe uma nova técnica de pintura*, p. 144) e do chamado dativo ético (*Não me chegue tarde*, p. 147), das quais não trato nesta pesquisa. Um ponto interessante no estudo de Berlinck refere-se à apresentação de uma hierarquia para o dativo em português, com base no grau de ligação desse tipo de complemento ao verbo.

No nível primário, incluem-se os dativos verdadeiramente nucleares, ou seja, o complemento faz parte do complexo verbal e é exigido pelo verbo. É o caso das construções

com verbos que expressam transferência material, verbal/perceptual, movimento físico e abstrato (estruturas transitivas), dativo de interesse, verbos de movimento e de movimento psicológico (estruturas intransitivas) e dativo de posse.

No nível secundário, encontram-se as estruturas com dativo *commodi* e as intransitivas com *se lhe*. Segundo a autora, (op.cit., p. 148-9), o complemento não faz parte do complexo verbal e não está incorporado à grade temática do verbo, mas está ligado, de alguma forma, ao complexo verbal. O processo descrito é todo direcionado ao dativo, o que acarreta numa clara conotação de beneficiário/recipientes.

Por fim, o nível terceário é preenchido pelo dativo ético por estar além do nível da sentença, isto é, está no nível do discurso / texto.

Conforme os comentários apresentados em alguns casos, vê-se que nem todo verbo classificado por Berlinck exige um complemento dativo, como *acontecer*, para citar apenas um exemplo. Por isso, será necessário rever o grau de ligação do verbo com esse tipo de complemento, especialmente SPs com as preposições **a** e **para**. Estes nem sempre apresentam-se na mesma proporção do pronome clítico, especialmente o pronome *lhe* (cf. dativo de posse).

Em trabalhos posteriores, Berlinck dá continuidade aos estudos sobre o dativo²¹ no PB, sincrônica (1997) e diacronicamente (1999). As variáveis selecionadas são o clítico dativo (*lhe, me, te* etc.), a categoria vazia e o sintagma preposicionado. Os resultados para o português atual indicam preferência pelo uso do OI nulo anafórico (57%), seguido pelo clítico (26%) e prep+pronome tônico (17%, considerando aqui apenas as ocorrências de OI anafórico). A análise diacrônica demonstra que à queda acentuada do uso do clítico correspondeu o aumento da ocorrência da categoria nula anafórica e do SP, do século XIX para o XX.

O principal fator dessa mudança, segundo Berlinck, refere-se à pessoa gramatical do complemento. No PB atual, o clítico é mais freqüente com a 1a. e 2a. pessoas, ao passo que a 3a. pessoa é expressa pela categoria vazia (71%) e pelo SP (28,5%). Os resultados obtidos para o século XIX são exatamente o contrário, isto é, maior freqüência de clíticos nas três pessoas gramaticais do que a categoria nula e o SP.

Freire (2000), num estudo também sobre o OI anafórico no português atual, aponta para uma maior freqüência de SP anafórico (67%, no PB), seguido de dativo nulo (24%, PB). A diferença entre os achados de Berlinck e de Freire talvez esteja no tipo de *corpus*

²¹ A autora passa adotar o termo "objeto indireto".

analisado. Berlinck utiliza entrevistas informais com estudantes de Curitiba e do NURC, ao passo que Freire analisa textos de entrevistas transcritas em jornais e revistas brasileiros e portugueses. Além disso, Freire leva em conta apenas a 3ª. pessoa e verbos bitransitivos.

Os estudos apresentados nos itens 1.1 e 1.2 revelam dados e fatores importantes para a descrição das preposições **a** e **para**, sobretudo nas questões referentes à mudança **a** > **para** (cf. Berlinck 1999, Oliveira 2002, 2004) e sua posição em relação ao verbo (cf. Gomes 1998, 2003). As críticas referentes às funções sintáticas serão retomadas no capítulo 3, com o intuito de apresentar uma alternativa à classificação das preposições **a** e **para**.

1.3 Revisão da literatura sobre funções semânticas

Nesta seção, faço uma breve referência à definição de caso morfológico e caso semântico. Em seguida, apresento o conceito geral de Papel Temático e as classificações presentes na literatura, sobretudo de abordagem gerativista. Por fim, relaciono alguns estudos sobre funções semânticas dentro da abordagem funcionalista.

1.3.1 Caso morfológico x caso semântico

Da Idade Média até hoje, várias foram as propostas e teorias formuladas em torno dos casos. Isso está historiado em Agud (1980), que apresento aqui de forma breve. Alguns estudiosos afirmavam que se tratavam de "acidentes" - com sentido próprio - do Nome. Outros assumiam a função sintática ou gramatical dos casos, especialmente nas línguas grega e latina. De forma geral, ora tentava-se desvendar os significados das categorias flexionais dos Nomes, ora assumia-se seu caráter unicamente morfológico ou sintático. Além disso, várias foram as tentativas de se estabelecer um conjunto limitado de casos possíveis numa determinada língua ou os casos presentes em todas as línguas naturais, portanto o caráter universal dos casos.

Especialmente no século XX iniciou-se a polêmica se os casos são uma categoria morfológica ou uma categoria sintática. Os estruturalistas assumiam que os casos eram categorias morfológicas, quando buscavam o inventário de casos, e sintáticas, quando consideravam os usos das formas. A Semântica, nessa perspectiva, era colocada à parte da Gramática, podendo ser empregada como instrumento auxiliar para a descrição ou

explicação da Morfologia e/ou da Sintaxe. Na abordagem gerativista, os casos são categorias sintáticas se se leva em conta que a sintaxe é o centro de tudo.

Para a autora, essa polêmica é apenas uma questão de metodologia, ou seja, os casos não são morfológicos ou sintáticos, mas são estudados sob este ou aquele ponto de vista, neste ou naquele nível de abstração. No entanto, a autora chama a atenção para o componente *função* na definição de caso: a descrição de uma língua é, de algum modo, funcional. E função de caso significa perguntar qual a razão por um determinado caso ser o que é, por ter uma determinada distribuição e por expressar certas relações entre unidades na sentença. A autora assim define caso:

"Son casos aquellas funciones sintácticas del substantivo o pronombre que se corresponden con otras tantas alteraciones desinenciales en la flexión nominal, las cuales poseen equivalentes funcionales y formales en todas las classes de palabras con flexión nominal" (p. 462)

Os itens equivalentes aos casos referem-se, em muitas línguas, às preposições, entre outras classes. É o caso das línguas românicas, dentre elas o Português. Por isso, diz-se que é uma língua de morfologia pobre, ao contrário do Latim, de morfologia rica.

A chamada "Gramática de Caso" foi primeiramente proposta por Fillmore (1968) dentro de uma abordagem gerativista, com ênfase nas funções dos argumentos. O principal objetivo do autor é contribuir para o estudo de universais sintáticos, relacionando, de alguma forma, os casos às estruturas profunda e superficial²².

Fillmore (op. cit.: 02-07) chama a atenção para o fato de que os estudos anteriores sobre casos geralmente ignoravam o Nominativo e apresentavam critérios de classificação bastante confusos. Para ele, as abordagens restringem-se à descrição morfológica de Nomes, sem impor limites para a identificação de morfemas de caso com seus significados e funções.

Em relação ao termo "caso", Fillmore explica que sua escolha, independentemente de as relações gramaticais apresentarem afixos ou morfemas de caso, baseia-se nas relações de estrutura profunda e na centralidade da sintaxe. Por isso, o autor rejeita a afirmação de que uma categoria gramatical de caso seja expressão em forma de afixos em Nomes.

²² Não vou lidar, neste trabalho, com noções ou análises de estruturas profunda e superficial.

Os casos arrolados pelo autor são os seguintes:

AGENTIVO: caso do instigador com traço /animado/ da ação identificada pelo verbo;

INSTRUMENTAL: caso de uma força inanimada ou objeto ocasionalmente envolvido na ação ou estado;

DATIVO: caso de um ser animado afetado pelo estado ou ação;

FACTUAL (OU FACTIVO): caso do objeto ou ser resultante de uma ação ou estado identificados pelo verbo ou entendidos como parte do significado do verbo;

LOCATIVO: caso que identifica o local ou orientação espacial do estado ou ação;

OBJETIVO: semanticamente mais neutro, é o caso de qualquer coisa representável por um Nome cujo papel na ação ou estado é identificado por uma interpretação semântica do verbo em si.

O autor explica que essas noções de caso compreendem um conjunto de conceitos universais e inatos que identificam certos julgamentos que os seres humanos são capazes de fazer sobre os eventos que os circundam, tais como quem fez o que, o que aconteceu com quem, o que mudou etc.

Em 1977, Fillmore retoma alguns conceitos e a análise em torno da Gramática de Casos, com base nas críticas recebidas no intervalo de nove anos. Examinarei essa reformulação em 2.3 (Capítulo 2).

O artigo de Fillmore (1968) teve grande influência para pesquisas posteriores, pois serviu de base para a abordagem gerativista sobre as funções semânticas de argumentos na sentença, sob o rótulo de Papéis Temáticos, de que trato no próximo item.

1.3.2 Papéis Temáticos

O termo *papel temático* foi primeiramente usado por Gruber (1965, apud Jackendoff 1971:29), por considerar o papel *Tema* fundamental nas relações semânticas. Grande parte dos lingüistas gerativistas adotaram, então, este termo para analisar as propriedades semânticas dos argumentos sentenciais. Alguns autores adotaram outros termos, tais como "função semântica" (Mira Mateus et al. 1989) ou "relação do verbo com um nome" (Chafe 1970). Não pretendo discutir os critérios de escolha de cada termo, mas apenas relacionar e discutir o conjunto de papéis que alguns autores propõem. Apresento-os no Quadro 1.

De forma geral, entende-se por papéis temáticos as relações semânticas que os constituintes da sentença estabelecem entre si, em especial a relação do verbo com seus argumentos. Radford (1988: 372-3) afirma que todo argumento (externo e interno) possui um papel temático e que a seleção do conjunto de funções semânticas (ou temáticas) preenchidas pelo argumento é restrita, finita e universal. A restrição e seleção, segundo o autor, dizem respeito ao conjunto de categorias que um determinado item permite ou requer como seu complemento. Tais restrições podem ser determinadas, por exemplo, pelos traços do sintagma nominal complemento, pelos traços do verbo, e assim por diante.

Vejamos, então, a relação de papéis temáticos que alguns autores de perspectiva gerativista propõem:

Quadro 8: Papéis temáticos segundo alguns autores²³

AUTOR	PAPÉIS TEMÁTICOS	DEFINIÇÃO
Fillmore (1971, apud Palmer 1994) ²⁴	AGENTE	o "instigador" do evento
	CONTRA-AGENTE	força ou resistência contra a qual a ação é realizada.
	OBJETO	entidade que move ou muda, ou ainda, cuja posição ou existência está sendo considerada.
	RESULTADO	entidade que vem à tona, que surge como resultado de uma ação.
	INSTRUMENTO	o estímulo ou causa física imediatos do evento.
	FONTE	lugar de onde algo se move.
	ALVO	lugar para onde algo se move.
	EXPERIENCIADOR	entidade que recebe, aceita, experimenta ou sofre o efeito da ação.
Chafe (1970)	AGENTE	aquele que realiza a ação
	PACIENTE	aquele que está num determinado estado ou que sofre mudança de estado.
	EXPERIENCIADOR	aquele que está mentalmente disposto a receber uma experiência, percepção etc. Não é o instigador da ação.
	BENEFICIÁRIO	aquele que se beneficia da ação.
	INSTRUMENTO	objeto que desempenha um papel no desencadeamento de um processo, não sendo, porém, a força motivadora, a causa ou o instigador. É algo que o agente usa na ação.
	COMPLEMENTO	relação em que o verbo supõe a criação de algo (em geral, um nome cognato, como <i>Cantar uma canção, jogar um jogo</i> .
	LUGAR	relação do verbo com uma expressão locativa
Radford (1988)	BENEFATIVO	entidade que se beneficia de alguma ação. Ex.: João comprou flores para <i>Maria</i> .
	AGENTE	(ou ator) Instigador de alguma ação. Ex.: <i>João</i> matou Pedro.
	TEMA / PACIENTE	Entidade que sofre o efeito de alguma ação. Ex.: <i>Maria</i> caiu.
	EXPERIENCIADOR	Entidade que experiência algum estado psicológico. Ex.: <i>João</i> estava feliz.
	INSTRUMENTO	meio pelo qual algo acontece. Ex.: João bateu em Carlos <i>com uma vassoura</i> .
	LOCATIVO	lugar em que algo está localizado ou acontece. Ex.: João colocou a carta <i>dentro da gaveta</i> .
	META	entidade na direção da qual algo se move. Ex.: João passou o livro <i>para Maria</i> .
	FONTE / ORIGEM	entidade a partir da qual algo se move. Ex.: João voltou <i>de Londres</i> .

²³ Tanto as definições, quanto os exemplos são traduções minhas.

²⁴ Estes papéis (casos, nos termos de Fillmore) foram reformulados em relação aos apresentados em Fillmore (1968). O autor substitui o caso FACTUAL por RESULTADO e DATIVO por EXPERIENCIADOR, e desdobra o caso LOCATIVO em FONTE e ALVO.

Mira Mateus et al. (2003) ²⁵	AGENTE	designa a entidade controladora, tipicamente humana, de uma dada situação. Para identificá-lo, as autoras propõem a inserção das expressões <i>voluntariamente / intencionalmente</i> . Ex: <i>Maria telefonou (intencionalmente) / Ana escreveu (voluntariamente) um romance.</i>
	FONTE	designa a entidade que está na origem de uma dada situação, embora sem a controlar. Pode designar a força da natureza, lugar ou ser animado que constituem o ponto de partida de uma mudança de estado, lugar ou posse. Ex. <i>A tempestade assustou-nos / Pedro viajou de S.Francisco para Toronto.</i>
	EXPERIENCIADOR	designa a entidade que é a sede psicológica ou física de uma dada propriedade ou relação. Ex: <i>João gosta de Maria / O rapaz gaguejou.</i>
	LOCATIVO	exprime a localização espacial de uma dada entidade. Ex: <i>Luís mora em Paris / A água borbulha na chaleira.</i>
	ALVO	designa a localização para a qual algo foi transferido, num sentido locativo ou não. Pode ser um ser humano quando se trata de mudança de posse ou de comunicação lingüística, ou pode ser um lugar quando se trata de mudança de lugar. Ex: <i>Luís ofereceu o disco ao amigo / Nós vamos para Lisboa / O João guarda o passaporte no cofre.</i>
	TEMA	designa a entidade que muda de lugar, de posse ou de estado em situações dinâmicas. Pode ainda designar a entidade criada pela atividade expressa pelo verbo ou afetada por tal atividade. Refere-se também a uma entidade não controladora nem experienciadora de uma situação não dinâmica. Ex: <i>Beethoven compôs nove sinfonias / O menino caiu da cama / João gosta da Maria / Meus melhores amigos vivem no Porto.</i>

A partir desse quadro, é interessante observar que há alguns papéis comuns entre os autores, tais como Agente, Paciente, Origem etc. Mas talvez o único consenso entre eles seja em relação ao papel Agente. Por outro lado, alguns autores atribuem rótulos diferentes para o mesmo tipo de entidade, como a definição de Tema/Paciente de Radford e Experienciador de Fillmore. Os critérios para defini-los não são muito claros, e os exemplos dados são, em geral, os mais prototípicos.

Essas classificações levam em conta que os papéis temáticos são atribuídos a argumentos verbais, deixando os adjuntos fora da grade temática. Entretanto, como explicar então que uma expressão como *cortou o dedo com a faca*, com papel temático Instrumento, tenha a função sintática de argumento? Tradicionalmente, esse SP seria analisado com adjunto adverbial, o que então contraria a afirmação da maioria dos autores em relacionar os papéis temáticos apenas a argumentos.

²⁵ Esta lista de papéis temáticas é mais simplificada em relação àquela apresentada em Mira Mateus et al. (1989).

Outro ponto relevante na discussão de papéis temáticos refere-se ao chamado *critério-theta*, ou critério temático, proposto por Chomsky (1981, apud Jackendoff 1987: 381). Segundo esse critério, um papel temático pode ser atribuído a um único argumento, e um argumento pode receber um único papel temático. No entanto, alguns estudiosos, dentre eles, Gruber (1965, apud Jackendoff 1972), Jackendoff (1972) e Franchi (1997, apud Caçado 2000, 2005), fazem uma análise que viola esse critério ao levarem em conta também os adjuntos e considerarem mais de um papel temático para cada argumento, como nas sentenças abaixo:

- (a) João comprou um carro de Pedro.
- (b) Pedro vendeu um carro para João.

em que *João* em (a) pode ser interpretado como *Meta* e como *Agente*, e *Pedro* é a *Fonte*. Em (b), *Pedro* é *Agente* e *Fonte*, e *João* é a *Meta*, seguindo a leitura de Jackendoff (op.cit., p. 34-35)²⁶. Para esse autor, não são apenas os sintagmas nominais que recebem papel temático, mas também os adjetivos, infinitivos etc. Suas críticas o levam a recusar a existência de um caso *default* ou neutro (nos termos de Fillmore 1968, "objective case"). Segundo ele, vários autores consideram o Tema ou o Paciente como casos *default* por não conseguirem atribuir nenhum outro papel temático mais específico: Jackendoff (1991:50).

Recentes estudos sobre papéis temáticos encontram-se em Caçado (2000, 2005), Berg (2005), Menezes (2005), para citar apenas alguns. Franchi (1997, apud Caçado 2000, 2005) já propunha uma alternativa de análise para os papéis temáticos: levar em conta todas as expressões ou classes predicadoras por permitirem acarretamentos ou famílias de acarretamentos. O fato de as definições de papéis temáticos na literatura serem inconsistentes e baseadas apenas no verbo, Caçado propõe a seguinte definição:

²⁶ O autor apresenta uma longa discussão em torno da atribuição de mais de um papel temático a um argumento, desdobrando ainda em Fonte primária e secundária, por exemplo, em sentenças que expressam *transação*. Para mais detalhes, v. Jackendoff (1972) e (1991).

"O papel temático de um argumento, ou seja, a função semântica que determinado argumento exerce em uma sentença, é definido como sendo o grupo de propriedades atribuídas a esse argumento a partir das relações de acarretamentos estabelecidas por toda a proposição em que esse argumento encontra-se" (2005: 28) [meu grifo]

Por essa definição entende-se que a predicação deve ser analisada composicionalmente, pois não teríamos como distinguir os papéis temáticos em sentenças como²⁷:

Paulo quebrou o vaso com um martelo.
Paulo quebrou o vaso com o empurrão que levou do irmão.
Paulo quebrou sua promessa.
Paulo quebrou a empresa.
Paulo quebrou a cara.

A autora também defende a atribuição de mais de um papel temático a um argumento e de um mesmo papel temático a dois argumentos, como demonstra nos seguintes exemplos, perfeitamente aceitáveis no português brasileiro:

O professor correu o garoto atrevido para fora da sala.
A mãe casou a filha bem.
O pai estudou todos os filhos até a faculdade.

em que *professor/mãe/pai* são agentes, da mesma forma que *garoto/filha/filhos*, por serem desencadeadores de um processo e terem controle sobre a ação.

Com base em análise empírica, a autora estabelece quatro propriedades semânticas²⁸, a saber:

²⁷ Os exemplos são de Caçado (2005: 29).

²⁸ Essas propriedades basearam-se nos acarretamentos em sentenças analisadas por alguns pesquisadores (Caçado 1995, Moreira 2000, Silva 2002, Wenceslau 2003, apud Caçado 2005: 31), que investigaram classes de verbos num total aproximado de 1100 verbos.

(a) **Desencadeador** - pode ser entendido como o "estimulador" do processo, como em "João quebrou a janela". Um argumento receberá essa propriedade quando a proposição designar a ele "ter papel no desencadeamento do processo".

(b) **Controle** - capacidade de se interromper uma ação, processo ou estado. Por conta disso, está associado a entidades de traço [+animado]. Um teste para se verificar o controle é inserir a construção "decidiu não mais...", como em "João quebrou o vaso" > "João *decidiu não mais* quebrar o vaso".

(c) **Afetado** - entidade que sofre mudança de estado, podendo este um lugar, estado psicológico, posse etc. Ex.: "Maria preocupa sua mãe", "João jogou a *bold*".

(d) **Estativo** - entidade cujas propriedades não se alteram durante um intervalo de tempo. Ex.: "João veio de *Paris*", "João leu um *livro*", em que "Paris" e "livro" não têm suas propriedades alteradas durante o processo de vinda e de leitura, respectivamente.

A autora ressalta que (b), (c) e (d) são compatíveis com a propriedade (a) de *controle*, se fizermos o teste da inserção da construção "decidiu não mais", como em "João recebeu uma herança" - "João *decidiu não mais* receber uma herança".

Entretanto, para interpretar um item como tendo ou não controle, é necessário prover um contexto maior e mais detalhado. Por exemplo, na sentença "João quebrou o vaso com o empurrão que levou do irmão", o teste com "decidiu não mais" se aplica. Mas se a sentença tiver o mesmo verbo em outro tempo verbal, como em "João *decidiu não mais* quebrar o vaso com o empurrão que (sempre) levava do irmão", pode-se entender que João teve controle do processo de quebrar, se imaginarmos uma cena em que o irmão sempre o empurrava, e João se segurava na parede com o intuito de não quebrar o vaso.

Embora englobem mais expressões e classes predicadoras, essas propriedades não esgotam as possibilidades da criatividade linguística. Pode-se dizer que, em geral, são aplicáveis a exemplos sem um contexto mais específico. Além disso, interpretar se um elemento tem suas propriedades alteradas ou não (estativo x afetado), também requer uma análise parcial e dependente do contexto.

1.3.3 Funções semânticas na perspectiva funcionalista

Além de Cançado (2000, 2005), Silva (1999) também defende a possibilidade de se atribuir mais de um papel temático a um argumento, especificamente ao objeto indireto. Ele define essa função sintática como prototipicamente "*o recipiente activo de uma transferência material benefactiva*" (op. cit., p. 70). Com isso, o autor assume que o objeto indireto pode acumular dois papéis temáticos: Meta ou Recipiente, numa dimensão espacial, por se tratar de uma mudança de lugar ou deslocamento de um objeto de um ponto a outro, e Beneficiário, numa dimensão funcional, com efeitos específicos na pessoa que recebe o objeto. Além desses, pode-se inferir também, segundo o autor, que o objeto indireto apresenta o papel temático de Experienciador dos efeitos da transferência e de Possuidor do objeto transferido, como o exemplo abaixo:

João deu um livro à Maria.

Particularmente para o papel Beneficiário, Silva aponta algumas características: é um participante ativo por poder (i) iniciar uma interação com o objeto da transferência, (ii) reagir a ele e (iii) controlá-lo e manipulá-lo.

O autor identifica três mecanismos de extensão pelos quais o objeto indireto prototípico pode passar e daí gerar outros papéis temáticos e tipos de transferência: (a) *metáfora*, (b) *generalização* e (c) *metonímia*. No primeiro, o caráter 'material' da transferência é abstratizado, surgindo papéis como Destinatário numa transferência verbal, Beneficiário como receptor menos intencional, e assim por diante. No segundo, há generalização dos efeitos específicos da transferência prototípica e do domínio a que se referem esses efeitos. O papel ativo do recipiente da transferência é enfraquecido, atuando como a entidade que recebe e sofre os efeitos da transferência, sem controle sobre o objeto. E o terceiro é o mecanismo em que o objeto indireto passa a identificar entidades envolvidas em ações ou estados de coisas (que precedem ou que seguem) associados a processos de transferência. Exemplos²⁹:

- (a) *O João disse à Maria que vinha.*
O complemento indirecto dá dores de cabeça à Maria.
O loureiro dá um sabor especial à comida.

²⁹ Os exemplos são de Silva (1999: 73-82).

- (b) *Os pais deram-lhe apenas o usufruto dos bens.
Dediquei o livro à Maria.
Ele deu um novo rumo à sua vida.*
- (c) *O Zé prometeu um carro ao filho.
Construiu uma linda casa para o seu filho.
Não conseguiu resistir aos seus encantos.
Tudo o que é humano me interessa.*

O quadro 9 abaixo sistematiza a correlação entre os mecanismos (a) e (b), e o quadro 2, entre (a), (b) e (c), examinados pelo autor.

Quadro 9: Generalização e metáfora do protótipo do OI, adaptado de Silva (1999: 76)

METAFORIZAÇÃO				
GENERALIZAÇÃO	+ prototípico	Recipiente de transferência material	Recipiente de transferência abstrata	Recipiente de transferência verbal/perceptual
	transferência no domínio do controle do OI	<i>Dei um livro à Maria</i>	<i>Dei a alma a Deus</i>	
	transferência no domínio do uso do OI	<i>O médico fez-lhe o implante de rim</i>	<i>Os pais deram-lhe apenas o usufruto dos bens</i>	
	transferência no domínio da experiência do OI	<i>Dediquei o livro à Maria</i>	<i>Dei-lhe força e coragem</i>	<i>Disse à Maria que vinha Ensinei inglês ao Zé</i>
	transferência no domínio da afetação do OI	<i>Ele deu brilho aos sapatos</i>	<i>O júri atribuiu o primeiro lugar à atleta portuguesa</i>	
				- prototípico

Quadro 10: Correlação entre metonímia, generalização e metáfora na extensão semântica do OI (Silva 1999: 84)

GENERALIZAÇÃO	METÁFORA	METONÍMIA DA AÇÃO PRECEDENTE	METONÍMIA DO ESTADO RESULTANTE
CONTROLE	material	<i>Preparei-lhe um café. Prometi-lhe um carro. Reservei-lhe o jornal.</i>	<i>A casa passa agora a pertencer-me. O presente é-me muito útil.</i>
	abstrato	<i>Prometi a minha alma a Deus. Prometi a chefia do partido ao João.</i>	<i>O futuro a Deus pertence. A capacidade de ler depressa é-me vantajosa.</i>
EXPERIÊNCIA	material	<i>Prometeu-lhe uma canção. Dedicou-lhe o prêmio. Mandou-te um abraço.</i>	<i>A canção agrada-me muito. Não resisti às carícias dela.</i>
	abstrato	<i>Prometeu ao povo paz e bem-estar. Criou-me dificuldades.</i>	<i>Compete-te a ti decidir. Obedeceu às ordens do pai.</i>
AFETAÇÃO	material	<i>O Presidente da Câmara desejou ao novo museu muitos visitantes.</i>	<i>A tinta adere bem à parede. O rato é comum a todos os computadores.</i>
	abstrato	<i>Augurou à nova teoria uma longa vida.</i>	<i>As mudanças convêm à teoria. A melancolia é comum a toda a música romântica.</i>

Esses quadros permitem verificar as nuances entre os exemplos e os tipos de transferência em que o objeto indireto está envolvido, além dos traços semânticos que ele apresenta. A descrição de Silva contém alguns pontos em comum à proposta de Caçado (2005), que são os traços de controle e afetação. Ainda que sob perspectivas teóricas distintas, ambos se aproximam de uma análise semântica mais coerente do que aquela baseada na Gramática do Caso de Fillmore, especialmente por se basearem em dados do português e por não se limitarem a uma interpretação única de um dado enunciado.

O diferencial na análise de Silva está em apresentar e representar a natureza *multidimensional* da estrutura semântica do objeto indireto, o que pode ser aplicado a outros elementos lingüísticos. Em seu estudo permeia a dimensão espacial dos dados, ou nas palavras do autor "o *objecto indirecto em Português, como 'bom herdeiro' do dativo latino, manteve os usos mais marcadamente espaciais deste, isto é, os de 'meta, direcção de um movimento'*"(p. 93-4).

Assim como Silva, o estudo de Givón (1984) para as funções semânticas toma como ponto de partida a prototipicidade. No entanto, ele leva em conta apenas o mecanismo da metáfora, e sua classificação é mais genérica por levar em conta todos os "papéis de caso", nos termos do autor. Segundo ele, "One must remember that these definitions correspond

roughly to the prototype of these case-roles, so that metaphoric extension from these prototypes is both possible and common' (op.cit., p. 127). Para ele, a distinção entre mais ou menos prototípico se dá pelo contexto pragmático.

Givón afirma que a maioria dos tipos de verbos e papéis temáticos é universal, ainda que seja comum encontrar subclasses e variações de língua para língua. Todo verbo lexical pertence a uma determinada classe e dispõe de propriedades sintáticas específicas. Por propriedades sintáticas o autor entende o comportamento de marcação de caso dos argumentos do verbo.

Relaciono a seguir alguns papéis de caso³⁰ definidos pelo autor, separados por *papéis principais* (Paciente, Dativo, Agente e outros definidos pelo tipo de verbo) e *papéis opcionais*³¹:

Papéis principais

Paciente: Também chamado *acusativo*, este é o principal e mais simples argumento na sentença. Há dois tipos: (a) paciente de estado: argumento cujo estado é descrito pela proposição, aquele que está 'num estado' [ou situação], aquele que geralmente aparece como sujeito de proposições de estado; (b) paciente de mudança: argumento que sofre mudança de estado. Pode tanto ser o sujeito de uma sentença intransitiva ou o objeto de uma sentença transitiva ('ação').

Dativo: Também chamado *recipiente*, é o participante consciente, além de ser aquele que está 'num estado ou situação' ou que sofre mudança. Por ter o traço [+consciente], o autor o considera mais marcado (que paciente). Quando o dativo é o sujeito de um estado, este tende a ser *mental* (como *saber, querer, temer, estar bravo* etc.). Os participantes dativos também podem ser o objeto do verbo, mais comumente aqueles que expressam mudança de estado mental, como *dizer, ensinar, informar* etc. Além disso, podem ser o objeto de verbos que exprimem mudança física não diretamente afetando o objeto dativo, como nos objetos dativos/recipientes de *dar, trazer* ou *enviar*. Em sentenças com esses verbos, a mudança (de localização) é expressa por outro argumento, e o dativo é também o lugar onde ocorre a mudança. Mas mais comum é o dativo ser o alvo consciente da transação.

³⁰ Mantenho, nesta seção, a terminologia do autor.

³¹ Relaciono apenas os papéis de interesse para a presente pesquisa.

Agente: É sempre um participante consciente de um evento, uma vez que é o iniciador volitivo da mudança (ação). É também o iniciador responsável pelo evento. Nesse sentido, o autor afirma que o agente é - dentre esses três papéis - o mais marcado, por apresentar os traços [+consciente], [+controlador] e [+responsável].

Papéis definidos a partir do tipo de verbo

a) *Verbos com sujeito dativo-experienciador:* verbos como *ver, saber, escutar, pensar, querer, sentir* etc. Como exemplos de extensão metafórica, o autor dá exemplos como "it seems to me that... / It smells funny...", o que equivale, em português, a "isso parece feio pra mim" ou "isso me é estranho / isso me parece estranho".

b) *Verbos com objeto recíproco / associativo:* o objeto e o sujeito são igualmente o agente e o paciente de verbos inerentemente recíprocos, como *beijar, casar (-se), encontrar (-se com), juntar (-se a/com), brigar, discutir, conversar* etc.³²

c) *Verbos com objeto indireto:* o autor define OI como sendo um paciente não afetado. Morfologicamente, é marcado por prefixo (preposição) ou sufixo (posposição). Semanticamente, os OIs mais comuns são locativos, dativos, associativos, benefactivos ou instrumentais. O autor lida com esse tipo de argumento somente enquanto obrigatório (sintática e semanticamente) para a expressão do sentido do verbo.

Subtipos de Objeto Indireto

(c.1) objeto locativo: tipicamente, os verbos dessa classe codificam o "estar em", "mover para" ou "mover de" um lugar. O objeto é o *ponto de referência* locativo em relação ao qual o sujeito se movimenta ou é localizado. Verbos típicos são: *estar (be), permanecer (remain), existir (exist), ficar (stay), sentar / assentar (sit), ficar de pé / levantar (stand), dormir (sleep), viver / morar (live)* etc. Esses verbos podem ser melhor classificados ou especificados (morfologicamente) de acordo com os traços da relação espacial entre o sujeito e o objeto, através de itens como *em, para, sobre, longe, perto, em volta* etc. Verbos típicos para a expressão de movimento em direção a um alvo são: *ir, vir, entrar, aparecer, mover, aproximar, chegar* etc.

³² Em inglês, o verbo (deste grupo) pode vir seguido de preposição ou não. Em português, alguns verbos exigem uma preposição (*casar-se com*), outros não (*beijar*). O objeto pode ser "transformado" em sujeito junto a outro sujeito, se se leva em conta sentenças como *João e Maria brigaram / discutiram / casaram*.

(c.2) objeto direcional: neste grupo, o sujeito é geralmente agente; o objeto, dativo-alvo, mas também pode ser agente-fonte, paciente-fonte ou paciente-alvo.

Ex.³³:

George talked to Mary (dative-goal obj)
George listened to Mary (agent-source obj)
George listened to the wind (patient-source obj)
George looked at the hill (patient-goal obj)
Mary shouted at George (dative or patient-goal obj)

(c.3) objeto direcional abstrato: verbos com sujeito dativo ou agente, que apresentam atividade mental; o objeto é metaforicamente o alvo direcional da atividade mental do sujeito e é geralmente abstrato ou uma proposição nominalizada. Ex.:

He talked / thought / knew about the meeting
She objected to John being there
He was angry at her

d) Verbos com dois objetos (bitransitivos): com um OD e um OI; o sujeito geralmente é agente; OD é geralmente um paciente de mudança, e o OI pode assumir várias acepções, a saber:

(d.1) OI locativo: o argumento é fonte-direcional ou alvo-direcional da mudança. A mudança que se dá com o OD é de localização; a relação locativa se dá por preposições ou posposições. Verbos típicos são: *colocar...em, tirar...de, mover...para, mandar...para, trazer...para* etc. Ex.:

Ela colocou o livro na mesa
Ele mudou o sofá para a sala
Ela tirou a capa do sofá
Ele removeu a tinta da parede

(d.2) OI dativo-benefactivo: o sujeito é geralmente agente; o OD tipicamente muda de lugar de ou para o OI. O autor afirma que a transação é metaforicamente estendida de sentidos locativos prototipicamente mais concretos. A fonte ou o alvo é um *dativo/humano* e por inferência é geralmente analisado como o *beneficiado* da transação. Ex.:

Ele deu o livro para a menina
Ela trouxe o livro para o menino
Ele recebeu uma carta da namorada

³³ Alguns exemplos não serão traduzidos; outros serão adaptados ao português.

*O pai contou uma história para a filha
O menino mostrou o desenho para a professora
Ela recebeu uma promessa do chefe
Ele deu uma palestra para 500 pessoas
Ela trouxe muito azar às pessoas de seu convívio*

Em alguns casos, o sujeito é o alvo, beneficiado, recipiente, dativo (nos termos do autor) da ação, e o OI é o iniciador da ação. A transação, entretanto, ainda é analisada do ponto de vista do sujeito / recipiente.

(d.3) dois objetos: são os do tipo *eleger X presidente* (ingl. *They elected John president = elected him to be president*).

Papéis de caso opcionais

A descrição para os papéis de caso opcionais é a mesma para os papéis obrigatórios apresentados acima. A diferença está em que vários verbos de ação podem vir acompanhados de um participante benefactivo, instrumental, temporal etc., opcional, não crucial para a definição semântica do verbo. Alguns deles são:

Benefactivo: Ele trabalhou *para seu pai*
Ele matou o coelho *para seu pai*
Ele fez uma mesa *para seu pai*

Com verbos de não-ação (no sentido lato), esse benefactivo não é possível:

*Ele entendeu a questão *para seu pai*
*Ele era feliz *para seu pai*
*O acidente o matou *para seu pai*

Finalidade: advérbios (nos termos do autor) que são essencialmente construções sentenciais/oracionais, cuja ocorrência se limita a verbos de ação com sujeito agente. Ex.:

Ele correu *para pegar o gato*.
Ela veio *para falar com você*.

Em inglês, construções de finalidade podem "esconder" uma espécie de benefactivo. Veja:

He ran *for his friend* (= to benefit his friend / *to kill his friend) - **Benefactivo**
He played *for money* (= to gain money / *to lose money) - **Finalidade**

Mas em português essas sentenças se dão com preposições diferentes:

- Ele correu *pelo amigo*. Note-se que aqui é possível o uso de **para** com valor benefactivo (Ele correu *para o amigo*), mas fica a ambigüidade *benefactivo - alvo*. Ou seja: ele correu em favor do amigo / ele correu em direção ao amigo, respectivamente.
- Ele jogou *por dinheiro* (Nesse caso, somente *por* é possível, cf. * *Ele jogou para dinheiro*).

O autor assinala que benefactivo e finalidade dividem o mesmo traço semântico de alvo direcional, mas que sua combinação não é muito comum nas línguas (mas veja o exemplo de *correr acima*).

Os rótulos dessa classificação não diferem muito daqueles estabelecidos pelos gerativistas. Além disso, o autor mistura termos de categorias sintáticas com termos de categorias semânticas, o que dificulta a percepção e o entendimento dos mecanismos de construção de um enunciado em cada subsistema.

As definições que o autor apresenta se sobrepõem, especialmente quando trata dos subtipos de objeto indireto. Um traço que permeia quase todos os tipos de objeto indireto é o de 'direção', mesmo nos exemplos abstratos. Em geral, trata-se de uma mudança de localização de alguém para alguém ou outro lugar. Por conta disso, não parece conveniente classificar o objeto indireto em tantos subtipos, quando todos têm um sentido básico em comum.

Os estudos sobre funções semânticas (incluindo-se os papéis temáticos) fornecem caminhos para uma análise semântica mais apurada das preposições **a** e **para**. Esses caminhos serão traçados levando-se em conta a possibilidade de acúmulo de funções semânticas (o que contraria o critério temático) e os valores depreendidos da composicionalidade. A análise semântica de **a** e **para** será apresentada sobretudo no capítulo 4, baseado na Semântica Cognitiva, mas alguns passos serão dados no capítulo 3, que trata do processo de gramaticalização dessas preposições.

CAPÍTULO 2 – A PREPOSIÇÃO SOB O PONTO DE VISTA DA COGNIÇÃO

Neste capítulo, será apresentada a perspectiva teórica que conduziu a análise das preposições **a** e **para** no Português Brasileiro. Na seção 2.1, caracterizo a preposição sob o ponto de vista da Teoria Cognitiva, exposta mais detalhadamente em 2.4. Na seção 2.2, apresento, de forma breve, a Teoria da Gramaticalização em sua primeira abordagem, ou seja, no entendimento clássico de processo de mudança em todos os módulos da língua. A partir daí, em 2.3, descrevo uma nova abordagem da língua como um sistema complexo.

2.1 Conceito de Preposição

Na literatura em geral, encontramos a postulação de que as preposições fazem parte de uma classe fechada de palavras, cujos itens são estáveis, não sofrem mudança, são em número limitado etc. Entretanto, se olharmos para a história das línguas, veremos que há itens que deixaram de ser usados, dando lugar a outros, a exemplo do que ocorre com os pronomes, tais como *tu* e *nós*, gradativamente substituídos por *você* e *a gente* no Português Brasileiro, ou com as preposições *ante* e *pós*, que dão lugar a outras expressões. É óbvio que essas mudanças não ocorrem abruptamente ou num curto período de tempo. Seguindo Ilari et al. (2006: 13), "*talvez seja mais interessante pensar na diferença entre classes abertas e fechadas não como uma questão de tudo ou nada, mas em termos graduais: as classes abertas têm alta possibilidade de criação de novos membros, e as fechadas, baixa possibilidade*".

É certo que os elementos de classes fechadas apresentam uma morfologia mais simples que os elementos de classes abertas, pois não têm flexão de gênero e número, ou seja, são invariáveis. Além disso, não se cria uma preposição com a mesma velocidade que se cria nomes e verbos. Já as locuções prepositivas poderiam ser situadas numa classe intermediária, por conterem elementos de classes fechadas e classes abertas, como *ao contrário de*, *em frente a*, e assim por diante. O processo de criação de locuções é intuitivamente mais fácil do que a criação de preposições, por serem variáveis, como em *na frente de ~ em frente a*.

A mudança das preposições ocorre muito mais no âmbito da sintaxe, da semântica e do discurso. Na sintaxe, por exemplo, vemos a variação entre *em*, *a* e *para* com determinados verbos, como *ir ao cinema* / *ir no cinema* / *ir para o cinema*. Na semântica, observam-se mudanças de sentido por meio de mecanismos como metáfora, generalização etc., como em *A viagem foi desde São Paulo até o interior* [espaço], *A viagem foi desde as 7 horas até as 10 horas* [tempo] e *Falamos desde política até fofocas* [assunto/lugar abstrato]. E no discurso, podem ser observados introdutores de tópico como em "a esse respeito" e adjuntos adverbiais preposicionados introdutores de informação secundária.

Semanticamente, é comum encontrar afirmações de que as preposições são itens sem sentido próprio e que adquirem um valor pela combinação a outros termos (verbos, nomes etc.). Se assim fosse, como explicar a diferença entre as sentenças (a) e (b) ?

(a) Fulano veio de São Paulo.

(b) Fulano veio para São Paulo.

Nesses exemplos é possível verificar que é a preposição que define o estado de coisas em cada "cena": em (a), a preposição de marca o ponto de partida do trajeto percorrido por Fulano, e em (b), a preposição para marca o ponto de chegada desse trajeto. Se as preposições fossem esvaziadas de sentido, por que haveria diferentes preposições nas línguas ? Além disso, qualquer preposição serviria para estabelecer a relação entre dois termos. Por isso, não se pode falar em ausência de sentido próprio, ainda que em alguns casos seja difícil detectá-lo, especialmente em contextos mais abstratos.

Nesta pesquisa, assumo que as preposições são itens dotados de sentido específico, uns mais facilmente detectáveis, outros menos. Umas são evidentemente mais frequentes (como *de*, *para*, *em* etc.) que outras (*sobre*, *sob*, *contra* etc.) em contextos diversos, talvez por isso mesmo seu sentido seja mais diluído que aquelas menos frequentes.

Além disso, assumo que as preposições são operadores de predicação, estabelecendo relações espaciais, temporais etc. entre dois termos ou palavras. Entendo a predicação como o processo em que um termo recebe de um operador certas propriedades que antes não dispunha, ou seja, "*recebe uma contribuição semântica que não estava inscrita nas suas propriedades intensionais*" (Castilho 1994: 82). Assim, em *casa de madeira*, o termo *casa* não é necessariamente feita desse material e recebe, portanto, da preposição de tal propriedade, e assim também o termo *madeira* recebe da preposição a

propriedade de servir para a construção da casa. Vê-se que a preposição toma por escopo o termo à esquerda e o termo à direita, relacionando um ao outro.

As preposições podem introduzir as funções sintáticas de argumento (seja de nome ou de verbo) e de adjuntos. Entretanto, elas diferem no que diz respeito à distribuição, isto é, algumas possibilidades ou propriedades sintáticas atribuídas a algumas preposições podem não estar disponíveis para outras. Determinadas preposições nunca introduzem argumentos, outras são mais freqüentes nessa função. Isso mostra a heterogeneidade dessa classe de palavras (cf. Ilari et al. 2006).

Ilari et al. (2006) propõem uma classificação diferente para as preposições. Tomando por base o processo de gramaticalização³⁴, os autores dispõem as preposições numa escala que vai das menos gramaticalizadas até as mais gramaticalizadas:

Quadro 1: Preposições mais e menos gramaticalizadas (Ilari et al. 2006: 32)³⁵

menos gramaticalizadas	mais gramaticalizadas
(-) ←—————→ (+) GRAMATICALIZAÇÃO	
<i>contra</i> < <i>sem</i> < <i>até</i> < <i>entre</i> <i>sobre</i> <i>sob</i>	<i>por</i> < <i>com</i> < <i>a</i> < <i>em</i> < <i>de</i> <i>para</i>

Os autores assim caracterizam as preposições:

- a) as preposições mais gramaticalizadas são mais freqüentes que as menos gramaticalizadas;
- b) as mais gramaticalizadas podem funcionar tanto como argumentos quanto adjuntos, ao passo que as menos gramaticalizadas têm maior restrição quanto à função sintática;
- c) as mais gramaticalizadas têm valor semântico de mais difícil apreensão;

³⁴ Sobre essa abordagem, ver próximo item.

³⁵ A seta bidirecional deve ser entendida como um continuum, e seta unidirecional, como a gradação da gramaticalização.

- d) as mais gramaticalizadas podem mais facilmente ser amalgamadas a outros itens lingüísticos, como *de + esse > desse / para + um > prum / com + as > cas*, e assim por diante. As menos gramaticalizadas não permitem essa redução (cf. *sobre + essa > * sobressa*).

Uma outra forma de ver as preposições diz respeito aos eixos espaciais, também sob o ponto de vista cognitivista. Castilho (2006) ordena as preposições simples e as preposições complexas (= locuções prepositivas) divididas pelos eixos espaciais, o que pode ser observado no quadro a seguir:

Quadro 2: preposições simples e complexas separadas pelos eixos espaciais: adaptado de Castilho (2006)

EIXO ESPACIAL		PREPOSIÇÕES SIMPLES E COMPLEXAS
horizontal	ponto inicial /origem	<i>de, desde, a partir de</i>
	ponto medial	<i>por, no meio de, entre</i>
	meta	<i>a, para, até, em direção a, contra</i>
	orientação lateral	<i>à esquerda de, à direita de, para a esquerda, para a direita, ao lado de</i>
vertical	superior	<i>sobre, por cima de, em cima de</i>
	inferior	<i>sob, embaixo de, por baixo de, debaixo de</i>
transversal	anterior	<i>ante, diante de, antes de, em frente de/a, na frente de, à frente de, em face de, defronte de/a, perante</i>
	posterior	<i>atrás (de), por trás de, após, depois (de), em pós de</i>
continente/ conteúdo	interior	<i>em, com, entre, dentre, dentro de, em meio de/a, em presença de</i>
	exterior	<i>fora de, sem, na ausência de</i>
proximidade	proximal	<i>perto de, acerca de, a cabo de, junto de/a/com, a par de, à beira de, próximo a/de</i>
	distal	<i>longe de, distante de</i>

Cada língua lança mão de determinados itens para expressar a categoria cognitiva de ESPAÇO. O português tem sobretudo nas preposições essa possibilidade. A ordenação do quadro acima demonstra o sentido de base das preposições, especialmente das preposições simples. Pode-se depreender também o sentido de base das preposições complexas tomando como base o eixo em que se encaixam, mesmo que se apresentem nos usos metafóricos.

A localização de um objeto ou evento no espaço e no tempo se dá sempre em relação a outro objeto ou evento. Na literatura, os termos usados para se referir a tais objetos ou

eventos são FIGURA e PONTO DE REFERÊNCIA (ou FUNDO). As preposições, portanto, relacionam a FIGURA e o PONTO DE REFERÊNCIA. Tratarei disso mais detalhadamente no item 2.4.6

2.2 Primeira Abordagem da Gramaticalização

Vimos, no item anterior, que as preposições podem ser classificadas quanto ao grau de gramaticalização, umas mais gramaticalizadas que outras. As características especificadas levam em conta as várias definições para o que se tem chamado de gramaticalização.

Não apresentarei aqui um histórico dessa teoria, mas apenas algumas definições, princípios e mecanismos encontrados na literatura.

2.2.1 Definições de gramaticalização

Todos os pesquisadores de gramaticalização afirmam que o termo foi introduzido por Meillet (1912, apud Neves 1997 e Castilho 1997), que define o processo como "*a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra anteriormente autônoma*", levando-se em conta quando é possível identificar a fonte de uma dada forma gramatical. O exemplo clássico é o termo *back* do inglês, um nome referente à parte do corpo humano que passa a designar a preposição com valor espacial e temporal "atrás", processo em que um nome dá origem a um item gramatical (preposição) e que ocorre como um *continuum*.

No entanto, as idéias que permeiam a teoria da gramaticalização não são recentes. Para um histórico mais detalhado de tais idéias, v. Neves (1997), Heine, Claudi & Hünemeyer (1991), Hopper & Traugott (1993) e Castilho (1997, 2006).

Os conceitos de gramaticalização são variados, dependendo do tipo de abordagem, ou dos fenômenos lingüísticos estudados. Alguns afirmam que se trata de um processo em que um termo lexical se torna gramatical, ou ainda um termo gramatical que se torna mais gramatical (cf. Heine, Claudi & Hünemeyer 1991, Hopper & Traugott 1993, entre outros). Outros observam que a gramaticalização é a passagem de itens discursivos para a Gramática (Givón 1979). Há também a abordagem de fenômenos lingüísticos com base na abstratização de conceitos e sentidos, isto é, a transferência de conceitos mais concretos para conceitos mais abstratos. O ponto de partida dessa última linha é a Teoria Localista,

em que conceitos espaciais originam outros conceitos mais abstratos, tais como TEMPO, MODO, QUALIDADE etc. Esse processo é metafórico por natureza e foi bastante explorado por lingüistas como Heine, Claudi & Hünemeyer (1991), Heine (1993), Lakoff & Johnson (1980), entre outros.

Em geral, a teoria da gramaticalização é vista como uma abordagem diacrônica dos fenômenos lingüísticos, restrita à mudança das línguas. Porém, as várias linhas demonstram que a criatividade lingüística se dá tanto no plano diacrônico quanto no sincrônico. Coseriu (1980, apud Heine, Claudi & Hünemeyer 1991) observa que a dicotomia sincronia x diacronia são perspectivas da Lingüística, e não perspectivas da língua.

A definição de gramaticalização que adotarei nesta pesquisa não se encaixa nas expostas acima, mas nos estudos de Castilho (2003a, 2003b, 2004a, 2004c, 2005, 2006), que propõe que a gramaticalização seja um dos processos de criação e mudança lingüística, dentre outros como a semanticização, lexicalização e discursivização. Essa proposta será especificada no item 2.3 mais adiante.

2.2.2 Mecanismos de gramaticalização

Os mecanismos mais correntes na literatura são (a) a analogia e (b) a reanálise.

(a) *Analogia*

Atuante no eixo paradigmático, a analogia "é uma sorte de aproximação psicológica entre categorias em ausência" (Castilho 1997: 52, 2001: 58). Esse princípio não cria formas ou expressões novas, mas "estende regras a itens ainda não atingidos por ela (...)" (op.cit.). Exemplos bastante conhecidos são a explicação da nasalidade de *sim* < *sic* em relação a *non* e a forma *estive* análoga à forma arcaica *sive*, do verbo *ser*.

(b) *Reanálise*

Ao contrário da analogia, a reanálise insere-se no eixo sintagmático. De acordo com Castilho (1997: 53, 2001: 61), através desse princípio, "os falantes mudam sua percepção de como os constituintes de sua língua estão ordenados no eixo sintagmático". O exemplo mais conhecido na literatura é a formação do futuro do inglês com a expressão

going to. Na expressão *Peter is going to the city centre*, o verbo *to go* mantém seu sentido pleno de movimento do espaço físico; em *Peter is going to work*, verifica-se um momento de ambigüidade em que *work* pode ser interpretado tanto como um nome quanto um verbo. Esse tipo de expressão é reanalisada, como em *Peter is going to come*, em que o verbo *to go* já não mais expressa movimento no espaço físico, mas no tempo, e qualquer verbo pode ser usado depois de *going to* (cf. Hopper & Traugott 1993, Heine, Claudi & Hünnemeyer 1991). Em português, a mudança da fronteira sintática entre os constituintes do sintagma nominal "um tipo de saia" teve como resultado a autonomização de "tipo", que passou a ser usado como marcador conversacional³⁶.

2.2.3 Princípios da Gramaticalização

Os seguintes princípios perpassam grande parte da literatura de Gramaticalização:

(a) *Continuidade e gradualismo*

A inovação das estruturas lingüísticas ocorre de forma gradual, pois a transição de um estágio a outro não se dá com categorias discretas, delimitadas. Os estágios de gramaticalização criam um *continuum*, em que se pode identificar pontos focais. Um exemplo disso é o surgimento de verbos auxiliares.

(b) *Unidirecionalidade e simultaneidade*

Agregado ao princípio de continuidade, a unidirecionalidade caracteriza-se por considerar o processo de mudança numa só direção, irreversível, da esquerda para a direita. Um item mais gramatical, por exemplo uma preposição, nunca se transformaria num item lexical, por exemplo um nome. A escala abaixo ficou bastante conhecida na literatura que assume esse princípio:

³⁶ Para mais detalhes, v. Lima-Hernandes, Maria Célia P. (2005) *A interface sociolingüística / gramaticalização: estratificação de usos de tipo, feito, igual e como - sincronia e diacronia*. Tese de Doutorado, IEL/Unicamp.

Observe-se que nessa escala, a unidirecionalidade atestada no interior de uma mudança fonológica (palavras "pesadas" ou longas > palavras "leves" ou curtas), morfológica (radical > afixo) ou sintática (núcleo estrutural > periferia estrutural) acabou por ser postulada no interior dos sistemas lingüísticos, obscurecendo o princípio (cf. Castilho 2006).

Além de assumirem a unidirecionalidade para itens lexicais e gramaticais, Heine, Claudi & Hünnemeyer (1991) propõem que esse princípio se estenda para categorias semântico-cognitivas, de acordo com a seguinte escala:

PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE

As categorias à esquerda são mais concretas que as categorias à direita, ou seja, a escala leva em conta a abstratização das expressões que representam tais categorias. Como exemplo, pode-se pensar no item *back*, do inglês, que designa parte do corpo humano dando origem a uma preposição para expressar a localização no espaço, como em *at the back of the house*, e no tempo, como em *three years back*, que seguem a escala PESSOA > (PARTE DO CORPO) OBJETO > ESPAÇO > TEMPO. No caso do Português, tem-se expressões do tipo *estar em casa* e *estar em crise*, em que a primeira serve de fonte para a segunda (ESPAÇO > QUALIDADE): Kewitz (2002).

2.3 A descentralização da Gramaticalização

Recentemente abriram-se novas discussões em torno do que se entende por gramaticalização, os limites da teoria, as postulações etc. Para mais detalhes, ver Campbell & Janda (2001). A partir de alguns questionamentos e críticas desses autores, Castilho (2003b, 2004a, 2006) procura fornecer algumas alternativas para o tratamento da teoria da gramaticalização, e mais que isso, para o que se entende por língua na perspectiva funcionalista.

Para entender melhor a proposta de Castilho (2006), é necessário antes resumir algumas de suas conclusões sobre os estudos de gramaticalização:

- (a) *As línguas naturais são conjuntos de signos lineares e suas modificações ocorrem unidirecionalmente.*
- (b) *Os produtos lingüísticos avançam do léxico para a gramática, de tal sorte que categorias lexicais dão origem a categorias gramaticais.*
- (c) *A fonética, a sintaxe, a semântica e o discurso são domínios lingüísticos conectados por derivações.*

Castilho (2006: 02-06) entende essas afirmações da seguinte forma:

- ◆ O princípio da unidirecionalidade leva a entender a língua como uma linha em que relações de seqüencialidade e derivações podem ser estabelecidas;
- ◆ Da afirmação em (b) depreende-se que léxico e gramática são domínios lingüísticos distintos e básicos e que categorias gramaticais podem ser deriváveis de categorias lexicais. Com isso, conclui-se que a gramática deriva do léxico e que cada palavra pertence a uma única classe ou categoria³⁷;
- ◆ Fenômenos como erosão fonética, descategorização, desbotamento semântico etc. são fenômenos distintos, mas considerados todos sob o rótulo de gramaticalização na literatura;
- ◆ Os estudos de gramaticalização tendem a colocar a Gramática, a Semântica, o Discurso e o Léxico numa linha (cline) e a estabelecer uma hierarquia entre eles, de modo que se admita derivações e dependência de um para outro.

Castilho (op. cit., p. 06) conclui que "*os estudos de gramaticalização postulam a língua como uma combinação estática e linear de itens separáveis. Essa percepção se fundamenta, sem dúvida, no entendimento da língua como um produto, deslocando para um segundo plano o entendimento da língua como um processo*", ainda que a maioria dos "gramaticalizadores" assumam que a gramaticalização seja um processo de criação lingüística.

Admitindo que as ciências clássicas tomam como objeto os produtos e as ciências complexas os processos dinâmicos, o autor afirma que os dois modos de fazer ciência podem operar de modo complementar, ou seja, uma não exclui a outra:

³⁷ O autor lembra os achados dos pesquisadores do Projeto da Gramática do Português Falado sobre o polifuncionalismo de itens lexicais.

(a) *"Do ângulo de sua produção, as línguas serão definíveis como um conjunto de processos mentais, pré-verbais, organizáveis num multissistema operacional"*

Dessa postulação, decorrem os processos de lexicalização, gramaticalização, discursivização e semanticização. São processos que atuam simultaneamente, multilinearmente e dinamicamente, ao contrário dos princípios do que tradicionalmente se rotula gramaticalização.

(b) *"Do ângulo dos produtos, as línguas serão apresentadas como um conjunto de categorias igualmente organizadas num multissistema"*

Nessa perspectiva, as categorias da língua como produto se reúnem nos seguintes subsistemas: Léxico, Gramática, Discurso e Semântica.

Castilho propõe que a articulação entre processos e produtos ocorre pelo compartilhamento de propriedades comuns entre eles. Isso se dá pelos princípios sociocognitivos de ativação, reativação e desativação dessas propriedades, de que trato no próximo item.

2.3.1 Princípios sociocognitivos

Os princípios são *sociais* por se basearem nas situações do ato de fala, e são *cognitivos* por envolverem categorias mentais como VISÃO, ESPAÇO, MOVIMENTO etc. Citarei a seguir a definição de cada princípio proposto pelo autor (2003b, 2006):

- princípio de ativação: *é o movimento mental em que selecionamos as propriedades lexicais, gramaticais, semânticas e discursivas. Quando conversamos, tentamos prever os movimentos verbais do interlocutor, o que assegura a manutenção da conversação.*
- princípio de reativação: *movimento mental em que reativamos as propriedades lexicais, gramaticais, discursivas e semânticas, além das palavras que as representam. Trata-se de uma volta ao enunciado produzido anteriormente, através dos mecanismos de repetição e paráfrase. A reanálise capta esse princípio: reanalisam-se palavras, sintagmas e sentenças.*

- princípio de desativação: *movimento em que abandonamos as propriedades previamente ativadas. Este princípio mostra que o silêncio é igualmente constitutivo da linguagem. Além disso, as chamadas 'despreferências' consistem em verbalizar o que não é esperado, como, por exemplo, quando respondemos a uma pergunta com outra pergunta. Gera-se um silêncio no planejamento verbal, a que se seguem simultaneamente as ativações e as reativações.*

Esses princípios, segundo o autor, atuam por "acumulação de impulsos", ou seja, ocorrem simultaneamente, e não seqüencialmente, contrariando o princípio da unidirecionalidade, levando-se em conta a língua como processo. Com isso, fenômenos como desbotamento ou enfraquecimento semântico, erosão fonética etc. não se encaixam nessa perspectiva, pois a língua é um processo contínuo de perdas e ganhos, de ativações, reativações e desativações. Além disso, essa visão se desprende dos princípios de determinação e dependência entre os subsistemas, pois são postulados como independentes, ainda que haja relações entre eles. A meu ver, as possíveis relações que se pode estabelecer entre os subsistemas não nos leva a postular tal determinação.

2.3.2 Processos e produtos

Os processos (lexicalização, semanticização, discursivização e gramaticalização) e os produtos (Léxico, Semântica, Discurso e Gramática) são caracterizados por Castilho (2006: 21-31) da seguinte forma³⁸:

- (a) **Lexicalização**: *"processo de criação de itens lexicais a partir de um conjunto de categorias e subcategorias cognitivas prévias à enunciação e misteriosamente reunidas nesses itens". As categorias cognitivas consideradas pelo autor são OBJETO, ESPAÇO, TEMPO, VISÃO, MOVIMENTO, EVENTO etc. e as subcategorias referem-se aos traços inerentes ou propriedades intensionais dos itens lexicais.*

³⁸ As definições foram transcritas de Castilho (2006), e os exemplos, das versões anteriores (Castilho 2003b, 2004a), bem como de Castilho (2006).

Léxico: "conjunto de itens que resultam da Lexicalização". Os itens lexicais formam-se por etimologia, neologia, derivação ou empréstimo. "Os itens integram classes de palavras (=categorias lexicais) tais como Nome, Verbo, Adjetivo, Advérbio, Artigo, Conjunção ou Preposição. Cada item disposto nessas classes representa a lexicalização de uma determinada matriz de traços, não sendo o caso de admitir que um Nome gera um Advérbio, e este uma Preposição, e assim por diante, como se lê na literatura de gramaticalização".

O autor entende que Léxico e Lexicalização fazem parte de um continuum da cognição pré-verbal.

Relacionando os princípios sociocognitivos ao processo de Lexicalização, temos o seguinte quadro:

Quadro 3: Princípios sociocognitivos na Lexicalização

		ATIVACÃO	REATIVAÇÃO	DESATIVAÇÃO
lexical	<i>definição</i>	(lexicalização) movimento mental de escolha das categorias cognitivas e seus traços semânticos que se agruparão nas palavras.	(relexicalização) movimento mental pelo qual rearranjamos as propriedades lexicais e as palavras que as representam	(deslexicalização) é a morte das palavras. Geralmente, há variação entre o item que sai e o item que entra, antes de a troca lexical ser consumada.
	<i>exemplos</i>	Na lexicalização de <i>ante</i> foram escolhidas a categoria de ESPAÇO e a subcategoria de ESPAÇO TRANSVERSAL ANTERIOR. Seu étimo deu origem no Latim a três categorias lexicais: (i) pronome-advérbio locativo e temporal; (ii) preposição locativa e temporal; (iii) locução conjuncional correlativa com sentido de comparação	preposição <i>ante</i> e suas relexicalizações <i>avante</i> , <i>diante</i> [< <i>de in ante</i>], <i>adiante</i> [< <i>ad de in ante</i>]. Prefixo <i>ante-</i> e suas relexicalizações como em <i>antecipação</i> e <i>anteontem</i> . Preposição <i>depois</i> sendo relexicalizada como <i>adispois</i> .	Substituição de preposições no PB: - a > em / para / Ø - em > ni - de > desde - ante > diante de - após > depois de

(b) **Semanticização:** "processo de criação, alteração e categorização dos sentidos. Esse processo compreende a semanticização léxica, a semanticização composicional e a semanticização pragmática". Aqui incluem-se estratégias cognitivas de emolduramento da cena com seus participantes e sua hierarquização, ou seja, selecionamos a Figura e o Objeto de Referência, entre outras estratégias. Mecanismos como a metáfora, a metonímia, a generalização etc. atuam na alteração dos sentidos.

Semântica: pode-se dizer que é o conjunto de sentidos enquanto produtos. A Semântica Lexical envolve questões de sinonímia, polissemia e campos semânticos. A Semântica Composicional examina "os processos metonímicos de troca de propriedades de itens dispostos em contigüidade sintagmática". E a Semântica Pragmática lida com as significações surgidas no espaço entre os interlocutores e os signos lingüísticos, em que se criam sentidos não contidos nos itens lingüísticos, nem nas construções gramaticais. Inserem-se aqui processos como inferência, pressuposição, implicatura conversacional etc.

Quadro 4: Princípios sociocognitivos na Semantização

		ATIVACÃO	REATIVAÇÃO	DESATIVACÃO
semântica	definição	(semantização) criação dos significados de que resultam as categorias da dêixis/foricidade, da referenciação, da predicação, da verificação e da conexidade.	(ressemantização) alteração da adequação dos sentidos à representação dos OBJETOS e EVENTOS.	(dessemantização) está por trás das alterações de sentido provocadas pela metáfora, metonímia, generalização e especificação, pelas quais "silenciamos" o sentido anterior e simultaneamente ativamos novos sentidos.
	exemplos	Os itens <i>ante</i> e <i>perante</i> predicam seu complemento preservando seu valor prototípico (ESPAÇO) quando o ponto de referência é lexicalizado por um objeto [+concreto]	<i>ante</i> : ESPAÇO ANTERIOR passando para TEMPO ANTERIOR (<i>antes das eleições</i>) e CAUSA (<i>o espírito do partido quebrou duas fúrias ante as considerações do bem público</i>).	<i>antes</i> : em <i>antes você não tivesse vindo a S.Paulo</i> , o item perde seu valor espacial e se ressemantiza adquirindo um valor modal.

(c) **Discursivização:** "é aqui entendida como o processo de criação do texto, isto é, como um conjunto de atividades de negociação conversacional em que se envolvem o locutor e o interlocutor (ou o autor e o leitor) através das quais (i) se instanciam as pessoas do discurso e se constroem suas imagens, (ii) se organiza a interação através da elaboração do tópico conversacional (...), (iii) se organiza essa interação através dos procedimentos de correção sociopragmática, (iv) se abandona o ritmo em curso através de digressões e parênteses (...), e (v) se estabelece a coesão textual por meio de expedientes vários".

Discurso: "o produto da Discursivização é o texto e sua ordenação em gêneros discursivos". O texto é resultado de "(i) organização das unidades discursivas (...), (ii) reformulação do quadro tópico (...), (iii) descontinuação tópica (...), e (iv) conexão textual".

Quadro 5: Princípios sociocognitivos na Discursivização

		ATIVIZAÇÃO	REATIVAÇÃO	DESATIVAÇÃO
discursiva	definição	(discursivização) seleção de palavras necessárias à hierarquização dos tópicos, à construção das unidades discursivas etc.	(rediscursivização) abre caminho à repetição, correção e paráfrase dos anunciados que asseguram a coesão do texto.	(desdiscursivização) é o abandono da hierarquia tópica com estratégias como parênteses e digressão.
	exemplos	Itens como <i>antes</i> e <i>depois</i> são ativados como discursivizadores indicando "espaço/tempo no discurso", como em <i>Antes de tudo, me explique esse negócio / Depois, ela nem sabe se dará certo mesmo.</i> O item <i>vez</i> funciona como um iniciador de narrativa: <i>era uma vez, uma vez ele me disse...</i>	<i>ante(s)</i> como item rediscursivizador: <i>Ante a perspectiva da Copa do Mundo, será melhor... / Ou antes, caíam fora porque o PCC voltou a atirar.</i>	v. Jubran & Koch (2006)

(d) **Gramaticalização:** são as alterações fonológicas (*fonologização*), morfológicas (*morfologização*) e sintáticas e funcionais (*sintaticização*).

Gramática: é o conjunto de estruturas "em processo de cristalização, dispostas em três subsistemas: *Fonologia (...), Morfologia (...)* e *Sintaxe*".

Quadro 6: Princípios sociocognitivos na Gramaticalização

		ATIVIZAÇÃO	REATIVAÇÃO	DESATIVAÇÃO
gramatical	definição	(gramaticalização) é responsável pela fonologização, morfologização, sintaticização, ordenação dos constituintes, concordância e organização da estrutura argumental.	(regramaticalização) é a reformulação das construções ³⁹ , como a mudança de fronteira sintática, redobrimento sintático etc.	(desgramaticalização) responsável pela categoria vazia.
	exemplos	Morfologização de <i>vez</i> : perda da flexão de n.º em <i>das vez que ele falou...</i> O item <i>ante</i> pode introduzir argumentos e adjuntos.	<i>Tipo:</i> de núcleo de SN ([um] [tipo] [de saia]), passa a especificador desse sintagma ([um tipo de] [saia]) e marcador discursivo: <i>tipo assim, vamos tomar um café?</i> <i>Redobrimento:</i> <i>Eu estou aqui na sala.</i>	Fonologia - erosão fonética Morfologia - morfema flexional zero Sintaxe - elipse ou categoria vazia (OD nulo etc.)

³⁹ A literatura capta esse princípio por meio de termos como *poligramaticalização* e *reanálise* (mudança das fronteiras entre constituintes).

Vê-se, com essa proposta, que a gramaticalização é *um* dentre outros processos de criação lingüística, pois leva em conta cada subsistema separadamente. Entendo que essa separação é pertinente metodologicamente, pois assim se pode observar cada fenômeno com mais precisão, evitando, portanto, regras de determinação e dependência entre eles.

2.4 Lingüística Cognitiva

Nas últimas décadas, as pesquisas lingüísticas têm se preocupado com questões que vão além da estrutura, em especial temas que relacionam a capacidade mental do ser humano e o mundo à sua volta. Tais temas estão ligados ao que se entende por *cognição*.

Na lingüística, em termos gerais, a cognição refere-se a um nível intermediário na relação entre linguagem e o mundo físico (cf. Svorou 1994: 02). Langacker (1987: 12) aponta que a linguagem é uma parte integrante da cognição humana, e por isso a estrutura lingüística pode ser analisada em articulação com os processos cognitivos.

Não há uma única Lingüística Cognitiva, mas sim um conjunto de teorias cognitivas da linguagem. Um ponto em comum entre essas teorias é o de rejeitar uma descrição formal e enfatizar uma descrição funcional do dinamismo mental.

Grande parte dos estudos de Lingüística Cognitiva surgiram da chamada "semântica gerativa", que rompe com o programa chomskyano e "*desenvolve um campo investigativo bastante heterogêneo*" (Salomão 2006). Tal rompimento se dá por causa da dificuldade em abordar a questão do sentido e da idiomacidade, isto é, da grande variedade de línguas do mundo.

Salomão (op. cit.) observa que, apesar da heterogeneidade das teorias cognitivas, há uma unidade essencial com base em três proposições:

- (i) *A cognição lingüística é contínua aos demais sistemas cognitivos; portanto a linguagem não é um sistema cognitivo autônomo.*
- (ii) *A gramática é uma grande rede de construções; portanto postula-se uma continuidade básica entre sintaxe e léxico, calcada no uso lingüístico.*
- (iii) *Todo processo de significação precede pela projeção entre domínios cognitivos; portanto, a semântica cognitivista tem um viés inferencialista (...).*

Em linhas gerais, a abordagem cognitivista não aceita a afirmação de que as categorias lingüísticas são homogêneas e discretas (cf. Silva 1997, apud Castilho 2001:19, Heine et alii 1991, Givón 1986, entre outros), e evita estabelecer relações de determinação e derivação entre categorias cognitivas e lingüísticas: Castilho (2001: 20).

Como conjunto de teorias, a Lingüística Cognitiva envolve os seguintes campos de investigação: Teoria do Caso/Frame Semantics/Gramática de Construções, Teoria dos Protótipos, Teoria da Metáfora, Teoria dos Espaços Mentais, Gramática Cognitiva e Semântica Cognitiva. Abordo cada uma de forma muito breve, com exceção da Semântica Cognitiva, que serviu de base para a análise semântica das preposições **a** e **para**.

2.4.1 Teoria do Caso/Frame Semantics/Gramática de Construções

No contexto da Gramática Transformacional, a Teoria do Caso é atribuída especialmente a Fillmore no conhecido artigo *The Case for Case* de 1968, resenhado brevemente no capítulo 1 desta pesquisa. Essa teoria propõe a análise de sentenças como constituídas pela combinação de um verbo e um conjunto de casos profundos (casos semânticos), como Agente, Instrumento etc.

A partir dos anos setenta, Fillmore reformula grande parte de sua Teoria do Caso sob o título *The Case for Case Reopened* (1977). Nesse artigo, vê-se claramente que o autor incorpora à teoria categorias cognitivas como ORIENTAÇÃO e PERSPECTIVA: "*The parts of a message can be divided into those that are 'in perspective' and those that are 'out of perspective'. My current position is that it is the orientational or perspectival structuring of a message which provides the subject matter for the theory of cases (...)*" (pp. 60-61). Além disso, o autor assume que a Semântica é o estudo das cenas cognitivas criadas ou ativadas pelo enunciado. Isso quer dizer que escolhemos e entendemos expressões ao ativarmos, em nossa mente, cenas, imagens ou memórias de experiências.

Nos anos oitenta, Fillmore desenvolve uma nova teoria: Frame Semantics (1982, Semântica de Enquadramento). Segundo essa nova perspectiva, não se pode entender o sentido de uma palavra sem ter acesso a todo conhecimento essencial relacionado a ela. Por exemplo, não entenderíamos a palavra "vender" sem conhecer nada sobre uma transação comercial, em que estão envolvidos um vendedor, um comprador, a mercadoria, o dinheiro e as relações entre cada um deles. Nesse sentido, uma palavra ativa, ou evoca, um quadro de conhecimento semântico relacionado ao conceito específico a que se refere. Esse quadro

baseia-se em experiências recorrentes - como no exemplo, experiências recorrentes de transação comercial. Além de ativar conceitos individuais, as palavras especificam como o quadro semântico é visto: "vender", por exemplo, expressa a perspectiva do vendedor; "comprar", do comprador, e assim por diante. Essas idéias têm alguns pontos em comum com a Gramática Cognitiva de Langacker (1987), assunto do item 2.4.5 mais adiante.

Esse modo de ver as coisas não se limitou à palavra, mas estendeu-se a construções gramaticais e outras unidades lingüísticas mais complexas. Essa abordagem tem sido parcialmente incorporada a uma outra teoria, a Gramática de Construções.

A Teoria da Gramática de Construções (*Construction Grammar*) é um conjunto de modelos, desenvolvido nos anos oitenta com o objetivo de lidar com fenômenos que estavam intrinsecamente além do domínio da gramática gerativa. A teoria rejeita a derivação e a modularização e procura dar conta de todos os fatos da língua.

Os primeiros lingüistas nessa linha foram Fillmore et al. (1988, apud Croft 2004) e Lakoff (1987)⁴⁰. Outros pesquisadores nessa abordagem são Goldberg (1995, 2003) e Croft (2001, 2004). Para definir o termo *constructions*, sirvo-me das palavras de Goldberg (2003: 219-222): "*Constructions are stored pairings of form and function, including morphemes, words, idioms, partially lexically filled and fully general linguistics patterns. Any linguistic pattern is recognized as a construction as long as some aspect of its form or function is not strictly predictable from its component parts or from other constructions recognized to exist. (...) The inventory of constructions (...) is understood to be learned on the basis of input together with general cognitive mechanisms*".

2.4.2 Teoria dos Protótipos

Essa abordagem surgiu da Psicologia Cognitiva de Rosch (1975, apud Givón 1986) e Rosch & Lloyd (1977, apud Givón 1986) que propõe uma solução híbrida ou um meio-termo entre a visão clássica (Platão) e a visão natural (Wittgenstein), dois extremos da categorização. Segundo a visão platônica, as categorias são discretas, absolutas e com fronteiras bem marcadas. Na visão naturalista, as categorias não são discretas e absolutas, mas pouco claras (*fuzzy*) e dependentes do contexto em que são usadas.

⁴⁰ Alguns estudiosos referem-se a Langacker (1987) como pesquisador da Gramática de Construções, ainda que raramente utilize o termo "construção". Seus estudos são mais conhecidos sob o rótulo *Gramática Cognitiva* (v. item 2.4.5 adiante).

Esse meio-termo significa propor um *continuum* categorial, em que as categorias lingüísticas e cognitivas não são definidas em termos de propriedades únicas e simples, mas são formadas nas interseções de um número de traços ou propriedades típicas que tendem a coincidir estatística e probabilisticamente. Os elementos de um dado conjunto são os mais típicos - os *protótipos*.

Pode-se dizer que a Teoria dos Protótipos é mais flexível que as visões platônica e natural, ainda que se aproxime mais da teoria de Wittgenstein: Givón (1986). Para mais detalhes da Teoria dos Protótipos, ver Givón (1986), Lakoff & Johnson (1980) e Taylor (1995).

2.4.3 Teoria da Metáfora

De certa forma, a Teoria da Metáfora se apropria das noções em torno da Teoria dos Protótipos, pois quando os elementos são selecionados como pertencentes a uma categoria, tomando como base a similaridade com seu protótipo, a metáfora é um processo atuante na seleção de tais características: Givón (1986: 90). É a natureza não discreta e não clara das categorias prototípicas que permite outros elementos se incluírem numa categoria. Por exemplo:

*João construiu um muro à sua volta*⁴¹.

Se interpretado metaforicamente, o comportamento de *João* tem relação com o sentido literal - o sentido prototípico de "construir um muro em volta de algo". A base dessa interpretação refere-se às inferências envolvidas: muros são construídos para proteção contra alguma ameaça, e isso resulta no isolamento daquele que construiu o muro. A extensão metafórica permite que a interpretação de "comportamento" se inclua na categoria do protótipo: Givón (1986: 91).

A Teoria da Metáfora foi bastante explorada por Lakoff & Johnson (1980) e Lakoff (1987), e dela se apropriaram muitos gramaticalizadores (Heine et alii 1991, para citar apenas um).

Lakoff & Johnson (1980) abordam a metáfora como um mecanismo que vai muito além da retórica e da literatura. Ao contrário, ela faz parte da linguagem do dia-a-dia, daí

⁴¹ Exemplo traduzido de Givón (1986: 90).

o título do livro *Metaphors we live by*. A metáfora está presente não só na linguagem, mas também nas ações e nos pensamentos. Mas é na linguagem que ela pode ser melhor observada. Consideremos o conceito ARGUMENTO e a metáfora conceitual ARGUMENTO É GUERRA⁴²:

Eu destruí seu argumento

Nunca ganhei uma discussão com ele.

Ele atacava cada ponto fraco da minha argumentação

Se você usar essa estratégia, ele o destruirá.

Ganhamos ou perdemos discussões, planejamos e usamos estratégias, vemos a pessoa com a qual discutimos como um oponente, atacamos e defendemos posições/opiniões etc. Muito do que fazemos numa discussão ou argumentação baseia-se no conceito de guerra, ainda que não haja batalha ou ataque físico. A essência da metáfora está em entender e experienciar uma determinada coisa em termos de outra.

Geralmente, tomamos como base algo visível e delineável para expressar conceitos abstratos. Por isso, grande parte do conceito-fonte (GUERRA) refere-se às noções de espaço, como PARA CIMA / PARA BAIXO, como nos exemplos a seguir⁴³:

FELIZ É PARA CIMA / TRISTE É PARA BAIXO

Você está com alto astral

Estou com o humor lá em cima

Fulano está pra baixo

Caiu numa depressão profunda

A base física ou espacial desses exemplos diz respeito ao fato de que a postura arcada tipicamente se refere à tristeza e à depressão, ao passo que a postura reta refere-se a um estado emocional positivo.

Os autores relacionam diversos tipos de metáfora: imagética, ontológica, estrutural, orientada etc. Para mais detalhes, ver Lakoff & Johnson (1980) e Lakoff (1987).

⁴² Exemplos adaptados de Lakoff & Johnson (1980).

⁴³ Exemplos adaptados de Lakoff & Johnson (1980).

2.4.4 Teoria dos Espaços Mentais

Elaborada principalmente por Fauconnier (1984, apud Castilho 2001) e Fauconnier & Turner (1998, apud Castilho 2001), a Teoria dos Espaços Mentais envolve o entendimento de que os significados são construções mentais permanentes através de analogias, metáforas, metonímias, operações entre domínios conceituais etc. Trata-se basicamente de um modelo cognitivo idealizado, em que *"as estruturas gramaticais fornecem indícios sobre a construção desses espaços"*: Castilho (2001: 25).

Segundo essa teoria, o significado é um processo de complexas operações de projeção, de articulação de múltiplos domínios conceituais e de mesclagem (*blending*). Os Espaços Mentais são domínios dinâmicos por ocorrerem enquanto pensamos e falamos. São externamente ligados uns aos outros por marcas lingüísticas e contextuais - como sintagmas preposicionados, adverbiais, sentenças, tempo e modo verbal etc. - e são internamente estruturados por domínios estáveis. Estes correspondem à estrutura de memória pessoal e social; são conhecimentos prévios que estruturam os Espaços Mentais: Miranda (1999).

2.4.5 Gramática Cognitiva

Esta teoria é atribuída especialmente a Langacker (1987), que postula que a língua consiste em unidades semânticas, fonológicas e simbólicas (pares convencionais de unidades semânticas e unidades fonológicas. Da mesma forma que na Teoria da Gramática de Construções, a Gramática Cognitiva estende a noção de unidades simbólicas às gramáticas das línguas, ou seja, construção é uma unidade simbólica complexa.

Semelhantemente às outras teorias, o conteúdo conceitual é essencial na Gramática Cognitiva, assim como a construção desse conteúdo. Castilho (2001: 71) assim interpreta essa noção: *"um modo prático de conceber o conteúdo é pensar metaforicamente nele como uma cena, ao passo que a construção é o modo particular de olhar essa cena"*.

Os conteúdos conceituais são conjuntos de domínios cognitivos. Os domínios básicos são aqueles que não podem ser analisados em termos de domínios menores, e aí se incluem os domínios de espaço, tempo, cheiro, temperatura etc., ou seja os domínios da experiência humana. Os domínios menos básicos são os que podem ser analisados em termos de outros, como sensorial x intelectual, estático x dinâmico etc. (cf. Castilho, op.cit).

A construção do conteúdo pode ser definida pelas seguintes dimensões: especificidade/esquematicidade (grau de precisão pelo qual uma cena é caracterizada), focalização (processo em que acessa-se partes específicas do universo conceitual), proeminência (também entendida como saliência do domínio escolhido) e perspectiva (ponto de vista e dinamicidade): Castilho (op.cit).

Dessas dimensões, talvez a mais aplicada na literatura seja a de proeminência em que se salienta um trajecto (*trajector*) em relação a um marco (*landmark*), isto é, localiza-se uma entidade em relação a outra (ex.: *a bicicleta ao lado da casa*, em que *bicicleta é trajector e casa é landmark*). Os termos *trajector* e *landmark* tornaram-se bastante correntes na literatura.

Svorou (1994), por exemplo, explora detalhadamente as relações espaciais em diversas línguas africanas. Para a autora, algumas entidades tendem a servir de marco (ou ponto de referência) mais do que outras. Para exemplificar, dificilmente diríamos "a casa ao lado de Pedro", mas sim "Pedro ao lado da casa". A codificação de relações espaciais envolve a relevância (ou saliência) cultural que certas entidades têm numa determinada comunidade. Leva-se em conta também a frequência de uso, por conta da familiaridade que se tem com certas entidades nessa comunidade.

2.4.6 Semântica Cognitiva

Os estudos em Semântica Cognitiva encontram maior representação nos trabalhos de Talmy (2003a, 2003b, 2005a, 2005b), que se concentra nos padrões e nos processos que organizam os conceitos na língua. Para ele, a relação entre uma expressão lingüística e as coisas no mundo não pode ser direta, mas deve passar pela mente dos usuários da língua, que devem reconhecer tal expressão. Dessa forma, uma expressão lingüística evoca um conceito na mente desse usuário pelo sistema cognitivo. Esse conceito é, em seguida, relacionado a outros conceitos em sua mente, incluindo conceitos referentes ao mundo à sua volta: Talmy (2003a: 309).

Para o autor, a língua constitui-se de dois subsistemas: o Léxico e a Gramática. No primeiro subsistema, incluem-se os itens de classes abertas, portadoras de conteúdo. Na gramática, inserem-se os itens de classes fechadas, que estruturam a conceitualização. A literatura de gramaticalização refere-se a essas duas classes sob o termo de *itens lexicais* e *itens gramaticais* (ou *mais gramaticais*), respectivamente. O foco de Talmy recai sobre os

itens de classes fechadas, especialmente as preposições e as conjunções (sobretudo do inglês). Nas seções seguintes, apresento os pontos mais relevantes dos estudos de Talmy, que serão retomados nos demais capítulos desta pesquisa. Os exemplos serão traduzidos ou adaptados para o Português sempre que possível; quando se tratar de algum item específico do inglês, colocarei uma tradução aproximada, logo abaixo do exemplo.

2.4.6.1 *Figura e Ponto de Referência*

Uma das grandes contribuições dos trabalhos de Talmy é o fato de trazer à lingüística as noções de Figura e Fundo / Ponto de Referência⁴⁴ (Figure/Ground), primordiais para a análise das construções referentes ao espaço, ou seja, de como a língua estrutura o espaço. O autor assim define Figura e Fundo (op.cit, p. 184):

The Figure is a moving or conceptually movable entity whose site, path, or orientation is conceived as variable the particular value of which is the relevant issue.

The Ground is a reference entity, one that has a stationary setting relative to a reference frame, with respect to which the Figure's site, path, or orientation is characterized.

Essa definição diz respeito a localizações mais prototípicas de uma entidade numa relação assimétrica com outra entidade, como nos exemplos abaixo:

A casa fica perto da igreja.

Figura

Ponto de Referência

A bicicleta estava atrás da casa.

Figura

Ponto de Referência

A localização de uma entidade em relação à outra pode ser estabelecida por sua estatividade, como nos exemplos acima, por seu movimento, ou ainda por um movimento fictício, como em:

⁴⁴ Nesta pesquisa, adoto o termo *Ponto de Referência*, em vez de *Fundo*. Em alguns contextos específicos, será utilizado também o termo *Objeto de Referência*.

The fence goes from the plateau to the valley. (A cerca vai do planalto para o vale)

Figura

Pontos de Referência

*The scenery rushed past us as we drove along.*⁴⁵ (O cenário passou rapidamente por nós enquanto viajávamos)

Figura

Ponto de Referência

em que a *cerca* (*fence*) apresenta um movimento fictício e uma estatividade factiva ou real, o mesmo se dá com o *cenário* (*scenery*). Isso reflete uma tendência cognitiva para o dinamismo. Esse fenômeno também é objeto de estudo da Teoria da Metáfora (2.4.3 deste capítulo).

As propriedades essenciais da Figura e do Ponto de Referência são as seguintes: (op. cit, p. 183):

Figura	Ponto de Referência
(a) possui propriedades espaciais ou temporais desconhecidas a serem determinadas	atua como entidade de referência com propriedades conhecidas que podem caracterizar as propriedades desconhecidas da Figura
(b) é mais móvel	está localizado mais permanentemente
(c) é menor	é maior
(d) é geometricamente mais simples (em geral como um ponto)	é geometricamente mais complexo
(e) está mais recentemente na cena ou no conhecimento	presente na cena ou na memória anteriormente
(f) de maior importância/relevância	de menor importância/relevância
(g) menos imediatamente perceptível	mais imediatamente perceptível
(h) uma vez percebido, é mais saliente	uma vez que a Figura é colocada em cena, o PR fica desfocalizado
(i) mais dependente	mais independente

Essas caracterizações da Figura e do Ponto de Referência estão relacionadas ao conhecimento de mundo. Isto é, a familiaridade que temos com o mundo à nossa volta nos permite localizar a bicicleta em relação à casa, mas não ao contrário, pois a bicicleta apresenta a maior parte das propriedades da Figura relacionadas acima, assim como a casa como Ponto de Referência. Por isso, a relação entre a Figura e o Ponto de Referência é

⁴⁵ Talmy (2003a: 99).

geralmente assimétrica. Obviamente que podemos localizar uma pessoa em relação a outra, ou um objeto em relação a outro objeto idêntico, mas as possibilidades de relação são mais limitadas: por exemplo, não dizemos que "Fulano está dentro ou fora de Beltrano".

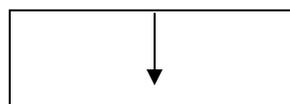
As propriedades (f) a (i) referem-se mais à questão da atenção do que à configuração espacial em si, pois a relevância da Figura sobre o Ponto de Referência será dada pelo foco que o falante quer dar a cada participante da cena. No item 2.4.6.4, trato dessa questão mais detalhadamente.

2.4.6.2 *Selecionando a Figura e o Ponto de Referência*

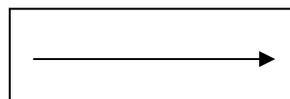
A localização de um objeto envolve, segundo o autor, processos de divisão ou segmentação do espaço em sub-regiões. Os itens lingüísticos de classes fechadas, especialmente as preposições, delineiam um campo e os objetos de referência aí contidos.

A complexidade de caracterizações geométricas do Ponto de Referência é infinitamente maior do que da Figura, geralmente vista e conceituada como um simples ponto ou forma. No entanto, algumas preposições representam a complexidade de ambos. Como exemplo, Talmy analisa detalhadamente a configuração espacial das preposições inglesas *across* e *along* (op. cit., p. 187-9):

(a) The gate was set *across*/crosswise to the pier.
"O portão foi colocado perpendicularmente ao cais"



(b) The gate was set *along*/parallel to the pier.
"O portão foi colocado ao longo do cais"



A preposição *across* em (a) define tanto a complexidade do Ponto de Referência, quanto da Figura:

Figura

- é uma entidade linear
- seu eixo é horizontal
- paralela ao plano do PR
- adjacente ao plano do PR
- tem contato com as bordas do PR

Ponto de Referência (PR)

- é um objeto plano com duas bordas paralelas
- seu plano é prototipicamente horizontal

A preposição *along* em (b) especifica a orientação da Figura - o portão - em relação à geometria do Ponto de Referência. Observando o desenho ao lado de cada exemplo, (a) só pode ser descrito com a preposição *across*, e (b) com a preposição *along*, justamente porque definem a orientação da geometria e posição da Figura em relação à geometria do Ponto de Referência.

Casos como esses não são comuns a todas as línguas. O Português, por exemplo, não dispõe de uma única preposição que descreva exatamente a mesma configuração espacial que *across* e *along*, como se vê na tradução aproximativa dos exemplos em inglês. Os recursos que cada língua dispõe para descrever situações como essas compõem o inventário de itens lingüísticos que servirão para esse fim.

Prototipicamente, as preposições limitam a Figura a um único ponto (exceto os casos arrolados acima), ao passo que podem marcar o Ponto de Referência mais elaboradamente, em diferentes partes ou graus de divisão, como se observa nos exemplos abaixo (op. cit. p. 191-2):

NEAR	The bike stood <i>near</i> the boulder. "A bicicleta estava <i>perto do</i> penedo"	O Ponto de Referência é visto esquematicamente como um ponto único.
BETWEEN	The bike stood <i>between</i> the boulders. "A bicicleta estava <i>entre os</i> penedos"	O Ponto de Referência é visto como um par de pontos.
AMONG	The bike stood <i>among</i> the boulders. "A bicicleta estava <i>entre os</i> penedos"	O Ponto de Referência é visto como um conjunto de mais de dois pontos, mas não muitos.
AMIDST	The bike stood <i>amidst</i> the cornstalks. "A bicicleta estava <i>entre o/ no meio do</i> milharal"	O Ponto de Referência é visto como uma massa agregada, isto é, um conjunto de pontos numerosos o suficiente para ser conceitualizado como uma massa contínua.

Nota-se, através da tradução dos exemplos acima, que o Português não apresenta as mesmas distinções em relação ao Ponto de Referência. Podemos dizer que a bicicleta está perto do milharal ou de uma pedra, ou seja, de uma massa contínua ou de um ponto, respectivamente. O mesmo se pode dizer de *near*, em inglês: *the bike stood near the cornstalks*. Nos demais exemplos em que o autor diferencia *between*, *among* e *amidst*, pela tradução se verifica que, além da preposição *entre*, poderíamos usar a locução "no meio de", sem diferenciar um ponto de um conjunto de pontos: *a bicicleta estava no meio dos penedos* (sejam estes dois penedos ou vários).

Talmy não faz referência à mudança em progresso: no inglês falado há uma tendência de neutralizar a diferença entre *between* e *among*, e o item *amidst* (ou *amid*) tem um uso mais restrito e mais formal que *among*⁴⁶, geralmente encontrado em textos antigos ou literários. Ainda que seu estudo não seja diacrônico ou variacionista, há de se levar em conta o uso real da língua, especialmente na modalidade falada.

O autor apresenta em seu estudo uma vasta análise de caracterizações de algumas outras preposições que definem a seleção da Figura e, sobretudo, do Ponto de Referência, que envolvem a estrutura configuracional (tais como, assimetria de partes do Ponto de Referência; contato com uma parte assimétrica; assimetria de direcionamento; assimetria de movimento etc.). O Ponto de Referência pode ser desdobrado em duas entidades (reais ou imaginárias), ao que o autor chama de Ponto de Referência primário e Ponto de Referência secundário.

O Ponto de Referência secundário geralmente não é expresso, mas implícito num determinado termo espacial. O autor classifica-o de diversas formas, mas aqui limito-me a defini-lo com o apoio de alguns exemplos:

(a) John is ahead of Mary (in the line).

A expressão entre parênteses (*in the line* "na fila") serve como segundo Ponto de Referência, sendo *Mary* o primário. Para localizar a Figura, John, precisamos saber não apenas a localização de *Mary*, mas também a direcionalidade de um outro objeto de referência, a fila, de modo que a expressão *ahead of* seja entendido e tenha validade.

Um dos Pontos de Referência secundário mais comuns refere-se às orientações estabelecidas pela Terra: leste, oeste, norte, sul. Exemplo:

(b) A bicicleta está no lado leste da igreja

em que *lado leste* funciona como objeto secundário e *igreja* como objeto primário. Os eixos espaciais do quadro 2, na primeira seção deste capítulo, têm como base as orientações da Terra. Os dois tipos de Objeto de Referência secundário exemplificados acima são considerados inclusivos, nos termos do autor, por incorporarem partes do objeto de

⁴⁶ cf. *Cambridge International Dictionary of English* (1995, P.Procter ed.).

referência primário. Mas há também aqueles que são externos ao primário: o falante e/ou o ouvinte:

(c) A bicicleta está deste lado da igreja.

(d) O viajante está além da fronteira.

Nesses casos, a perspectiva do falante, ou seja, sua posição em relação à cena serve como Ponto de Referência secundário externo. Em (c), a Figura é localizada em função da igreja, mais especificamente em relação à posição que o falante ocupa diante da igreja, ou seja, na direção do falante. Em (d), a localização do viajante é entendida como sendo na fronteira longe da localização do falante.

Com base nesses estudos, fica uma questão: em que medida as preposições portuguesas apresentam restrições na seleção da Figura e do Ponto de Referência? O número de preposições portuguesas é menor comparado ao do inglês. Talvez por isso, não haja grandes restrições quanto à caracterização geométrica da Figura e do Ponto de Referência, visto não termos uma preposição tão específica como *across*, por exemplo. Nesse sentido, poderiam as locuções prepositivas e adverbiais desempenhar esse papel? Para poder responder a essas perguntas, seria necessário um estudo bastante amplo de cada preposição simples e complexa no Português. Nesta pesquisa, restrinjo-me a verificar essas propriedades nas preposições **a** e **para** (capítulo 4). Em alguns casos, como veremos, uma ou outra preposição, dependendo da configuração da cena, apresenta certas restrições de seleção.

2.4.6.3 Esquematização da representação do espaço

A representação do espaço na língua é esquemática pelo fato de que os elementos lingüísticos referem-se a seleções específicas dentre todos os aspectos presentes numa cena (de localização no espaço), ou seja, alguns aspectos são selecionados, outros são descartados quando representamos tal cena lingüisticamente: Talmy (2003a: 219).

Um simples objeto, como uma caixa, pode participar de diferentes configurações espaciais e está sujeito a diferentes esquematizações. Por exemplo, quando essa caixa é selecionada como Ponto de Referência, pode estabelecer relações com diferentes Figuras: um prato em cima da caixa / sobre a caixa; uma bola dentro dela; um brinquedo a certa

distância etc. Para que a caixa estabeleça a relação de superioridade com o prato, é preciso que tenha uma superfície plana e horizontal em suas dimensões, desconsiderando outros traços de sua dimensão (por ex., sua parte inferior ou interior é irrelevante nesse caso): op. cit, p. 225.

Uma configuração espacial pode ser complexa o suficiente para possibilitar diferentes esquematizações. A localização de uma bicicleta em relação a uma igreja, por exemplo, pode se apresentar das seguintes formas⁴⁷:

- (a) A bicicleta está atrás da igreja.
- (b) A bicicleta está a oeste da igreja.
- (c) A bicicleta está à esquerda da igreja.

Visualmente, (a), (b) e (c) têm a mesma representação:



Cada uma das sentenças acima apresenta uma perspectiva diferente: em (a), leva-se em conta a geometria assimétrica do Ponto de Referência, isto é, os vários lados da igreja, estabelecidos culturalmente por suas funções: a parte da frente contém a porta principal por onde as pessoas entram; a parte posterior é oposta àquela que contém a porta de entrada. Em (b), o Ponto de Referência primário é a igreja, e o secundário são os pontos cardeais (Norte, Sul, Leste, Oeste), ou seja, a Terra funcionada como segundo objeto de referência para relacionar a bicicleta à igreja. E em (c), a perspectiva é sobretudo do falante, a partir da posição do seu corpo (diante da lateral da igreja).

Em todos os casos, a perspectiva do falante (e mesmo do ouvinte) é relevante, pois a localização da Figura em relação ao Ponto de Referência dependerá de como ele vê essas entidades. Segundo Talmy (op. cit., p. 230), é o falante que determina a focalização sobre

⁴⁷ Exemplos e desenho adaptados de Talmy (2003a: 228-230).

um ou outro fator. Isso revela a preferência ou ponto de vista do falante de alguns aspectos da cena em detrimento de outros. O que motiva ou determina essa escolha, ou o grau de consciência envolvida, ainda está por ser investigado.

Há casos em que, segundo o autor (op. cit., p. 230-3), a seleção não é estabelecida pelo falante, mas culturalmente. Não se sabe, no entanto, se essa seleção é puramente por conta de um aspecto formal do sistema de regras de uma língua ou se é sempre originalmente em razão de alguma exigência psico-cultural que se tornou convencionalizada no uso da língua. Os dois casos podem ocorrer, mas Talmy dá a entender que, mesmo nos casos em que a seleção parece formal, há uma motivação psico-cultural, pois essas escolhas ou restrições refletem as normas de imaginação de objetos físicos (seu tamanho, frequência de uso em relação a outros objetos etc.). Exemplos:

in the car - on the bus

Em inglês, um carro é esquematizado como um recipiente (*enclosure*), de modo que a pessoa está dentro dele (*in the car*), entra nele (*get into the car*) ou vai para fora dele (*get out of the car*). Um ônibus é esquematizado, prototipicamente, como uma plataforma, de modo que o passageiro está sobre ela (*get onto/off the bus*). Além disso, a possibilidade de haver ou não uma área em que se pode andar no veículo fará com que o falante selecione uma ou outra preposição. Com isso, diz-se, em inglês, *on the plane*, mas *in the helicopter*, *on the ship*, mas *in the boat*, e assim por diante. Não está claro, no entanto, o que determina a escolha pela geometria do objeto de referência em detrimento de sua característica como um recipiente. Não-prototipicamente, o falante tem a opção de enfatizar o fato de um passageiro estar dentro de um ônibus (*in the bus*), ou seja, de esquematizá-lo como um recipiente, especialmente quando não funciona como um veículo que roda: por exemplo, o falante pode dizer *there was a bomb in our bus*.

O português, ao contrário, não faz restrição no uso de preposições com esse tipo de objeto de referência. Qualquer veículo é esquematizado como um recipiente ou como uma plataforma. Nos dois casos, a preposição selecionada é *em*, como nos exemplos abaixo:

O livro está na caixa (=recipiente)

O livro está na mesa (=plataforma/plano horizontal)

A necessidade de restrição (por parte do falante) se dá pela escolha das locuções prepositivas: *em cima de / dentro de*, que equivalem à diferença entre *on / in* do inglês, nesse contexto.

Os sentidos dos itens de uma classe fechada podem ser dispostos numa escala de especificidade, do mais específico ao menos específico. É justamente o que vemos no quadro 1 (seção 2.1), em que estão dispostas as preposições simples portuguesas mais e menos gramaticalizadas. Baseado nessa escala, o autor fornece uma lista de parâmetros para o domínio de configuração espacial expresso por preposições e dêiticos (do inglês), a qual limito-me a reproduzir (op.cit, p.241):

- (a) divisão de uma configuração espacial para fornecer uma Figura e um Ponto de Referência
- (b) geometria esquemática da Figura
- (c) geometria esquemática do Ponto de Referência
- (d) simetria ou assimetria na geometria da Figura ou do Ponto de Referência
- (e) a geometria assimétrica de um objeto baseada em suas partes ou seu direcionamento
- (f) número de dimensões relevantes na geometria esquemática de um objeto
- (g) condições de delimitação da geometria esquemática de um objeto
- (h) a geometria contínua ou complexa de um objeto
- (i) orientação da Figura em relação ao Ponto de Referência
- (j) relativa distância/grandezas da Figura comparada ao Ponto de Referência
- (k) presença/ausência de contato da Figura com o Ponto de Referência
- (l) distribuição da substância da Figura em relação à do Ponto de Referência
- (m) presença/ausência de auto-referencialidade para a configuração Figura-Ponto de Referência
- (n) presença/ausência de outros objetos de referência
- (o) projeção externa da geometria de um Ponto de Referência secundário
- (p) atribuição de assimetria a um Ponto de Referência primário
- (q) orientação da Figura ou do Ponto de Referência para a Terra, para o falante ou outro Ponto de Referência secundário
- (r) outras fixações de uma configuração Figura-Ponto de Referência em outras, ou concatenações de uma sobre a outra
- (s) adoção de uma perspectiva a partir da qual a configuração será considerada
- (t) mudança na localização da Figura ou da perspectiva através do tempo, e portanto, trajetórias do movimento e análise da perspectiva

Em suma, quanto mais um item (especialmente as preposições) preencher esses parâmetros, mais específico ele será e mais restrito o seu uso. Se incluirmos as locuções prepositivas nesta escala, podemos supor que elas ocupam o extremo mais específico do que as preposições simples. Ressalta-se que a disposição de preposições simples e complexas numa escala diz respeito ao grau de especificidade de traços de que dispõem, sem que se defina que a cada preposição simples corresponda uma locução (cf. Ilari et alii 2006). Por

exemplo: *dentro de* é mais específico que a preposição *em*, e assim por diante. Obviamente, um estudo mais detalhado e cuidadoso dessas relações está ainda por ser feito e não caberá nesta pesquisa discutir cada caso.

2.4.6.4 Atenção

Um dos princípios cognitivos básicos refere-se ao fenômeno da atenção. A literatura de diversas abordagens teóricas esbarra, vez ou outra, nesse fenômeno sob termos como *foreground / background*, sentido focal/não-focal (cf. Heine, Claudi & Hünnemeyer 1991), entre tantos outros. Limito-me a apresentar o que Talmy (2003a, 2005a) nos revela a esse respeito. Segundo ele:

"In a speech situation, a hearer may attend to the linguistic expression produced by a speaker, to the conceptual content represented by that expression, and to the context at hand. But not all of this material appears uniformly in the foreground of the hearer's attention. Rather, various portions or aspects of the expression, content, and context have different degrees of salience. Such differences are only partly due to any intrinsically greater interest of certain elements over others. (...) In terms of speech participants, the speaker employs this system in formulating an expression; the hearer, largely on the basis of such formulations, allocates her attention in a particular way over the material of these domains". (Talmy, 2005a: 01)

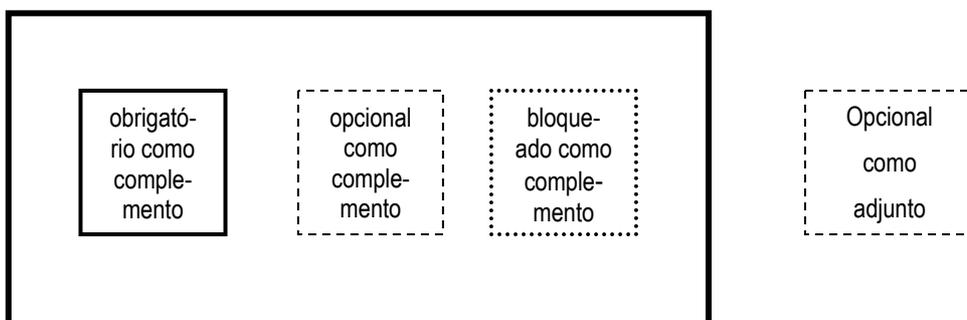
Esse fenômeno é chamado de "windowing of attention"⁴⁸, em que selecionamos partes específicas de um evento (*event frame*) e direcionamos maior atenção a essas partes, deixando outras partes em segundo plano (*background*). Na língua, a atenção é realizada pela inclusão de expressões lingüísticas colocadas em relevo e pela exclusão de outras expressões, estas chamadas "gapped portions" (Talmy 2003a).

Por *evento (event frame)* entende-se certos tipos de "pacotes conceituais coerentes" que é demarcado por uma divisão, daí o termo "frame" (op. cit, p. 306).

⁴⁸ Pela dificuldade de uma tradução mais adequada dos termos *windowing of attention / gapping of attention*, opto por me referir a esse processo como algo que é colocado em relevo na cena ou algo que é excluído dela, respectivamente.

Ao colocar em relevo um determinado participante da cena ou evento, há dois tipos de material que ficam de fora: aquele que é entendido como pertencente à cena e aquele cujo referente é visto como periférico ou acidental. Os usuários da língua, segundo o autor, tendem a conceber certos elementos e suas relações como pertencentes a um núcleo de um evento, deixando outros como periféricos, os quais, em outros eventos, podem ser entendidos como centrais. Os elementos que constituem a organização do evento são vistos como estando dentro dele, e os elementos periféricos como estando fora do evento.

O exemplo clássico é o da transação comercial. Segundo Talmy, o que prototipicamente não está dentro desse evento são, por exemplo, o dia da semana, o local, a temperatura do ambiente em que esse evento ocorreu, ou ainda o estado de saúde dos participantes do evento. No entanto, esses mesmos elementos podem ser vistos como centrais na organização de outro evento de transação comercial, menos prototípico (op. cit, p. 259). E nessas situações, o falante pode entender alguns elementos como sendo centrais, e o ouvinte concebê-los como periféricos, e vice-versa. Isso está de acordo com a dificuldade de identificar precisamente quando um sintagma preposicionado é argumento e quando é adjunto adverbial, conforme exposto no capítulo 1 e que retomo do capítulo 3.



Event Frame

O exemplo a seguir ilustra cada elemento do diagrama acima:

(19) Eu gastei R\$30,00 (num livro) [*do livreiro] para um amigo na USP ontem.⁴⁹

Sublinhados estão os complementos obrigatórios do verbo, o comprador e o dinheiro gasto; o complemento opcional, a mercadoria, está representado pelos parênteses; o

⁴⁹ Adaptado do exemplo de Talmy (2003a: 263): "I spent \$50 (for/on this book) [*from/by/to/for/...the clerk] at the store last Friday".

complemento bloqueado, o vendedor, aparece entre colchetes; e os adjuntos apresentam-se em itálico.

Sabe-se que numa transação comercial - neste caso, com o verbo *gastar* - há um comprador, a mercadoria, o dinheiro para o pagamento da mercadoria e o vendedor. No entanto, nem todos os participantes do evento precisam ser expressos, ou ainda, há aqueles que não podem ser expressos, ainda que se tenha conhecimento de sua participação na cena. É o caso do *livreiro*, bloqueado nessa cena.

Ainda que apenas uma determinada parte da cena seja especificada/expressa quando colocada em relevo, entende-se como parte da natureza do processo da atenção o fato de que, num dado contexto, o ouvinte poderá *inferir* ou *pressupor* o restante da cena, ou seja, aquilo que está em segundo plano (op. cit, p. 258).

Para ilustrar como um evento pode ser organizado em função da atenção, o autor leva em conta três tipos de evento: (i) trajetória aberta, (ii) trajetória fechada e (iii) trajetória fictícia.

(i) *Trajétória aberta (open path)*

Refere-se à trajetória descrita por um objeto fisicamente em movimento por um período de tempo, conceituada como uma unidade contendo um começo e um fim, e cujos pontos inicial e final estão em localizações diferentes no espaço. Exemplo⁵⁰:

(a) *A caixa que estava no bagageiro caiu do avião pelo ar para dentro do oceano.*

= enjanelamento máximo sobre todo o trajeto concebido como tal, isto é, ponto inicial (*do avião*), medial (*pelo ar*) e final (*para dentro do oceano*)

(b) *A caixa que estava no bagageiro caiu do avião para dentro do oceano.*

= enjanelamento dos pontos inicial (*do avião*) e final (*para dentro do oceano*), e omissão do ponto medial (*pelo ar*)

(c) *A caixa que estava no bagageiro caiu para dentro do oceano/no oceano.*

= enjanelamento do ponto final do percurso, e omissão dos demais.

⁵⁰ Adaptado de Talmy (2003: 266): "The crate that was in the aircraft's cargo bay fell out of the plane through the air into the ocean".

Apresentei apenas três possibilidades, mas podemos incluir ou excluir quaisquer pontos do trajeto. Em português, podemos omitir todos os pontos do trajeto: *a caixa que estava no bagageiro caiu*, ficando ao ouvinte o papel de inferir de onde caiu a caixa, por onde passou e para onde foi.

(ii) *Trajectoria fechada (closed path)*

Semelhante à trajetória aberta, diz respeito ao movimento exercido por um determinado objeto, com a diferença de que na trajetória fechada o ponto inicial e o ponto final têm o mesmo referente, ou seja, ambos ocupam o mesmo lugar no espaço, de modo que a trajetória é concebida como um circuito. Exemplo⁵¹:

(a) *Vá (b) pegue o leite na geladeira (c) e traga-o até aqui.*

(iii) *Trajectoria fictícia (fictive path)*

A configuração espacial é estática, mas inclui um movimento fictício: a trajetória é do foco da atenção do falante sobre a cena. Exemplos:

(a) *My bike is across the street from the bakery*

(b) *My bike is across from the bakery*

(c) *My bike is across the street*

Os exemplos acima direcionam o foco da atenção para o trajeto que começa em *bakery*, atravessa a extensão de *street* e termina em *bike*. Essa construção difere de “*My bike is between the street and the bakery*” quanto à perspectiva: *across from* implica numa perspectiva dinâmica da trajetória, ao passo que *between* acarreta uma perspectiva estática.

Os exemplos de (a) a (c) representam diferentes formas de projeção da atenção: (a) é a projeção máxima de atenção; em (b), o ponto medial (*street*) é omitido; e em (c), omite-se o ponto inicial da trajetória fictícia. A identidade dos elementos omitidos, segundo o autor (op. cit. p. 269-270), é retomada ou inferida pelo contexto ou por

⁵¹ Adaptado de Talmy (2003: 268): “[I need the milk] Go, get it out of the refrigerator (and) bring it here”.

convenção⁵². As partes omitidas são amplamente recuperáveis pelo ouvinte - seja por inferências envolvendo acarretamento, seja por inferências envolvendo familiaridade com outros eventos e fatores atuantes num determinado contexto.

Os exemplos acima não foram traduzidos para o Português, pois não há uma expressão que corresponda a *across from*. Nesses casos, o falante de Português pode recorrer a itens como *entre* ou *do outro lado de*, sem, no entanto, apresentar uma perspectiva dinâmica do trajeto.

Minha bicicleta está entre a rua e a padaria.

Minha bicicleta está do outro lado da rua.

Para concluir, o processo de relevo ou omissão da atenção que atuam nos eventos é parte fundamental da estruturação conceitual no sistema cognitivo humano de comunicação, bem como no sistema cognitivo em geral: op.cit, p. 303. Os dois processos são complementares e necessários, pois a omissão de elementos dá lugar à atenção sobre outros elementos, sejam quais forem suas motivações (redundância, repetição, menor relevância, obviedade - todos podem ser preenchidos pelo ouvinte), assim sucessivamente: Talmy (2005a).

No capítulo 4 desta pesquisa, serão considerados vários pontos da Semântica Cognitiva expostos aqui, no intuito de verificar que propriedades semânticas das proposições a e para são ativadas e/ou desativadas nos processos de semanticização e dessemanticização.

2.5 Considerações finais

Podemos afirmar que a Lingüística Cognitiva apresenta uma nova área de investigações. Seu objetivo principal, aquele que percorre todas as teorias da Lingüística Cognitiva, refere-se ao entendimento do significado de itens lexicais e de construções, sejam elas simples ou complexas.

A grande pergunta dos cognitivistas em geral diz respeito à mente humana, mais precisamente como pensamos, como a mente funciona, e, para os lingüistas, como podemos representar na linguagem os pensamentos que criamos e dividimos socialmente (cf. Castilho

⁵² O autor não se aprofunda nessa questão.

2001).

De acordo com Salomão (2006: 11), há alguns pontos que diferenciam a Lingüística Cognitiva das demais abordagens, sobretudo da Teoria Gerativa, e que sintetizam muito claramente o que vem a ser Lingüística Cognitiva:

*"(i) a ênfase na **natureza cognitiva** das categorias lingüísticas e dos processos gramaticais: isso nos aproxima de Chomsky e nos afasta dos estruturalismos de todos os matizes;*

*(ii) o reconhecimento da **diversidade das línguas do mundo** e, mesmo, dos usos de uma mesma língua, como condição constitutiva da linguagem humana, que é também produção social e histórica: isso nos afasta de Chomsky e nos aproxima dos estruturalismos de todos os matizes;*

*(iii) o **tratamento processual da significação**, incorporando seu inerente pragmatismo através dos conceitos centrais de **perspectiva, enquadramento e espaços mentais**: isso nos afasta de Chomsky e de todos os estruturalismos;*

*(iv) a reivindicação do estudo dos **processos imaginativos** (da metáfora, de metonímia, da contrafactualidade, da mesclagem) como característica distintiva de cognição e de linguagem humana: eu diria que é este ponto que dá ao programa sociocognitivo sua face própria" (grifos da autora)*

É evidente que os pontos que aproximam a Lingüística Cognitiva aos estruturalismos têm como fundamento o fato de vários estudiosos terem trabalhado dentro da perspectiva gerativista, como Fillmore, Lakoff, Jackendoff e outros.

As várias teorias cognitivas brevemente apresentadas acima não são opostas entre si, mas complementam-se, ou ainda, cada uma dá ênfase a algum ponto do que se poderia chamar de "teoria cognitiva geral". Isso fica evidente quando se observa que vários autores se encaixam, por assim dizer, em várias delas.

CAPÍTULO 3 – GRAMATICALIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES A E PARA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Com base na proposta de Castilho (2006), neste capítulo, serão analisados os processos de gramaticalização das preposições **a** e **para**, divididos em dois subprocessos: morfo-fonologização e sintaticização. No primeiro, levo em conta especialmente os estudos de Bisol (1992, 1996, 2003) sobre os processos de sândi externo, e no segundo, examino algumas propriedades sintáticas qualitativa e quantitativamente.

3.1 Morfo-fonologização de a e para no PB⁵³

MONOGRAPHIA DA LETRA -A-Regras faceis para a exacta accentuação da prepositiva -A- quando contrahida com o adjectivo articular -A- .Por Thomaz Galhardo.À venda nas principaes livrarias.

Município de Araraquara, 28 de dezembro de 1884⁵⁴

“As eras das desintegrações lingüísticas passaram. Hoje, ao contrário, tudo favorece a integração. Nós já estamos começando a falar uma mixórdia franco-itala-saxônia que produz dispepsias incuráveis nos puristas mas é a única linguagem que exprimiu a sensibilidade, a vida moderna. O que nós devemos é enriquecer essa maravilhosa algaravia com os dengues, a graça e essa esculhambação brasileira amulatada e cabrocha. Sou contra a sistematização pessoal voluntária. Digo ‘para’ e ‘prá’. Grafemos ‘para’ e ‘pra’. Se houver vitalidade nas duas formas como inegavelmente há, elas co-existirão. Se o ‘prá’ tiver mais seiva acaba eliminando a outra então sim, seria pedantismo, arcaísmo querer guardá-la.” (Meu grifo. Carta de Manuel Bandeira a Mário de Andrade, 1925)⁵⁵

Nesta seção, examinarei alguns processos morfo-fonológicos pelos quais as preposições **a** e **para** podem passar no Português Brasileiro. Veremos que o poeta tinha razão: **pra** tem vitalidade!

⁵³ Agradeço a Lílian Abram dos Santos pela leitura crítica desta seção.

⁵⁴ In Guedes & Berlinck (2000).

⁵⁵ In Moraes, Marcos Antonio (2001, org.). *Correspondência - Mario de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: EDUSP/IEB. (Coleção Correspondência de Mário de Andrade 1).

Hopper & Traugott (1993: 133) afirmam que as preposições e posposições (adposições) são, em geral, variantes cliticizadas de advérbios. Segundo eles, o termo "clítico", na literatura, é usado para se referir a um conjunto de formas não-acentuadas que tendem a se juntar a formas (mais) acentuadas, tornando-se um afixo. Esse processo envolve mudanças fonológicas conhecidas como redução, em que vogais e consoantes são apagadas, o acento é perdido causando um rearranjo do acento na nova palavra ou frase. Se também ocorrer perda da fronteira de palavras, haverá sempre, por definição, ajustes fonológicos no processo de morfologização.

Muitas preposições portuguesas sofreram alterações morfo-fonológicas ao longo do tempo, e até hoje esse processo pode ser observado.

A preposição latina *ad* perdeu a consoante final, e como resultado temos a preposição **a** no português. A preposição **para**, por sua vez, provém da combinação de duas preposições latinas: *per* + *ad* (ou de *pro* + *ad*, segundo alguns autores). Com a queda da consoante final [d], temos **pera** (e também *pora*) no português arcaico, em seguida **para** no português atual pelo processo de assimilação da vogal.

Pontes (1992: 22) argumenta que a preposição **a** desaparece na variedade oral do PB contemporâneo por ser átona e fonologicamente reduzida, além do fato de ser confundida com o artigo feminino "a". É sabido que no PE a distinção entre artigo e preposição é mantida, enquanto que no PB não há tal distinção, sendo a crase um mero sinal gráfico. Citando Thomas (1960), a autora aponta que a preposição **a** tende a ser mantida em expressões fixas, tais como "pagar à vista", "estar à vontade", "a 30 km", "daqui a duas horas". Em outras, há uma forte tendência à substituição de **a** por outra preposição, como "à noite" > "de noite".

No PB contemporâneo falado, são comuns os casos em que a preposição **para** se combina a pronomes e artigos, amalgamando-se como se fossem um só item lexical. O quadro abaixo ilustra essa possibilidade, bem como a restrição de combinações da preposição **a**⁵⁶:

⁵⁶ Em Ilari et al. (2006), encontra-se um quadro semelhante para as preposições mais gramaticalizadas. Acrescentei alguns elementos que ocorrem na língua falada com bastante frequência, como "procê" etc.

Quadro 1: amálgama das preposições **a** e **para** no PB

elemento		
<i>artigo</i>	para	a
a(s)	pra(s) / pa(s)	à(s)
o(s)	pro(s) / po(s)	ao(s)
um / uns	prum / pruns	--
uma(s)	pruma(s)	--
<i>pronome</i>		
ele(s) / ela(s)	prele(s) / prela(s)	
esse(s) / essa(s) / este(s) / esta(s)	presse(s) / pressa(s) preste(s) / presta(s)	
aquele(s) / aquela(s)	praquele(s) / praquela(s)	àquele(s) / àquela(s)
você(s) ~ ocê (eis) ~ cê (eis)	procê / proceis / pocê / p'cê / p'ceis	--
eu	preu	--
aqui / ali / aí	praqui / prali / praí	-- ⁵⁷

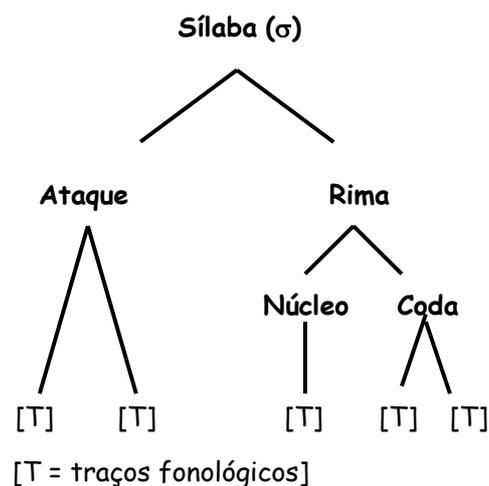
A restrição de combinações da preposição **a** com outros elementos talvez tenha uma explicação na prosódia da língua, especialmente na variante brasileira. No atual estágio da pesquisa, a exposição a seguir é mais uma "especulação" do que uma constatação em torno dos processos de ativação, reativação e desativação morfo-fonológica das preposições **a** e **para**.

Um possível caminho para entender as possibilidades de combinação do quadro acima é examinar o fenômeno de sândi externo. O termo *sândi*⁵⁸ refere-se a um processo fonológico de junção de vogais que pode ocorrer no interior da palavra (sândi interno) ou entre vocábulos (sândi externo). É este último que nos interessa aqui. Vejamos, primeiramente, como se constitui a sílaba a partir do esquema abaixo (transcrito de Bisol 1996: 56)⁵⁹:

⁵⁷ O pronome *aí* tem como origem a prep. *a* + *hi*(arc.) > *aí*.

⁵⁸ "Nome que na gramática hindu do sânscrito se dava às variações morfofonêmicas de condicionamento fonológico (...) em caso de juntura. O termo (...) foi adotado em lingüística desde o séc. XIX (...)": Camara Jr. (1986: 214)

⁵⁹ Este é um dentre vários esquemas de representação da sílaba. Optei pelo esquema de Bisol (1996) por inserir-se na análise da autora.



Exemplo: [t] [r] [ã] [n] [s] "trans"⁶⁰

Tratando-se de fronteiras entre vocábulos, o sândi externo tem como gatilho o choque de rimas, preenchidas apenas por vogais, ou seja, choque de núcleos, que em português só podem ser preenchidos por vogais. O português, segundo Bisol (1996: 58), é sensível ao choque de núcleos silábicos em fronteira de vocábulos. O processo inicial de sândi são o apagamento de uma sílaba e a imediata ressilabação dos elementos remanescentes; os processos resultantes são a *elisão* (EL), a *degeminação* (DE) - processos de enfraquecimento silábico, e a *ditongação* (DI) - processo de fortalecimento silábico: Bisol (1992, 1996, 2003).

A elisão (EL), em português, atinge somente a vogal átona baixa [a] diante de outra vogal que não [a], como se pode ver nos exemplos (a) e (b), com aplicação da regra, e (c) e (d), sem aplicação da regra:

- (a) "era usado" > e[ru]sado
- (b) "tinha otro" > ti[ño]tro
- (c) "recebia hóspede" > *rece[bí ó]spede
- (d) "plácida orla" > *pláci[dór]la

⁶⁰ A única posição a ser obrigatoriamente preenchida é a de Núcleo, sendo as demais opcionais.

A restrição em (c) e (d) se dá pelo fato de a segunda vogal ser tônica, o que impede a aplicação da regra. Isto quer dizer que a elisão só poderá ocorrer se o choque for entre [a] e outra vogal átona: Bisol (1996: 60).

O processo de degeminação (DE) ocorre por conta do choque entre vogais iguais quaisquer, pois, via de regra, segmentos idênticos adjacentes são proibidos. Exemplos:

- (a) "verde escuro" > ver[dis]curo
- (b) "ele vai falá agora" > ele vai fa[la]gora
- (c) "araçá ácido" > * ara[sá]cido
- (d) "imensa área" > * imen[sá]rea

Se ambas as vogais forem átonas, a degeminação é obrigatória; se a primeira vogal for acentuada, e a segunda, átona, a regra é opcional. Mas se a segunda vogal for acentuada, há restrição à aplicação da regra, como nos exemplos (c) e (d): Bisol (1996: 68).

Por fim, a ditongação (DI) é o processo que forma um ditongo como consequência da ressilabação, em que [w] e [j] são realocados para a posição de coda⁶¹:

- (a) "verde amarelo" > ver[dja]marelo
- (b) "está estranho" > es[tajs]tranho
- (c) "come ostra" > co[mjos]tra⁶²
- (d) "revi issso" > * [revjisu] ou [revijsu]

O processo de ditongação é possível quando há choque entre átona + átona (a), tônica + átona (b) e átona + tônica (c). No entanto, a regra é bloqueada quando há duas tônicas, como em (d).

Bisol (op. cit., p. 62) atenta para o fato de dois processos serem aplicados a um mesmo dado, sem que haja hierarquia entre eles, como nos exemplos abaixo:

- "menina humilde" > meni[nu]milde (EL)
- meni[naw]milde (DI)

⁶¹ Exemplos de Bisol (1996: 62).

⁶² Entendo que a autora considera como núcleo silábico todo o ditongo.

Tanto a elisão, quanto a ditongação são possíveis, acarretando, portanto, num fenômeno de variação.

Outro ponto importante a ser considerado aqui refere-se ao ritmo. Sejam os seguintes exemplos (Bisol, op. cit. p. 69):

(a) "eu como uvas" > * eu co[mú]vas

(b) "eu como uvas maduras" > eu co[mu]vas maduras

Em (a), a degeminação não é possível pelo fato de a segunda vogal ser acentuada. Já em (b), a segunda vogal perde seu acento, comportando-se como pretônica, pois a regra rítmica de nível frasal coloca o acento principal no último acento vocabular. Isso se dá pelo fato de a regra dominante ser a que vale para a frase, ou seja, a regra do acento da frase vai deslocando todos os demais acentos até que a frase se encaixe nos padrões acentuais da língua. A autora afirma que *"a preservação da sílaba, no choque nuclear, é controlada pela direção do acento frasal, sob cujo domínio a ressilabação se processa, pois o sândi é sensível à organização rítmica. Por acento frasal, entende-se o acento principal de qualquer unidade maior do que a palavra, ou seja, frase, sentença ou enunciado"* (op. cit, p. 66).

Feitas essas duas ressalvas, passo agora a examinar alguns dados com as preposições **a** e **para** em contextos de sândi externo, começando pelas possibilidades de combinação do quadro 1 acima:

"para a família" > [pra] família (DE)

"para o rapaz" > pa[ru] rapaz (EL)

"pra o rapaz" > [pru] rapaz (EL) ~ [praw] rapaz (DI)

"para ocê" > pa[ru]cê (EL)

"pra ocê" > [pro]cê (EL)

"para e" > preu (EL) - nesse caso, pode ter havido uma elisão de acento,

pois o pronome "eu", a princípio, é tônico, o que impediria a elisão de [a], ocorrendo daí um deslocamento do acento para outro vocábulo da frase, se pensarmos num contexto maior, como "isso é preu fazer". É possível que o mesmo processo se dê em "preste/presse" e "prele/a".

"vamos pra aula" > * vamos [praw]la (DI) - Não se aplica, pois a segunda vogal é acentuada.

"vamos pra aula de química" > vamos [praw]la de química (DI) - a regra se aplica, pois o acento de "aula" é realocado para outro vocábulo.

"Recado para Elisa" > recado par[e]lisa (Bisol 2003: 188)

"Recado pra Elisa" > recado pr[e]lisa (Bisol 2003:188)

Mesmo a forma, **p'cê**, mais reduzida, mantém o caráter de preposição de **para**. Bisol (2003: 188) afirma que morfemas só permitem o apagamento de sua (última) vogal através da elisão somente se sua superfície estiver segmentalmente representada por outro segmento. É o que parece ocorrer com **para**: ainda que ocorra o apagamento das duas vogais e de [r] (que forma o ataque complexo), o ataque [p] é mantido, de modo que se pode ainda reconhecê-la como a preposição **para** após a ressilabação (pr[e]lisa, p'cê etc.). Por outras palavras, é indiferente a percepção da preposição **para** se o ataque da sua sílaba é formado por [pr] ou apenas por [p]⁶³.

Essa afirmação baseia-se no fenômeno da perda do clítico acusativo no Português Brasileiro. Cyrino & Reich (2002) verificam que processos fonológicos elidem o clítico acusativo de 3.ª pessoa por não ser uma sílaba saliente. Os autores afirmam que "*os últimos Clac3P a serem realizados no PB falado são os alomorfes -lo e -la, clíticos esses com cabeça silábica preenchida e, portanto, sílabas salientes*"⁶⁴ (op. cit., p. 378). Reich (c.p.) observa que as formas que correspondem à estrutura ótima de sílabas (CV. CV) são mais resistentes à mudança do que sílabas sem ataque, provavelmente porque as consoantes são menos susceptíveis a tais processos fonológicos do que as vogais⁶⁵.

Com isso, pode-se examinar a realização de **a** e **para** sob esse ponto de vista: o ataque da primeira sílaba de **para** é mantido em todos os casos de sândi, ao passo que a preposição **a** tende a ser apagada nesse processo, por não possuir ataque. Digamos que o processo de sândi externo é mais favorável ao apagamento de **a** do que de **para**.

Vejam agora os processos com a preposição **a**:

⁶³ É provável que o processo de redução **para** > **pra** seja anterior ao processo de sândi.

⁶⁴ "Clac3P" corresponde a "clítico acusativo de 3.ª Pessoa"; "cabeça silábica" corresponde ao ataque silábico.

⁶⁵ A isso se associa também o grau de sonoridade: as vogais são muito mais sonoras que as consoantes.

- (a) "convite a aquele homem" > convite [a]quele homem (DE)
- (b) "recado a a filha de João" > recado [a] filha de João (Bisol 2003: 188) (DE)
- (c) "recado a o filho de João" > *recad[o] filho de João (Bisol 2003:188) (EL)
recadu [aw] filho de João (DI)
- (d) "recado a ela" > * recado [ε]la
recad[wa] ela
- (e) "convite a a imaginação" > convite [a] imaginação (EL) > ? convite [aj]imaginação
(DI)
convi[tja] imaginação
(DI)

Nota-se que o processo de elisão não envolve a preposição **a**, pois quando esta se encontra adjacente a outra vogal não acentuada, ocorrerá a degeminação (se a vogal adjacente for também [a] não acentuada, como em (a) e (b)) ou ditongação (se a vogal adjacente for [u] ou [i]⁶⁶ - como em (c), (d) e (e)). No caso da degeminação, nos exemplos (a) e (b), a primeira vogal, que corresponde à preposição **a**, é apagada. No entanto, Bisol (2003: 188) afirma que esse processo não é bloqueado porque o morfema (prep.) é representado pelos traços da vogal remanescente [a] do pronome *aquele* e do artigo feminino. A língua escrita representa essa fusão através do sinal de crase (à). Mas ao contrário, a língua falada no Brasil não representa essa fusão de nenhuma forma, a exemplo do Português Europeu, que a exprime pela quantidade, ou seja, pela vogal reduzida "schwa" [ə], como nos exemplos abaixo (Cyrino & Reich 2002: 376):

- (i) PE: aquele [əkeli] homem vs. vou àquele [akeli] país
PB: aquele [akeli] homem = vou àquele [akeli] país
- (ii) PE: as [ə] mulheres vs. deu flores às [a] mulheres
PB: as [az] mulheres = deu flores às [az] mulheres

A perda de sensibilidade à quantidade no PB nos leva a uma questão: em que medida o falante reconhece a presença da preposição **a**, já que não há diferença fonética na fusão da preposição com outro elemento (como ocorre no PE), e também por conta do processo de

⁶⁶ A ditongação só pode ocorrer com as vogais altas.

degeminação (que apaga a primeira vogal), ainda que Bisol afirme que ela está presente na vogal remanescente ?

Em vista do que foi exposto neste item, surgem outras questões referentes às preposições **a** e **para**:

- (i) Será que o falante não estaria desativando a preposição **a** (ou talvez desativando a sensibilidade à quantidade) e reativando a preposição **para**, uma vez que esta será sempre reconhecida como preposição por conter a formação de sílaba ótima com ataque, como se pode observar no Quadro 1 acima ?
- (ii) Enquanto processos fonológicos que ocorrem da direita para a esquerda, tudo pode se perder: o [r] de pra, por exemplo, mas não [p]. Será que [p] não é apagado por ser uma consoante não susceptível a processos fonológicos ? Ou isso se explica porque se [p] desaparece, apaga-se também a preposição (enquanto elemento sintático) ?
- (iii) Seria pertinente afirmar que a preposição **a** tende a se manter em contextos de ditongação (p. ex. [aw]), já que é um processo de fortalecimento de sílaba, ao contrário da degeminação que a elimina ?

Para responder a essas questões, será necessário um estudo muito mais aprofundado dos processos fonológicos a que **a** e **para** se submetem, com base em diversos registros de fala espontânea e de fala cuidadosa⁶⁷, pois estão envolvidas mudanças (relocações) de acento na frase fonológica e no enunciado. A limitação da presente pesquisa impede que se vá mais adiante. Por isso afirmo que esse exercício era uma "especulação".

Além disso, os dados de língua falada coletados para esta pesquisa (NURC e Português Popular) provêm de transcrições que não privilegiam sua representação fonética, e, portanto, não fornecem a base necessária para uma análise precisa dos processos prosódicos com as preposições **a** e **para**.

⁶⁷ Bisol (2003: 180) ressalta que alguns processos de sândi são opcionais pelo fato de o hiato, a princípio evitado no PB, tender a ser mantido num discurso mais cuidadoso.

3.2 Sintaticização de **a** e **para** no PB

As preposições **a** e **para** encaixam-se na classificação de Ilari et alii (2006). Para facilitar, retomo as características que os autores propõem, apresentadas no capítulo 2⁶⁸:

- e) as preposições mais gramaticalizadas são mais freqüentes que as menos gramaticalizadas;
- f) as mais gramaticalizadas podem funcionar tanto como argumentos quanto adjuntos, ao passo que as menos gramaticalizadas têm maior restrição quanto à função sintática;
- g) as mais gramaticalizadas podem mais facilmente ser amalgamadas a outros itens lingüísticos, como *de + esse > desse / para + um > prum / com + as > cas*, e assim por diante. As menos gramaticalizadas não permitem essa redução (cf. *sobre + essa > *sobressa*).

Em relação a (c), pudemos observar no Quadro 1 da seção anterior que as preposições **a** e **para** apresentam a possibilidade de amálgama por processos fonológicos, especialmente **para**.

Nesta seção, interessam principalmente os itens (a) e (b). Durante a coleta de dados, observou-se que nas primeiras páginas de um documento qualquer, tanto do século XIX quanto do XX, havia um grande número de **a** e **para**, ligadas a nomes, adjetivos e verbos. Isso demonstra que essas preposições são bastante freqüentes no português. Ainda que a preposição **a** esteja desaparecendo gradativamente, ou, ao menos, esteja restrita, no português atual, a certas expressões e contextos, é mais freqüente que outras consideradas menos gramaticalizadas (*sem, entre*⁶⁹ etc.).

3.2.1 Funções sintáticas

Na literatura, vemos que as preposições em geral ocorrem em diversas funções sintáticas. Especificamente com as preposições **a** e **para**, são apontadas as seguintes funções:

⁶⁸ Excluo aqui a característica referente ao valor semântico das preposições.

⁶⁹ Num estudo da preposição *entre* no século XIX, constatei que essa preposição introduz quase categoricamente adjuntos adnominais e adverbiais (Castilho et al. 2002).

- (1) *Os eletrodomésticos **para** cozinha estão muito caros.* [adjunto adnominal]
- (2) *Vários carros **a** gás foram produzidos no ano passado.* [adjunto adnominal]
- (3) *Isso não é motivo **para** o / **ao** desespero.* [complemento nominal]
- (4) *A água é essencial **a** / **para** todos os seres vivos.* [complemento nominal de adjetivo]
- (5) *Dei um livro **ao** / **para** o menino.* [objeto indireto]
- (6) *Fomos todos **para** / **a** São Paulo.* [complemento oblíquo]
- (7) *A reunião foi marcada **para** as 10 horas / **às** 10 horas.* [adjunto adverbial]
- (8) *Amar **a** Deus, assim como **aos** homens.* [OD preposicionado - restrito à prep. **a**]

Esses exemplos⁷⁰ representam os usos mais prototípicos de **a** e **para** em cada função sintática. Entretanto, os dados dos séculos XIX e XX não revelam uma delimitação clara entre as funções, sobretudo entre objeto indireto, complemento oblíquo e adjunto adverbial - funções ligadas ao verbo de alguma forma. Por serem muito freqüentes nos dois séculos em questão, restrinjo-me a essas três funções sintáticas para este capítulo.

Retomo nesta seção alguns pontos da problemática da determinação de funções sintáticas, apresentados no capítulo 1.

O primeiro problema refere-se ao critério de pronominalização. Ele tem duas complicações: (i) no PB, o clítico *lhe* pode ter como referente a 3ª pessoa ou a 2ª pessoa, como em "eu *lhe* falei sobre isso ~ eu falei isso para você / eu falei isso para ele", ou ainda ser usado em função acusativa, como em "eu *lhe* vi ontem"; e (ii) se o argumento é proporcional a um pronome (ou prep. + pron.) e o adjunto não, então vários SPs tradicionalmente classificados como adjuntos entrariam no rol dos argumentos, como mostram as versões (a) e (b) dos exemplos abaixo:

(9) [19 2 SP A] *Além destes maravilhosos divertimentos digno de concorrência dos povos visinhos, será queimado na noute de 29, um lindo fogo de artifício **ao** muito conhecido biothechinico Joaquim Corneta.*

(9a) *Além destes maravilhosos divertimentos digno de concorrência dos povos visinhos, será queimado na noute de 29, um lindo fogo de artifício **a** ele.*

(9b) *Além destes maravilhosos divertimentos digno de concorrência dos povos visinhos, lhe será queimado na noute de 29, um lindo fogo de artifício.*

⁷⁰ Exemplos adaptados de Neves (2000).

(10) [19 2 SP CJ L] ... não é por mim que reclamo, por ir fazer compras nessa rua **para** os meus estudantes...

(10a) ... não é por mim que reclamo, por ir fazer compras nessa rua **para eles**...

(10b) ... não é por mim que reclamo, por ir fazer-**lhes** compras nessa rua...

(11) [20 2 BA NURC DID:356] ... se a gente considerar os que trabalham **para** a produção de cacau...

(11a) se a gente considerar os que trabalham **para isso**...

Os exemplos acima nos levam ao segundo problema: por um lado, sendo proporcionais a um pronome ou prep. + pronome, são argumentos; por outro lado, se omitidos das sentenças, não tornam o verbo incompleto, e seriam, portanto, adjuntos adverbiais, já que verbos como *queimar*, *fazer* e *trabalhar* prototipicamente não subcategorizam um argumento preposicionado. Nesse sentido, torna-se difícil definir quando um item é obrigatório e quando é opcional, especialmente em contextos específicos ou em situações reais de fala. Veja o exemplo a seguir:

(12) [20 2 POP (98) BA]

DOC. E na época que cê veio aqui, assim pra São Paulo, você sentia muita assim diferença com o povo daqui, dos paulistanos?

INF. Não [...] a gente tinha chegado pra cá, então a gente num tem costume [...] num conhecia nada, tinha medo até de saí. Pra você podê saí à noite, entendeu? [...] a gente tinha que aprendê na raça. [...] Então a gente ficava segunda, terça, até sexta lá, dentro de casa. Porque num sabia andá pra lugar nenhum. Tinha que isperá os otro pegá de sábado e domingo que tava de folga, pra podê levá você pra passιά.

Se o sintagma preposicionado na sentença grifada no exemplo acima fosse omitido pelo falante, e se não soubéssemos o contexto em que se insere essa sentença, teríamos uma interpretação diferente, como em (12a):

(12a) *Porque num sabia andá*. [= não tinha a capacidade de mover minhas pernas]

O verbo *andar*, prototipicamente, não subcategoriza um argumento interno, e a presença de um verbo modal como *saber* reforça a idéia de falta de capacidade nesse caso. Se tivéssemos esse verbo na forma finita,

(12b) *Porque num andava.*

teríamos uma interpretação semelhante a (12a), mas bem distinta de (12) com o sintagma preposicionado indicando a direção do movimento. Com isso, entendo que esse SP é subcategorizado pelo verbo *andar*, levando-se em conta um uso talvez menos prototípico desse verbo. Além disso, a cena que se forma em (12) esclarece que o informante era recém-chegado numa cidade desconhecida e, por isso, não sabia se locomover por ela sem a ajuda dos amigos. É a presença da expressão “pra lugá nenhum” que nos fornece essa interpretação. E dessa forma, pode ser considerado um complemento oblíquo.

Conforme exposto no capítulo 1, Bechara (2001) ressalta que alguns verbos podem ser usados de forma transitiva ou intransitiva. Semelhantemente, Perini (1989) divide os verbos (quanto à transitividade) entre os que exigem OD, os que aceitam livremente OD e os que recusam OD. Os dois autores referem-se somente à presença de OD, mas entendo que a transitividade leva em conta também os demais argumentos internos. Nesse sentido, pode-se afirmar que há verbos que exigem OI ou OBL, como nos exemplos (13) e (14), os que recusam OI ou OBL, exemplos (15) e (16), e os que aceitam livremente OI ou OBL, exemplos (17) e (18):

(13) [20 1 SP CP MA] *Que-dê até agora meu Rugendas papel especial? Chame o Zé Bento e dê pra ele, pois já me incumbi espontaneamente aqui de dar notícia simpaticíssima.*

(13a) * *Chame o Zé Bento e dê_, pois...*

(14) [19 2 SP CL J] *Ande, vai para a escola orelhudo.*

(14a) * *Ande, vai _.*

(15) * *Quebrei um vaso à/para Maria.*

(16) * *Quebrei um vaso a/para São Paulo.*

(17) [20 1 SP CP MA] *Você tem toda a liberdade de recusar a homenagem pública, tanto mais que afirmo a você em nada ela vai me ferir pessoalmente...*

(17a) *Você tem toda a liberdade de recusar a homenagem pública, tanto mais que afirmo em nada ela vai me ferir pessoalmente...*

(18) [19 2 PR CL J] *...em fim, os tempos calamitosos estão passados, e a nova província livre de perseguições e injustiças caminha para a felicidade.*

(18a) *...em fim, os tempos calamitosos estão passados, e a nova província livre de perseguições e injustiças caminha.*

Esses exemplos demonstram que algumas propriedades de um objeto indireto mais prototípico podem ser ativadas num sintagma preposicionado simultaneamente às propriedades de um adjunto adverbial mais prototípico, como ocorre no exemplo (17): o sintagma preposicionado "a você" é proporcional ao pronome *lhe* (levando em conta a referência à 2ª pessoa), mas pode ser omitido da sentença sem torná-la incompleta. O papel da preposição parece ser, nesse caso, o de ativar a presença do interlocutor do remetente.

Examinando a abordagem de Talmy (2003a), apresentada na capítulo 2 (seção 2.4.6), o evento comercial representado pelo verbo *gastar* (cujo exemplo retomo a seguir em 19) apresentava o bloqueio de um participante, o vendedor (*livreiro*). Se esse mesmo evento comercial for representado pelo verbo *comprar*, nenhum participante é bloqueado, como em (20) abaixo:

(19) Eu gastei R\$ 30,00 (num livro) [**do livreiro*] *para um amigo na USP ontem*.⁷¹

(20) *Eu comprei um livro por R\$30,00 do livreiro para meu amigo na USP ontem.*

Segmentando a sentença acima, teríamos o seguinte:

⁷¹ Sublinhados = complementos obrigatórios; entre () = complemento opcional; entre [] = complemento bloqueado; itálicos = adjuntos.

- (20a) (i) * Eu comprei.
- (ii) Eu comprei [um livro]. ◀ (complemento obrigatório)
- (iii) Eu comprei um livro [por R\$30,00]. ◀ (complemento opcional)
- (iv) Eu comprei um livro por R\$30,00 [do livreiro]. ◀ (complemento opcional)
- (v) Eu comprei um livro por R\$30,00 [para meu amigo]. ◀ (complemento opcional)
- (vi) Eu comprei um livro por R\$30,00 para meu amigo [na USP] [ontem]. ◀
(possíveis adjuntos)

Seguindo a classificação de Talmy, os sintagmas preposicionados nos exemplos (13) e (14) acima podem ser considerados complementos obrigatórios; nos exemplos (17) e (18), os SPs seriam complementos opcionais. No entanto, os SPs nos exemplos (15) e (16) não poderiam ser considerados bloqueados por estarem intrínsecos na cena.

Talmy não define o que difere um complemento de um adjunto, isto é, como definir quando um elemento está dentro do *event frame* (complementos) e quando está fora (adjuntos) ? O autor (op.cit, p. 259) argumenta que expressões como o dia da semana, a localização geográfica, a temperatura do ambiente, o estado de saúde do(s) participante(s) geralmente estão fora do evento (*event frame*), ainda que estejam, de alguma forma, envolvidos na cena. Acredito que isso só possa ser definido pelo tipo de cena a ser analisada, e as cenas são conectadas ao esquema discursivo, entendido aqui em termos de situação ou produção do enunciado que representa a cena. Se digo "está muito quente", a temperatura (precisa ou não) do ambiente é que está em jogo.

A discussão exposta até aqui tem como propósito demonstrar que não é possível estabelecer claramente que função sintática os SPs com **a** e **para** introduzem, como se tais funções fossem categorias bem delimitadas e discretas, ou ainda opostas. Nesse sentido, estou assumindo a hipótese de Castilho et alii (2002: 09), segundo a qual "*adjuntos e argumentos são polos extremos de um continuum funcional das sentenças, identificáveis por gradiência, não por oposição*" (grifo meu). O que tentei demonstrar acima foi justamente essa gradiência, em que certos SPs apresentam traços de um e de outro polo desse continuum.

Uma alternativa a esse dilema é considerar a regularidade das propriedades semânticas do complemento da preposição. Proponho que **a** e **para** sejam classificadas enquanto introdutoras de constituinte de PESSOA, DESTINO, OBJETO, TEMPO e NOÇÕES ABSTRATAS. Os exemplos para cada uma dessas categorias são:

CONSTITUINTE DE PESSOA

Nesta categoria, inserem-se todos os nomes e pronomes que têm como referente um ser humano, como nos itens sublinhados abaixo:

(21) [19 2 PR CJ L] ...temos grandes florestas onde o arbusto que presta as folhas para este chá, cresce espontaneamente deixando **ao homem**, apenas o trabalho da coleta;

(22) [20 1 RJ CP WL] Já pedi **ao Antonio** que lhe apresentasse os meus agradecimentos pelo convite para almoçar amanhã na sua companhia, sempre tão agradável e honrosa para mim, e as minhas excusas pela ausência.

(23) [19 2 SP CP WL] Quando saí de São Paulo, deixei uma pessoa copiando os estatutos da Santa Casa e incumbi a um amigo de remetter a copia **para você**. Assim foi feito, espero pois que já tenha recebido.

(24) [20 2 POP (98) BA] É, eu fui comprano algo, fiado, as coisa. Eu comprava, quando vendia eu pagava **pro rapaz**, né, as coisa.

CONSITUINTE DE DESTINO

O constituinte de destino, ou mais especificamente "ponto de destino", diz respeito a um lugar ou espaço físico delineável, como "Araraquara", "São Paulo", "Petrópolis" e "escola" nos exemplos a seguir:

(25) [19 2 SP A] REABRIU-SE / Na estrada que vae **a Araraquara**. O importante negócio de molhados e generos do paiz. de Joaquim da S.Pereira.

(26) [20 1 SP CP MA] Fiquei muito assanhado com a possibilidade de você vir agora **a São Paulo**, antes do seu estágio militar.

(27) [19 2 RJ CP WL] Tenciono seguir por quatro ou cinco dias **para Petropolis** a fim de tractar do negocio do levantamento da fiánça estadual...

(28) [20 2 SP NURC D2: 62] ...isso até o horário de vim **para a escola**...

CONSTITUINTE DE OBJETO

Foram considerados constituintes de objeto todos os nomes e pronomes que se referem a um objeto físico, concreto e visível.

(29) [19 2 PR CJ L] *A zona de matos que mais avizinha com o oceano parece destinado a ser o teatro do trabalho da geração presente, pois todas as conveniências aconselham a preferencia daquellas partes que por sua proximidade do mercado, promettem **aos productos** um consumo fácil.*

(30) [20 2 SP CPP] *Finalmente, assisti **ao clip** de "Bring on the dancing horses".*⁷²

(31) [19 1 PE CJ L] *Fiquei desenganado que era justo o que se dizia relativo a esta repartição, e fui incontinente a Alfandega onde vi o actual Inspector cercado de povo coberto de suores, em cada papel que pegava olhava **para os** [ilegível] **novos regulamentos***⁷³...

(32) [20 2 RJ NURC D2: 343] *...então a gente confia no... no () até certo ponto do computador a gente dá: um dado **para ele**... ele fornece outro para a gente...*

Ressalta-se que a categoria de objeto subcategorizada por essas preposições é mais freqüente na função de complemento nominal ou adjunto adnominal, como em "Fábrica de Peneiras *para* café feijão e fubá", "chapéu *para* moças", "bandeiras *para* portas" etc. (Anúncios de jornal do século XIX), ou seja, quando toma por escopo dois SNs. Entretanto, esse tipo de dado não foi coletado para esta pesquisa, conforme exposto na introdução.

CONSTITUINTE DE TEMPO

No constituinte de tempo inserem-se todos os nomes e pronomes referentes à noção de tempo, como horas, dia, ocasião etc.

(33) [19 1 SP A] [Espetáculo] *Pincipiará **às 8 horas**.*

⁷² "Clip" ou "vídeo-clipe" refere-se a um filme promocional destinado à divulgação de músicas na televisão. É um instrumento largamente utilizado por artistas e grupos musicais para divulgar seus trabalhos recentes.

⁷³ Neste exemplo, considero "regulamento" como objeto enquanto um texto concreto e visível, sustentado pelo contexto: um ser humano que lia um certo tipo de texto num papel.

(34) [20 2 SP NURC D2: 62] eu saio de casa normalmente...às quinze para as sete para entrar às OIto no serviço...

(35) [19 2 SP CP WL] ...não sei o que lhe escrever. Só si fôr sobre o assassinato do rei Humberto, ou sobre a morte de Eça de Queiroz ! Fica isso para outro dia, e fecho aqui esta esperando que Sophia e você continuemgozando perfeita saude...

(36) [20 1 SP CP MA] Meu Deus ! inda não comecei esta carta ! ...Creio que vou deixar muito assunto para outra vez.

CONSTITUINTE CONTENDO NOÇÕES ABSTRATAS

Nesta categoria, encontram-se nomes e pronomes cujo referente é abstrato, como as expressões sublinhadas abaixo. Em geral, são nomes deverbais, eventos, estados e outras relações abstratas.

(37) [19 1 PE CJ R] Nós estamos na inteira convicção da nossa fraqueza: por maiores, que sejaõ os esforços, que fizermos, não chegaremos aos resultados dos grandes Escriutores.

(38) [20 2 NURC DID: 277] Bom, aí volto à lembrança antiga.

(39) [19 2 SP CP WL] Sigo amanhã para Santa Clara; Nhanhã fica para o casamento da Elisa Tobias.

(40) [POP (97) SP] ... a gente é obrigado a partí pro bico...

Na tabela 1 abaixo, podemos observar os resultados quantitativos da distribuição das preposições a e para em relação às categorias exemplificadas acima.

Tabela 1: distribuição de a e para quanto à categoria semântica de seu complemento nos séculos XIX e XX

	século XIX				século XX				total
	a		para		a		para		
	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%	
PESSOA	197	94	12	6	80	44	102	56	391
DESTINO	76	51	74	49	45	23	153	77	348
OBJETO	8	67	4	33	2	33	4	67	18
TEMPO	2	40	3	60	7	64	4	36	16
ABSTRATAS	44	60	29	40	40	52	37	48	150
total parcial	327	73	122	27	174	37	300	63	923
total geral	449				474				

A tabela 1 mostra os resultados fornecidos pelo pacote Varbrul em que se privilegia a comparação de uma preposição com a outra nos dois séculos pesquisados. A leitura horizontal permite observar, em primeiro lugar, a mudança na frequência de uso de **a** e **para** de um século a outro: com 73% no XIX, a preposição **a** é mais freqüente que **para** (27%), resultados esses semelhantes aos obtidos por Berlinck (1997, 2000). A leitura vertical, por outro lado, revela os nichos sintáticos de cada uma das preposições, mostrando também que o estudo de sua mudança deve levar em conta tais nichos ou pontos de especialização em que **a** e **para** não representam variáveis sintáticas.

Dos 923 dados coletados, as categorias de PESSOA e DESTINO são as mais freqüentes nos dois séculos, perfazendo um total de 391 e 348 ocorrências, respectivamente. No século XIX, a preposição **a** é mais freqüente que **para** na categoria de PESSOA e de DESTINO, embora a diferença entre elas nessa categoria seja quase irrelevante. No século XX, a preposição **para** é mais freqüente nas duas categorias, com 56% e 77%, respectivamente, contra 44% e 23% da preposição **a**.

Em terceiro lugar, a categoria mais produtiva com **a** e **para** é a que contém NOÇÕES ABSTRATAS. Nos dois séculos, a preposição **a** apresenta maior percentual que **para**, o que confirma os resultados obtidos por Gomes (2003), isto é, há especialização da preposição **a** diante de nomes abstratos.

Na categoria de objeto, há uma inversão no percentual de **a** e **para** do século XIX para o XX: 67% e 33% > 33% e 67%, respectivamente. Entretanto, o reduzido número de ocorrências nessa categoria não nos permite afirmar que houve de fato uma mudança.

Por fim, os resultados referentes à categoria de TEMPO devem ser vistos numa leitura vertical, já que **a** e **para** não variam, como pode ser observado nos exemplos (33) a (36) acima.

Observando cada preposição isoladamente em relação às três categorias em que são mais freqüentes, temos os seguintes gráficos:

Gráfico 1: distribuição da preposição **A** em relação às categorias de PESSOA, DESTINO e NOÇÕES ABSTRATAS nos séculos XIX e XX.

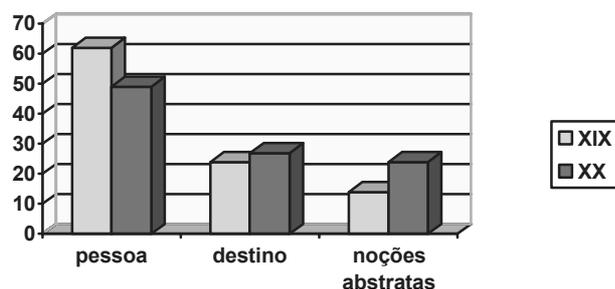
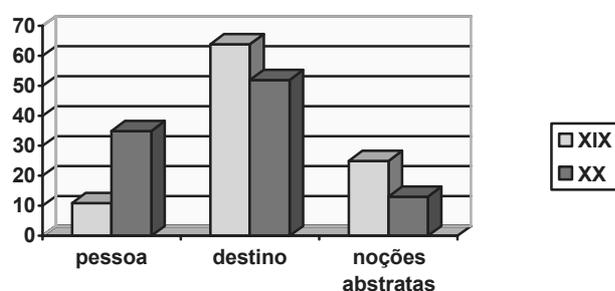


Gráfico 2: distribuição da preposição **PARA** em relação às categorias de PESSOA, DESTINO e NOÇÕES ABSTRATAS nos séculos XIX e XX.



O gráfico 1 permite observar que a preposição **a** introduz a categoria de PESSOA com maior frequência, tanto no século XIX quanto no XX, com uma sutil diminuição de percentual de um século a outro. Em segundo lugar está a categoria de DESTINO com percentual praticamente equilibrado nos dois séculos. Na categoria contendo NOÇÕES ABSTRATAS, **a** apresenta um ligeiro aumento percentual, confirmando, portanto, sua especialização com nomes abstratos.

A preposição **para**, representada no gráfico 2, revela maior inovação na categoria de PESSOA: de 11% no século XIX para 35% no século XX. Na categoria de DESTINO, ocorre uma diminuição no percentual de um século a outro, e o mesmo se vê na categoria contendo NOÇÕES ABSTRATAS. As doze ocorrências de **para** introduzindo o constituinte de PESSOA no século XIX são:

- (41) [19 2 MG A] Fugio (...) um escravo por nome Custodio (...) tem o costume de encarar pouco para quem com elle conversa.
- (42) [19 1 SP CJ L] Consta que o chefe bruto lendo o officio do Juiz de Paz suspenso da Villa de Ubatuba ácerca da denuncia dos 700 Africanos desembarcados na dicta Villa, atirára para um canto o papel, e olhando para o Cavalleiro da cara suja exclamara rindo-se.
- (43) [19 2 SP CJ L] ... tenho unicamente o costume de fallar a linguagem da verdade, e entendo que para se fallar a verdade não e preciso procurar aquelles termos floridos com que é de costume se fallar principalmente quando se falla para o publico:
- (44) [19 2 BA A] Alerta! Chamamos a attenção da policia para os ladrões das trez cartinhas o famoso Zacharias e Lulú Teixeira ...
- (45) [19 1 SP A] Pertende-se entregar uma carta vinda da Provincia das Alagoas para a Senhora Dona Francisca Joséfa d'Araujo...
- (46) [19 1 PE CJ R] Habitados desde algum tempo a escrever para o Publico, e vendo a falta de folhas politicas, que sente hoje a Provincia, emprehendemos redigir esta,...
- (47) [19 2 SP CJ L] ...não é por mim que reclamo, por ir fazer compras nessa rua para os meus estudantes, que não relaxam a mimosa manteiga da casa do senhor Miguel...
- (48) [19 2 PR CJ L] O Iguassú é navegado, desde as imediações da freguezia das Palmeiras até ás dos campos de Palmas por grandes canôas, que fazem o transporte do sal para grande numero de fazendeiros daquelles campos.
- (49) [19 2 SP CP WL] Quando sahi de São Paulo, deixei uma pessôa copiando os estatutos da Santa Casa e incumbi a um amigo de remetter a copia para você.
- (50) [19 2 RJ CP WL] Ah! Maganão! ...Sabes que sou sincero pedindo para ti e tua consorte todas as felicidades possiveis n'essa nova vida que vaes encetar...
- (51) [19 2 SP CP WL] Estou arranjando u[m] lugar para o Pedro meu mano em uma casa de fazendas por atacado, visto e[ll]je não mais querer dar-se ao incommodo de estudar.
- (52) [19 2 SP CP WL] Muito agradeço-te o cacetada de mandar a Julio fazer a procuração para o advogado para o advogado de Araras e assim tambem o teres mandado os livros para o Manuel cazeiro.

É provável que nos exemplos (41) e (42), os verbos *encarar* (=direcionar o olhar para) e *olhar* não sejam possíveis com a preposição *a*. Essa afirmação se baseia no fato de não se encontrar nenhum dado de *olhar + a*. O exemplo (43) é um caso de distribuição complementar, pois o uso de uma ou outra preposição acarreta diferença de sentido: *falar*

para = *falar diante de* e *falar a* = *falar com, conversar com*, diferença que ocorre provavelmente até meados do século XX.

Todas as demais ocorrências (45 a 52) seriam possíveis com a preposição **a**, o que demonstra variação entre as duas preposições. Embora em pequeno número na correspondência passiva de Washington Luiz, os quatro dados de **para** introduzindo a categoria de PESSOA (49 a 52) revelam uma tendência à desativação da preposição **a**. O tipo de documento pode estar relacionado a esse fenômeno, e isso nos leva ao próximo item.

3.2.1.1 *As preposições a e para e a tipologia textual*

Simões & Kewitz (2005) propuseram alguns critérios para a seleção de documentos dos séculos XVIII e XIX mais apropriados aos estudos de mudança lingüística no âmbito do PHPB. Baseando-se no gênero textual *carta*, foram levantados os seguintes traços lingüístico-discursivos: (i) grau de publicidade do documento, (ii) grau de simetria entre os escritores, (iii) fixidez temática, (iv) dimensões da ação comunicativa e (v) grau de planejamento do texto. Esses cinco critérios juntos podem evidenciar maior ou menor formalidade na produção dos documentos.

Ao observar esses traços em três conjuntos de cartas dos séculos XVIII e XIX, os autores foram guiados pela seguinte pergunta: em que medida a escolha de um determinado gênero textual condiciona ou influencia a seleção de fenômenos lingüísticos específicos? Uma carta particular, por exemplo, tende a proporcionar ao escritor maior relaxamento da escrita, e com isso, possibilitar o uso de formas consideradas não padrão ? Mais especificamente em relação às preposições **a** e **para**, o que as características de cada gênero textual revelam na escolha de uma ou outra preposição ?

Na correspondência passiva de Washington Luiz, no século XIX, há cartas escritas por pessoas íntimas do destinatário, tais como irmãos, cunhados, primos e sogra. A simetria horizontal e a relação social entre remetente e destinatário proporcionam um certo relaxamento da escrita, o que pode influenciar na escolha das preposições em questão. Em geral, as cartas obedecem a um certo padrão de abertura e fechamento, mas no restante da carta encontram-se variados elementos lingüístico-discursivos, relacionados ao núcleo temático (bastante variado nessas cartas) e à dimensão da ação comunicativa (narrar, pedir, reclamar etc.).

Quanto aos outros documentos utilizados na coleta de dados desta pesquisa, trata-se de gêneros publicados em jornais brasileiros: anúncios, cartas de leitores e de redatores. Esses documentos apresentam alto grau de publicidade, ao contrário das cartas de Washington Luiz. A tabela 2 a seguir mostra como as preposições **a** e **para** estão distribuídas em cada tipo de documento, levando em conta as categorias analisadas na seção anterior:

Tabela 2: distribuição das preposições **a** e **para** quanto à categoria semântica de seu complemento x tipo de documento no século XIX

		PESSOA		DESTINO		OBJETO		TEMPO		ABSTRATAS		total	
		N.	%	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%
Anúncios de Jornal	a	70	96	23	43	1	50	1	50	4	40	99	70
	para	3	4	31	57	1	50	1	50	6	60	42	30
Cartas de Leitores de Jornal	a	74	95	37	74	6	75	1	50	23	66	141	82
	para	4	5	13	26	2	25	1	50	12	34	32	18
Cartas de Redatores de Jornal	a	31	97	14	70	--	--	--	--	14	61	59	78
	para	1	3	6	30	1	100	--	--	9	39	17	22
Corr.Pass. Washington Luiz	a	22	85	2	8	1	100	--	--	3	60	28	47
	para	4	15	24	92	--	--	1	100	2	40	31	53
total	a	197	94	74	49	8	67	2	40	44	60	327	73
	para	12	6	76	51	4	33	3	60	29	40	122	27

Observando a coluna da direita na tabela 2, com o total de cada documento, verifica-se que em todos os gêneros de jornal a preposição **a** é mais frequente que **para**. Na correspondência passiva de Washington Luiz, ao contrário, é a preposição **para** que supera **a**. Se admitirmos que **para** é a variante inovadora, sobretudo como introdutora de constituintes de PESSOA e DESTINO, os resultados encontrados nessas cartas estão de acordo com o que Simões & Kewitz (2005) propõem. Além disso, dos quatro tipos de documento do século XIX, é a correspondência passiva de Washington Luiz que apresenta maior percentual da preposição **para** na categoria de PESSOA⁷⁴, com 15%, enquanto nos demais não ultrapassa 5%.

Os anúncios de jornais e a correspondência de Washington Luiz privilegiam a preposição **para** introduzindo o constituinte de DESTINO, com 57% e 92%, respectivamente, ao passo que as cartas de leitores e redatores de jornais mantêm maior percentual da preposição **a** (74% nas cartas de leitores e 70% das de redatores).

⁷⁴ Ainda que em menor número que a preposição **a**.

Na correspondência de Washington Luiz foram encontrados apenas dois exemplos de **a** introduzindo o constituinte de DESTINO, perfazendo 8%:

(53) [19 2 SP CP WL] Hoje fui **ao** banco e creditei mais 450#000, aluguel de duas casas...

(54) [19 2 RJ CP WL] Logo que o Chico siga para ahi, eu irei **ao** Rio e resolverei definitivamente esse negocio, si antes d'isso não tiveres ido até lá.

Com isso, pode-se afirmar que quanto menor o grau de formalidade presente no documento, maior a tendência de uso de formas inovadoras, neste caso, a preposição **para**.

Vejamos como se dá a distribuição das preposições **a** e **para** nos documentos do século XX, em relação às mesmas categorias:

Tabela 3: distribuição das preposições **a** e **para** quanto à categoria semântica de seu complemento x tipo de documento no século XX⁷⁵

		PESSOA		DESTINO		OBJETO		TEMPO		ABSTRATAS		total	
		N.	%	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%
Português Popular	a	3	8	2	3	--		1	33	1	17	7	6
	para	36	92	67	97	--		2	67	5	83	110	94
NURC	a	12	43	13	26	--		4	100	9	45	38	37
	para	16	57	37	74	1	100	--		11	55	65	63
Corr.Pass Particular	a	7	20	16	46	1	33	--		17	85	41	44
	para	28	80	19	54	2	67	--		3	15	52	56
Cartas M.de Andrade	a	36	65	3	20	1	50	--		1	25	41	53
	para	19	35	12	80	1	50	1	100	3	75	36	47
Corr.Pass. Washington Luiz	a	12	86	5	29	--		--		5	33	22	48
	para	2	14	12	71	--		--		10	67	24	52
Almanaque (Belmonte)	a	10	91	6	50	--		2	67	7	58	25	66
	para	1	9	6	50	--		1	33	5	42	13	34
total	a	80	44	45	23	2	33	7	64	40	52	174	37
	para	102	56	153	77	4	67	4	36	37	48	300	63

Observando a coluna da direita (total), verifica-se que o percentual da variedade inovadora **para** é maior que o da preposição **a** nos seguintes documentos: Português Popular (94%), NURC (63%), Correspondência Passiva Particular (56%) e Correspondência Passiva de Washington Luiz (52%). A preposição **a** é mais freqüente nas cartas de Mario de Andrade (53%) e nos Almanques (66%), ambos documentos da primeira metade do século.

⁷⁵ Os três primeiros documentos são da segunda metade do século XX, e os três últimos, da primeira metade.

Esta análise revela uma assimetria interessante: textos informais podem ser gramaticalmente conservadores, por darem uma sobrevida à preposição **a**.

A variedade popular do português - menos susceptível à influência da escola e da norma - prefere o uso da forma inovadora **para**, restringindo a preposição **a** a poucos contextos. Os sete casos encontrados são os seguintes:

(55) [20 2 POP (98) BA] *Aí você vai aos pontos, você vai contando os pontos e vai né...*

(56) [20 2 POP (97) SP] *O que a gente pede a prefeitura até remédio pra rato, pra tudo né?*

(57) [20 2 POP (98) BA] *...eu pedia bituca de cigarro a um e a outro...*

(58) [20 2 POP (98) PB] *...eu só pidi graças a Deus e cumecei trabalhá.*

(59) [20 2 POP (98) PB] *...pra batalhá pra dá de comê a todos eles...*

(60) [20 2 POP (98) PB] *...me apresentei à firma...*

(61) [20 2 POP (98) PB] *...pegava de sete às, às treis e vinte.*

Com exceção dos exemplos (58) e (61), todos poderiam ocorrer com a preposição **para**. O uso de **a** no exemplo (58) constitui um uso já cristalizado da expressão "graças a Deus", bastante corrente no português contemporâneo. No exemplo (61), a preposição **a** pode variar com *até*, e em (55) e (60) pode variar com a preposição *em*, além de **para**. A preposição **a** em (60) também pode se tratar de uso mais cristalizado. Trata-se, portanto, de nichos sintáticos em que a preposição **a** ainda resiste.

A outra variedade falada do *corpus* - NURC - apresenta um percentual de **a** maior que no Português Popular, mas não supera o uso de **para**. Isso nos leva a concluir que a língua falada privilegia o uso da forma inovadora **para** em todas as categorias. Esse fato pode ter alguma relação com os processos fonológicos descritos em 3.1 deste capítulo.

Os documentos de língua escrita revelam algumas pistas interessantes. Começamos pela categoria de PESSOA: a preposição **a** é mais freqüente que **para** nas cartas de Mario de Andrade (65%), nos Almanques (91%) e na correspondência passiva de Washington Luiz (86%). Especificamente neste último documento, segue-se a tendência do que ocorre no século XIX (85% de **a**). No entanto, tem-se menos ocorrências da preposição **para** no XX (2 casos) do que no XIX (4 casos). Isso se deve talvez ao grau de simetria entre os escritores: no século XX, as cartas abrangem o período em que o destinatário foi prefeito de São Paulo, presidente da Província de São Paulo e presidente da república. É notável,

com isso, o grau de formalidade com que os remetentes se dirigem ao destinatário, além do fato de que grande parte deles não eram familiares, mas pessoas relacionadas à política local e nacional da época. Dos 46 dados encontrados nessas cartas, 28 provêm de remetentes não familiares, e 18 das cartas dos mesmos familiares encontrados no século XIX. Ainda assim, o tratamento dado ao destinatário por esses remetentes sofre uma sutil alteração devido à ascensão político-social de Washington Luiz⁷⁶.

O teor do texto nos Almanques é muito semelhante às cartas de leitores de jornais do século XIX, quanto ao conteúdo e às propriedades discursivas: reclamações e críticas aos costumes da época, à política nacional e internacional. Os percentuais das preposições **a** e **para** também se assemelham, especialmente em relação à categoria de PESSOA: 95% com **a** e 5% com **para** nas Cartas de Leitores (XIX), e 91% com **a** e 9% com **para** nos Almanques (XX).

Na categoria de DESTINO, há o mesmo número de ocorrências (6) com as duas preposições nos Almanques. Na Correspondência Passiva Particular há 19 ocorrências de **para** (54%) e 16 de **a** (46%) nessa categoria. Na categoria contendo NOÇÕES ABSTRATAS, temos 58% de **a** e 42% de **para** nos Almanques e 85% de **a** contra 15% de **para** na Correspondência Passiva Particular. Esse último documento parece revelar uma inversão da tendência que já vinha ocorrendo no século XIX, isto é, um progressivo aumento do uso de **para**, especialmente em cartas particulares. Por que isso ocorre? Uma explicação possível diz respeito ao grau de escolaridade dos escritores dessas cartas: são estudantes do ensino médio, de cursinho para vestibular ou recém-formados, o que nos leva a supor que havia forte preocupação com a norma prescrita e aprendida nesse nível escolar. Além disso, o grau de conhecimento entre remetente e destinatário era praticamente nulo, ou ao menos muito baixo, visto que não se conheciam pessoalmente⁷⁷. Com isso, o uso da forma de prestígio, nos termos de Gomes (1998), a preposição **a**, tende a ser bastante frequente, ainda que a forma inovadora **para** tenha um percentual maior na totalidade das ocorrências.

O objetivo desta pesquisa não se refere ao estudo aprofundado desses traços discursivos dos documentos, pois não estou lidando com a discursivização. O que procuro mostrar com isso são possíveis pistas para entender as condições de escolha de uma ou

⁷⁶ Esse tratamento varia de remetente para remetente. Por exemplo, nas cartas do irmão Lafayette, autor de grande parte das cartas do XIX, não se percebe muitas alterações quanto ao grau de planejamento do texto. O mesmo ocorre com as cartas do primo e concunhado Everardo Vallim Pereira de Souza, também presente nas cartas do século XIX.

⁷⁷ A formalidade entre os escritores diminui à medida que vão trocando cartas ao longo do tempo.

outra variante, **a** ou **para**, ou seja, os traços discursivos funcionam como um apoio para verificar as escolhas do falante ou do escritor.

3.2.2 Categoria do complemento da preposição

Procurou-se verificar com essas propriedades sintáticas que tipo de complemento as preposições **a** e **para** subcategorizam. Foram selecionadas e quantificadas três classes nominais, a saber:

- (i) *Nomes* - incluem-se nomes próprios de pessoa (*Senhor Antônio*) e de lugar (*Rua da Conceição*), deverbais (*fundação*), nomes abstratos (*felicidade*) e referenciais (*casa, loja, autoridades, assinantes* etc.), enquanto núcleo do sintagma nominal;
- (ii) *Pronomes* - inserem-se os pessoais (*ele, você* etc.), indefinidos (*alguém, ninguém, quem* etc.), de tratamento (*Vossa Excelência*) e demonstrativos (*isso*), enquanto núcleo do sintagma nominal;
- (iii) *Pronomes Circunstanciais* - são aqueles locativos e temporais do tipo *cá, lá, aqui, onde, cedo* etc.

Os resultados quantitativos podem ser observados na tabela 4 abaixo:

Tabela 4: distribuição das preposições **a** e **para** quanto à categoria do complemento da preposição nos séculos XIX e XX

	XIX				XX			
	<i>a</i>		<i>para</i>		<i>a</i>		<i>para</i>	
	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%
Nome	276	74	99	26	136	45	164	55
Pronome	51	88	7	12	38	31	83	69
Pronome circunstancial	--		16	100	0	0	52	100
total parcial	327	73	122	27	174	37	300	63
total geral	449				474			

As duas preposições são mais frequentes com nomes nos dois séculos, e em segundo lugar vêm os pronomes.

Já era previsto que a preposição **a** teria percentual nulo com os pronomes circunstanciais, pois estes se combinam apenas com **para** (entre outras preposições), como em *para cá, para aí* (pop. *praí*), *para lá, para mais tarde* etc. Os casos em que a preposição **a** foi aglutinada ao vocábulo de base, como *aí* e *aonde*, não foram computados. Outros circunstanciais - *para fora, para cima, para dentro, abaixo, adentro* etc. - não entraram nessa tabela, pois serão tratados qualitativamente no item sobre as locuções prepositivas mais adiante.

Alguns exemplos para ilustrar:

Nome:

(62) [20 1 SP CP MA] *Peço-lhe pois comunicar **aos seus leitores** a quem vão os seus aplausos tão justos.*

(63) [19 1 PECJ L] *Vejamos agora qual tem sido a conducta do Senhor Olanda depois que entrou **para o Ministério**.*

Pronome:

(64) [19 2 PR A] *DESAPARECEU desta cidade um cavallo tordilho de couro negro (...); **a quem** o entregar nesta typographia se gratificará generosamente.*

(65) [20 2 SP CPP] *A carta que eu mandei **pra ele** voltou por causa do n.º errado.*

Pronome Circunstancial:

(66) [19 2 RJ CP WL] *Depois que o Senhor Alfredo Vasconcellos foi **para ahi** já te escrevi duas vezes...*

3.2.3 Posição do SP na sentença

Procurei verificar a posição dos sintagmas preposicionados introduzidos por **a** e **para** mais especificamente em relação ao verbo, já que não levou-se em conta sua relação com nomes e adjetivos neste capítulo. As seguintes perguntas direcionaram a análise nesse quesito: as preposições **a** e **para** são ativadas em que posição (ou posições) na sentença? As duas apresentam a mesma distribuição ou cada uma revela uma certa tendência?

Ao todo, foram levantadas oito diferentes posições do SP na sentença, embora algumas sejam bastante próximas entre si. Os resultados quantitativos são apresentados na tabela 5, logo após os exemplos.

(1) S V O SP⁷⁸

(67) [20 1 SP CP MA] *Estou em aula! mas dei uma tarefinha aos alunos só pra poder lhe escrever.*

(68) [19 2 SP A] *Uma mãe aborrecida de criar uma filhinha de dois meses de idade, entregou-a á uma escrava (...) A escrava (...) andou com a misera creancinha (...) até que o senhor Oséas Borges da Costa (...) depositou-a em casa de uma familia para no dia seguinte leval-a para a sua.*

(2) S V SP (O)

(69) [19 2 RJ CP WL] *Aconselhei ao Chico estuda pharmacia aqui, pois que e assim fazendo baseava-me na felicidade d'este estudo aqui.*

(70) [20 2 SP NURC D2: 343] *...não sei se ele pegava para ele as doenças dos outros...*

Nesta posição, insere-se grande parte dos verbos de movimento, como *ir, vir, seguir*. Com outros verbos, o OD está presente à direita do SP ou ausente.

(3) S SP V (O)

(71) [19 2 BA CJ R] *...uma correspondencia de Londres deve a todos satisfazer...*

(72) [20 2 POP (98) BA] *eu disse: "Você pra mim num interessa mais, faiz de conta que é um cachorro que passô na minha frente".*

O exemplo (71) é o único caso encontrado em que o SP está entre V₁ (*dever*) e V₂ (*satisfazer*). Por isso, não era relevante estabelecer um fator para essa posição, e foi encaixado nessa configuração.

(4) SP S V (O)

(73) [19 2 MG CJ L] *Senhor Redactor. - Lendo no Itamontano uma correspondencia assignada pelo Ferrão, em a qual com todo o requinte da baixa, vil e perfida calumnia*

⁷⁸ S = Sujeito; V = Verbo; O = Objeto Direto; SP = sintagma preposicionado com **a** e **para**;
X = qualquer elemento que se insere entre o V e o SP, um Advérbio, por exemplo.

buscou-se insultar os cidadãos que na cidade de Sabará serviços tem prestado a causa da ordem e da monarchia, (talvez seo maior crime) força eh que, (...) façamos a comparação delles e de nós e ao público mostremos a inpinada distancia que nos separa.

(74) [20 2 POP (02) PI] ...então **pr'**essa irmã que eu fui trabalhá...

Grande parte dos casos da preposição **para** nessa posição refere-se a interrogativas, como no exemplo abaixo:

(75) [20 2 POP (98) BA] ...ele vai pegá esse barraco aqui que eu moro, e **pra** onde vai ?

(5) S O V SP ou O S V SP

(76) [20 2 RJ NURC DID: 261] dona Vera Viana me carregando no colo... me levou **pra** sala pra fazer o exame...

(77) [19 2 MG A] Fugio (...) um escravo por nome Joaquim. (...) Gratifica-se com 20\$000 réis a quem o prender e o entregar **a** seu senhor na dita chacara...

Esta posição assemelha-se a (2) S V SP (O), com a diferença de que aqui o OD está presente antes do verbo ou do sujeito, ao passo que em (2) o OD pode ou não aparecer, e se está presente, vem após o SP.

Nessas ocorrências, o OD é geralmente pronominal (*me, o, se* etc.) ou apresenta-se na forma de sentença relativa:

(78) [19 2 MG CJ L] Bem persuadidos estamos, Senhor Redactor, e que a única resposta que deveriamos dar **a** esse descompassado atrevimento, era o desprezo condigno do autor ou autores do immortal padrão dos decantados - Liberaes -...

(6) S V (O) X SP / S V X SP (O) / V S X SP

(79) [19 2 RJ CP WL] De accôrdo com as tuas ordens, entreguei ante-hontem **aos** Senhores Souza Machado e Companhia, a quantia de 50#000 em dinheiro e uma ordem de 9:000#000...

(80) [20 2 SP CPP] Agora é descer correndo para o correio, e tentar para que esta carta apressada chegue logo.

Nesses casos, há sempre um elemento entre o verbo e o SP, geralmente um advérbio (*normalmente, mais, então, assim, muito* etc.), um pronome circunstancial de tempo (*ontem, o mais cedo possível* etc.) ou outro sintagma preposicionado introduzido por *em* (*em setembro*), *com* (*com ele*), *de* (*de novo*) etc.

(7) V SP (X) S

(81) [19 1 PE CJ R] Domingo (26) chegou a este porto a Fragata, que conduzia o Senhor Brigadeiro Paula Vasconcellos para comandar as Armas nesta Provincia,...

(82) [20 1 SP ALM] Em 1817, devendo sair à rua, como de costume, a procissão de S. Jorge...

O SP, neste caso, está adjacente ao verbo, e o sujeito é deslocado para a direita, ao contrário da configuração (3), em que a preposição está adjacente ao sujeito, e não ao verbo. No exemplo (82), há ainda a inserção da expressão "como de costume". Este foi o único caso encontrado no século XX. E no século XIX, há apenas dois dados com a preposição **a**.

(8) (O) V S SP ou V S SP (O)

(83) [19 2 SP CJ L] Em vista desta patacuada peçam Vossas mercês ao Senhor Godoi que não progrida; póde apparecer algum Turco que lhe dê um bom cachimbo.

(84) [19 1 SP CJ R] E estamos prontissimos para receber as subscrições; e desde ja offerecemos dez acções annuaes; e folgariamos que no proximo seguinte anno de 1828 começassem a ir alguns jovens Paulistas para os paizes illustrados.

Nesta configuração, o sujeito está inserido entre o verbo e o SP. Foram encontradas poucas ocorrências nos dois séculos, conforme a tabela abaixo.

Tabela 5: distribuição das preposições **a** e **para** quanto à posição na sentença nos séculos XIX e XX

	XIX				XX			
	<i>a</i>		<i>para</i>		<i>a</i>		<i>para</i>	
	N.	%	N.	%	N.	%	N.	%
(1) <i>S V O SP</i>	85	77	25	23	30	32	64	68
(2) <i>S V SP (O)</i>	135	70	57	30	98	37	169	63
(3) <i>S SP V O</i>	1	100	--		1	50	1	50
(4) <i>SP S V O</i> <i>SP V S O</i>	26	81	6	19	10	59	7	41
(5) <i>S O V SP</i> <i>O S V SP</i>	41	93	3	7	14	40	21	60
(6) <i>S V (O) X SP</i> <i>V S X SP</i>	35	56	27	44	20	34	38	66
(7) <i>V SP S</i>	1	100	--		1	100	--	
(8) <i>O V S SP</i>	3	43	4	57	--		--	
total parcial	327	73	122	27	174	37	300	63
total geral	449				474			

Os resultados mostram que a preposição **a** ocorre em todas as posições com maior percentual que **para** no século XIX, exceto na configuração (8), mas com uma diferença não muito relevante.

No século XX, ocorre o contrário: **para** é mais freqüente que **a** em todas as posições, com exceção da posição (4) com o SP à esquerda dos demais constituintes.

Observando o número de ocorrências dessas preposições em cada posição, verifica-se que: (i) a preposição **a** ocorre mais freqüentemente nas posições (2), (1), (5), (6) e (4) nos dois séculos e (ii) a preposição **para** apresenta maior percentual nas posições (2), (1) e (6), também nos dois séculos. Conclui-se que não houve grandes alterações de um século para outro quanto à posição que ocupam na sentença. A preposição **a** parece ser mais flexível na sentença do que **para**, por apresentar mais de 5% em cinco configurações, ao passo que **para** tem mais de 5% em apenas três configurações⁷⁹.

Correlacionando esta propriedade sintática de **a** e **para** com o tipo de documento, obtive alguns resultados interessantes: no século XIX, a estrutura mais freqüente em todos os documentos é *S V SP*, com as duas preposições. Em segundo e terceiro lugares estão *S V O SP* e *S V (O) X SP*. O mesmo resultado foi obtido para o século XX, considerando o total de ocorrências em cada posição.

⁷⁹ Esse percentual foi obtido pela leitura vertical da tabela, ou seja, o total as ocorrências de cada preposição separadamente.

Dentre as três posições mais freqüentes, procurei verificar como estão distribuídas as preposições **a** e **para** em cada documento dos séculos XIX e XX.

A tabela 6 abaixo mostra os resultados obtidos para o século XIX:

Tabela 6: distribuição das preposições **a** e **para** quanto às posições 1,2 e 6 em cada tipo de documento do século XIX

		(1) S V O SP		(2) S V SP		(6) S V (O) X SP	
		N.	%	N.	%	N.	%
ANÚNCIOS DE JORNAIS	a	23	72	40	69	13	57
	para	9	28	18	31	10	43
CARTAS DE LEITORES DE JORNAIS	a	43	97	55	72	12	60
	para	3	7	21	28	8	40
CARTAS DE REDADORES DE JORNAIS	a	14	88	24	73	8	89
	para	2	12	9	27	1	11
CORRESPONDÊNCIA PASSIVA DE WASHINGTON LUIZ	a	5	31	16	64	2	20
	para	11	69	9	36	8	80
total	a	85	77	135	70	35	56
	para	25	23	57	30	27	44
		110		192		62	

Os documentos de jornais - anúncios e cartas - privilegiam a preposição **a** em todas as posições. Na correspondência passiva de Washington Luiz, encontramos duas estruturas em que a preposição **para** supera **a**: na posição 1, temos 69% (**para**) e 31% (**a**), e na posição 6, 80% (**para**) e 20% (**a**). Esta última refere-se à estrutura em que há inserção de outros itens lingüísticos que não o sujeito e o objeto direto entre o verbo e o sintagma preposicionado.

Na tabela 7 estão os resultados referentes ao século XX:

Tabela 7: distribuição das preposições **a** e **para** quanto às posições 1,2 e 6 em cada tipo de documento do século XX

		(1) S V O SP		(2) S V SP		(6) S V (O) X SP	
		N.	%	N.	%	N.	%
PORTUGUÊS POPULAR	a	3	12	2	3	1	7
	para	23	88	67	97	14	93
NURC	a	2	15	23	40	5	31
	para	11	85	35	60	11	69
CORRESPONDÊNCIA PASSIVA PARTICULAR	a	5	28	28	49	3	38
	para	13	72	29	51	5	62
CARTAS MARIO DE ANDRADE	a	5	33	25	60	6	60
	para	10	67	17	40	4	40
CORRESPONDÊNCIA PASSIVA DE WASHINGTON LUIZ	a	6	46	12	52	1	20
	para	7	54	11	48	4	80
ALMANAQUES	a	9	100	8	44	4	100
	para	--		10	56	--	
total	a	30	32	98	37	20	34
	para	64	68	169	63	38	66
		94		267		58	

Os resultados obtidos para o século XX são variados quanto à posição de **a** e **para**: cada documento privilegia uma ou outra preposição nas três posições mais frequentes.

Mais uma vez, os resultados dos Almanques assemelham-se aos das cartas de leitores de jornais do século XIX: **a** sempre mais frequente que **para**. As cartas de Mário de Andrade apresentam resultado de **para** superior ao da preposição **a** apenas na posição 1, e a correspondência passiva de Washington Luiz revela o mesmo percentual da posição 6 observado para o século XIX: 20% de **a** e 80% de **para**. Na Correspondência Passiva Particular, a preposição **para** tem percentual maior que **a** nas três posições, mas é importante notar que a diferença entre as duas preposições na posição 2 é mínima: 49% (**a**) e 51% (**para**).

Os documentos referentes à língua falada revelam resultados interessantes: aí está o maior número de ocorrências de inserção de outros elementos entre o verbo e o sintagma preposicionado, como se pode ver nos gráficos a seguir:

Gráfico 3: distribuição das preposições **a** e **para** (separadamente) na estrutura S V (O) X SP por tipo de documento no século XX

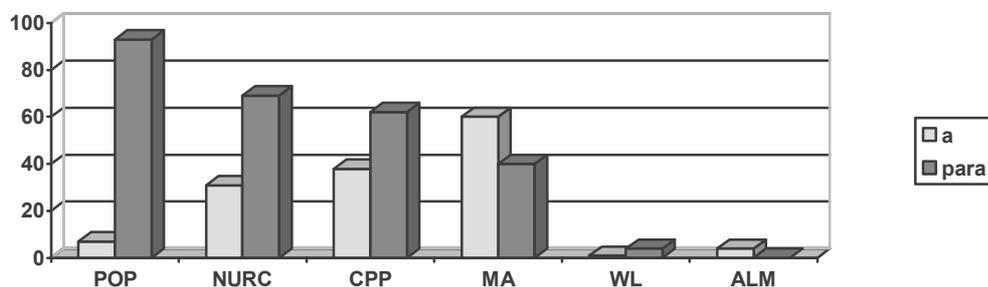
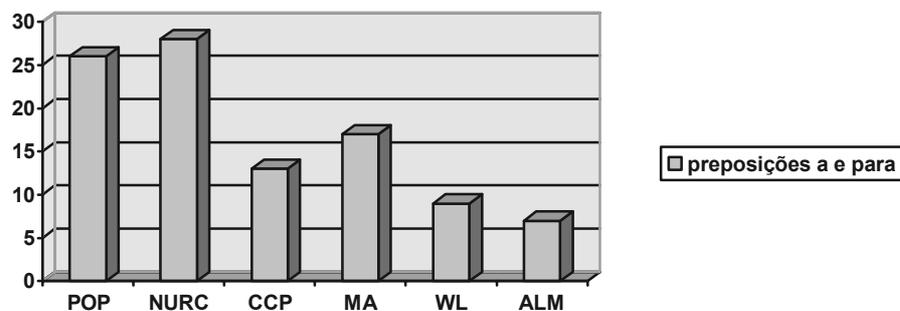


Gráfico 4: distribuição das preposições **a** e **para** (juntas) na estrutura S V (O) X SP por documento no século XX



Os gráficos 3 e 4 mostram que documentos do século XX apresentam maior inserção de elementos entre o verbo e o sintagma preposicionado. No gráfico 3, as preposições **a** e **para** estão separadas, revelando que o declínio de **a** ocorre com o aumento de **para**. Já o gráfico 4 mostra que documento tende a inserir mais elementos entre o verbo e o sintagma preposicionado: Português Popular e NURC, justamente os documentos de língua falada. A inserção corresponde à parentetização, estratégia mais produtiva em textos falados: cf. Jubran (2006).

Um estudo mais detalhado das inserções está relacionado ao processo de discursivização, que está fora do âmbito desta pesquisa.

3.2.4 Tipo de verbo

A princípio, levou-se em conta a propriedade sintática do verbo quanto ao número de argumentos que subcategoriza, isto é, se monoargumental, biargumental, triargumental e triargumental reflexivo. No entanto, essa classificação apresenta o mesmo problema exposto na seção 3.2.1 em relação às funções sintáticas de objeto indireto, complemento oblíquo e adjunto adverbial: como definir quantos argumentos um determinado verbo pede, exige ou subcategoriza? Alguns verbos, em determinados contextos, subcategorizam dois argumentos (sujeito e objeto direto), e em outros contextos, três argumentos (sujeito, objeto direto e SP).

Para contornar, mais uma vez, essa problemática, dei preferência a uma classificação semântica dos verbos. Embora também apresente problemas, por dar margem à criação de infinitas categorias, essa classificação fornece maior controle dos dados. Com base em Ciscomani (2006) e Brandão (1963)⁸⁰, separei os verbos em sete grupos:

- I. *verbos de movimento / direção: ir, vir, chegar, seguir, partir, caminhar, dirigir-se, viajar, passar, entrar, sair, mudar-se, transferir-se etc.* São verbos que envolvem o deslocamento da Figura em direção a um Ponto de Referência, sendo a Figura representada pelo sujeito, ou seja, é o sujeito verbal que se desloca ao Ponto de Referência. Exemplos:

⁸⁰ Os grupos I a IV baseiam-se em Ciscomani (2006), e os grupos V e VI em Brandão (1963).

(85) [20 2 BA NURC DID: 231] ...a criança deve ir o mais cedo possível à escola, entendeu?

(86) [19 2 SP CP WL] Nós aqui estamos bons. Sequimos brevemente **para** o Guarujá, onde vamos passar uns quinze dias.

II. *verbos de transferência*: envolvem um sujeito que dirige sua força a uma entidade por ele manipulada e deslocada para o âmbito da entidade representada pelo SP. O verbo *dar* representa a estrutura mais prototípica desse grupo de verbos, associada aos traços semânticos do sujeito [+humano], do OD [-animado] e do SP [+humano] ou [+lugar/destino] (cf. Silva 1999, Ciscomani 2006). Os SPs com traço [+humano] e [+lugar/destino] foram inseridos neste grupo por representarem o Ponto de Referência para onde o OD é deslocado. Temos, portanto, transferência de lugar de OD (do sujeito para o SP), podendo, como consequência, haver transferência de posse, ou seja, a mudança de posse de uma entidade (sujeito) a outra (SP) é resultado do deslocamento de OD. Essa estrutura serve de base para outras menos prototípicas, por exemplo quando o sujeito e/ou o SP têm traço [-humano], quando OD é [+humano] e assim por diante. Alguns verbos desse grupo são: *oferecer, fornecer, levar, trazer, enviar, proporcionar, deixar, comprar, vender, pagar, dever* etc.⁸¹.
Exemplos:

(87) [19 1 SP CJ L] O ano proximo passado tive a honra de *lhe* dirigir uma cartinha, na qual perguntava como é que a Nação dava cento e cincoenta mil reis, a um Senhor Professor para ensinar *Grammatica Latina* aos meninos do Côro, quando este não dava Aula;

(88) [20 2 SP CPP] Se tiver manda as cópias **para** mim, que eu mando o dinheiro pelo correio.

III. *verbos de comunicação*: neste grupo, o OD não é manipulado nem pelo sujeito, nem pelo SP, mas é deslocado virtualmente de um para outro. Trata-se da transferência de informação, conceitualizada em termos de uma entidade concreta, via metáfora. Neste grupo, há dois tipos de verbo, segundo o modo como o OD é percebido: (i) percepção auditiva, como *dizer, falar, pedir, prometer, contar, apelar, rogar, declarar, avisar* etc. Ciscomani (2006: 635) define a percepção auditiva da seguinte forma: "*las expresiones lingüísticas son vehículos para transportar ideas a lo largo*

⁸¹ Obviamente que cada verbo apresenta um sentido específico por si só e também pode representar eventos distintos quando associado aos demais elementos lingüísticos da estrutura

de un conducto que va de la mente de los hablantes a la mente de los oyentes. Los vehículos son las cadenas de palabras, cada una de las cuales reporta una carga de significado; el hablante organiza el vehículo, es decir, la expresión, y lo envía a través del conducto, esto es, las ondas de sonido, en tanto que el oyente lo descarga para determinar la idea que el hablante tenía en mente y quería hacerle llegar poniéndolo en palabras"; e (ii) percepção visual: o sujeito faz com que o OD entre no campo visual do SP, experienciando-o.⁸² São verbos como *mostrar, ensinar, apresentar, expor, indicar, apontar, provar, exhibir* etc. Exemplos:

(89) [20 2 NURC RJ DID: 261] ...eu era muito tímida...como disse a você... [percepção auditiva]

(90) [19 2 SP CJ L] ... tenho unicamente o costume de fallar a linguagem da verdade, e entendo que para se fallar a verdade não e preciso procurar aquelles termos floridos com que é de costume se fallar principalmente quando se falla para o publico; [percepção auditiva]

(91) [19 1 SP CJ L] Senhor Redactor, - O anno proximo passado tive a honra de lhe dirigir uma cartinha, na qual perguntava como é que a Nação dava cento e cincoente mil reis, a um Senhor Proffessor para ensinar Grammatica Latina aos meninos do Côro, quando este não dava Aula; [percepção visual]

(92) [20 2 RJ D2 NURC:147] ... então eu mostrava [o desenho] pra freira...a freira dizia assim... [percepção visual]

IV. *verbos de criação/produção*: as construções deste grupo se caracterizam por ter como OD uma entidade não pré-existente, mas como produto da ação verbal. Verbos como *fazer, escrever, produzir* destacam o evento em si. Exemplos:

(93) [20 1 SP CP MA] Quando escrever ao Hélio, de lemabranças a ele.

(94) [19 2 SP CP WL] Muito agradeço-te o cacetada de mandar a Julio fazer a procuração para o advogado de Araras...

⁸² cf. também Silva (1999) e Berlinck (1996).

V. *verbos de complemento final*: são verbos que estabelecem, de alguma forma, uma relação de finalidade com o SP: *trabalhar, prestar, servir, preparar-se, adaptar(-se), concorrer, contribuir, subscrever, esforçar-se* etc. Exemplos:

(95) [20 2 RJ NURC D2: 158] *eu não...não me adaptaria a isso [viver numa fazenda]..*

(96) [19 2 MG A] *Vende-se, por não servir para esta cidade, huma mui linda crioula de 14 a 15 annos de idade...*

VI. *verbos de aproximação/união/semelhança*: verbos que estabelecem uma relação de aproximação, ligação ou semelhança (física ou metafórica) entre a Figura e o Ponto de Referência: *agregar, unir, ligar, telefonar, aproximar-se, aplicar(-se), acrescentar, inserir, aderir, interessar* etc. Exemplos:

(97) [19 1 SP CJ L] *Ora isto era em tempo, que os Religiozos erão inda Senhores daquella casa, e era Claustro, mas hoje que por Deliberação de Sua Majestade Imperial foi dada para o Estabellimento d'Academia do Curso Juridico, melhor, que nunca pode ter lugar a tal lembrança; acrescendo eu a isto uma outra, que não deixará de ser d'utilidade ao mesmo público;*

(98) [20 2 POP (98) BA] *Minha irmã ligô pra cá. Ligô pra cá chorano.*

VII. *outros verbos*: *pertencer, morar, ficar, faltar, assistir, convir, competir, convidar, gratificar, satisfazer*, etc. Neste conjunto inserem-se todos os demais verbos que não se encaixam estritamente nos grupos I a VI acima, por não formarem uma família de sentidos relacionados, evitando-se assim a multiplicação de categorias.

(99) [19 2 PR A] *JOSÉ da Motta Ribeiro (...) muito agradece á todas as pessoas que lhe fizeram a honra de acompanhar o corpo de seu innocente filho (...) e de assistirem ao funeral do mesmo...*

(100) [20 2 POP (98) BA] *...se você quisé dormí pra cá, dorme pra cá que eu vô pra lá...*

Ressalta-se que nem todos os verbos inseridos nos sete conjuntos apresentam variação entre as duas preposições.⁸³ Deu-se preferência por não focar apenas os dados em que **a** e **para** variam, mas também os casos de não variação, para assim não perder de vista propriedades sintáticas e semânticas como um todo dessas preposições. As ocorrências desses verbos com **a** e **para** distribuem-se de três formas:

- a) as preposições **a** e **para** apresentam variação livre, sem diferença de sentido. Exemplos: *dar, oferecer, transmitir, dizer, avisar, contar, prometer, ir, vir, voltar etc. (Dei um livro à/para Maria).*
- b) elas estão em distribuição complementar: a preposição **a** é categórica com alguns verbos, como *pertencer, assistir, obedecer, dever-se, opor-se, rogar etc. (O livro pertence à biblioteca),* e **para** é categórica com outros verbos, como *seguir, partir, telefonar, ligar, ficar, morar, mudar, retirar-se, apelar, concorrer, entrar, olhar etc. (Não ligo pra isso).*
- c) ambas ocorrem com o mesmo verbo, mas sem variação, isto é, com sentidos diferentes: *fugir a (= fugir de - origem) ≠ fugir para (direção), convidar a alguém para alguma coisa, chegar a algum lugar - chegar para alguém e dizer... , falar a alguém (=conversar com) - falar algo para alguém.* Este último verbo, com a preposição **a** no sentido de "conversar com", ocorre sobretudo no século XIX e início do XX.

A esse respeito, Said Ali (1971:216) observa que a preposição **para** "*rivaliza fortemente com a partícula a, sendo a diferença tão difícil de perceber que os casos de regência fixa, em que certos verbos e adjetivos se constroem uns sempre com a e outros sempre com para, não se explicam senão pelo capricho do uso*".

Há casos em que a preposição **a** varia com outros itens além de **para**: categoria vazia, como em *assistir ao filme ~ assistir o filme*, preposição *com*, como em *falar ao senhor... ~ falar com o senhor...*, preposição *de*, como em *fugir a Fulano > fugir de Fulano*, entre outros. Essas ocorrências não foram levantadas, por fugirem do escopo desta pesquisa.

⁸³ Não estou levando em conta nesta pesquisa outros itens que variam com a preposição **a**, tais como a categoria vazia (*obedecer ao pai > obedecer o pai*), as preposições *de* (*fugir a > fugir de*), *com* (*falar a > falar com*) etc.

A variação também pode ser observada entre **a**, **para** e a *categoria vazia* com o verbo *avisar*, como nos exemplos abaixo:

(101) [19 1 RJ A] *Aviza-se o Publico, que a Gazeta do Rio de Janeiro sahirá todas as quartas...*

(102) [20 1 SP CP MA] *É pra avisar você que vou mesmo em setembro pra Belo Horizonte...*

(103) [19 1 RJ A] *Aviza-se ao publico de que sexta feira proxima haverá huma Gazeta Extraordinária...*

(104) *Eu já avisei da reunião pro Fulano.*⁸⁴

Isso quer dizer, por um lado, que ambas preposições podem ser desativadas, dando lugar ao "silêncio" a que Castilho (2006) se refere. Por outro lado, vê-se que alguns verbos de comunicação - como *avisar* e *comunicar* - podem ocorrer sem marcar o interlocutor, ou seja, sem preposição.

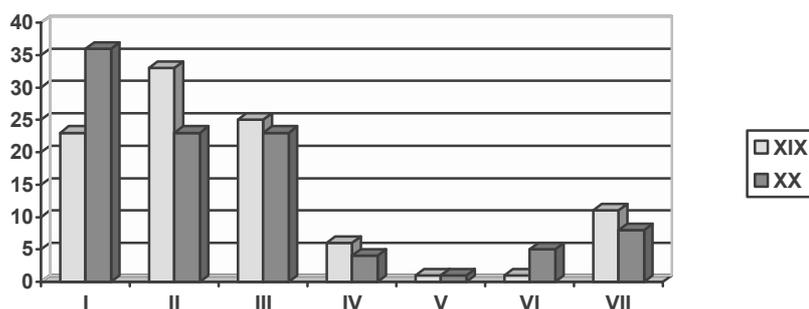
Deve-se levar em conta também o fato de alguns verbos ocorrerem com maior ou menor freqüência em certos tipos de documento, seja ele de língua escrita ou falada, ou ainda num período. Esse fator não significa que a preposição seja desativada, mas sim o verbo. Exemplo disso é o verbo *pertencer*. Além de ser pouco freqüente nos *corpora* dos dois séculos estudados, o falante ou escritor pode recorrer a outras formas para expressar a idéia de posse, como por exemplo o uso do verbo *ser* + pronome possessivo (ex.: *isso é meu*) ou *ser* + preposição *de* + Nome (*isso é de Fulano*), sem esquecer, no entanto, a possibilidade do verbo *pertencer* e tantos outros virem acompanhados de um pronome clítico (*me, te, lhe* etc.).

Em suma, é complexo identificar contextos de variação livre entre **a** e **para** nos grupos de verbos listados acima. Por isso, optei por analisar essas preposições de forma paralela a partir de algumas propriedades sintáticas e semânticas, ainda que tabelas comparando-as sejam apresentadas. Para uma análise mais apurada da variação entre elas, seria necessário restringir os verbos que as subcategorizam e ampliar o número de variáveis, como a categoria vazia e outras preposições.

Os gráficos a seguir mostram os percentuais de **a** e **para** separadamente, quanto ao tipo de verbo:

⁸⁴ Não foi encontrado nos *corpora* nenhum dado desse verbo com a preposição **para**.

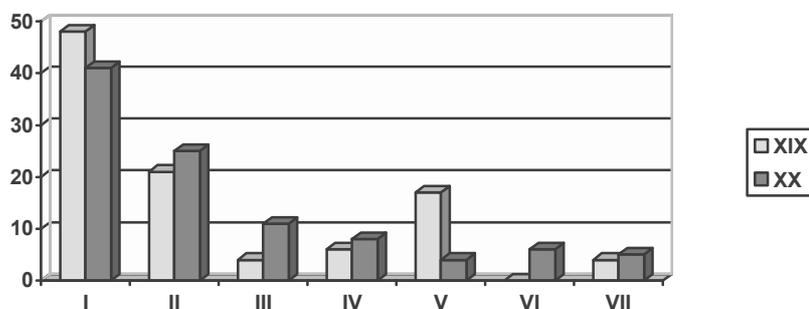
Gráfico 5: distribuição da preposição a em relação aos tipos de verbo nos séculos XIX e XX.



Legenda: I - verbos de movimento; II - verbos de transferência; III - verbos de comunicação; IV - verbos de criação; V - verbos de complemento final; VI - verbos de aproximação/união e VII - outros verbos.

No século XIX, a preposição **a** é mais freqüente com verbos de movimento, de transferência e de comunicação. No século XX, o percentual com os verbos de transferência e de comunicação sofre um ligeiro declínio (dando lugar em alguns casos à preposição **para**), ao passo que com os verbos de movimento, nota-se considerável aumento. Com os demais verbos, essa preposição é pouco freqüente, mesmo havendo alteração de um século para outro.

Gráfico 6: distribuição da preposição para em relação aos tipos de verbo nos séculos XIX e XX.



Legenda: I - verbos de movimento; II - verbos de transferência; III - verbos de comunicação; IV - verbos de criação; V - verbos de complemento final; VI - verbos de aproximação/união e VII - outros verbos.

Ao contrário do que ocorre com a preposição **a**, que apresenta diminuição de freqüência com quase todos os tipos de verbo, a preposição **para** revela aumento com quase todos, exceto com os verbos de movimento e os verbos de complemento final.

O aumento ou a diminuição na freqüência dessas preposições de um século para outro pode estar relacionado, em parte, à tipologia textual, isto é, determinadas estratégias discursivas requerem certos tipos de verbo em determinados textos mais do

que em outros. Essa afirmação se baseia numa das dimensões propostas por Simões & Kewitz (2005), mais especificamente a dimensão da ação comunicativa do texto. Por exemplo, nota-se o uso bastante freqüente do verbo *escrever* na Correspondência Passiva Particular, ao contrário dos Almanques. Outro exemplo notável é o verbo *dirigir(-se)*: nos anúncios de jornais do século XIX, seu uso é bastante freqüente, pois o anunciante, ao expor seus produtos (objetos, escravos etc.) e serviços, precisa indicar o lugar onde oferece tais produtos e serviços ou a pessoa que o interessado deve procurar, como nos exemplos abaixo:

(105) [19 2 BA A] *O abaixo assignado (...) vende a sua fazenda sita no Campo do Gado (...). Quem a pretender dirija-se ao annunciante na mesma fazenda...*

(106) [19 2 PR A] *PRECISA-SE de uma boa sala para leccionar alumnos (...); a pessoa que a quizer alugar dirija-se á esta typographia, que achará com quem tratar.*

Esse fator está intimamente relacionado à freqüência de uso das preposições **a** e **para**. De maneira geral, quando um determinado verbo deixa de ser usado ou simplesmente não é selecionado numa determinada tipologia textual, tal estratégia pode acarretar na ausência dessas preposições, além, é claro, da possibilidade de variarem com outros elementos (por exemplo, prep. *em*) ou estruturas lingüísticas.

Uma análise qualitativa dos dados em geral nos permite afirmar que, com alguns verbos, há de fato uma mudança em progresso **a** > **para**: especialmente com os verbos de transferência (*dar, mandar, enviar* etc.) e de comunicação (*dizer, falar, mostrar* etc.). Isso confirma os resultados encontrados por Berlinck (1997, 2000), Oliveira (2002) e Gomes (2003).

3.2.5 As preposições a e para nas locuções prepositivas

*"Lá para as bandas do Ipiranga as oficinas tosem...
Todos os estiolados são muito brancos.
Os invernos de Paulicea são como enterros de virgem...
Italianinha, torna al tuo paese! (...)
Deus recortou a alma de Paulicéia
num cor de cinza sem odor...
Oh! Para além vivem as primaveras eternas!...
Mas os homens passam sonambulando...
E rodando num bando nefário,
vestidas de eletricidade e gasolina,
as doenças jocotam em redor..."*
(Mário de Andrade, *Paulicéia Desvairada*)

Tradicionalmente, locuções prepositivas são formadas por um advérbio ou um nome seguidos das preposições *de* ou *a*, com a opção de virem antecidos por outra preposição, como nas expressões "perto de", "com respeito a", "em meio a", e assim por diante. No entanto, o estatuto das locuções prepositivas não é bem definido nas gramáticas do português (cf. Castilho et alii 2002). O que se encontra são grandes listagens de locuções sem nenhum critério de classificação.

Ilari et alii (2006) colocam em pauta alguns critérios sintáticos e semânticos para uma possível definição de locuções prepositivas. Os autores concluem que nenhum critério sintático se sustenta: nem todas as locuções correspondem a uma única palavra e são formadas por palavras de diversas classes, não sendo pertinente analisar a natureza de cada elemento que as compõe. Resta, portanto, o critério semântico: assim como as preposições, as locuções prepositivas indicam relações espaciais (e relações metafóricas derivadas de relações espaciais).

Ainda que os autores descartem os critérios sintáticos, eles apontam uma estrutura básica das locuções prepositivas (op. cit, p. 178):

Posição 1		Posição 2		Posição 3
preposição 1	+	base	+	preposição 2
[várias]		[denominação da relação espacial]		[de/a]

Nem todas as locuções obedecem a essa estrutura básica, pois, como ressaltam os autores, (i) nem todas as bases aceitam artigos e outros determinantes, (ii) algumas preposições não ocupam a posição 1, (iii) algumas bases dispensam a posição 2 (=elipse) e (iv)

incoerências de grafia ocorrem por conta de um processo de standardização da escrita (por exemplo, *em cima de* ~ * *encima de* / *acima de* ~ * *a cima de*, etc.).

As preposições **a** e **para** ocorrem na posição 1 em diversas locuções: *à frente de*, *ao lado de*, *para cima de*, *para dentro de* etc. Por conta do processo de regramaticalização, a preposição latina *ad* prefixou-se ao advérbio. No Português atual, não se tem mais a percepção desse processo (cf. Castilho 2003a). Nesse sentido, podemos dizer que a preposição **a** se encontra num estágio mais avançado de regramaticalização do que **para**, que sempre é o núcleo do sintagma preposicionado. Na posição 3, somente **a** é possível: *com respeito a*, *em relação a*, *junto a*, *em frente a* etc.

Descartando os advérbios (*acima*, *abaixo*, *atrás*, *adentro*, *afora* e *adiante*) e as locuções com **a** na posição 3, foram recolhidos todos os exemplos de locuções prepositivas com **a** e **para** nos corpora dos séculos XIX e XX, que podem ser vistos no quadro a seguir, que está dividido da seguinte forma:

Colunas 1, 2 e 3: referem-se aos eixos espaciais (v. capítulo 2)

Coluna 4: referência do exemplo. Quando não há referência, trata-se de exemplo introspectado.

Coluna 5: expressão que aparece antes da preposição, geralmente o suj+verbo.

Colunas 6 e 7: preposição complexa ou advérbio complexo com **a** e **para**, respectivamente.

Coluna 8: expressão que aparece depois do SP; o que está entre [] refere-se às partes recuperadas pelo contexto.

Quadro 2: exemplos de a e para em locuções prepositivas nos séculos XIX e XX.

Eixo		base	ref. do exemplo		preposições complexas e advérbios complexos		
					A	PARA	
horizontal	orientação lateral	direita /esquerda		A casa fica	à direita de / à esquerda de		a loja
				Vire	à esquerda		
				Chutou a bola		para a direita	[do campo]
	lado		19 2 MG A	[escravo fugido] costuma trazer o chapéu	ao lado		
			19 1 BA CJ L	[pessoas] que cahirão	ao Seu Lado		[do Imperador]
			19 2 BA CJ L	por não querer vel-os [filhos]	ao lado de		os meninos que não procedem d'alta linhagem
			19 2 BA CJ L	estarei em qualquer emergencia	ao lado de		sua excelencia
			19 2 PE CJ L	o homem pode chegar	ao lado de		o Creador
	19 2 PE CJ R	temos um exemplo desta triste verdade	ao lado de		o edificio municipal, no becco da cadeia		
vertical	superior	cima / riba	19 1 BA CJ L	mudem os alicerces		para cima	
			20 2 POP (98) BA	ái eu fui		pra cima de	ela
			20 2 SP CPP	se você ficar olhando		para cima	[céu]
			19 2 SP CJ L	(tenho gyrado)		pr'a riba	
	inferior	baixo	19 2 SP CJ L	tenho gyrado		pr'a baixo	
			19 1 BA CJ L	que mudem os telhados		para baixo	
transversal	anterior	antes		A reunião é		para antes de	sexta-feira
		diante		Vamos empurrar		para diante	
		frente	20 2 POP (98) SP	os nosso governante tomá vergonha... e botá o Brasil		pra frente	
			20 2 POP (98) BA	ela foi mais		pra frente	[no muro da quadra]
			20 2 POP (98) PB	vô chutá		pra frente	
			20 2 POP (98) PB	tem que chutá		pra frente	
			19 1 BA CJ R	..os que vão	á frente de		os que querem andar

							o mesmo caminho?
			19 2 BA CJ L	Telles se acha de novo	á frente de		outra divisão
			19 2 MG CJ L	quando a musica veio	á frente de		sua casa
			19 2 PE CJ L	acha-se na Bahia... o sabio	á frente de		a opposição
			19 2 BA A	estão [todos os cavalheiros de bom gosto e senhoras de melhor distincção]	á frente de		ellas [festas]
	19 2 SP A	O corpo docente é incontestavelmente o melhor possivel, achando-se [os <i>excelentíssimos senhores doutores Americo Braziliense e Americo de Campos</i> , e os habéis professores Alberto Neute e Gabriel Franzen]	á sua frente				
	posterior	trás	20 2 POP (98) PB	voltá		pa trais	[cuma mão na frente e outra atrais]
			20 2 POP (98) PB	a gente nunca chuta		pa trais	
		depois		Isso fica		para depois	
				Isso fica		para depois de	o Natal
continente / conteúdo	interior	dentro	19 1 SP A	[escrava] piza alguma coisa		para dentro	
			19 1 SP A	quando anda mete huma perna		para dentro	[mais do que outra]
			19 2 SP CJ L	[velhote] manda que eu metta a montoeira [de poeira]		para dentro	
			19 2 BA CJ L	[hum homem] saltou		para dentro	[da minha casa]
			19 1 RJ CJ L	[sogeito] entrou do reposteiro		para dentro	[da canoa]
			20 2 POP (98) PB	é só mandar o pessoal		pra dentro	[da casa]
			20 2 RS NURC DID	eu me transporto		pra dentro de	a novela
	exterior	fora	19 1 BA A	vende-se [um moleque]		para fora de	a terra
			19 2 MG A	vende-se [uma escrava parda]		para fora de	a cidade
			19 2 RJ A	fornece-se comidas		para fora	

			19 1 SP A	os mandou vender com outros [escravos]		para fora	
			19 2 SP CP WL	com a condição de não envial-o [estatuto]		para fora	
			20 2 POP (98) BA	Ela já botô até um filho, uma filha		pra fora de	casa
			20 2 RJ NURC D2	a mulher fazia a higiene dela e jogava		pro lado de fora	[da casa]
proximidade	proximal	lado / lados	19 2 SP CJ L	Victoriano...que mora		para o lado de	Jacarehy
			19 1 SP CJ L	[cartas] ficarão		para um lado	quando contenhão algum epitheto
			19 2 BA CJ R	nos volvamos		para qualquer lado que	
			19 2 RJ CJ R	[fornecedores] que quasi sempre moram		para os lados de	Nitheroy
			19 2 SP CP WL	quando [vierdes]		para estes lados	
		perto		Nós fomos		para perto de	Campinas
		parte(s)	19 1 MG A	tem o annunciante noticia, que este escravo esta		para as partes de	a Franca
			19 2 MG A	...e levou o dito escravo		para as partes de	o Serro, ou porto de São Francisco
			19 1 SP A	diz chama-se Luiz e que seu dono mora		para partes de	esta Cidade
			19 1 SP A	o 4º diz chama-se Francisco (...) aponta a morada de senhor		para as partes de	Jundiahy
	borda	19 1 PE CJ R	o nosso paiz está	á borda de		hum abismo	
	beira		mulheres	à beira de		um ataque de nervos	
	distal	longe		Viajamos		para longe de	a cidade
		distante	20 2 POP (98) PI	e o otro [irmão] foi		pra mais distante	[de onde eu morava]

Pelos exemplos do quadro acima, observa-se a grande possibilidade de combinações com a preposição **para** e o número reduzido de combinações com **a**. Não pretendo discutir ou explicar as diferenças dessas possibilidades, mas sobretudo mostrar o grau de ressintaticização de **a** e **para** na forma de locuções prepositivas, desde que sejam o núcleo do SP.

Pelos exemplos do quadro acima, as preposições complexas e advérbios complexos apresentam a seguinte estrutura:

1) SP = Prep + Adv + (Prep) - o SAdv está encaixado no SP. Inserem-se expressões como *para dentro / para dentro de, para fora / para fora de, pra frente, à frente de, pra trás.*

2) SP = Prep + N + (Prep) - Inserem-se as expressões *para o(s) lado(s) de, para as partes de, ao lado / ao lado de, à borda de, à esquerda/direita de, para a esquerda/direita de, para cima / para cima de, para baixo / para baixo de.* Nota-se que a percepção de *cima* como um nome e de *baixo* como um adjetivo se perdeu.

Proponho dois critérios para verificar o grau de ressintaticização de **a** e **para** nas locuções prepositivas: I-inserção de intensificadores e II-grau de nominalidade da base.

I - inserção de elementos intensificadores:

entre a preposição e a base da locução podem ser inseridos itens como *mais, bem e muito*. No quadro a seguir, apresento a aplicação desse critério, separando as expressões pelos eixos espaciais:

Exemplos:

eixo	combinação
horizontal	? para <i>mais</i> direita/esquerda * para <i>bem</i> direita/esquerda * para <i>muito</i> direita/esquerda
vertical	* para <i>mais</i> cima / baixo * para <i>bem</i> cima / baixo * para <i>muito</i> cima baixo
transversal	* para <i>mais</i> antes ? para <i>mais</i> depois para <i>mais</i> adiante para <i>bem</i> antes / depois / adiante para <i>muito</i> antes / depois / adiante * para <i>mais/bem/muito</i> trás * para <i>mais/bem/muito</i> frente * à <i>mais/bem/muito</i> frente
continente	para <i>mais</i> dentro / fora para <i>bem</i> dentro / fora para <i>muito</i> dentro / fora
proximidade	para <i>mais</i> perto / longe / distante para <i>bem</i> perto / longe / distante para <i>muito</i> perto / longe / distante * para <i>mais</i> lado(s) de * a <i>mais/bem/muito</i> lado

No quadro acima, verifica-se que as expressões de todos os eixos apresentam alguma restrição à inserção de intensificadores, exceto o eixo de continente. Fora de contexto, as expressões *para bem dentro/fora*, *para mais dentro/fora* etc. parecem não aceitáveis. Num contexto específico, como o acidente no buraco do metrô em São Paulo, podemos ter uma sentença como "A van entrou para bem dentro da cratera" ou "Os bombeiros puxaram o corpo para mais fora da van", ainda que mais prototipicamente

tivéssemos "A van entrou mais para dentro da cratera", em que o intensificador aparece antes da preposição, tomando por escopo todo o SP.

O segundo critério refere-se ao grau de nominalidade da base da locução⁸⁵ e se aplica (ou não) aos nomes *cima, frente, esquerda/direita, lado, parte, beira e borda*:

IIa - poder ser pluralizado;

IIb - aceitar determinantes: artigo e pronomes (*este, qualquer, todo, meu, nosso* etc.)

Exemplos de algumas bases:

<u>cima</u> :	<i>para cima</i>	* para <i>os</i> <i>cimas</i> (IIa) * para <i>este/meu/qualquer</i> <i>cima</i> (IIb)
<u>direita/esquerda</u>	<i>a + direita/esquerda</i>	* às <i>direitas/esquerdas</i> ⁸⁶ (IIa) ? a <i>esta</i> <i>esquerda/direita</i> (IIb) à <i>minha</i> <i>esquerda/direita</i> (IIb)
	<i>para esquerda/ direita</i>	* para <i>as</i> <i>esquerdas/direitas</i> (IIa) para <i>a</i> <i>esquerda/direita</i> (IIb) ? para <i>esta</i> <i>esquerda/direita</i> (IIb) para <i>a</i> <i>minha</i> <i>esquerda/direita</i> (IIb)
<u>frente</u>	<i>a + frente</i>	* às <i>frentes</i> (IIa) à <i>frente</i> (IIb) * à <i>esta</i> <i>frente</i> (IIb) à <i>minha</i> <i>frente</i> (IIb)
	<i>para frente</i>	? para <i>as</i> <i>frentes</i> (IIa) para <i>a</i> <i>frente</i> (IIb) ? para <i>qualquer</i> <i>frente</i> (IIb) para <i>sua</i> <i>frente</i> (IIb)

⁸⁵ Este critério baseia-se na leitura de Pontes (1992).

⁸⁶ Na linguagem popular, é possível encontrar "vire às esquerda", mas não "vai às esquerda da loja".

<u>lado</u>	<i>a + lado</i>	? aos lados (IIa)
		ao lado (IIb)
		a <i>este</i> lado (IIb)
		ao <i>nosso</i> lado (IIb)
	<i>para + lado</i>	para os lados (IIa)
		para o lado (IIb)
		para <i>qualquer</i> lado (IIb)
		para o <i>meu</i> lado (IIb)

Nota-se que algumas bases já não são mais percebidas como nome pela perda de propriedades nominais, como é o caso de *cima* (cf. Castilho 2003a, Pontes 1992), que nega os critérios IIa e IIb. Ao contrário, o item *lado* mantém seus traços de nome, especialmente quando subcategorizado pela preposição **para**: aceita os dois critérios, e no caso de IIb, aceita qualquer tipo de determinante. Com a preposição **a**, o item *lado* parece rejeitar a pluralização. Pensando numa escala de mais e menos nominal, o item *frente* e o par *esquerda/direita* encontram-se no meio do caminho por aceitarem alguns determinantes e rejeitarem outros e o plural.

Os critérios I e II permitem verificar que quanto mais fixa for a locução, mais ressintaticizada se encontram as preposições. A inserção de elementos entre a preposição e a base e o grau máximo de nominalidade da base são propriedades que descartam a possibilidade de mudança de fronteira sintática:

(111) [20 2 POP (98) BA] ...aí eu fui pra cima dela.

- (a) * [para [cima [de [ela]]
 SP SN SP SN
 [para cima de] [ela]
 SP SN

Algumas expressões encontram-se num estágio mais avançado de ressintaticização, como é o caso de *para cima (de)*, ao passo que outras são menos ressintaticizadas, por permitirem elementos entre a base e a preposição, como é o caso de *para os lados de*.

Semanticamente, essas locuções podem ser interpretadas como um bloco único, o que será abordado no próximo capítulo.

3.3 Considerações finais

Neste capítulo, foram analisadas propriedades morfo-fonológicas e sintáticas das preposições **a** e **para** nos *corpora* dos séculos XIX e XX.

Com base nos estudos de Bisol (1992, 1996, 2003), procurei verificar o processo de morfo-fonologização, ao examinar em que medida as expressões com as preposições **a** e **para** fornecem contexto favorável ao fenômeno de sândi externo, processo de junção ou choque de vogais entre núcleos silábicos. Com a preposição **para**, foram testados alguns exemplos e constatou-se que os três processos de sândi - elisão ("para o rapaz" > [pro] rapaz), degeminação ("para a menina" > [pra] menina) e ditongação ("para o rapaz" > [praw] rapaz) podem ocorrer. Com a preposição **a**, no entanto, o processo de elisão não é possível: "recado ao filho" > *recad[o] filho, no Português Brasileiro. Esse seria o contexto favorável à ditongação.

Em todos os casos de choque silábico, a preposição **para** permanece enquanto tal por conta do ataque [p], formando a chamada "sílabo ótima". Ao contrário, a preposição **a**, não tendo ataque, tem maior tendência à fusão com outro elemento da sílabo seguinte, tendendo a desaparecer, por não ser reconhecida enquanto preposição, a não ser nos contextos de ditongação, em que se cria uma sílabo nova.

No processo de sintaticização, apresentei uma alternativa ao problema da identificação das funções sintáticas (OI, OBL e ADJ ADV) com essas preposições. Propus classificar **a** e **para** enquanto introdutoras de constituintes de PESSOA, DESTINO, OBJETO, TEMPO e CONTENDO NOÇÕES ABSTRATAS, por serem categorias mais claramente identificáveis e controláveis para uma análise quantitativa. As duas preposições introduzem mais freqüentemente as categorias de PESSOA e DESTINO nos séculos XIX e XX, diferenciando a distribuição de cada uma de um século a outro. Alguns resultados interessantes foram obtidos em relação à tipologia textual: à informalidade de um texto não corresponde

necessariamente o uso da forma inovadora **para**. Há ainda alguns nichos sintáticos em que a preposição **a** resiste.

Foram analisados alguns dados de **a** e **para** em locuções prepositivas. Foram estabelecidos dois critérios sintáticos que demonstram diferentes graus de ressintaticização dessas preposições.

Por fim, a classificação por tipo de verbo seguiu critérios semânticos, em vista da problemática verificada para as funções sintáticas. Os resultados quantitativos mostram que alguns verbos ocorrem mais freqüentemente com uma ou outra preposição, assim como com as duas indiferentemente.

Ainda que tenha feito uma análise quantitativa dos dados, o foco deste capítulo não recai apenas sobre o estudo de variação. Levou-se em conta também contextos em que essas preposições não variam.

CAPÍTULO 4 – SEMANTICIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES **A** E **PARA** NO PORTUGUÊS

BRASILEIRO

No capítulo anterior, analisei as preposições **a** e **para** em relação aos processos de morfo-fonologização e sintaticização. Foram consideradas e quantificadas algumas propriedades sintáticas, bem como algumas propriedades semânticas, dentre elas a categoria do complemento da preposição e o tipo de verbo que a subcategoriza. Neste capítulo, retomo essa classificação de verbos para uma análise semântica de **a** e **para**. Desde o início da pesquisa, os dados foram coletados em função dos verbos que com elas se combinam. Além disso, cada um fornece uma configuração de cena ou esquema com diversas relações entre seus participantes. Por questões de espaço, não será possível analisar verbo por verbo, mas seleciono alguns de cada grupo apresentado no capítulo anterior.

Com base em Talmy (2003a, 2003b), Silva (1999, 2003), entre outros, procurarei verificar se há restrições na seleção dessas duas preposições e que fatores estão envolvidos nessa seleção. Para tanto, serão analisados dados dos *corpora* dos séculos XIX e XX, assim como alguns exemplos introspectados sempre que houver necessidade. Ressalta-se que neste capítulo não haverá análise quantitativa, pois o foco aqui será dado às propriedades da configuração das cenas em que as preposições **a** e **para** estão envolvidas.

Estou levando em conta o sentido de base de **a** e **para** (direção, ponto de chegada/aproximação; direção, percurso, ponto de chegada, respectivamente) e os sentidos obtidos pela composição com os demais participantes da cena. Serão levantados traços semânticos da Figura e do Ponto de Referência para determinar as possíveis restrições de seleção.

O capítulo está assim dividido: 4.1 verbos de movimento; 4.2 verbos de transferência; 4.3 verbos de comunicação; 4.4 verbos de criação/produção; 4.5 verbos de complemento final; 4.6 verbos com valor de aproximação/ligação/semelhança; 4.7 outros verbos, e por fim, 4.8 as preposições **a** e **para** em locuções sob o ponto de vista semântico.

4.1 Grupo I - Verbos de movimento

São os verbos que envolvem o deslocamento da Figura, representada pelo sujeito verbal, em direção ao Ponto de Referência, este representado pelo sintagma preposicionado introduzido por **a** e **para**. Nesta configuração de cena, ou neste esquema (nos termos de Talmy 2003a, 2003b, 2005), há dois participantes: a Figura que se desloca e o Ponto de Referência para onde a Figura se desloca. O tipo de trajeto percorrido pela Figura ou a forma como ela traça esse percurso são aspectos da cena dados pela semântica do verbo, pela dêixis, pelo contexto todo (isto é, pela configuração da cena com seus participantes), por inferências, entre outros fatores.

IR e VIR

Os verbos *ir* e *vir* são bastante freqüentes com as duas preposições nos dois séculos: Exemplos:

(1) [19 2 RJ CP WL] *Depois que o Senhor A. Vasconcellos foi para ahi...*

(2) [20 2 SP CPP] *Às vezes saio com algumas amigas; vou ao shopping tomar um sorvete (...) vou às livrarias...*

(3) [19 2 SP CJ L] *Varios moradores do bairro de Buquira vendo-se privados de virem a esta villa cada vez que os rios enchem...*

(4) [20 2 RJ CPP] *Se eles vierem para o Rio, já sabe, pode vir para cá. A gente dá um jeito de ir, nem que seja de caravana.*

(5) [20 2 POP (98) BA] *No otro dia eu vim praí.*

A Figura representada pelo sujeito verbal refere-se, na maioria dos dados, a uma entidade humana, como se pode ver nos exemplos (1) a (5). Prototipicamente, são os seres humanos e os animais que têm o controle e a iniciativa de se deslocarem no espaço. Pelo mecanismo da metáfora, entidades não humanas e inanimadas são conceituadas em termos de entidades com controle e volição, como nos exemplos (10) e (11) abaixo. No exemplo (8), embora a Figura seja animada, o *gado* é controlado pelo homem, traço este estabelecido culturalmente e reforçado pelo Ponto de Referência representado por um evento: o *corte*.

O Ponto de Referência, por sua vez, pode ser uma entidade física, delimitada, como *ahi* (cujo referente é uma cidade), *shopping*, *livrarias*, *villa*, *Rio*, *cá* (cujo referente é a cidade do Rio de Janeiro) e *praí* (bairro ou região onde o Informante mora). Em todos os casos, ela pode ser conceituada como um ponto ou como um recipiente; as preposições **a** e **para** não estabelecem nenhuma restrição nesse sentido.

O Ponto de Referência também pode ser um evento, como nos exemplos (6) e (8), ou uma entidade abstrata, como em (7) e (9). Em todos os casos, essas entidades são conceituadas como um ponto ou recipiente delimitado:

(6) [19 1 MG CJ L] ...e se formos para essa Aula muitos males hão de sobrevir.

(7) [20 1 SP CP MA] Venho lhe pedir dois favores. Vou primeiro ao mais difícil...

(8) [19 1 SP CJ L] ...os gados que vem para o córte, e alli se conservarem até que se matem...

(9) [20 2 SP NURC D2: 360] ...justamente porque a tabela não:: deu certo é que:: ((risos))
[as filhas] vieram ao acaso.

(10) [19 2 SP A] NA ESTRADA QUE VAE A ARARAQUARA | O importante negocio de molhados e generos do paiz. Joaquim da S. Pereira.

(11) [19 1 PE A] Vende-se ou permuta-se por escravo ou casa terrea, um terreno chãos proprios, terra de muito boa plantação, e propria para criar vaccas ou fazer um lindo sitio por ser na estrada velha que vai para a Varzia na passagem da Madalegna, bem proxima á caza do Senhor Viegas.

Os exemplos (10) e (11) são bastante comuns nos anúncios de jornais do século XIX. O gênero do anúncio requer um certo detalhamento das descrições de localização de entidades, tais como estabelecimentos comerciais, casas e terrenos à venda, escritórios onde se presta algum serviço etc. Trata-se de um contexto em que os interlocutores não estão face a face.

Nos dois exemplos, há pelo menos duas configurações espaciais. Em (10), o *negócio* (Figura) é localizado em função da *estrada* (Ponto de Referência), e esta, por sua vez, enquanto Figura, é localizada em relação à cidade de *Araraquara* (Ponto de Referência). No exemplo (11), o *terreno* (Figura) é localizado em função da *estrada velha* (Ponto de Referência), e esta, enquanto Figura, é localizada em relação a dois Pontos de Referência:

para a Varzia e bem proxima à caza do Senhor Viegas. Nos dois exemplos, as preposições **a** e **para** indicam a direção do deslocamento que uma pessoa faria até o ponto de chegada (*Varzia e Araraquara*), colocando a *estrada* como Figura. O percurso desse deslocamento já está traçado, isto é, a *estrada* é conceituada como a entidade que se desloca até o ponto de chegada. A perspectiva do anunciante pode ser observada pelo uso do verbo *ir*. O verbo *vir*, por outro lado, não seria possível, a menos que o anunciante estivesse nos Pontos de Referência em questão: *na estrada que vem a/para Araraquara/Varzia*. No entanto, não foi encontrado nenhum anúncio com esse verbo expressando esse tipo de contexto/cena.

Observa-se, com os exemplos (1) a (11), que não há diferença de sentido entre **a** e **para**. Ambas estabelecem uma relação de direção da Figura ao Ponto de Referência.

VOLTAR

(12) [19 2 SP CP WL] *Resolvi não voltar mais **para** o Guarujá.*

(13) [20 2 BA NURC DID: 356] *As praias...por exemplo, voltando **a** Madre Deus, que foi onde estive, as praias contaminadas, não é?*

(14) [20 2 SP CPP] *Bem, mas voltando **ao** nosso assunto predileto...*

(15) [POP (98) BA] *Vortei **pra** casa da mulhé que tá comigo hoje.*

Assim como os verbos *ir* e *vir*, com o verbo *voltar* as duas preposições expressam a direção e o ponto de chegada do percurso traçado pela Figura. As cenas configuradas a partir do verbo *voltar* implicam que a Figura se desloca ao ponto de onde partiu, inferindo-se, portanto, que houve outro trajeto: a Figura saiu de um determinado ponto, se deslocou em direção a outro ponto e traçou o mesmo percurso até o ponto de partida inicial. Pode-se dizer que nessas cenas o foco recai tanto sobre o ponto inicial, quanto o ponto final, já que são coincidentes. As preposições **a** e **para** indicam o ponto de chegada desse percurso, e o ponto de origem, que seria tipicamente expresso pela preposição *de*, é inferido ou omitido (*gapped*, nos termos de Talmy 2003a). Isto quer dizer que o papel das duas preposições é o de colocar em relevo (*window*) um trecho do percurso: o ponto final. Se a atenção fosse colocada sobre o ponto inicial, teríamos uma sentença como *Voltei do trabalho*.

É interessante notar que quando a Figura é representada pelo deverbal "volta", cada preposição apresenta uma configuração espacial diferente:

(16) Volta ao mundo.

(17) Volta para o mundo.

O exemplo (16) acarreta duas interpretações: (i) um astronauta, por exemplo, teria ido à Lua, retornando em seguida à Terra, e o SN *Volta ao mundo* caberia bem numa manchete de jornal, e seria o mesmo que dizer "retorno à Terra"; (ii) um velejador, saindo por exemplo de Santos, viaja com seu barco passando por diversos pontos do mundo de modo que traça um percurso (como uma linha) em toda a sua extensão, e retorna a outro ponto que não Santos, por exemplo, no Rio de Janeiro. O ponto de chegada, nesse caso, não coincide *necessariamente* com o ponto de partida. Uma outra forma de expressar essa cena seria com a locução *ao redor de: volta ao redor do mundo*.

Em (17), a única interpretação que a preposição **para** permite é a mesma de (16i), ou seja, os pontos de chegada e de partida têm o mesmo referente espacial, ainda que os trajetos de ida e de volta não sejam necessariamente os mesmos.

Nesse sentido, a escolha da preposição implica em dois sentidos do substantivo *volta*: em (16i) e (17) *volta* significa *retorno*, em que os pontos de partida e de chegada coincidem; em (16ii), *volta* seria o mesmo que *viagem*. Essa interpretação pode ser obtida também pela expressão "dar a volta ao mundo". E se o sintagma preposicionado não for exposto, como em "dar uma volta", implica na omissão do ponto final do percurso e numa configuração espacial distinta de (16), sendo a atenção voltada para a atividade em si.

CHEGAR

Prototipicamente, a configuração espacial de uma cena com o verbo *chegar* marca o ponto final do percurso - daí *ponto de chegada*. Quando o relevo é colocado sobre o ponto de partida do percurso, como em *cheguei da faculdade*, o ponto final omitido é inferido a partir da perspectiva do falante, ou seja, *cheguei aqui onde estou agora*, uma vez que esse verbo, assim como outros de movimento, é deitivamente orientado. Quando *chegar* tem valor de *aproximar-se de*, a preposição preferida é **a**, que variava com *em* já no século XIX. No entanto, foram encontrados exemplos desse verbo com a preposição **para** no século XX, com esse mesmo valor: exemplo (20).

(18) [19 1 PE CJ R] Domingo (26) chegou a este porto a Fragata, que conduzia o Senhor Brigadeiro Paula Vasconcellos para comandar as Armas nesta Provincia...

(19) [20 1 ? CP WL] Recebi as suas cartas de 7 de agosto e 2 de setembro. Vejo pela ultima que a minha de n.º 1 não chegou ao seu destino.

(20) [20 2 POP (98) BA] ...a gente tinha chegado pra cá, então...

(21) [20 2 SP CPP] Será que vou chegar aos trinta?

(22) [20 2 RJ NURC D2: 147] ...como um irmão chega pra uma irmã e conta um negócio assim profundo...

A Figura pode se referir a um ser animado, como em (20), (21) e (22), ou uma entidade inanimada, como em (18) e (19). Nesses exemplos, a Figura não tem total autonomia de movimento, mas é conceituada como se tivesse, isto é, quem de fato conduz o navio e a carta são pessoas. O que parece estar em relevo nesses casos é o destino final da Figura: *porto*, em (18), e o destinatário da carta em (19).

Prototipicamente, o Ponto de Referência com *chegar* refere-se a um lugar específico, geralmente conceituado como um ponto ou recipiente: *porto*, em (18), e *cá*, em (20). Em (21), *trinta*, referente à idade, é conceituado como um ponto no espaço-tempo, e em (19), o Ponto de Referência *destino* engloba tanto a pessoa destinatária da carta, quanto o local onde ela está ou mora. Nesse caso, não é possível separar uma da outra.

Os exemplos (20) e (22) merecem especial atenção. Em (20), o falante poderia dizer "a gente tinha chegado aqui", mas parece ter preferido pela marcação da direção do percurso através da preposição **para**.

Em (22), temos uma configuração espacial distinta das demais. No estudo de Rodrigues (2006), são analisadas estruturas com os verbos *ir*, *chegar* e *pegar* como V1, seguidos de outro verbo, como em "foi e fez", "chegou e fez", "pegou e fez". Segundo sua análise, as estruturas em que esses verbos subcategorizam um complemento seriam a fonte da mudança para as estruturas acima, isto é, "foi *lá* e fez", "chegou *lá* e fez" e "pegou *isso* e fez" teriam ainda seus valores de base (movimento, para *ir* e *chegar*, posse, para *pegar*), ao passo que essas estruturas sem complementos estariam num estágio mais avançado de mudança, e esses verbos teriam sofrido um desbotamento semântico.

Não cabe aqui discutir a validade dessas afirmações, mas verificar o papel da preposição **para** nesse tipo de construção. A meu ver, o verbo *chegar* em (22) mantém seu sentido de movimento, e a preposição **para**, além de marcar o ponto final do deslocamento,

ainda que seja fictício ou hipotético, coloca em relevo a presença do interlocutor de *contar*, mesmo que o SP seja subcategorizado pelo verbo *chegar*. Outro verbo bastante usado nesse tipo de construção é *virar*: "virou pra ele e disse...". Da mesma forma que *chegar*, o movimento de *virar* não é necessariamente real. Nos dois casos, o movimento está em segundo plano (*backgrounded*), e o interlocutor em primeiro plano (*foregrounded*). Em geral, os verbos que seguem a expressão "chegar/virar para alguém" são os de comunicação (*perguntar, falar, contar, dizer etc.*).

SAIR

Com o sentido básico de "ir de dentro para fora", o verbo *sair* foi encontrado com as duas preposições:

(23) [19 2 BA A] No dia 10 de outubro próximo futuro sahirá á luz|| O CONTEMPORANEO
|| Jornal-revista, em grande formato, consagrado ás lettras e ás artes,

(24) [19 2 SP CJ L] Possuia eu um galo, que sahio á rua por aquella mesma hora...

(25) [19 1 SC A] Vende-se huma chacrinha com casa, tendo agoa para lavar e beber, na rua da tronqueira ao sahir desta rua **para** o Caminho do morro.

(26) [19 2 SP CP WL] Posso sahir á hora que necessitar, assim como receber qualquer pessoa que quizer fallar commigo;

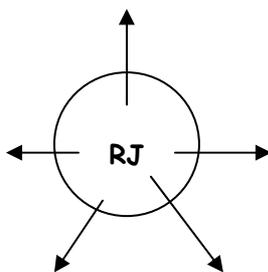
(27) [20 1 SP ALM] Em 1817, devendo sair à rua, como de costume, a procissão de S.Jorge...

(28) [20 2 RJ NURC DID: 112] Bem... a primeira viagem que fiz saindo do... do Rio **pra** fora... foi... de trem... quando fui para o estado de São Paulo...

A única ocorrência do verbo *sair* com a preposição **a**, numa configuração espacial física, no século XX é o exemplo (27). No entanto, o autor nesse texto reproduz trechos de documentos do XIX com o intuito de criticar a grafia da época. Todos os outros exemplos de *sair* no XX são com a preposição **para** na língua falada. Isso não quer dizer que a preposição **a** tenha se dessemantizado, perdendo seu sentido de direção, visto ocorrer com outros verbos, como *ir, vir, voltar* etc.

A Figura apresenta traços variados: pode ser humano, animal, objeto ou instituição (*jornal*) ou um grupo de pessoas, representado por um evento (*procissão*). O Ponto de

Referência é em geral um ponto no espaço (físico ou metafórico) ou no tempo (*hora*). O exemplo (28) nos chama a atenção por apresentar um Ponto de Referência que, a princípio, seria redundante, uma vez que a noção de deslocamento para fora já está no próprio verbo. Esse exemplo demonstra que o falante selecionou o ponto de partida e o ponto de chegada do deslocamento: *do Rio para fora*, sendo neste caso qualquer lugar no exterior do Rio. Essa configuração poderia ser representada da seguinte maneira:



Não é incomum reforçar o verbo com uma locução: *entrar para dentro, sair para fora, subir para cima, descer para baixo* etc. (cf. Viaro 2003), muitas vezes reforçadas por pronomes dêiticos (*sair lá fora*).

ENTRAR

Ao contrário do verbo *sair*, *entrar* expressa o movimento de fora para dentro. Nesse sentido, considerando o valor básico de **a** e **para** de direção, ponto final do percurso, era de se supor que **a** ocorresse com o verbo *entrar*. No entanto, os exemplos encontrados apresentam o sentido de modo (29) e de um ponto na linha do tempo (30). A configuração espacial do percurso fica a cargo das preposições *por* e *em*, respectivamente:

(29) [19 2 SP CJ L] *Consta-nos que Sua Excelência o Senhor vice-presidente dirá ordem para as quarentenas dos navios vindos dos portos infectados, porém sabemos que os vapores que chegam do Rio entram a seu salvo, **pela** barra de Santos e só depois de fundeados é que vem a visita de Saude.*

(30) [20 2 SP NURC D2: 62] *eu saio de casa normalmente... às quinze para as sete para entrar às OItto no serviço.*

Os demais exemplos são com a preposição **para**, que marca o ponto de chegada do deslocamento de fora para dentro:

(31) [19 1 PE A] *foi vestido com calsa e camisa de riscado, é crioulo: qualquer pessoa que o prender leve-o a Rua do Rangel, sobrado da esquina do lado esquerdo, entrando para o beco do Carcereiro, que será bem recompensado.*

(32) [19 2 SP CJ L] *Tem o distinto professor matriculados sessenta e tantos alumnos em lugar tão insignificante, que muito têm aproveitado, e de entre os quaes alguns ja estão bem adiantados, comquanto **para** a mesma escola entrassem sem conhecimento algum das materias que ali se ensinão.*

(33) [19 2 SP CJ R] *Entrou hontem **para** a nossa collecção mais uma elegante folhinha. É um bijou; representa um endiabrado menino empoleirado sobre um pilha de livros.*

(34) [19 2 SP CP WL] *Não entrei com este outro dinheiro **para** o banco pois que mamãe estava sem dinheiro, então guardei na burra para qualquer necessidade.*

(35) [19 1 PE CJ L] *Vejamos agora qual tem sido a conducta do Senhor Olanda depois que entrou para o Ministerio.*

O sentido mais básico de **para** nessas construções é o de marcar a direção e o ponto final do percurso. A Figura pode ser uma entidade de traço animado, como pessoas e animais, ou um objeto, como no exemplo (33). O Ponto de Referência pode ser um lugar físico e delimitado, como *becco*, *escola* e *banco*, ou ainda um conjunto de objetos (*collecção*) ou pessoas (*Ministerio*).

Os exemplos (32) a (35) demonstram um valor adicional da preposição **para**: o de tornar a Figura uma parte ou membro do Ponto de Referência, quando o percurso é completado. Talvez seja esta a principal diferença entre **para** e *em* com o verbo *entrar*.

Embora a comparação entre elas não seja o foco desta pesquisa, convém observar os seguintes exemplos:

(36) a. *Fulano entrou **para** a universidade.*

b. *Fulano entrou **na** universidade.*

A princípio, não parece haver diferença entre (a) e (b) em (36). Quando o Ponto de Referência diz respeito a uma instituição da qual se pode fazer parte, tanto a preposição

para como *em* acarretam essa noção. Entretanto, a sentença (b) pode ter duas leituras: uma em que *Fulano* se torna membro ou parte daquela instituição, e outra em que *Fulano* se desloca de fora para dentro de um lugar físico, delineável, conceituado como um recipiente. Nesse caso, só o contexto permitirá ter uma ou outra leitura. No exemplo (37), a diferença entre (a) e (b) parece mais nítida do que em (36).

(37) a. *João entrou para a igreja.*

b. *João entrou na igreja.*

Fora de um contexto maior, (a) implica que João tornou-se religioso, ao passo que (b) representa apenas o deslocamento de João para dentro da igreja enquanto espaço físico, fazendo de João um freqüentador daquele espaço. Mas se pensarmos num contexto em que alguém pergunta "Onde está João?" e outro responde "João entrou para a igreja", podemos duas interpretações: (i) a de que João deslocou-se para o interior da igreja (para rezar, por exemplo) e (ii) a de que João tornou-se religioso, se imaginarmos, por exemplo, que a pessoa que faz a pergunta não tem notícias de João há algum tempo: "Onde tá João, o que ele tá fazendo da vida?".

Se o Ponto de Referência for um evento, como em (38), a diferença entre as duas preposições se dilui, ficando marcada apenas a noção básica de cada uma: (a) **para** = em direção a, e (b) **em** = dentro de, isto é, a idéia de evento descarta o sentido de "tornar-se membro":

(38) a. *Fulano entrou para a reunião.*

b. *Fulano entrou na reunião.*

(39) a. *Estou entrando para a av. Rebouças.*

b. *Estou entrando na av. Rebouças.*

(40) * *Estou entrando para São Paulo.*

No exemplo (39), vê-se claramente o sentido que cada preposição acarreta. Em (a), a noção de direção da preposição **para** implica em localizar a Figura num ponto em direção ao Ponto de Referência, mas ainda não "dentro" dele, isto é, a Figura está se deslocando por um caminho (rua, ponte etc.) que dará acesso ao Ponto de Referência. Em (b), ao

contrário, o uso da preposição *em* implica que a Figura já se encontra no interior do Ponto de Referência (se este for considerado um conteúdo) ou sobre ele (se considerado como uma linha a ser percorrida), ou pelo menos no início do trajeto, noção esta contida na expressão "estou entrando em".

Por fim, (40) parece inaceitável pelo fato do Ponto de Referência "São Paulo" ser visto apenas como conteúdo ou recipiente, excluindo a idéia de *direção a* (com o verbo *entrar*), ou mesmo de *fazer parte de*.

PASSAR

Este verbo se encaixa no grupo I e no grupo II - verbos de transferência, de que trato adiante. Enquanto verbo de movimento, seguindo a descrição apresentada aqui, representa o deslocamento da Figura expressa pelo sujeito verbal. Exemplos:

(41) [19 2 RJ CP WL] (...) *se me perguntasse pelas meninas, sim, pois vejoas passarem todos os dias **para** o Collegio.*

(42) [20 2 POP (98) BA] *Era tudo dia tumano medicação, ia de manhã, passava a tarde, passava o dia, e vinha as quatro hora. E eu passei esses tempo, passei um ano e seis meses **pra** lá e **pra** cá cum ela, levando e trazenu...*

(43) [19 1 BA CJ L] *Haverá coisa de dois seculos e meio que a Cholera-morbus, originaria da Asia e da China, fez uma excursão na Europa, onde reinou epidemicamente; mas não passou **ao** novo continente, circunscrevendo os seus estragos ao antigo.*

(44) [19 1 BA CJ L] *Esperando tirar algumas inducçoens de sua historia, util, segundo creio, eu vou percorrer rapidamente para ao depois passar **á** outras consideraçoens.*

(45) [20 2 BA NURC DID: 231] *Ela, eu não sei se eu faço isso, ou se eu ponho ela numa escola pequena, ainda pra ser alfabetizada, pra fazer o primário, pra depois passar **pra** um colégio maior.*

(46) [19 2 SP CJ L] *...vou por meio d'esta pedir-lhe sua benção, e participar-lhe os successos de minha vida (...) ia então adiante do batalhão o commandante do corpo voluntario commandando todo aquelle exercito no largo do paço ao encontro do presidente. Participo-lhe tambem que hoje ou amanhã passo **para** o corpo fixo; não vou lhe visitar porque não foi possivel obter licença de meus commandantes.*

(47) [19 2 RJ CJ R] *Cumpre-nos informar ao nosso correspondente que a justiça no Rio de Janeiro é uma máscara que só serve para illudir os tolos, ella só é applicavel ao miseravel, e ao desvalido, e não para o potentado, e muito mais contra o homem protegido do nosso paternal governo de justiça e tolerancia e seu candidato de honra para a presidencia da Illustríssima camara municipal, o qual sendo 2.º suplente, pelo inesperado milagre dos mestres Sebeiro e Bayacú passou a 2.º vereador.*

Em todos os exemplos, a entidade que se desloca tem como referente uma pessoa, exceto em (43), que tem um participante com traço [+controle], ainda que seja uma doença (*cólera*). O verbo *passar* expressa, mais do que os outros verbos, a idéia do percurso traçado pela Figura, e o papel das preposições **a** e **para** é colocar em relevo o ponto final desse percurso.

Os exemplos (41), (42) e (43) têm mais claramente a acepção de movimento físico; no exemplo (44), o trajeto se dá pela passagem de um tópico a outro no plano do texto. Em (45) a (47), o Ponto de Referência constitui, além do ponto final do trajeto, o resultado de todo o percurso: de tornar a Figura parte de um grupo ou instituição.

Nesse sentido, qual seria a diferença entre *entrar + para* e *passar + para*? A diferença parece estar nas inferências que cada cena apresenta: em *passar + para*, o relevo (*window*) está na transição ou transferência de um ponto ou estado/condição a outro; em *entrar + para*, o foco está no deslocamento em direção ao interior de um recipiente. O resultado dos dois tipos de deslocamento é o mesmo: em ambos, a Figura passa a fazer parte daquela instituição ou grupo de pessoas. A mudança de condição fica mais evidente no exemplo (47). Aí, além da transferência de uma condição a outra, o Ponto de Referência fornece uma leitura de beneficiação da Figura, isto é, como consequência da passagem de uma condição a outra, a Figura é beneficiada pelo processo todo. Arrisco dizer que essa inferência é estabelecida culturalmente, pois passar de um cargo X a um cargo Y implica, prototipicamente, numa condição social melhor, com mais benefícios e privilégios. O contrário implica numa situação de fracasso, visto como um malefício à Figura (ex.: *Fulano passou de gerente a/para faxineiro do hotel*).

Resta-nos uma observação importante: não foram encontrados dados de *passar* com a preposição **a** no século XX. Esse fenômeno pode estar correlacionado com fatores sintáticos (entre outros), mais que semânticos, já que essa preposição não perde seu sentido de base.

4.2 Grupo II - Verbos de transferência

Os verbos deste grupo envolvem um sujeito verbal que dirige sua força a uma entidade por ele manipulada e deslocada para o âmbito da entidade representada pelo sintagma preposicionado. O verbo *dar* representa a estrutura mais prototípica desse grupo de verbos (cf. Berlinck 1996, Silva 1999, Ciscomani 2006). Em geral, a cena aqui corresponde à mudança de lugar de uma entidade (que não tem controle sobre o deslocamento) para outro ponto, este podendo ser uma pessoa, um lugar físico ou uma entidade abstrata. O resultado dessa transferência pode ser de variada ordem: benefício, posse, experiência etc. (cf. Silva 1999).

A configuração da cena com os verbos de transferência se dá pela atuação de pelo menos três participantes: a entidade que desencadeia ou causa o deslocamento, a entidade deslocada e a entidade para onde ou para a qual a entidade deslocada é direcionada. Para esses casos, Talmy (2003b) determina que a Figura é a entidade deslocada, ficando ao sujeito verbal o papel de causador ou agente do movimento. Entendo, com isso, que esse modo de ver as coisas limita a relação que essa entidade causadora tem com os demais participantes. Por conta disso, assumo que a Figura é um estado de coisas sintaticamente representado pelo sujeito, verbo e objeto direto. Seja qual for o verbo que configura a cena como um todo, várias relações são estabelecidas entre seus participantes, assim, o sujeito terá relação com o Ponto de Referência e com a entidade deslocada, e assim por diante. Isso ficará mais claro na análise de alguns verbos deste grupo, que servirá também para os verbos do grupo III, verbos de comunicação.

PASSAR

Este verbo difere de *passar* do grupo I quanto à entidade que é deslocada. Nestas estruturas, há um participante a mais, o objeto direto, que é transferido pelo sujeito verbal de um ponto a outro:

(48) [19 2 SP CJ L] Passem pois quanto antes os carros **para** os Curros.

(49) [19 2 RJ CP WL] Eu creio que seria conveniente passar a procuração a qualquer outro advogado, para acabar com isso.

(50) [20 1 SP CP MA] Tinha combiando com o Nino Gallo, dar a ele o dinheiro aqui (50\$000

*mensais, não é isso?) e ele os passaria com os dele **para** você.*

(51) [20 2 AL CPP] *É uma emoção incrível estar ao lado de garotos e garotas e procurar passar algumas coisas legais **para** eles.*

Primeiramente, observemos os traços do OD: pode se tratar de um objeto concreto e visível, como *carros* (48), *procuração* (49) e *50\$000* (50), ou tem como referente uma entidade abstrata: *algumas coisas legais* (51).

O sujeito verbal em todos os exemplos tem como referente uma pessoa, que é responsável pelo deslocamento do objeto direto.

O Ponto de Referência, por sua vez, pode ser uma pessoa, como em todos os exemplos acima. A transferência dos objetos apresenta diferentes resultados. As sentenças (50) e (51) permitem uma leitura de beneficiação do Ponto de Referência que recebe o objeto deslocado e dele se beneficia. Já em (48), temos apenas a transferência de lugar dos carros de um ponto a outro. Em (49), a transferência se dá de uma pessoa a outra, sem que haja claramente um beneficiário.

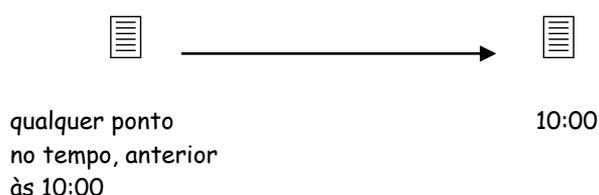
O Ponto de Referência pode ter como referente uma expressão de tempo, como em (52) e (53) a seguir:

(52) *O professor passou a prova **para** as 10 horas.*

(53) *O professor passou a prova **às** 10 horas.*

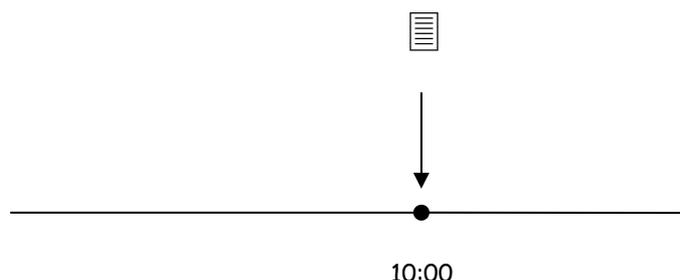
Com expressões temporais, as preposições **a** e **para** não variam. A idéia de transferência só ocorre com a preposição **para**, em (52), ao passo que **a** marca o ponto na linha do tempo em que o evento ocorre⁸⁷. A sentença (53) significa que a prova foi aplicada e feita às 10 horas. A representação da cena em cada sentença pode ser observada pelo esquemas abaixo:

(52)



⁸⁷ Ilari et alii (2006: 133) atribuem esse uso da preposição **a** ao modelo de tempo estático.

(53)



Ressalta-se que a preposição **a** só ocorre quando a expressão de tempo refere-se a *hora*, enquanto que a preposição **para** combina-se a qualquer tipo de expressão temporal: *para amanhã, para o ano que vem, para depois* etc., e não apenas um ponto no tempo representado por *horas*.

LEVAR / TRAZER

Levar e trazer são verbos com orientação dêitica, assim como *ir e vir*, com a diferença de que aqueles geralmente envolvem a presença de um OD. *Levar* implica num movimento em direção de onde o falante não se encontra, ao passo que *trazer* envolve um deslocamento para o lugar onde o falante está. Pronomes dêíticos reforçam essa idéia: *levar para lá / trazer para cá* (cf. *levar para cá / *trazer para lá).

(54) [19 2 SP CP WL] *És um felisardo; sem solicitares cousa alguma, vaes te deixando levar - assim com [s]eus ares de Napoleão no Egypto - **para** o ponto almejado...*

(55) [19 1 BA A] *A Paulino José Lopes senhor de engenho outeiro redondo, fugio-lhe em o dia 2 do corrente mez, hum escravo moço de nome Rafaiel, (...) quem o prender, e o levar a seu Senhor, no dito engenho; em Santo Amaro a Manoel José d'Oliveira, e nesta Cidade em casa de Antonio d'Oliveira Alves & Companhia comp. defronte do coberto do meio, será recompensado de seu trabalho.*

(56) [19 1 SC A] *Na Terça feira, 10 do corrente mez, fugio á Dona Silvana Joaquina de Oliveira Mimoso um pardinho de nome Valerio, (...) Quem o apanhar, e o levar à loja do Allemão na Rua do principe número 30, será gratificado.*

(57) [19 2 SP A] *THEATRO CARLOS GOMES|Representa-se hoje neste teatro, o drama que tem o titulo de Beijo de Judas de Ennery. E sabbado (7 do corrente) será levada a scena o Coração do Povo.*

(58) [19 2 SP A] Uma mãe aborrecida de criar uma filhinha de dois mezes de idade, entregou-a á uma escrava do senhor José de Oliveira Bastos para dal-a a quem quizesse. A escrava, na noite de 15 do corrente andou com a misera creancinha de [ilegível], dizendo havel-a encontrado sobre as calçadas da rua, até que o senhor Oséas Borges da Costa, de São Pedro, tomou conta d'esta e depositou-a em casa de uma familia para no dia seguinte leval-a para a sua. Mas n'este dia extremosa mãe, receiosa da justiça, mandou arrecadal-a!

(59) [20 2 SP NURC D2: 261] ...a gente vive de motorista o dia inTEIRO (...) uma corrida BÁrbara e leva na escola ()e vai buscar... [...] porque eu trabalho de manhã -- ... então eu os levo para a escola...

(60) [20 2 RJ NURC DID: 261] dona Vera Viana me carregando no colo... me levou pra sala pra fazer o exame...

Há diversas ocorrências de *levar* especialmente nos anúncios do século XIX, como se vê nos exemplos (55) a (57). O conteúdo de grande parte desse tipo de texto refere-se ao anúncio de objetos ou animais perdidos e escravos fugidos. O anunciante apela para quem os encontrar levar a alguém ou algum lugar. O mesmo ocorre com o verbo *trazer*, no exemplo (63) adiante.

O sujeito responsável pelo deslocamento do objeto é, em geral, humano, como em todos os exemplos acima. O objeto deslocado pode ter os traços [+humano], como em (54), (55), (56), (58), (59) e (60), [+concreto] como em (57), ou [+abstrato], como em (61) abaixo:

(61) Vamos levar as regras à audiência pública até o início de dezembro⁸⁸.

O Ponto de Referência pode ser uma pessoa, entidade que recebe o objeto deslocado pelo sujeito verbal, como em (55), mas na maioria dos dados, refere-se a um lugar físico e delimitado, como *loja* em (56), *sua casa* em (58), *escola* em (59) e *sala* em (60). Pelo mecanismo da metáfora, conceitualiza-se uma entidade abstrata como um espaço visível e delimitado (recipiente): *ponto almejado* em (54), *scena* em (57) e *audiência pública* (evento) em (61). Em todos os exemplos, tanto a preposição **a** quanto **para** marcam a direção e o destino do objeto deslocado. Além disso, estabelecem a relação entre o sujeito verbal, o objeto e a entidade para a qual se destina.

⁸⁸ Entrevista com Marcelo Trindade (Prof. da PUC/RJ) para a revista *Época Negócios*, 2004. Esse tipo de texto não foi computado nos *corpora* para esta pesquisa, mas serve como exemplo para o que argumento aqui.

Assim como o verbo *levar*, *trazer* ocorre com as duas preposições nos dois séculos, sobretudo no século XIX.

(62) [19 2 SP A] BÉLIER HIDRAULIQUE (Machinas para suspender agua) || (...) Estas Machinas são de muita vantagem para quem tem agua distante da moradia, podendo com o emprego d'ellas, trazel-a para aonde quizer, e trabalham noite e dia sem ser necessario meio algum para movel-a...

(63) [19 2 MG A] No dia 26 de Julho próximo passado fugio desta cidade um negro de nome Joaquim (...) Quem o apprehender e trouxer ao abaixo assignado será gratificado.

(64) [19 2 RJ CJ L] Saudemos de coração mais este progresso e aos Senhores Coral & Cardoso pelos esforços immensos, que tem empregado, afim de tornarem bem conhecidos do publico os grandes beneficios, que traz á sociedade o maravilhoso kerosene inexplosivel de sua invenção.

(65) [19 2 SP CJ L] Ingratidões do Cazuza || Senhor Cazuza - Tenho-o atravessado nas goélas. Foi a Pirapóra, trouxe rapaduras para todos e para mim uma figa. Pois olhe, escusa de me trazer calças velhas para remendar que perde o tempo. Ora, vejam, se eu não tenho razão?

(66) [20 1 SP CP MA] Esses fizeram ponto de honra em esquecer quem os tinha esquecido - o que trouxe boas dificuldades pro Manuel.

(67) [20 2 POP (98) BA] ...aí ela falô cum ele: "traiz uma cerveja pa nós".

A descrição dos participantes da cena com *trazer* assemelha-se à do verbo *levar*. Nota-se, no entanto, que com o verbo *trazer*, especialmente quando equivalente a "proporcionar" ou "contribuir", o Ponto de Referência apresenta uma função benefactiva / malefactiva, além de ser o ponto final do percurso do objeto deslocado. Isso fica bem claro nos exemplos (64), (65) e (66). Arrisco dizer que quando o objeto transferido tem como referente uma entidade abstrata, coloca-se em relevo o benefício e seu respectivo beneficiário e deixa-se em segundo plano o deslocamento.

Essa análise está de acordo com a de Silva (1999) para o objeto indireto, no que diz respeito ao acúmulo de funções semânticas que um determinado item apresenta. A título de exemplificação, a combinação dos elementos da sentença (66) fazem do SP "pro Manuel" a entidade (Meta) a que se destinam as "boas dificuldades" (pelo mecanismo da metáfora), o Malefactivo, já que o termo "dificuldades" implica num malefício, e o Experienciador de

todo o processo de transferência das "dificuldades". Nesse caso, a entidade humana "Manuel" tem menos controle sobre o que lhe é transferido e prototipicamente menor intenção de recebê-lo.

De uma forma geral, esses esquemas são comuns (ao menos em parte) a todos os verbos de transferência presentes neste grupo: *oferecer, dar, fornecer, mandar, enviar* etc. Nas cenas com verbos desse tipo, há três participantes, e nela podem ser estabelecidas pelo menos três relações:

(68) *A mãe levou o filho para a / à escola.*

- (i) relação mãe - filho
- (ii) relação filho - escola
- (iii) relação mãe - escola

O estado de coisas "mãe levar filho" leva em conta a relação do participante conduzido (*filho*) com o seu destino (*escola*), bem como do condutor (*mãe*) e o destino do filho. Ao levar o filho para a escola, a mãe necessariamente também se desloca, fazendo com que ela seja ao mesmo tempo a condutora e a conduzida. Nesse sentido, poderíamos dizer que ela é Agente e Paciente ao mesmo tempo, o que contraria o critério temático examinado em diversas abordagens (v. capítulo 1).

O resultado desse evento, isto é, a combinatória das relações entre esses participantes é a de que o filho permanece na escola, visto ser um estudante, e a mãe não. Se assim não fosse, não caberia o verbo *levar*, e sim, o verbo *ir*, por exemplo: *Mãe e filho foram à/para a escola*, em termos de prototipicidade. Isto quer dizer que cada verbo configura uma cena distinta e acarreta diferentes relações entre seus participantes.

Acredito que a observação das relações entre os participantes de uma cena seja mais adequada, evitando assim determinar uma função semântica única, como se tais participantes fossem entidades discretas e independentes.

4.3 Grupo III - Verbos de comunicação

Neste grupo de verbos há também transferência de uma entidade (OD), com a diferença de que esta não é manipulada por aquele que comunica. Trata-se da transferência de informação, conceitualizada em termos de uma entidade concreta, via metáfora. Os verbos aqui dividem-se em dois subgrupos, segundo o modo como o OD é percebido: percepção auditiva e percepção visual.

A Figura aqui também é vista como um estado de coisas que se direciona ao Ponto de Referência, isto é, alguém comunica algo para alguém.

4.3.1 Verbos de percepção auditiva

A relação das preposições **a** e **para** com os participantes da cena será tratada aqui com alguns verbos sem subdivisões, pois a diferença entre as cenas se dá, em geral, pelo modo como algo é transmitido (por exemplo, *gritar, reclamar, declarar* etc.).

A definição de percepção auditiva dada por Ciscomami (2006: 635), apresentada no capítulo 3, é bastante clara e dispensa maiores elaborações: "*las expresiones lingüísticas son vehículos para transportar ideas a lo largo de un conducto que va de la mente de los hablantes a la mente de los oyentes. Los vehículos son las cadenas de palabras, cada una de las cuales reporta una carga de significado; el hablante organiza el vehículo, es decir, la expresión, y lo envía a través del conducto, esto es, las ondas de sonido, en tanto que el oyente lo descarga para determinar la idea que el hablante tenía en mente y quería hacerle llegar poniéndolo en palabras*".

Começo a análise pelo verbo *falar* e sua combinação com as preposições **a** e **para**. Vejamos alguns exemplos:

(69) [19 2 RJ CP WL] - *Estive ha poucos dias com o Doutor Louzada que disse-me estar tudo ainda no mesmo pé. Ainda a esse respeito fui fallar aos Doutores Aleixo Mainho (Capital) e Autram (Petropolis) que nada adiantaram, creio que o unico remedio é esperar que o Governo mande tomar os contos quando julgar conveniente.*

(70) [19 1 PE A] *...e quem quizer em maior quantidade lhe clarei a vista contando o ouvido será bem entendido, a tras do Theatro velho, armazenem junto à maré, ou fallar a Joaquim Lopes de Almeida caxeiro de Senhor João Matheus.*

(71) [19 1 RJ A] *Vende-se a Fazenda Grande de Santo Aleixo na Villa de Magé (...) quem a quizer comprar falle a João Rodrigues de Barros morador da rua direita.*

(72) [19 1 RJ CJ L] *... porque nem tenha dado fé de tal patrulha, e alem disso ia muito tranquilo fazendo meus entes de razão, e andando meu caminho, fui depois obrigado a retroceder, e fallar ao dito sargento, o qual, havendo-me reconhecido, me mandou embora;*

(73) [20 1 SP CP WL] *Conforme conversamos, fallei hontem mêsmo ao Dr. Lins sobre a nomeação do Frota...*

Esses cinco exemplos do verbo *falar* ilustram um uso em que a preposição **a** não varia com a preposição **para**, conforme já mencionado no capítulo 3 e através de vários exemplos apresentados neste capítulo. Nesse contexto, **a** varia com a preposição *com*, e o verbo *falar* também se combina com os pronomes clíticos *lhe*, *te* etc.⁸⁹ dentro do mesmo tipo de texto, sobretudo no século XIX. Os exemplos (70) e (71) mostram a regularidade do uso de **a** com sentido de "falar/conversar com" nos anúncios de jornais, e os exemplos (69), (72) e (73) indicam a tarefa comunicativa de narrar, relatar, informar (cf. Simões & Kewitz 2005), no gênero carta. O exemplo (73) foi a única ocorrência da preposição **a** com esse sentido encontrada no século XX⁹⁰. Isso demonstra que a propriedade semântica "comitativa" da preposição **a** foi desativada, ficando essa função a cargo da preposição *com*.

Quando a preposição expressa o Ponto de Referência para o qual uma informação é dirigida, nenhum dado com a preposição **a** foi encontrado, com exceção de uma ocorrência num inquérito do NURC - Elocução Formal (não computado nos *corpora* desta pesquisa):

(74) *Cairíamos aí numa dificuldade lógica que eu já tinha falado a vocês...* (Inq. 124, SP)

Com o sentido de direção, ponto final de um percurso, todos os demais dados com o verbo *falar* no século XX ocorrem com a preposição **para**. No XIX, ao contrário, a única ocorrência de **para** é o exemplo (75):

⁸⁹ Exemplos: [19 1 BA 1] *... quem o pretender procure fallar com Antonio Francisco Leite. / [19 1 RJ CJL] a infelicidade de não lhe poder fallar por estar incommodado;*

⁹⁰ Encontrei duas ocorrências de **a** com o valor de "falar com" numa peça teatral do século XX: *Garanto que falarei ao Adelino e Vamos falar a Mme. Brochado*, (Peça "A Flôr dos Maridos" de Armando Gonzaga). Esse tipo de documento não foi levado inserido nos *corpora* para esta pesquisa.

(75) [19 2 SP CJ L] ... *tenho unicamente o costume de fallar a linguagem da verdade, e entendo que para se fallar a verdade não e preciso procurar aquelles termos floridos com que é de costume se fallar principalmente quando se falla para o publico;*

(76) [20 2 POP (98) BA] *eu falei pra ele "cê paga, cê paga a cerveja..."*

(77) [20 2 RS NURC DID: 121] ...*inclusive cheguei em casa falando pro meu pai e pra mãe [do filme]...*

O exemplo (75) com a preposição **para** não indica uma transferência, no seu sentido mais prototípico, mas observa-se o valor semântico de direção dessa preposição. Seria o mesmo que "falar diante do público", "falar em público" ou ainda "falar (para várias pessoas) publicamente". Nesse exemplo, não está expresso o conteúdo informacional, mas sim o modo como algo pode ser falado, apresentado. A composição *falar + [∅ = ausência de informação transferida] + para + público* é que permite obter essa interpretação.

Já nos exemplos (76) e (77), encontramos a transmissão prototípica de uma informação, do falante para o ouvinte, ainda que, em (77), a informação transmitida não esteja expressa, podendo ser recuperada pelo contexto (representada entre []).

A preposição **a** com outros verbos de comunicação no século XX, sobretudo com o verbo *dizer*, é mais freqüente do que com o verbo *falar*. Exemplos:

(78) [20 2 RJ NURC DID: 261] ...*eu era muito tímida...como disse a você...*

(79) [20 2 RJ NURC DID: 261] *ora... a escola... como eu poderia dizer a você era centro de terreno...*

(80) [20 2 SP NURC D2:255] ...*eu disse a ele que só podia aceitar se fosse possível levar minha esposa tambem...*

O mesmo informante do Rio de Janeiro (NURC) apresenta variação com a preposição **para**:

(81) [20 2 RJ NURC DID: 261] *então ela [profa.] disse pra mim... então você...*

(82) [20 2 RJ NURC DID: 261] *eu disse pra minha prima...quando ela olhar...*

Observando o percentual de **a** e **para** com os diferentes grupos de verbos no século XIX, verifica-se que é no contexto de verbos de comunicação que elas apresentam menor

variação⁹¹. Em termos percentuais, o grande avanço da preposição **para** sobre **a** se deu com os verbos de comunicação de um século a outro. Entretanto, é importante ressaltar que textos do século XIX, sobretudo as cartas de leitores e os anúncios de jornais, favorecem a ocorrência de uma infinidade de verbos de comunicação, tais como *rogar, anunciar, avisar, suplicar, pedir, sugerir, solicitar* etc., ou seja, o uso desses verbos está correlacionado à dimensão da ação comunicativa desses textos (cf. Simões & Kewitz 2005). E como o percentual da preposição **a** com esses verbos é bastante alto, seria de se esperar o contrário com a preposição **para**.

Tendo apresentado as observações a respeito da variação entre as duas preposições, passo a examinar os traços semânticos dos participantes da cena com os verbos de percepção auditiva.

Sendo a Figura um estado de coisas, composto por sujeito verbal + verbo + OD, que se dirige ao Ponto de Referência, prototipicamente temos um sujeito de traço [+humano] que tem a capacidade cognitiva de transmitir por meio de palavras uma determinada informação a uma entidade de traço [+humano], isto é, do falante para o ouvinte. Essa descrição se aplica à maioria das ocorrências com os verbos de percepção auditiva nos dois séculos. O sujeito é omitido quando a sentença está na voz passiva, realçando-se assim o conteúdo transmitido e seu receptor, como no exemplo abaixo:

(83) [19 1 RJ A] *A estreiteza do tempo não tendo permitido publicar hoje as importantes notícias que ultimamente vieram do Algarve, comunicar-se-hão ao público no seguinte Numero desta Gazeta.*

Pelo mecanismo da metonímia, foram encontrados sujeitos verbais de traço [+lugar] e [+concreto] representando uma pessoa ou grupo de pessoas:

(84) [19 2 RJ A] *O kiosque Rio de Janeiro declara ao Senhor Salles, e também ao seu Anjo Mão, que é falso o que dizem Vossa Reverendíssima terem os donos do kioske dando-lhes satisfação...*

⁹¹ Levando-se em conta somente os verbos com os quais elas variam (*transferência e movimento*, por exemplo).

Pelo mecanismo da metáfora, um sujeito abstrato é conceituado como sendo o transmissor da informação:

(85) [19 2 PR CJ L] *O Tibagy é navegado da mesma sorte, mas com outras facilidades até o Paraná, por alguns viajantes de Mato Grosso que começam á conhecer as vantagens dessa comunicação que muito promete á ambas as provincias. O aparecimento de um vapor no Paraná será a Aurora de um porvir brilhantissimo para todos os nossos terrenos...*

(86) [20 2 SP NURC D2: 343] *O fato de você estar usando [pulôver] já está dizendo **para** as pessoas que você tem um determinado nível social::*

Da mesma forma que o falante pode ser representado um lugar/estabelecimento (como *kiosque* no exemplo 84), o interlocutor pode ser conceituado como uma pessoa, como se observa no exemplo (85) acima: a província, para a qual muito é prometido, se refere a um lugar onde as pessoas que ali residem serão beneficiadas pela comunicação, ou seja, o sujeito verbal promete benefícios ao Ponto de Referência, interlocutor, representado pelo item *província*. Esse tipo de análise baseia-se nos princípios cognitivos mais básicos, especificamente aqueles referentes à capacidade humana de falar e ouvir, e, portanto, interagir.

4.3.2 Verbos de percepção visual

A categoria cognitiva mais fortemente presente nos verbos deste grupo é a da VISÃO. As cenas com esses verbos são prototipicamente representadas pelo sujeito verbal fazendo com que a entidade deslocada, o OD, entre no campo visual do Ponto de Referência, o receptor. O resultado desse deslocamento é a experiência mental provocada no receptor. Vejamos alguns exemplos:

(87) [19 2 RJ A] *Este trabalho, que ainda em manuscrito recebeu a aprovação de numerosos e habilitadissimos professores **aos** quaes foi apresentado, é o único que pode servir aos examinados de historia...*

(88) [20 1 SP CP MA] *Porém ficou nesse poema só que mostrei pro Osvaldo, êle gostou e andou com o poema mostrando pra toda gente...*

(89) [20 1 ? CP WL] *Já se apontam para este [cargo] diversos ocupantes...*

(90) [20 2 BA NURC DID: 231] *A mãe, às vezes, não tem condições de ensinar - como eu, eu não tinha condições de ensinar muita coisa a ela [filha]...*

Verbos como os apresentados nos exemplos acima são prototipicamente relacionados à VISÃO. No entanto, a composição dos participantes da cena é que fornecerá outras possíveis leituras. Por exemplo, em (89), temos o verbo *apontar*, cujo sentido básico é o de "indicar algo ou alguém com o dedo", mas depreende-se, pelo contexto, que se trata muito mais de uma comunicação verbal do que visual. Não é contraditório colocar esse exemplo neste grupo pelo simples fato de visão, audição e fala serem categorias cognitivas que se imbricam e cujas propriedades ocorrem simultaneamente: Castilho (2005). Tudo aquilo que é dito, ouvido e visto entra, por mecanismos diversos, para o campo da memória e, conseqüentemente, da experiência mental. Nas palavras de Ilari et alii (2006: 40), "*as operações mentais se guiam pela experiência de operações físicas*", por exemplo "*ver é compreender*".

4.4 Grupo IV - Verbos de criação/produção

Os verbos deste grupo são caracterizados por uma entidade (OD) não pré-existente, mas como produto da ação verbal. Segundo Ciscomani (2006: 639), esses verbos destacam o evento em si, ou seja, a "manufatura" do objeto, cuja motivação é fazê-lo chegar ao Ponto de Referência, seu destino final. Para a autora, não há transferência com esses verbos. O verbo *escrever*, nos exemplos abaixo, tem como ambiente textual mais favorável as cartas, sobretudo pessoais:

(91) [19 1 RJ CJ L] ... pois aqui me fico, e a Vossa Mercê he que, eu escrevo estas quatro regras.

(92) [20 1 SP CP MA] Sergio Milliet da Europa, escrevia pro Guilherme de Almeida cartas continuadas aconselhando verso-livre modernização etc.

(93) [20 2 SP CPP] Ambas estão escrevendo cartas para as amigas.

(94) [20 2 SP CPP] Uau! Seria muito legal escrevermos uma carta para a 89FM!

(95) [20 2 AL CPP] Então peço que tu escreva uma carta à Bizz, pedindo que seja editado um 'Letras Traduzidas Especial' ...

(96) [19 2 SP CJ L] Agora, como o tal anno acabou-se, a mulher disse-me que escrevesse ao homem das folhas para tornar a ser assignante.

(97) [19 2 RJ CP WL] O que acabo de expor deu se, por ter o comprador insistido por uma decisiva resposta, então escrevi-ao Lafayette.

(98) [19 2 RJ CP WL] Ao Doutor Lousada, de quen não recebo noticias ha muito tempo, escrevi hontem pedindo um pouco mais de bôa vontade no serviço que foi incumbido...

(99) [20 1 SP CP MA] ...o melhor é você escrever pro endereço da Livraria José Olympio na conhecida rua Dovidor...

(100) [20 1 SP CP MA] Bom, a agitação aqui está desgraçada, não posso pensar com calma para escrever a você...

(101) [20 2 SP CPP] Faz um bilhão de anos que escrevo para você e meio mundo.

(102) [20 2 AL CPP] Querendo conhecer mais a fundo o assunto, basta escrever à Ju, pedindo um catálogo (grátis).

Os exemplos (91) a (95) têm expresso o objeto produzido (ou a ser produzido) pelo ação verbal de *escrever*: cartas. Já nos exemplos (96) a (102), o que é escrito pode ser recuperado pelo contexto comunicativo remetente/destinatário. Neste caso, jamais pensaríamos que a remetente em (101) não escreve um conto, uma poesia, uma tese etc. à sua destinatária há um bilhão de anos! O contexto nos fornece apenas a idéia de que sejam cartas, ou seja, a troca de informações é feita por meio de cartas. Por esse motivo, considero o verbo *escrever* um verbo de comunicação também.

Esses últimos exemplos demonstram que o relevo da cena é colocado sobre o ato de escrever para alguém, ficando em segundo plano o que de fato é produzido por meio da escrita (cf. Talmy 2003a). Nesse sentido, *escrever* seria mais um verbo do grupo IV (comunicação) do que de produção. Da mesma forma que as categorias cognitivas se imbricam, compartilhando propriedades, os verbos também apresentam traços em comum.

A Figura representada pelo estado de coisas "X escrever (carta)" está direcionada a um Ponto de Referência. Ambos são prototipicamente [+humanos], uma vez que é o homem que possui a capacidade cognitiva da escrita e da leitura. Mas metonimicamente, podemos escrever a uma revista (exemplo 95⁹²), a uma rádio (exemplo 94) ou qualquer outra instituição que representa um grupo específico de pessoas com essa capacidade. Por isso, não é estranho dizer "escrevi para a Folha de S.Paulo / Assembléia Legislativa".

⁹² "Bizz" é o título de uma revista mensal especializada em música, direcionada a leitores jovens.

Tanto a preposição **a** quanto **para** são usadas para relacionar a Figura ao Ponto de Referência, sem diferença de sentido, como se observa nos exemplos para os dois séculos.

O verbo que melhor representa este grupo é *fazer*. Prototipicamente, a cena envolve uma entidade que faz alguma coisa, sem que seja destinada a alguém ou algum lugar. Nesta pesquisa levo em conta as cenas em que há um Ponto de Referência, representado pelo SP introduzido por **a** e **para**, portanto, cenas em que o destino do objeto produzido é colocado em relevo. Exemplos:

(103) [19 2 SP CP WL] *Muito agradeço-te o cacetada de mandar a Julio fazer a procuração **para** o advogado de Araras...*

(104) [19 1 RJ A] *Continua-se a fazer subscrição **para** o Jornal de Coimbra na mesma loja de Manoel Joaquim da Silva Porto...*

(105) [19 2 SP A] *Mademoiselle Renelle, professora no Collegio Piracicabano, querendo fazer uma colleção zoologica e mineralogica, no Collegio, **para** o desenvolvimento dos respectivos estudantes (...) pede á todas as pessoas que se interessarem...*

(106) [19 1 SP A] *Quem recolher o dicto escravo á Cadêa mais proxima do logar, e fizer aviso **ao** dicto Proprietario, terá 6:400 réis.*

(107) [19 2 SP CJ L] *... não é por mim que reclamo, por ir fazer compras nessa rua **para** os meus estudantes...*

(108) [19 2 PR CJ L] *... por grandes canôas, que fazem o transporte de sal **para** grande numero de fazendeiros daquelles campos.*

(109) [20 1 SP CP MA] *Porém não é essa homenagem que me caberia fazer **a** você...*

(110) [20 1 SP CP WL] *...será recusado pelo P. Queiros que, de maneira alguma, quer faser adiantamentos **para** mim.*

(111) [20 2 SP CPP] *Tem a Malu (...) que já fez músicas **para** um grupo de rock de Sorocaba.*

O verbo *fazer* é um dos verbos mais gramaticalizados em diversas línguas, pois se aplica a vários contextos, como *fazer uma casa, fazer lição, comida, festa, reunião, esforço, drama* e daí por diante. A entidade produzida vai de mais concreta a mais abstrata. Mas nem todas as combinações de *fazer* + objeto "produzido" aceitam a presença de um Ponto de Referência com traço [+humano]: * *eu faço esforço para você*, por exemplo. Em alguns casos, o verbo e o OD formam um bloco único de sentido, como *fazer homenagem = homenagear, fazer aviso = avisar* (exemplos 109 e 106, respectivamente) etc., chamado

verbo suporte. Pode-se depreender que quanto mais abstrato for o objeto produzido, mais dessemantizado é o verbo *fazer*.

A presença de um Ponto de Referência nessas construções fornece algumas interpretações quanto à sua função semântica. Com exceção dos exemplos (104) e (105), todos os Pontos de Referência têm o traço [+humano], representando a pessoa para a qual algo é feito. A natureza do objeto produzido, combinada ao traço semântico do Ponto de Referência é que permite entender a cena. Por exemplo, em (103), temos um sujeito verbal [+humano], um objeto [+concreto] e um receptor [+humano]. Prototipicamente, esse Ponto de Referência seria o beneficiário⁹³ da ação de *fazer* (algo). Mas como um advogado pode se beneficiar de uma procuração ? Só se ele for uma "pilantra" e se aproveitar desse recurso para tomar os bens do outro. Mas pelo contexto, essa leitura não procede. Nesse caso, o que parece estar em maior relevo é a finalidade da ação de fazer a procuração, inferindo-se que a procuração servirá para que o advogado tome as devidas providências a respeito de determinada ação judicial.

O exemplo (107) mostra claramente o beneficiário da ação de *fazer compras*: os estudantes. A mesma interpretação se tem no exemplo (111), em que o sujeito verbal (*Malu*) produz músicas para um grupo de pessoas.

É importante ressaltar que os traços semânticos do Ponto de Referência não definem por si só a função semântica atribuída a ele, mas sim todo o conjunto de traços da construção (cf. Goldberg 1995, Silva 2003). A função das preposições **a** e **para** nessas construções é a de indicar a direção da entidade produzida (seja ela mais ou menos concreta), o que revela a manutenção de seu sentido de base. O resultado de toda a ação presente na cena, ou seja, se há beneficiação ou finalidade, é obtido pela interação entre todos os seus participantes.

⁹³ Entenda-se a menção à função Benefactiva com a possibilidade de seu oposto: Malefactiva.

4.5 Grupo V - Verbos de complemento final

Os verbos deste grupo estabelecem, de alguma forma, uma relação de finalidade com o Ponto de Referência, ou seja, o evento tem como relevo a finalidade da ação expressa pelo verbo. Segundo Dias (2001: 546), "*as cláusulas de finalidade expressam o objetivo pretendido por um sujeito normalmente agentivo e controlador. O movimento da finalidade pressupõe uma trajetória de X a Y, no mundo das intenções*". Exemplos:

(112) [19 2 MG A] *Vende-se, por não servir para esta cidade, huma mui linda crioula de 14 a 15 annos de idade...*

(113) [19 2 PR A] *Os dentes postiços que emprega são mineraes (...) e servem para todos os intentos da falla e da mastigação...*

(114) [19 1 SP CJ L] *Um pobre môço carreiro de 10 a 12 annos que servia de arrimo a sua desgraçada familia (...) chegou sem perigo até as portas da Cidade;*

(115) [19 1 PE CJ R] *...he evidente, que tudo quanto contribuir para enfraquecer, e diminuir essa confiança e credito, servo(sic) de obstaculo ao progresso e augmento do Commercio.*

(116) [20 1 RJ CP WL] *A questão do levantamento da fiança de Papae no Thesouro está finalmente acabada, faltando sómente entrar com 862\$, saldo verificado; os juros vencidas apolices, que serviam para esse fim, são de sobra sufficientes.*

(117) [20 1 MG CP MA] *Os outros [contos] não prestavam para nada.*

(118) [20 1 SP CP WL] *O clima aqui está mais benigno que ahi em S.Paulo: o que tem contribuído para minhas melhoras.*

Em menor número nos *corpora* dos dois séculos, esses verbos ocorrem mais freqüentemente com a preposição **para**⁹⁴. Os verbos *servir* e *prestar* aqui apresentam sentido de "ser útil ou adequado / ter préstimo ou serventia", ao passo que no grupo do verbos de transferência, têm o valor de "oferecer, dar", como em "prestar serviço a/para alguém" e "servir um café aos/para os convidados".

As cenas com esses verbos podem ser associadas à idéia de deslocamento que subjaz a grande maioria dos dados: a Figura se desloca ao Ponto de Referência. A relação entre cada participante da cena é que propicia a interpretação de finalidade, aliada ao próprio sentido geral desses verbos ("ter utilidade"). A Figura é a entidade útil ou

⁹⁴ Esse uso da preposição **para** já é bastante freqüente no português arcaico (cf. Poggio 1999, Oliveira 2004, Gomes 1998, Maurer Jr. 1959).

adequada para uma determinada finalidade, representada pelo Ponto de Referência: *escrava inútil /inadequada para esta cidade* (exemplo 112), *dentes úteis para falar e mastigar* (exemplo 113), *contos inúteis* (exemplo 117), *clima adequado para a saúde* (exemplo 118) etc.

Os exemplos (114) e (115) apresentam uma diferença de sentido muito sutil, em relação aos demais exemplos, por conta da presença de um outro sintagma preposicionado introduzido por *de*. Nesses casos, o sujeito verbal desempenha uma função atribuída, representada por "de + N": em (114), *um pobre moço é o arrimo* do Ponto de Referência (*sua desgraçada família*), e em (115) *tudo quanto contribuir para enfraquecer e diminuir essa confiança e crédito* é o obstáculo para *o progresso e aumento do Commercio*. Interessante notar que nesses dois exemplos, o Ponto de Referência é marcado pela preposição **a**, mas não parece haver diferença de sentido entre **a** e **para**: "um pobre moço que serve de arrimo para a família". Ambas marcam a direção da finalidade e o ponto final do trajeto hipotético traçado pela Figura.

4.6 Grupo VI - Verbos com valor de aproximação/união/semelhança

São verbos que estabelecem uma relação de aproximação, ligação ou semelhança⁹⁵ entre a Figura e o Ponto de Referência. O deslocamento pode ser real (como *unir, ligar, telefonar*) ou hipotético (*agregar, aderir, interessar, comparar* etc.). Exemplos:

(119) [19 1 SP CJ L] *Ora isto era em tempo, que os Religiozos erão inda Senhores daquella casa, e era Claustro, mas hoje que por Deliberação de Sua Majestade Imperial foi dada para o Estabellimento d'Academia do Curso Juridico, melhor, que nunca pode ter lugar a tal lembrança; acrescendo eu a isto uma outra, que não deixará de ser d'utilidade ao mesmo público;*

(120) [20 2 SP NURC D2: 343] *mas... eu estou me comparando à tribo na tribo não existia isso...*

(121) [20 1 SP CP MA] *Nunca mais que pude acrescentar, voltada a calma, mais um poema pro livro.*

⁹⁵ A negação implica na interpretação de separação, distanciamento entre a Figura e o Ponto de Referência.

(122) [20 2 AL CPP] Bem, vejo que temos alguns pontos em comum e foram + ou - estes pontos que me uniram ao Echo⁹⁶.

(123) [20 1 SP ALM] Brito Peixoto funda Laguna, apossa-se do litoral catharinense e desce para o Rio Grande. O seu filho Francisco liga Laguna ao Rio Grande, a Maldonado, a Sacramento e a Montevideo.

(124) [19 1 SP CJ L] De volta sentei-me a descansar na ponte franca e ai estavam talvez ao mesmo fim dois sujeitos, um dos quaes era um Portuguez velho, e Brasileiro novo, digo Portuguez velho, porque nasceu nas marges do Doiro, e ja é avançado em annos, e Brasileiro novo, porque vivendo entre nós, e adherindo á nossa causa tem tantos annos de Brasileiro quanto o Brasil de Nação Independente;

(125) [20 2 POP (98) BA] Tudo quanto é coisa aí, eu nem liquei pra isso.

(126) [20 2 POP (98) BA] eu disse "(...) Você pra mim num interessa mais, faiz de conta que é um cachorro que passô na minha frente".

(127) [20 2 SP CPP] Caso você ligar pra ele, fala que foi a Adriana...

Nos exemplos (119) a (123), a Figura é um estado de coisas *acrescido, comparado, unido e ligado* a um Ponto de Referência. Em alguns casos, o percurso traçado pela Figura é mais visível que outros, como os exemplos (121) e (123). Todos os sujeitos verbais têm traço [+humano], sendo os controladores da ligação / aproximação. O objeto direto e o Ponto de Referência podem ser humanos, concretos ou abstratos.

Os exemplos (124) a (127) têm como Figura o próprio sujeito verbal, que são todos humanos também. O Ponto de Referência pode ser [+ humano] e [+abstrato].

Nota-se que (123), (125) e (127) têm configurações distintas de sentido. Em (123), *ligar* tem o sentido de "unir um ponto a outro"; em (125), a composição *ligar + para + isso* significa o mesmo que "dar importância", que na maioria das vezes ocorre na negativa e configura-se como expressão (quase) fixa; e em (127), *ligar para alguém*, pelo contexto indica "estabelecer comunicação por telefone"⁹⁷.

No exemplo (123), a preposição **a** não varia com **para**, ainda que tenha o valor de direção, ponto final de um percurso. Talvez esteja em relevo o sentido de "aproximação" de **a**, valor ausente em **para**. Em (125), ao contrário, **para** não varia com **a**: *já não ligo mais a

⁹⁶ Echo & The Bunnymen - grupo musical inglês formado em 1979.

⁹⁷ Em outros contextos, pode ter o sentido de "dar importância", como "antes eu me preocupava muito com ele, agora já não ligo mais pra ele".

*isso*⁹⁸. No exemplo (127), *ligar* varia com *telefonar*, usados geralmente com a preposição **para**. A única ocorrência de *telefonar* com a preposição **a** foi encontrada numa peça teatral da primeira metade do século XX:

(128) *Mas preciso telephonar a mamãe*⁹⁹.

Os demais verbos deste grupo ora apresentam variação entre **a** e **para**, ora não. Por exemplo, *acrescer* e *acrescentar*, em (119) e (121) respectivamente. No primeiro caso, seria estranho o uso com **para**: *acrescendo eu para isto uma outra lembrança*, mas em (121), a preposição **a** caberia: *nunca mais que pude acrescentar mais um poema ao livro*, ou ainda a preposição *em* (*acrescentar mais um poema no livro*).

A preposição **a** com o verbo *comparar* não varia com **para**, mas com a preposição *com* no português atual. Verifica-se aí seu valor de "proximidade", que está mais relacionado com a idéia "comitativa" de *com* do que de "direção", presente em **para**. Da mesma forma, **a** não varia com **para** quando subcategoriza pelo verbo *unir*, que tem a mesma configuração que o verbo *ligar*. Nesse caso, a variação pode se dar entre as preposições **a**, *em* e *com*: *unir/ligar uma coisa na outra*, *unir/ligar uma coisa com outra*. A única ocorrência encontrada com o verbo *aderir* foi (124) com a preposição **a** que também não varia com **para**.

O verbo *interessar* ocorre com **a** e **para**, sobretudo nos dados do século XX, sem que haja diferença de sentido. A variação se dá entre essas preposições e o pronome clítico: *Isso não interessa a/para você* ~ *Isso não lhe/te/nos interessa*.

Observando os gráficos 3 e 4 apresentados no capítulo 3, vê-se um aumento de frequência das duas preposições neste grupo de verbos, do século XIX ao XX. O aumento de **para** refere-se principalmente ao seu uso com os verbos *telefonar* e *ligar*, e o aumento de **a** está relacionado ao uso de verbos que se combinam apenas com essa preposição.

⁹⁸ Não foi encontrada nenhuma ocorrência da preposição **a** nessa configuração, apenas uma indicação no *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (1980).

⁹⁹ Peça "A Flôr dos Maridos" de Armando Gonzaga. Há outros dados de *telephonar* nessa peça, todos com a preposição **para** + *lugar*.

4.7 Grupo VII - Outros verbos

Todos os demais verbos foram inseridos neste grupo por não se encaixarem estritamente à família de sentidos relacionados, como se vê nos grupos I a VI. São eles: *pertencer, morar, ficar, ser, estar, faltar, assistir, convir, competir, gratificar, satisfazer*, etc. Não caberá analisar um a um, por isso selecionei três verbos que têm uma identidade mais próxima: os estativos *ser, estar e ficar*.

(129) [19 2 RJ CP WL] *Como o nosso jornal é para quem sabe ler, escrever e comentar, entendi que não devias fazer exceção...*

(130) [19 2 RJ CP WL] *Compreendes que estas terras são para mim, que já estou estabelecido aqui com lavoura e com indústria importante...*

(131) *O prédio é para a biblioteca.*

(132) *A cadeira é para a sala, e a mesa para a cozinha.*

Com o verbo *ser*, somente a preposição **para** é possível, como se vê nos exemplos acima. A composição *ser* + **para** tem a idéia geral de "destinação", "finalidade": o jornal serve ou é apropriado para quem sabe ler; as terras são úteis para Lafayette (irmão de Washington Luiz); o prédio serve como biblioteca ou será construído para este fim; a cadeira é adequada para a sala, e a mesa é apropriada para a cozinha. O exemplo (130) acarreta um valor de posse, como resultado de toda a composição *X ser para mim*. Em todos os casos, a preposição **para** estabelece a delimitação do destino da Figura.

A impossibilidade de uso de *ser* + preposição **a** pode ter duas razões: (i) semanticamente, essa preposição não marca a direção e o ponto final de um (possível) percurso com verbos estativos, levando-nos a concluir que essa propriedade de **a** é desativada, neste contexto; (ii) conforme exposto no item 3.1 no capítulo 3, pode haver restrição fonológica por ser um ambiente propício ao processo de sândi externo, em que há choque de núcleos silábicos: [ɛ] + [a] "é à" ou "era à" [ɛra] + [a] > [ɛra] = *degeminação* (choque de vogais iguais), já que o PB não diferencia fonologicamente "a" de "à", como ocorre no PE.

O único possível uso da preposição **a** com o verbo *ser* refere-se à noção de tempo, representado pelo item "hora":

(133) *A reunião é/será às 10 horas.*

(134) ? *A reunião é/será para as 10 horas.*

Dentre as duas preposições, a que marca o ponto específico na linha do tempo (em relação à hora) por excelência é a preposição **a**, ao passo que o uso de **para** deixa dúvida se (134) é uma sentença possível, mesmo que marque a direção da Figura ao Ponto de Referência - tempo. Nota-se que em (133), mesmo sendo fonologicamente um ambiente favorável ao sândi (degeminação), quando *ser* está na forma futura (*será*), a preposição **a** está presente: [ser'a] + [az] > [ser'az] dez horas. Nesse sentido, a seleção da preposição **a** é uma questão semântica, já é ela que marca a localização pontual.

Quando a relação de tempo não é marcada pelo item "hora", apenas a preposição **para** é possível:

(135) *Esse trabalho é para amanhã / semana que vem / o ano 2008.*

A sentença em (135) assemelha-se aos exemplos (136) a (138) com o verbo *ficar* abaixo:

(136) [19 2 SP CP WL] (...) *não sei o que lhe escrever. Só si fôr sobre o assassinato do rei Humberto, ou sobre a morte de Eça de Queiroz! Fica isso **para** outro dia, e fecho aqui esta esperando que Sophia e você continuemgozando perfeita saude...*

(137) [19 2 RJ CP WL] *Como o comprador esteja impaciente para effectuar o negocio (...) resolvi effectuar a venda de nossas partes, ficando a do Franklin **para** quando fôr possível.*

(138) [19 2 RJ CP WL] *Tinha um bom negocio a propor-te sobre a fazenda, mais em vista de meu estado de saude fica **para** ocasião oportuna.*

Nesses casos, a preposição **para** marca o ponto final do percurso a ser traçado pela Figura, ou seja, a transposição da Figura de um momento a outro do tempo. A Figura é caracterizada por um evento ou situação que será transferida, e o Ponto de Referência é sempre um período de tempo no futuro.

(139) [19 2 SP CP WL] *Sigo amanhã para Santa Clara; Nhanhã fica **para** o casamento da Elisa Tobias, vae com Mamã a 16.*

(140) *Fulana ficou pra tia.*

(141) *A casa fica para os filhos, e o carro fica para o neto.*

Nos exemplos (139) e (140), a Figura é uma pessoa que se caracteriza pela permanência num Ponto de Referência, um evento em (139) e um estado social em (140). O Ponto de Referência em (139) tem ainda a função de finalidade: *Nhanhã fica para assistir ao casamento*. Em (140), à Figura *Fulana* resta a situação de ser tia, já que não se casou e não teve filhos¹⁰⁰. O exemplo (141) é semelhante a (130) com o verbo *ser*: acarreta a noção de posse, uma vez que se completa a transferência da casa aos filhos e do carro ao neto. Aqui também a preposição **para** marca a direção dessa transferência.

O único exemplo encontrado do verbo *ficar* com a preposição **a** é (142), revelando seu uso modal:

(142) *[19 2 SP CJ L] Sei que o BENTO SAPO andou de pulos para pagar os 600.\$000, que surruiu, antes que alguém comprasse a dívida. Ainda que esta desapareça não desaparecerão os vestígios e as provas do crime, que ficarão á disposição da lei, Pula BENTO SAPO para pagar o thezouro.*

Esse uso da preposição **a** com verbos estativos é considerado como expressão fixa, da mesma forma que *ficar/estar à vontade, às claras, à mostra, à vista* e assim por diante.

(143) *Onde está Fulano ?*

Fulano está pro interior.

O verbo *estar* com a preposição pode vir reforçado pelo pronome circunstancial *lá*: *está lá pro interior*, indicando um redobramento do Ponto de Referência. O uso da preposição com esse verbo pressupõe que a Figura tenha se deslocado a partir de onde o falante está agora em direção do Ponto de Referência, algo como "Fulano foi pro interior e agora ele está lá". Há algumas expressões fixas ou idiomáticas com *estar + para*:

¹⁰⁰ Agradeço a José Simões por essa interpretação do exemplo (140).

(144) *O mar não está pra peixe hoje.*

(145) *Fulano não tá pra brincadeira.¹⁰¹*

O exemplo (144) ilustra geralmente quando uma determinada situação não está adequada para determinada finalidade: o mar não está adequado para pegar peixes. Em (145), a Figura (*Fulano*) é localizada em função de uma finalidade (para brincar) e revela ainda (i) um sentido de volição: *Fulano não quer brincar*, (ii) caracterização do estado de *Fulano*: *está de mau humor* ou *não quer ser tirado de seu 'estado de seriedade'*.

A preposição **a** com sentido de localização pontual no espaço está sendo gradativamente desativada, dando lugar à ativação da preposição *em*, como nos exemplos abaixo:

(146) *A menina estava à porta / à janela.*

(147) *A menina estava na porta / na janela.*

O ambiente que parece estar mantendo a preposição **a** com esse valor refere-se às locuções prepositivas, ou preposições e advérbios complexos, assunto do próximo e último item deste capítulo.

4.8 A semanticização de **a** e **para** em locuções

Ao final do capítulo 3, apresentei uma análise das preposições **a** e **para** em locuções prepositivas, também chamadas preposições complexas, sob a ótica da gramaticalização. Estabeleci dois critérios sintáticos para verificar seu grau de ressintaticização.

Neste capítulo, analiso as preposições **a** e **para** em algumas locuções do ponto de vista semântico, buscando verificar em que medida seu sentido de base se mantém e que outros sentidos podem ser constatados em toda a composição. Diferentemente da análise proposta para a sintaticização, aqui as locuções são consideradas com um "bloco único" de sentido, independentemente do grau de ressintaticização. Retomo alguns exemplos do quadro 2 apresentado no capítulo 3 e apresento outros introspectados.

Considere os seguintes exemplos:

¹⁰¹ Agradeço a Celso Kobashi por fornecer-me este exemplo.

(148) *O jogador chutou a bola à direita do campo.*

(149) *O jogador chutou a bola para a direita do campo.*

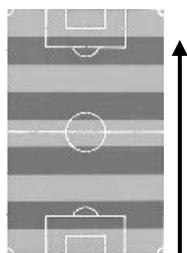
(150) *O juiz passou à direita do campo.*

(151) *O juiz passou para a direita do campo.*

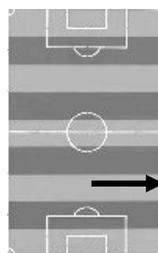
A cena nos exemplos acima refere-se a uma partida de futebol em que há um campo, os jogadores e os juizes, dentre outros participantes. A atenção em (148) e (149) está voltada a um jogador que executa uma determinada ação com a bola. Em (148), o uso da locução à direita de fornece duas leituras: (i) o jogador direciona a bola para fora do campo e (ii) o jogador estava numa posição à direita do campo e de lá chutou a bola. Essa segunda interpretação envolve o sentido de localização pontual da preposição *a*, ao passo que em (i), está presente a noção de direção. Em (149), a única interpretação possível é a do jogador numa posição no centro ou no lado esquerdo do campo, chutando a bola para o outro lado (o lado direito do campo), num passe de bola a outro jogador por exemplo.

Em (150), a composição Figura (*juiz*) + *passar* + à direita de corresponde a um deslocamento realizado fora ou na margem direita do campo. Nessa sentença, a propriedade de proximidade da preposição *a* é ativada. Em (151), muito semelhante a (149), o juiz atravessa o campo, tendo como ponto de partida o centro ou o lado esquerdo do campo, e o ponto final do deslocamento é o lado direita do campo. Os esquemas abaixo ilustram as sentenças (150) e (151), respectivamente:

(150)



(151)



Quando a cena envolve um verbo estativo, o único sentido da preposição *a* ativado é o de proximidade ou localização pontual, como no exemplo (152) abaixo:

(152) *A casa fica à direita/esquerda da loja.*

Semelhantemente, as locuções cuja base é o nome *lado* apresentam a mesma diferença entre **a** e **para**:

(153) *A loja fica / é / está ao lado da igreja.*

(154) *A loja fica / é / está para o lado da igreja.*

(155) *A loja fica / é / está para os lados da igreja.*

A localização da Figura em (153) é pontual e específica, ao passo que em (154) e (155), a delimitação da localização é mais vaga, podendo ser em qualquer lugar no entorno da igreja. O falante não tem um conhecimento da localização precisa da Figura em relação à igreja, ou ainda, pelo fato de a igreja não estar no campo visual do falante e do ouvinte, é dada uma localização aproximada da Figura. A diferença entre (154) e (155) parece recair sobre o grau de especificidade da localização da Figura: para os lados de pressupõe um campo de localização mais amplo e menos delimitado do que para o lado de. Além disso, para os lados de pressupõe que o falante esteja localizado num ponto mais distante do Ponto de Referência, ou seja, ele tem conhecimento aproximado ou vago da localização da Figura.

Vejamos alguns exemplos do século XIX:

(156) *[19 2 SP CJ L] ...em quem havia de recahir a nomeação ? (...) em um vereador intimo amigo do senhor Victoriano José Lemes, que mora para o lado de Jacarehy, e que pouco se importa com os caminhos do Buquira.*

(157) *[19 2 RJ CJ R] Sabe-se perfeitamente que esse trabalho é uma mentira, porquanto os fornecedores (que quasi sempre moram para os lados de Nitheroy) não acham dificuldade em obter cousa que pareça servir.*

(158) *[19 2 SP CP WL] Aproveito tambem a occasião para offerecer-te quando para estes lados vierdes um modesto rancho nésta fazenda que já tem o nome da futura...*

Nos exemplos acima, a preposição **para** indica a direção precisa de um deslocamento hipotético, em (156) e (157), e um deslocamento real, em (158), mas indica também a localização imprecisa da Figura, ou seja, a Figura é localizada em função de algum lugar nas proximidades dos Pontos de Referência *Jacarehy*, *Nitheroy* e *estes lados*. Em (158), o

pronome *estes* tem como referente o local de origem da carta: Fazenda Santa Cândida, em Dourado¹⁰².

Outras locuções introduzidas pela preposição **a** são:

(159) [19 1 BA CJ R] ...*se he verdade, que o nosso paiz está à borda de hum abismo...*

(160) *Mulheres à beira de um ataque de nervos (título de um filme de Almodovar)*

(161) [19 1 BA CJ R] *E não he em verdade huma lastima, que, quando todos convimos que he huma a estrada por onde devemos marchar, não demos um só pássso, só porque não somos nós, ou nossos amigos, os que vão á frente dos que querem andar o mesmo caminho?*

(162) [19 2 MG CJ L] ...*porque, na forma que costuma annualmente, de ordem sua foi arvorada a bandeira nacional, e tocou a banda de musica da guarda nacional, e foi postada uma guarda junto a mesma bandeira; a expensas suas forão dadas as salvas; e quando a musica veio á frente de sua casa, elle deo os vivas ao memoravel dia 7 de setembro,...*

(163) [19 2 BA CJ L] ...*o general Telles era um dos bravos que se achava na frente do movimento no commando do 1º regimento de cavallaria; quando começou a desastrosa revolução do Rio Grande do Sul estava o general Telles na frente de uma divisão; e dias depois de encetada a malfadada revolta de 6 de setembro, o general Telles se acha de novo á frente de outra divisão para derrocar esses inimigos da Republica.*

As locuções à borda de e à beira de, nos exemplos (159) e (160), localizam a Figura (*paiz* e *mulheres*, respectivamente) em relação a um lugar metaforizado, relevando uma relação "modo-aspecto inceptivo" entre os participantes da cena. Seria o mesmo que "um país quase no abismo" e "mulheres quase tendo um ataque de nervos". A combinação da preposição **para** com as bases *borda* e *beira* implica necessariamente na direção de uma localização espacial física, como "fui para a borda/beira da piscina".

Nos exemplos (161) e (162), o deslocamento é real, ainda que toda a carta esteja repleta de metáforas. Em (161), a Figura está na posição dianteira de um grupo de pessoas que caminham em direção a um ponto final desconhecido. Este exemplo assemelha-se ao de Talmy (2003a: 204), em que uma pessoa está adiante de outra numa fila (*John is ahead of Mary [in the line]*). O Ponto de Referência desdobra-se em primário (*os que querem andar o mesmo caminho*) e secundário (*fila*), implícito. Em (162), o deslocamento da Figura ocorre em função de uma parte do Objeto de Referência, especificamente a parte da frente da

¹⁰² Dourado é um município próximo a São Carlos, no interior do Estado de São Paulo.

casa. Surge aqui uma questão: se esses mesmos exemplos fossem expressos por para a frente de, teríamos a mesma configuração espacial? Ao que parece, há uma diferença sutil. O uso da locução para a frente de dá pistas de todo o percurso traçado pela Figura, por exemplo, da parte de trás da fila e da casa em direção à parte da frente. A locução à frente de marca apenas o ponto final do percurso. Essa diferença revela que o sentido de percurso da preposição **para** (*per+ad*) está ativado, além do sentido de direção e ponto final.

O exemplo (163) permite duas leituras quanto à localização da Figura (*general Telles*): (i) ele está numa determinada posição física e estática diante de um grupo de soldados (*divisão*), que são o Ponto de Referência; (ii) o general está no comando desses soldados, ou seja, a ele é atribuída a qualidade de ser o comandante do grupo, por meio da metáfora: aquele que está numa posição frontal tem controle sobre os demais e é mais alto hierarquicamente. Nota-se que na mesma carta desse exemplo, o leitor alterna o uso de à frente de com na frente de, indicando a variação entre essas locuções, e entre as preposições **a** e *em*.

Os exemplos encontrados com para frente / para frente de são todos do Português Popular, século XX:

(164) [20 2 POP (98) SP] *...em se tratando de eleição o brasileiro tem mais é que tomá vergonha na cara e num í nas urnas uma única veis na vida, que é pra o brasileiro, os nossos governantes tomá vergonha na cara e botá o Brasil pra frente.*

(165) [20 2 POP (98) BA] *Ela ficô sentada no barzinho da ponta, olhando. (...) Aí, num satisfeita daquilo, foi mais pra frente no muro da quadra, onde tinha quadra, cumeçô. (...) Aí depois eu falei assim: "já vô embora"...*

(166) [20 2 POP (98) PB] *E sobre o pobrema de imprego, [inint] chutá pra frente pra vê o qui vai dá, né? É, janero, vô chutá pra frente. Eu nunca ... a gente nunca chuta pá trás, tem qui chutá pra frente.*

Dentre esses exemplos, apenas (165) apresentava um movimento físico. Nos outros, o movimento é metaforizado, projetando a Figura em direção a um estado entendido como progresso. Pela metáfora conceituamos aquilo que está na parte da frente como algo bom, positivo, e aquilo que está atrás como sendo ruim, negativo, um regresso (cf. Viaro 2003). O

Ponto de Referência é dêitico e não está expresso em sua totalidade: *botar, ir e chutar para frente* do lugar onde a Figura se encontra no momento da enunciação.

Até aqui analisei exemplos em que as duas preposições ocupam a primeira posição da locução, antecedendo a base. Como vimos no capítulo 3, apenas a preposição **para** pode ocupar essa posição com as demais bases dos eixos espaciais, como *dentro, fora, perto* etc. A título de ilustração, apresento abaixo exemplos com as locuções para trás (de) e atrás (de). Imagine uma cena em que estamos de carro numa rodovia ou estrada e nossos amigos estão em outro carro. Ambos partiram do mesmo lugar e no mesmo momento.

(167) *Nossos amigos ficaram / estão para trás (de nós) (na estrada).*

(168) *Nossos amigos ficaram / estão atrás (de nós) (na estrada).*

Nos exemplos acima, há dois Pontos de Referência: o primário, *para trás* e *atrás (de nós)*, e o secundário, *na estrada*, nos termos de Talmy (2003a). A expressão *de nós* e o Ponto de Referência secundário podem ser omitidos, se se leva em conta o contexto do enunciado em que a Figura é visualizada pelo falante.

O uso da locução para trás (de nós) em (167) implica num distanciamento entre a Figura e o Ponto de Referência primário, como resultado do deslocamento de ambos em velocidades diferentes: nossos amigos estão dirigindo numa velocidade mais baixa que nós, ficando, conseqüentemente para trás.

Em (168), por outro lado, o uso de atrás (de nós) não implica necessariamente num distanciamento, mas pressupõe-se que a Figura tenha acompanhado o ritmo do nosso movimento, como se ambos os carros estivessem desenvolvendo a mesma velocidade. Nesse caso, *atrás* tem o sentido de localização pontual, independentemente do movimento ou da velocidade da Figura e do Ponto de Referência.

A fase anterior ao enunciado, ou o início do deslocamento (i), e a segunda fase (ii), expressa pelas sentenças (167) e (168), podem ser observadas respectivamente nas figuras abaixo, em que 1 representa o Ponto de Referência primário - *nós* - e 2, a Figura - *nossos amigos*:

(167)



(i) _____



(ii) _____

(168)



(i) _____



(ii) _____

A presença de um elemento intensificador entre o verbo e a locução pode acarretar a mesma interpretação para cada sentença:

(167a) Nossos amigos ficaram/estão *bem* para trás.

(168a) Nossos amigos ficaram/estão *bem* atrás.

Nos dois casos, o distanciamento entre a Figura e o Ponto de Referência em (167a) é aumentado, e a proximidade entre eles em (168a) é intensificada. No entanto, veja o que acontece quando outros elementos são inseridos:

(167b) Nossos amigos ficaram/estão *muito* para trás.

(168b) Nossos amigos ficaram/estão *muito* atrás.

(167c) Nossos amigos ficaram/estão *lá* para trás.

(168c) Nossos amigos ficaram/estão *lá* atrás.

A diferença entre as sentenças (167) e (168) se dilui com a presença de itens como *muito* e *lá*, ou seja, tanto em (167b), quanto (168b), e (167c) e (168c), entende-se que a Figura tomou distanciamento do Ponto de Referência. Especificamente nas versões (c), o dêitico cumpre esse papel, restando às expressões para trás e atrás a localização posterior de nossos amigos em relação a nós. Se em vez de *lá* tivéssemos *aqui* em (166c), *nossos amigos estão aqui atrás*, a diferença entre as sentenças seria mantida.

Como disse anteriormente, as demais locuções só ocorrem com a preposição **para**: para dentro, para fora, para perto, para cima etc. De certa forma, elas compartilham as mesmas propriedades de configuração espacial com as descritas acima. Por uma questão de espaço, não descreverei uma a uma, ficando essa análise para uma pesquisa futura.

4.9 Considerações finais

Neste capítulo, a análise das propriedades semânticas das preposições **a** e **para** a partir de grupo de verbos permite afirmar que em alguns contextos há ou não restrições de seleção dos participantes da cena como um todo, bem como da seleção de uma ou outra preposição.

Em geral, as duas preposições apresentam seu sentido de base de direção e ponto final de um percurso. Numa configuração espacial básica, a função que as preposições desempenham é a de relacionar a Figura em função de um Ponto de Referência. Vimos que essa relação pode ser de localização (física ou hipotética) e de direcionamento (físico ou hipotético).

A preposição **a**, especificamente, tem seu sentido de aproximação ativado em alguns contextos, localizando a Figura num ponto determinado no espaço físico, temporal ou abstrato. Essa acepção fica muito clara quando o Ponto de Referência diz respeito a *hora* no tempo (ponto na linha do tempo) e em algumas locuções: ao lado de, à beira de etc. Dependendo da cena em que atua, e conseqüentemente do verbo que a configura, a preposição **a** assumirá o valor de aproximação, localização pontual ou de direção e ponto final de um percurso.

A preposição **para**, por sua vez, apresenta sempre seu sentido de base: direção e ponto final do percurso traçado pela Figura. Em alguns casos, é possível verificar que, além de marcar o ponto final do percurso, **para** fornece pistas de outros pontos desse percurso, como o ponto de partida, por exemplo. Nesse sentido, o valor de *per* em sua origem continua sendo ativado. Isso fica bem claro na locução para a frente de, em que é pressuposto o percurso da Figura a partir de um ponto de origem, ainda que a atenção esteja voltada para o ponto final desse percurso.

O resultado que cada cena apresenta fornece uma ou mais funções semânticas, não apenas à preposição em si ou ao sintagma preposicionado, mas também ao conjunto de participantes de uma cena, por exemplo, beneficiador - benefício - beneficiado. Cada função é determinada pelas relações estabelecidas entre esses participantes. Por isso, procurei uma alternativa à abordagem dos chamados Papéis Temáticos (v. capítulo 1), evitando termos como Agente, Paciente, Alvo etc.

Para finalizar, gostaria de retomar os gráficos 3 e 4 apresentados no capítulo 3, com as preposições **a** e **para** dispostas separadamente. Aqui, ao contrário, disponho os resultados das duas preposições em confronto, em cada século, a título de generalização:

Gráfico 1: distribuição do percentual das preposições **a** e **para** por tipo de verbo no século XIX

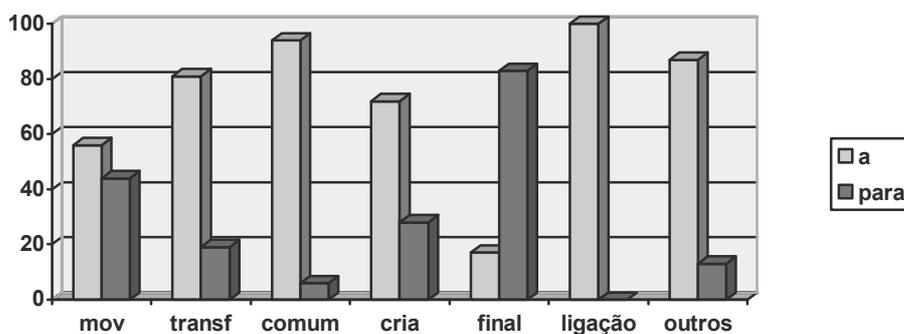
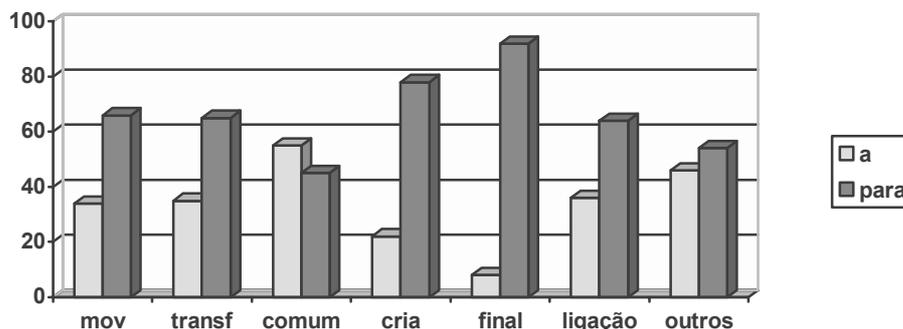


Gráfico 2 distribuição do percentual das preposições **a** e **para** por tipo de verbo no século XX



A generalização em relação ao aumento e diminuição dos percentuais de cada preposição é um terreno delicado, visto que alguns verbos em cada grupo não apresentam variação entre **a** e **para**. Além disso, a não ocorrência de uma ou outra preposição com algum verbo não quer dizer que não sejam variáveis, e ainda, a ocorrência das duas preposições com um mesmo verbo não implica serem variáveis, como vimos com o verbo *falar* por exemplo.

Por outro lado, a generalização pode mostrar que tipo de verbo fornece um contexto mais favorável ao uso de **a** ou de **para**. Por exemplo, com verbos de complemento final, a preposição **para** é mais freqüente que **a** nos dois séculos. Semanticamente, considerando que **para** pode marcar o percurso com maior precisão, não é de se estranhar que tivesse um percentual próximo ao da preposição **a** com os verbos de movimento já no século XIX. A preposição **a** no século XX tende a apresentar maior resistência com verbos de comunicação, ainda que haja variação (*disse a você/ disse para você*). E é nesse grupo de verbos que a preposição **para** apresenta maior expansão do XIX para o XX.

Outros mecanismos de controle da variação e mudança das preposições **a** e **para** devem ser criados para que se tenha maior controle dos processos, dentre eles a variação dessas preposições com outros itens ou estruturas linguísticas. Mas isso já é tema para uma outra pesquisa.

Além disso, a análise semântica das preposições **a** e **para** não se esgota aqui, pois vários aspectos foram deixados de lado. Por exemplo, não foram consideradas as estruturas em que essas preposições antecedem verbos (*começar a fazer, livro para ler* etc.), nem quando são subcategorizadas por nomes (*convite a todos, máquinas para café*).

etc.) ou adjetivos (*próprio para a lavoura, adepto ao vandalismo etc.*). Certamente, a inclusão dessas estruturas e de outras abordagens complementariam o trabalho.

CONCLUSÃO

A leitura cuidadosa de vários trabalhos sobre as preposições **a** e **para**, sobretudo no Português Brasileiro, revelou algumas complicações no que diz respeito ao seu estatuto categorial e às suas funções sintáticas e semânticas. Em várias abordagens, a preposição é vista como um item gramatical não dotado de sentido específico; em outras, procura-se estabelecer uma diferença clara entre **a** e **para** (não permanência x permanência, respectivamente), não atestada nos dados. Em termos sintáticos, é corrente a admissão de que elas introduzem argumentos e adjuntos enquanto categorias opostas e discretas. Semanticamente, são abordadas, em geral, sob o ponto de vista da Teoria dos Papéis Temáticos, em que a cada sintagma preposicionado na função de argumento (excluindo-se os adjuntos) corresponde um único papel temático, entendido também como categoria discreta e delimitada.

Sob o ponto de vista cognitivista da língua, alguns autores descartam essas complicações ao analisar categorias e itens lingüísticos levando em conta o conhecimento de mundo, a linguagem como produção social e histórica, os processos (mais do que produtos) de estruturação e de significação, entre outros. Essa abordagem serviu de base para a análise dos processos de gramaticalização e semanticização das preposições **a** e **para**, a partir da proposta multissistêmica da língua (Castilho 2006), isto é, a língua como um sistema complexo, composto de processos e produtos. Nessa visão, a gramaticalização é apenas um dos processos de criação e mudança lingüística. Os processos de gramaticalização, semanticização, discursivização e lexicalização com seus respectivos produtos (Gramática, Semântica, Discurso e Léxico) formam a língua de forma complexa e atuam simultaneamente, dinamicamente e multilinearmente.

No capítulo sobre Gramaticalização, foram analisados os processos de morfofonologização e sintaticização das preposições **a** e **para**.

Baseando-me nos estudos de Bisol (1992, 1996, 2003), procurei verificar o processos morfo-fonológicos atuantes em expressões com **a** e **para**, isto é, examinar em que medida essas expressões fornecem contexto favorável ao fenômeno de fusão ou choque entre núcleos silábicos, conhecido como sândi externo. Vimos que os três processos - elisão, ditongação e degeminação - ocorrem com a preposição **para**, sem que ela perca seu

caráter de preposição. Isso se dá por conta de seu ataque [p], formando a chamada "sílabas ótima".

Com a preposição **a**, no entanto, o processo de elisão não é possível: por exemplo, em "recado ao filho", a preposição **a** não pode ser elidida com a vogal da última sílaba de "recado" - *recad[o] filho, ao menos no Português Brasileiro. Esse seria o contexto favorável à ditongação, que ao contrário dos demais processos, não apaga vogais, mas cria sílabas.

No processo de sintaticização, verificou-se que as preposições **a** e **para** introduzem argumentos e adjuntos. No entanto, a análise dos dados e a leitura de diversos estudos sobre preposições e funções sintáticas confirmaram a dificuldade em estabelecer limites claros entre essas funções, especialmente entre objeto indireto, objeto oblíquo e adjunto adverbial. Isso se apóia na hipótese de Castilho et alii (2002), segundo a qual "*adjuntos e argumentos são polos extremos de um continuum funcional das sentenças, identificáveis por gradiente, não por oposição*". Como alternativa, propus classificar as preposições **a** e **para** como constituintes de PESSOA, DESTINO, OBJETO, TEMPO e CONTENDO NOÇÕES ABSTRATAS. Mesmo sendo uma classificação semântica, vimos que são categorias mais claramente identificáveis e controláveis para uma análise quantitativa. Dentre essas categorias, as de PESSOA e DESTINO são as mais frequentes com as duas preposições nos séculos XIX e XX, diferenciando a distribuição de cada uma de um século a outro. Elas apresentam também resultados interessantes em relação ao tipo de texto em que ocorrem: à informalidade de um texto não corresponde necessariamente o uso da forma inovadora **para**. Há ainda alguns nichos sintáticos em que a preposição **a** ainda resiste.

O estudo da mudança das preposições **a** e **para** levou em conta os contextos de variação entre elas, sem, no entanto, analisá-las numa abordagem sociolinguística. Considerou-se também os contextos de não-variação, já que em alguns casos, uma ou outra é categórica num determinado nicho sintático, bem como semântico. Essas preposições distribuem-se de forma complementar, variável ou categórica, dependendo do tipo de verbo a que se combinam.

No processo de semanticização, a linha de análise foi baseada na Semântica Cognitiva, em que se leva em conta a atuação de todos os participantes de uma cena (Figura/Ponto de Referência). Para tanto, servi-me da classificação de verbos estabelecida no capítulo anterior (gramaticalização), uma vez que esse foi o critério de coleta dos dados. Foram examinados os sentidos de base de **a** e **para**: direção/ponto final de um percurso

(ambas) e aproximação (preposição **a**) Vimos que algumas outras propriedades semânticas são ativadas com a preposição **para**, propriedades essas não verificadas com **a**. Em determinados contextos ou cenas, um ou outro sentido de base de **a** é ativado - ou direção ou localização pontual, dependendo da relação estabelecida entre todos os participantes da cena.

Por fim, analisei alguns dados em que **a** e **para** ocupam a primeira posição de uma locução prepositiva (ou preposição complexa). No âmbito da sintaxe, foram estabelecidos dois critérios para verificar o grau de ressintaticização de **a** e **para**. Em relação à semântica, as locuções, vistas como um bloco único de sentido, revelaram que o valor de "percurso", da preposição **para**, presente em sua origem (*per*), pode ser atestado: "para a frente de", por exemplo. Com a preposição **a**, a propriedade semântica de "aproximação"/"localização pontual" tende ser mantida ou ativada sobretudo nesse ambiente das locuções, ainda que em alguns casos as duas leituras - direção e localização pontual - sejam possíveis. **Para**, ao contrário, é mais específica no sentido de que fornece apenas uma possibilidade de interpretação.

Esta pesquisa não esgota a análise dessas preposições, pois (i) foram deixados de lado vários contextos sintáticos e semânticos; (ii) limitou-se à análise de dados de dois séculos; (iii) foram considerados documentos de diversos tipos, sem um equilíbrio entre os dois séculos por tipologia textual e (iv) não foram estudados os processos de lexicalização e discursivização, que possibilitariam entender de maneira mais completa o funcionamento de todas as propriedades dessas preposições. Essas considerações ficarão para pesquisas futuras. As limitações desta pesquisa se devem à questão de tempo, espaço e à grande produtividade das preposições **a** e **para** em todos os documentos e períodos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

I) Referências dos *corpora* de análise

Século XIX:

BARBOSA, Afranio & LOPES, Célia (orgs., no prelo) *Críticas, queixumes e bajulações na Imprensa Brasileira do séc. XIX: cartas de leitores e cartas de redatores.*

GUEDES, Marymárcia & BERLINCK, Rosane (2000, orgs.) *E os preços eram commodos... Anúncios de jornais brasileiros, século XIX.* São Paulo, Humanitas / FFLCH /USP. Série Diachronica, vol. 2.

SIMÕES, José da Silva & KEWITZ, Verena (2006) *Cartas Paulistas dos séculos XVIII e XIX.* São Paulo, Ed. Humanitas, publicação em CD-ROM.

Século XX:

Almanaques:

Disponíveis na página www.folhaonline.com.br - Banco de Dados Folha

Cartas de Mário de Andrade:

Cartas a um jovem escritor e suas respostas. Fernando Sabino e Mário de Andrade. RJ, Editora Record, 2003.

MORAES, Rubens B. de (1979) *Lembrança de Mário de Andrade: 7 cartas.* São Paulo, Digital Gráfica.

Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros. Coligidas e anotadas por Lygia Fernandes. RJ, Ed. do Autor, 1968.

Correspondência Passiva de Washington Luiz:

Manuscritos não editados, depositados no fundo Washington Luiz - Arquivo do Estado de São Paulo

Correspondência Passiva Particular:

Acervo particular, cartas manuscritas.

NURC:

CASTILHO, Ataliba T. de & PRETI, Dino (1987) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo. Diálogos entre dois informantes.* SP,

T.A. Queiroz/Fapesp.

CALLOU, D. & LOPES, C.R. (1993) *A linguagem falada culta do Rio de Janeiro. Vol. 2. Diálogo entre Informante e Documentador*. RJ, UFRJ.

MOTA, J. & ROLLEMBERG, V. (1994) *A Linguagem falada culta na cidade de Salvador: materiais para seu estudo. Vol.I - Diálogos entre informante e documentador*. Salvador, UFBa/Instituto de Letras.

HILGERT, José G. (1997, org.) *Linguagem falada culta na cidade de Porto Alegre : materiais para o seu estudo. Diálogos entre informante e documentador*. Porto Alegre, Imprensa Passo Fundo, Universidade de Passo Fundo/ UFRGS.

Português Popular:

Acervo organizado pela Profa. Dra. Ângela C. Rodrigues (USP), não-publicado.

II) Referências do texto

- AGUD, A. (1980) *Historia y Teoría de los Casos*. Madrid, Editorial Gredos, Biblioteca Románica Hispánica.
- ALKMIM, Tânia (Org. 2002) *Para a História do Português Brasileiro: novos estudos*. Vol.III. São Paulo, Humanitas.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de (1952) *Gramática metódica da Língua Portuguesa*. São Paulo, Ed. Saraiva, 6ª. ed.
- BARBOZA, J. Soares (1830) *Grammatica Philosophica da Lingua Portugeza*. Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias.
- BECHARA, Evanildo (2001) *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro, Editora Lucerna, 37.ªed., revista e ampliada.
- _____. (1988) *Moderna Gramática Portuguesa*. SP, Companhia Editora Nacional, 32ªed.
- BERG, Márcia Barreto (2005) *O comportamento semântico-lexical das preposições do Português do Brasil*. Tese de doutoramento. Belo Horizonte, UFMG.
- _____. (1998) A natureza categorial da preposição. In *Revista de Estudos Lingüísticos*, vol. 7, n.1, p. 127-124. Belo Horizonte.
- BERLINCK, Rosane A. (2000) Complementos preposicionados: variação e mudança no português brasileiro. Conferência proferida no Congresso Internacional "500 anos da Língua Portuguesa no Brasil". Universidade de Évora, Portugal, inédito.
- _____. (1999) O objeto indireto do português brasileiro do século XIX. Texto apresentado no II Congresso Nacional da Abralín, Florianópolis.
- _____. (1997) Sobre a realização do objeto indireto no português brasileiro. Texto apresentado no II Encontro do Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul - Celsul, Florianópolis.
- _____. (1996) The Portuguese Dative. In Van Belle & Langendonck (1996) *The Dative. Descriptive Studies*, Vol. 1. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Co.
- _____. (1989) A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In Tarallo (org.) *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas, Pontes.

- BISOL, Leda (2003) Sandhi in Brazilian Portuguese. In *Probus* 15, Walter de Gruyter, 177-200.
- _____ (1996) Sândi externo: o processo e a variação. In Kato, Mary (Org.) *Gramática do Português Falado*. Vol. V: Convergências. Campinas, Ed. da Unicamp/Fapesp.
- _____ (1992) Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. In *Caderno de Estudos Lingüísticos*. Campinas, (23): 83-101, jul/dez.
- BRANDÃO, Cláudio (1963) *Sintaxe Clássica Portuguesa*. Belo Horizonte, Imprensa da Universidade de Minas Gerais.
- CAMARA JR, J. Mattoso (1986) *Dicionário de Lingüística e Gramática*. São Paulo, Ed. Vozes, 13.ª ed.
- CAMPBELL, Lyle & JANDA, Richard (2001) Introduction: conceptions of grammaticalization and their problems. In *Language Sciences* 23, 93-112.
- CANÇADO, Marcia (2005) Posições argumentais e propriedades semânticas. In *D.E.L. T.A.* 21:1, 23-56.
- _____ (2000) O papel do léxico em uma teoria dos papéis temáticos. In *D.E.L. T.A.*: 16:2, 297-321.
- CASTILHO, Ataliba T. (2006) Abordagem da língua como um sistema complexo. Contribuições para uma nova Lingüística Histórica. Inédito.
- _____ (2005) Diacronia dos adjuntos adverbiais preposicionados no português brasileiro. In Massini-Cagliari et al. (orgs.) *Estudos de Lingüística Histórica do Português*. Araraquara: Laboratório Editorial FCL/Unesp, S.Paulo: Cultura Acadêmica Editora. Série Trilhas Lingüísticas, nº 7.
- _____ (2004a) Reflexões sobre a teoria da gramaticalização: contribuição ao debate sobre a teoria da gramaticalização no contexto do PHPB. In Dietrich, Wolf & Noll, Volker (orgs.) *O Português do Brasil. Perspectivas da pesquisa atual*. Madrid, Vervuert / Iberoamericana.
- _____ (2004b) Relatório de atividades da equipe de São Paulo ao VI Seminário do PHPB (2003-2004), mimeo.
- _____ (2004c) Diacronia das Preposições do eixo transversal no português brasileiro. In Negri, Foltran & Oliveira (orgs.) *Sentido e significado: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo, Ed. Contexto.
- _____ (2003a, no prelo) Análise multissistêmica das preposições do eixo transversal no português brasileiro: /espaço anterior/ - /espaço posterior/. A sair em Ramos/Alckmim (orgs.) *Para a História do Português Brasileiro*, Vol. V.
- _____ (2003b) Proposta funcionalista de mudança lingüística: os processos de lexicalização, semanticização, discursivização e gramaticalização na constituição das línguas. Ms.
- _____ (2003c) *Historiando o Português Brasileiro*. Relatório disponibilizado em www.alfal.org / Comissões / Comissão de História do Português.
- _____ (2001) *Introdução à Lingüística Cognitiva*. Relatório Científico submetido à FAPESP.
- _____ (1998) *A língua falada no ensino de português*. São Paulo, Ed. Contexto.
- _____ (1998 Org.) *Para a História do Português Brasileiro: primeiras idéias. Vol. I*. São Paulo, Humanitas.
- _____ (1997) A Gramaticalização. In *Estudos Lingüísticos e Literários*. Salvador, UFBA. Número 19.
- _____ (1994) Um ponto de vista funcional sobre a predicação. In *ALFA*. São Paulo, Número 38, 75-95.
- CASTILHO et alii (2002) Gramaticalização de algumas preposições no Português Brasileiro do século XIX. Ouro Preto, V Seminário do Projeto Para a História do Português Brasileiro.

- CHAFE, W. L. (1970 [1979]) *Significado e Estrutura Lingüística*. Tradução de Maria Helena de Moura Neves, Odette Gertrudes Luiza Altmann de Souza Campos e Sonia Veasey Rodrigues. RJ, Livros Técnicos e Científicos.
- CISCOMANI, Rosa María Ortiz (2006) La Bitransitividad. In Company Company (org.) *Sintaxis histórica de la lengua española. Primeira parte: La frase verbal*. Vol. 1. México, UNAM.
- COELHO, Rafael (2002) Parte IV: "para". In Castilho et alii (2002).
- CROFT, William (2004) Syntactic theories and syntactic methodology: a reply to Seuren. In *J.Linguistics* 40, Cambridge, CUP, 6337-654.
- _____ (2001) *Radical Construction Grammar*. Oxford, Oxford University Press.
- CUNHA, Celso (1982) *Gramática da Língua Portuguesa*. RJ, Mec/Fename, 8ª ed.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley (1985) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. RJ, Ed. Nova Fronteira, 2ª ed.
- CYRINO, Sônia & REICH, Uli (2002) Uma visão integrada do objeto nulo no Português Brasileiro. In *Romanisches Jahrbuch*. Berlin, Walter de Gruyter.
- DIAS, A. Epiphany da Silva (1933 [1970]) *Syntaxe Historica Portuguesa*. Lisboa, Livraria Classica Editora, 5.ª ed.
- DIAS, Nilza Barroso (2001) Cláusulas de finalidade: hipotáticas discursivas e parentéticas. In Soares, M.E. (org.) *Boletim da Abralín*, v.26, Nº Especial I. II Congresso Internacional da Abralín, Fortaleza, março de 2001, Anais Vol. I.
- DUARTE, M.E.L. & CALLOU, D. (Orgs. 2002) *Para a História do Português Brasileiro: notícias de corpora e outros estudos*. Vol IV. Rio de Janeiro, Faperj/Letras UFRJ.
- FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina (s/d) A perda do marcador Dativo no PB e algumas de suas conseqüências. Mimeo.
- FILLMORE, C. (1982) Frame semantics. In Linguistic Society of Korea (ed.) *Linguistics in the morning Calm*. Seoul: Hanshin Publishing.
- _____ (1977) The Case for Case Reopened. In Cole, P. & Sadock Jerrold (eds.) *Syntax and Semantics. Grammatical Relations*. Vol. 8. Orlando, Academic Press Inc.
- _____ (1968) The Case for Case. In Bach, E. & Harns, R. (eds.) *Universals in Linguistic Theory*. New York, Holt, Rinehart and Winston Inc., 1968.
- FREIRE, Gilson C. (2000) A realização do dativo anafórico de terceira pessoa na escrita semiformal brasileira e portuguesa. Texto disponível em www.filologia.org.br/viicnlf/caderno11-04.html
- GALVES, Charlothe. (1987) A sintaxe do português brasileiro. In *Ensaio de Lingüística* 13: 31-50.
- GIVÓN, Talmy (1986) Prototypes: between Plato and Wittgenstein. In Graig (ed.) *Noun classes and categorization*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Co.
- _____ (1984) *Syntax. An Introduction*. Vol. I. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Co.
- GOLDBERG, Adele (2003) Constructions: a new theoretical approach to language. In *Trends in Cognitive Semantics*. Vol. 7, N.º 5, Elsevier.
- _____ (1995) *Constructions: a Construction Grammar. Approach to argument structure*. Chicago, Chicago University Press.
- GOMES, Christina A. (2003) Variação e mudança na expressão do dativo no Português Brasileiro, in Paiva/Duarte (eds.) *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria/Faperj.
- _____ (1998) Efeito funcional no uso variável de preposição. In *Revista de Estudos Lingüísticos*, Belo Horizonte, vol. 7, n.2, p. 61-70.
- HEINE, Bernd, CLAUDI, Ulrike & HÜNNEMEYER, Friedericke (1991) *Grammaticalization. A Conceptual Framework*. Chicago/London, The University of Chicago Press.

- HEINE, Bernd. (1993) *Auxiliaries. Cognitive Forces and Grammaticalization*. New York / Oxford, Oxford University Press.
- HOPPER, Paul & TRAUGOTT, Elizabeth (1993) *Grammaticalization*. Cambridge, Cambridge University Press.
- HUBER, Joseph (1933 [1986]) *Gramática do Português Antigo*. Trad. de Maria M.G. Delille. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- ILARI, Rodolfo, CASTILHO, Ataliba T.de, ALMEIDA, Maria Lúcia L.de, KLEPPA, Lou-Ann & BASSO, Renato (2006) A Preposição. A sair no Vol. 3 da *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Ed. da Unicamp.
- JACKENDOFF, Ray (1991) *Semantic Structures*. Cambridge/Massachusetts, MIT.
- _____ (1987) The Status of Thematic Relations in Linguistic Theory. In *Linguistic Inquiry*, Vol. 18, Number 3, MIT Press.
- _____ (1972) *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge, Massachusetts, MIT Press.
- JUBRAN, Clélia S. & KOCH, Ingedore V. (orgs. 2006) *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Vol. I: Construção do Texto Falado. Campinas, Ed. da Unicamp.
- JUBRAN, Clélia (2006) Parentização. In Jubran & Koch (orgs. 2006).
- KEWITZ, Verena (2002) *A gramaticalização dos verbos ser e estar no Português Medieval e no século XIX*. Dissertação de Metrado, São Paulo, FFLCH/USP, inédita.
- KURY, A. DA GAMA (1987) *Novas Lições de Análise Sintática*. SP, Ática, 3ª ed.
- LAKOFF & JOHNSON (1980) *Metaphors We Live By*. Chicago and London, The University of Chicago Press.
- LAKOFF, George (1987) *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about mind*. Chicago, Chicago University Press.
- LANGACKER, Ronald (1987) *Foundations of Cognitive Grammar*. Vol. I: Theoretical Prerequisites. Stanford, Stanford University Press.
- LOBO, Tânia/RIBEIRO, Ilza/CARNEIRO, Zenaide/OLIVEIRA, Norma (2006, Orgs.) *Para a História do Português Brasileiro: novos dados, novas análises*. Vol. VI. Salvador, EdUFBA.
- LUFT, C. (2004 [1996]) *Gramática Resumida*. Ed. Globo.
- _____ (2002 [1996]) *Moderna Gramática Brasileira*. Ed. Globo
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1994) *O Português Arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo, Ed. Contexto.
- _____ (Org. 2001) *Para a História do Português Brasileiro: primeiros estudos*. Vol. II, Tomos I e II. São Paulo, Humanitas
- _____ (1989) *Estruturas Trecentistas. Elementos para uma gramática do Português Arcaico*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda. Estudos gerais - série universitária.
- MAURER JR, Theodoro Henrique (1959) *Gramática do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro, Acadêmica.
- MENEZES, Rosimeire Corrêa (2005) *Verbos de trajetória: uma análise sintático-semântica*. Dissertação de Metrado. Belo Horizonte, UFMG.
- MIRA MATEUS, Maria. Helena et alii (1989/2003) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa, Editorial Caminho, 2ª. Edição revista e aumentada.
- MIRANDA, Neusa Salim (1999) Domínios conceptuais e projeções entre domínios: uma introdução ao Modelo dos Espaços Mentais. In *Veredas*, Vol. 2, no. 1, jan-jun, Juiz de Fora, Ed. UFJF.
- MORAIS, Maria Aparecida C.R.T. (2002) A preposição e a caracterização do objeto indireto: aspectos sincrônicos e diacrônicos. Texto apresentado no V Seminário do Projeto Para a História do Português Brasileiro, Ouro Preto, outubro de 2002. Inédito.

- NEVES, M. H. de M. (2000) *Gramática de usos do português*. São Paulo, Ed. da Unesp.
- ____ (1997) *A Gramática Funcional*. São Paulo, Ed. Martins Fontes.
- OLIVEIRA, Marilza de (2004) A perda da preposição *a* e a recategorização de *lhe*. In *Estudos Lingüísticos*.
- ____ (2002) Adjuntos e complementos verbais introduzidos pela preposição 'a'. Texto apresentado no V Seminário do Projeto Para a História do Português Brasileiro. Ouro Preto, outubro de 2002. Inédito.
- PALMER, F.R. (1994) *Grammatical Roles and Relations*. Cambridge, Cambridge University Press.
- PAREDES, Vera (1976) Considerações sobre os complementos verbais regidos de A. In *Revista Brasileira de Lingüística*, Vol. 3, N.º 1.
- PERINI, M. A. (1996) *Gramática descritiva do português*. São Paulo, Ed. Ática, 2ª. ed.
- ____ (1989) *Sintaxe portuguesa - Metodologia e funções*. São Paulo, Ed. Ática.
- POGGIO, Rosaura M.G.F. (1999) *Relações expressas por preposições no período arcaico do português em confronto com o latim*. Salvador, UFBA, Tese de Doutorado. 4 Vols.
- PONTES, Eunice (1992) *Tempo e espaço na Língua Portuguesa*. Ed. Pontes, Campinas.
- PROCTER, Paul (1993, ed.) *Cambridge International Dictionary of English*. Cambridge, CUP.
- RADFORD, A. (1988) *Transformational Grammar. A First Course*. Cambridge, Cambridge University Press.
- RAMOS, Jânia & ALCKMIN, Mônica (Orgs. em preparação) *Para a História do Português Brasileiro, Vol. V*. Belo Horizonte.
- ROBERTS, Ian & KATO, Mary (Orgs., 1993) *O Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, Editora da Unicamp.
- ROCHA LIMA (1976) *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. RJ, Ed. José Olympio, 18ªed.
- RODRIGUES, Ângela C. S. (1987) *Concordância verbal no Português Popular em São Paulo*. Tese de Doutorado, FFLCH/USP, inédita.
- RODRIGUES, Angélica T. C. (2006) *Eu fui e fiz a tese": as construções do tipo foi fez no Português Brasileiro*. Campinas, Tese de Doutorado, IEL/Unicamp.
- SAID ALI, M. (1971) *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica. 7ª edição melhorada e aumentada.
- SALOMÃO, Margarida (2006) Teorias da linguagem: a perspectiva sociocognitivista. Ms.
- SILVA, Augusto Soares da (2003) Da semântica da construção à semântica do verbo e vice-versa. In I. Castro e I. Duarte (orgs.) *Razões e emoções: miscelânea em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*, v. 2. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ____ (1999) A Semântica do Objecto Indirecto em Português: um espaço cognitivo multidimensional. In *Revista Portuguesa de Humanidades*, III, 63-99.
- SIMÕES, José da Silva (2007) *Sintaticização, semanticização e discursivização das orações reduzidas de gerúndio no Português Brasileiro*. Tese de Doutorado, FFLCH/USP.
- SIMÕES, José da Silva & KEWITZ, Verena (2005) Traços lingüístico-discursivos em corpora do Português Brasileiro. In *Estudos Lingüísticos*. GEL.
- SVOROU, S. (1994) *The Grammar of Space*. Amsterdam & Philadelphia, John Benjamins Publishing Co.
- TALMY, Leonard (2005a, no prelo) Attention Phenomena. In Geeraerts, D. & Cuyckens, H. (eds.) *Handbook of Linguistics*. Oxford University Press. Disponível em <http://linguistics.buffalo.edu/people/faculty/talmy/talmyweb/recent/attention.pdf>
- ____ (2005b, no prelo) The Fundamental System of Spatial Schemas in Language. In Hamp, Beate (ed.) *From perception to meaning: Image Schemas in Cognitive Linguistics*. Mouton de Gruyter. Versão preliminar disponível em

- <http://linguistics.buffalo.edu/people/faculty/talmy/talmyweb/Recent/hampevi.pdf>
- _____ (2003a) *Toward a Cognitive Semantics*. Vol. 1 Concept Structuring Systems. Cambridge, Massachusetts / London, England, MIT Press, paperback edition.
- _____ (2003b) *Toward a Cognitive Semantics*. Vol. 2: Typology and process in concept structuring. Cambridge, Massachusetts / London, England, MIT Press, paperback edition.
- TARALLO, Fernando (1990) *Tempos Lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo, Ed. Ática.
- _____ (org., 1989) *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas/SP, Ed. Pontes/Ed. da Unicamp.
- _____ (1985) *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo, Ed. Ática, 3ª ed.
- TAYLOR, John R. (1995) *Linguistic Categorization: Prototypes in Linguistic Theory*. Oxford, Clarendon Press.
- VIARO, Mario Eduardo (2003) Para uma abordagem sintático-semântica da projeção adverbial nos verbos portugueses do tipo *jogar fora*. In *Filologia e Lingüística Portuguesa*. São Paulo, Humanitas, vol. 5, p. 143-176.